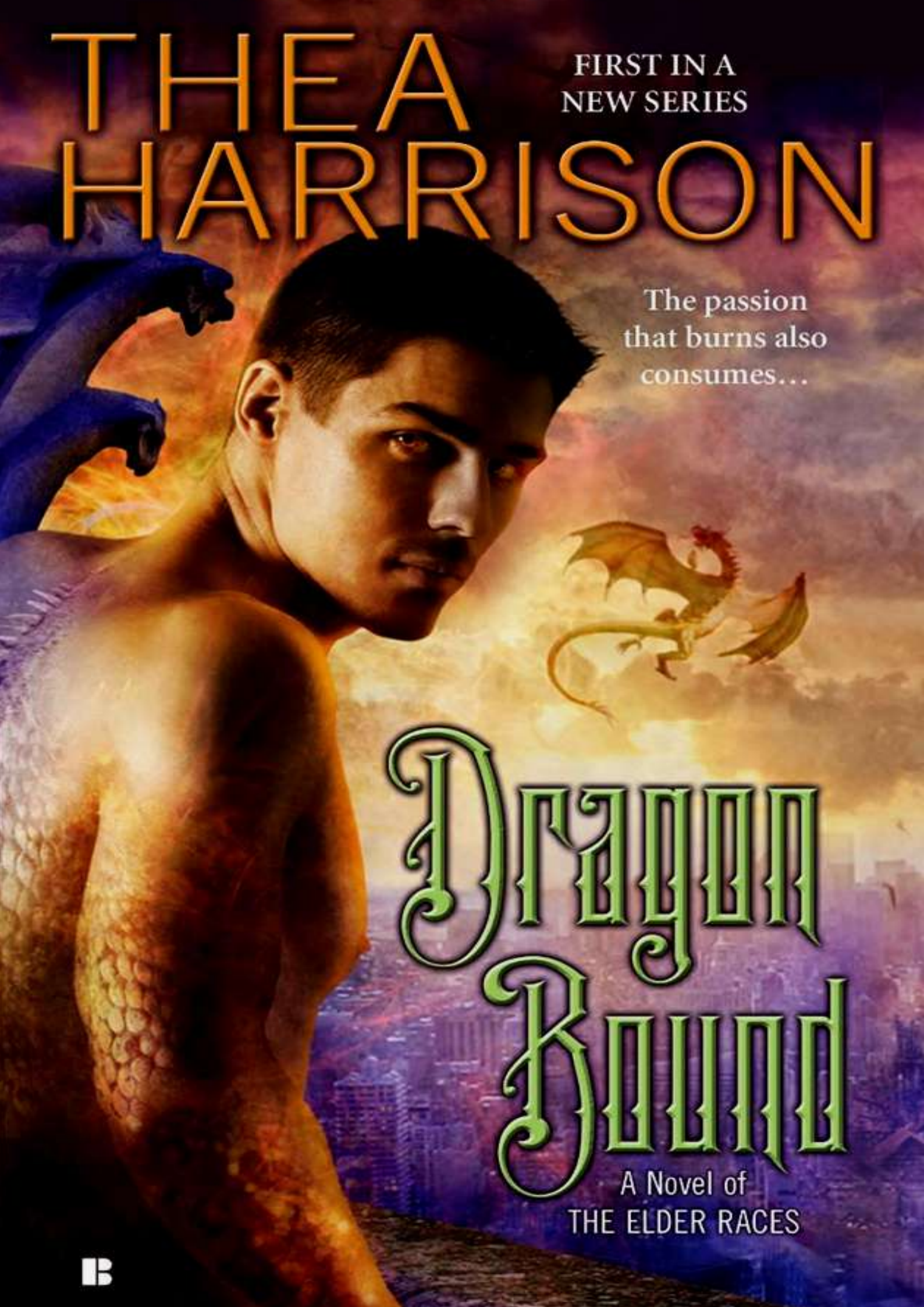




THEA
HARRISON

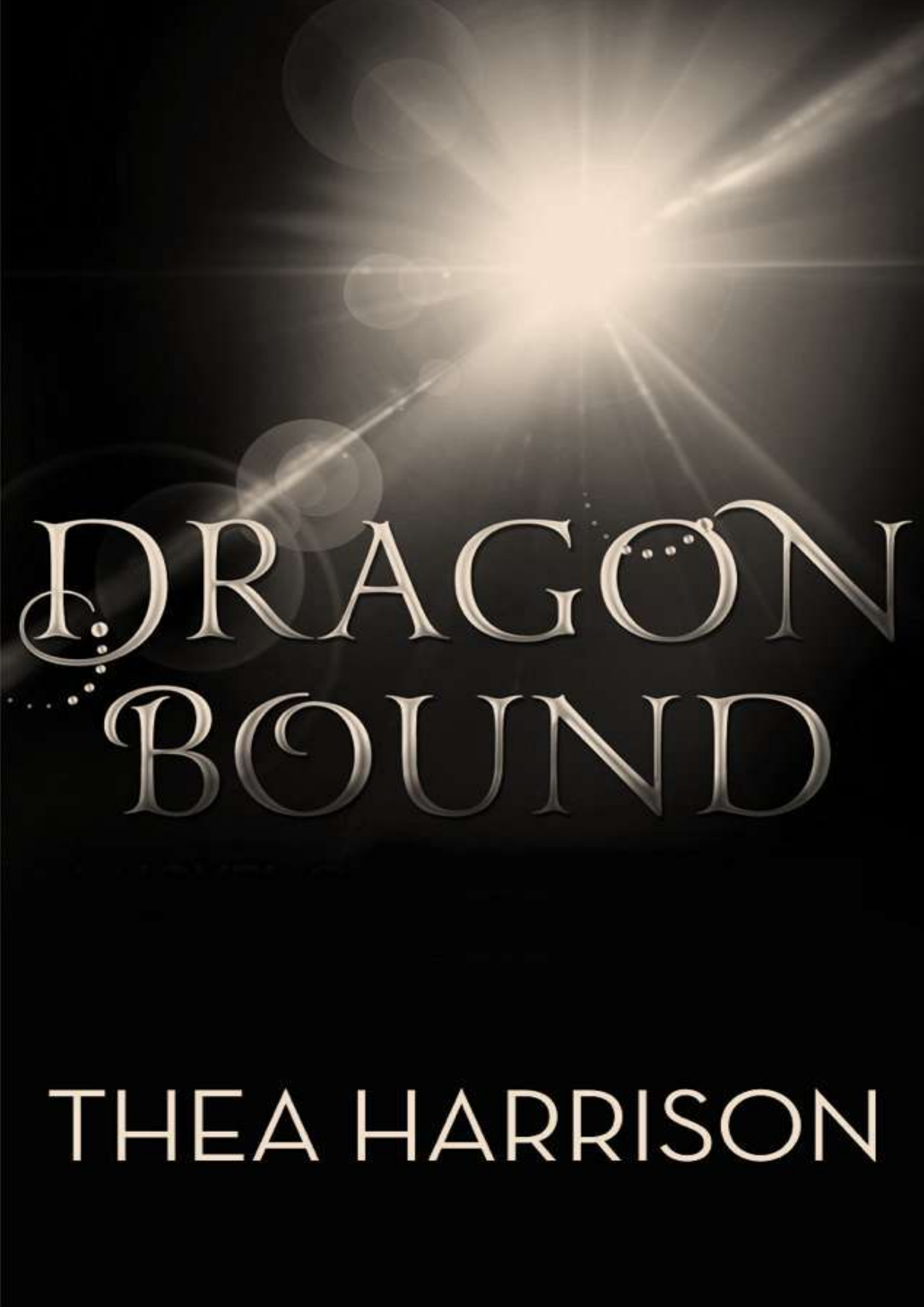
FIRST IN A
NEW SERIES

The passion
that burns also
consumes...

Dragon Bound

A Novel of
THE ELDER RACES





DRAGON BOUND

THEA HARRISON

PARACERATA



TODD



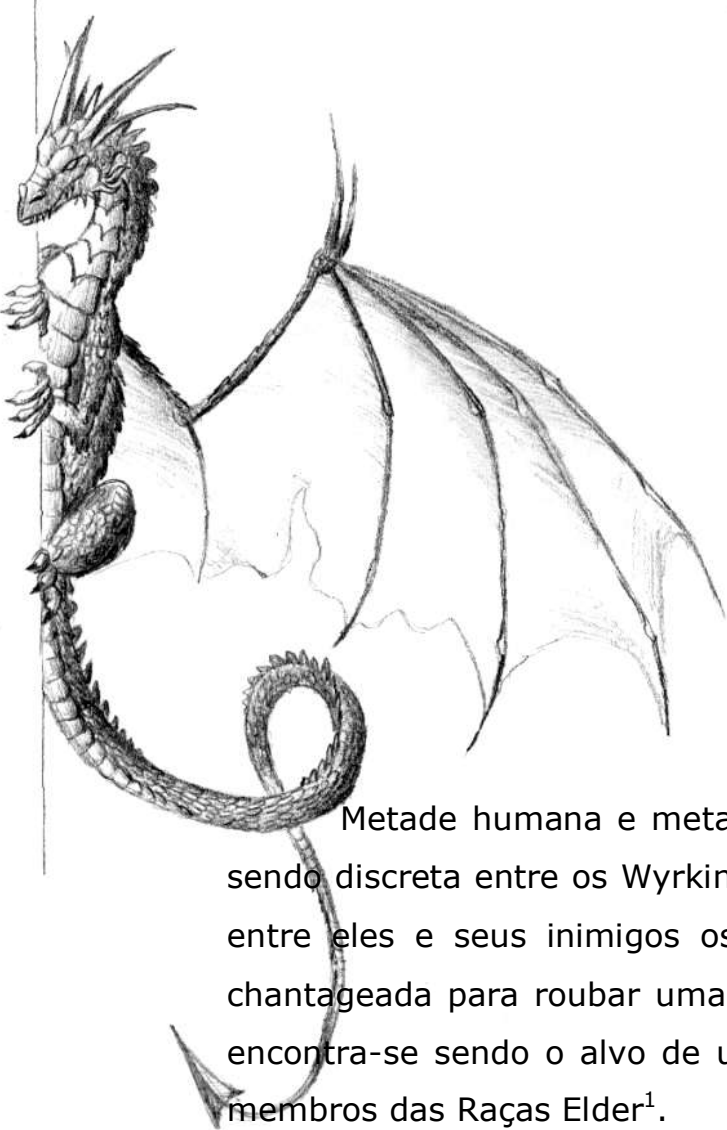
DISPONIBILIZAÇÃO: SORYU

**EQUIPE DE REVISÃO INICIAL: GEILIANA,
SELENE, MARIH, LAURI, YASMIM, MARGOT,
LUKITA, THAY, PATY HENCK, ANA MAYARA,
VIVIAN DE AMESBURY, IVONE, SOO JEONG**

REVISÃO FINAL: LUD

LEITURA FINAL: CRIS S.

FORMATAÇÃO: ANNE CRWFIELD



RESUMO:

Metade humana e metade Wyr, Pia Giovanni passou sua vida sendo discreta entre os Wyrkind para evitar a continuação do conflito entre eles e seus inimigos os Fae das Trevas. Mas depois de ser chantageada para roubar uma moeda do tesouro de um dragão, Pia encontra-se sendo o alvo de um dos mais poderosos e apaixonados membros das Raças Elder¹.

Como o mais temido e respeitado do Wyrkind, Dragos Cuelebre não pode acreditar que alguém teve a audácia de roubá-lo, e muito menos sucesso em fazê-lo. E quando pega a ladra, decide poupar sua vida, tomando-a como sua para explorar ainda mais o desejo que acendeu entre eles.

Pia sabe que deve pagar a Dragos por sua transgressão, mas se recusa a se tornar sua escrava, embora não possa negar que o quer de corpo e alma.

¹ Raça antiga.

INFORMAÇÃO DA SERIE:

- 01 - Dragon Bound
- 02 - Storm's Heart
- 03 - Serpent's Kiss
- 3.5 - True Colors
- 04 - Oracle's Moon
- 4.5 - Natural Evil
- 4.6 - Devil's Gate
- 4.7 - Hunter's Season
- 05 - Lord's Fall
- 5.5 - The Wicked
- 06 - Kinked



A VOZ HIPNÓTICA ORDENOU:

— Você vai entrar agora.

De repente era a única coisa que Pia queria fazer. Ela foi para as cortinas e as recolheu em uma das mãos, enquanto olhava para dentro de um quarto com uma enorme sombra. Ela pegou uma impressão de uma lareira e mobiliários grandes e resistentes espalhados pela sala.

Um homem estava reclinado em lençóis claros sobre uma cama escura e enorme. Ele tinha um corpo maciço, músculos grossos e salientes sobre membros longos, a pele nua de seu torso contra a roupa clara. A queda de cabelo sobre a testa forte era ainda mais escura. Uma boca sensual curvou em um sorriso cínico. Apenas seus olhos brilhavam contra a escuridão com um ligeiro brilho calculista, mas encantador...

O desconforto deslizou por suas costas como pequenas patinhas de rato. Havia algo importante que tinha que lembrar sobre os olhos. Se ela apenas pudesse pensar sobre isso.

O poder borbulhante como champanhe encheu o quarto, até que sentiu como se estivesse nadando nele. Ela nunca antes havia estado na presença de tanta magia. Esta pressionava contra sua pele, era tanto emocionante como aterradora, era viciante. Transformava o fogo que a voz tinha acendido dentro dela em desejo líquido. Um som animal saiu dela.

CAPÍTULO 04

Ela foi chantageada para cometer um crime ainda mais suicida do que poderia ter imaginado e não tinha ninguém para culpar além de si mesma.

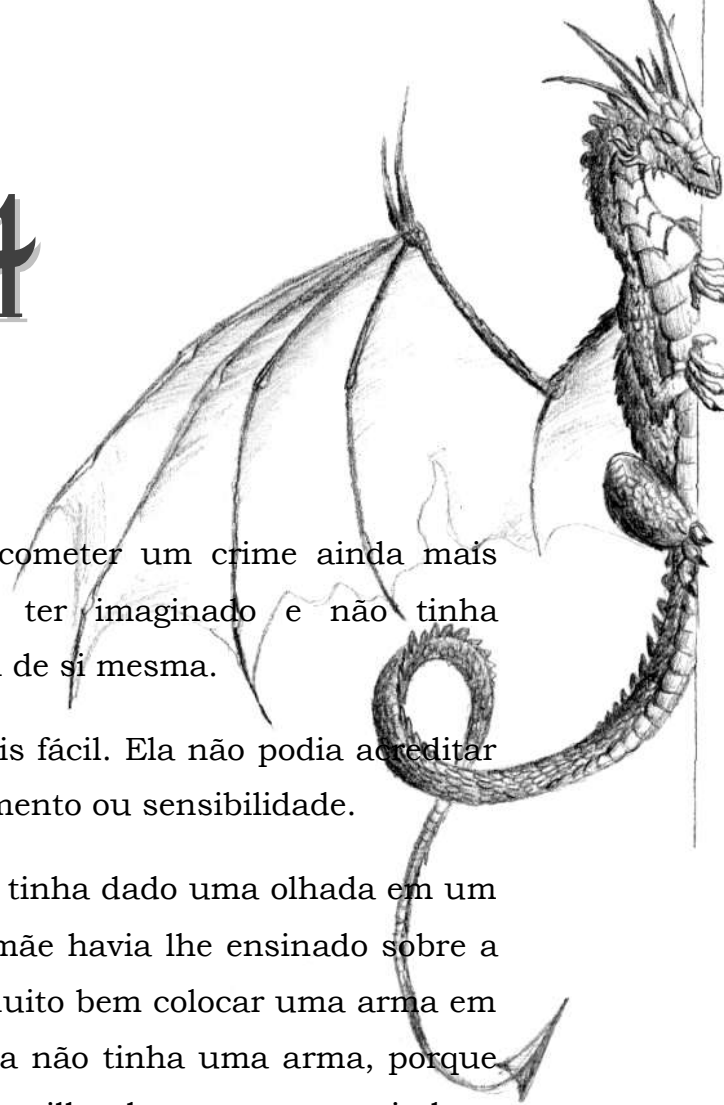
Sabia que não podia torná-lo mais fácil. Ela não podia acreditar que tinha sido tão carente de bom julgamento ou sensibilidade.

Honestamente, o que ela fez? Ela tinha dado uma olhada em um rosto bonito e esquecido tudo que sua mãe havia lhe ensinado sobre a sobrevivência. Era tão ruim que podia muito bem colocar uma arma em sua cabeça e puxar o gatilho. Só que ela não tinha uma arma, porque não gostava delas. Além disso, puxar o gatilho de uma arma seria bem fácil. Ela teve problemas antes e estava estupidamente morta de qualquer maneira, então por que se preocupar?

Uma buzina de táxi soou. Em Nova York, o som era tão comum que todos ignoravam, mas desta vez a fez saltar. Lançou um olhar sobre um dos ombros curvados.

Sua vida estava em ruínas. Ela estaria correndo pelo o resto de sua vida, todos os 15 minutos que tinha pelo menos, graças ao seu próprio comportamento tolo e por causa da merda de seu ex, que a tinha ferrado antes, então ferrado-a tão fodidamente agora que ela não conseguia superar o sensação da facada na boca do estômago.

Tropeçou em uma rua repleta de lixo deixado por um restaurante coreano. Ela destampou uma garrafa de água e bebeu metade dela com uma mão espalmada na parede de cimento enquanto assistia o tráfego da calçada. O vapor da cozinha do restaurante



envolveu-a com aromas ricos de pimenta vermelha, soja de Gochujang e molhos ganjang, junto com a podridão de lixo de uma lixeira próxima e o cheiro de escapamentos de carros no tráfego.

As pessoas na rua se pareciam muito como sempre faziam, impulsionados por forças internas e andavam ao longo da calçada e gritavam em telefones celulares. Alguns murmuravam para si mesmos ou cavavam através de latas de lixo e olhavam para o mundo com os olhos perdidos, desconfiados. Tudo parecia normal. Tão longe, tão bom?

Depois de uma longa semana horripilante, tinha acabado de cometer o crime. Ela havia roubado de uma das criaturas mais perigosas na Terra, uma criatura tão assustadora só de imaginar e mais terrível ainda de se conhecer na vida real. Agora estava quase pronta. Um par mais de paradas para fazer, mais uma reunião com o idiota e então ela poderia gritar por, oh digamos, alguns dias mais ou menos, enquanto descobria para onde correria para se esconder.

Segurando esse pensamento, ela caminhou pela rua até que avistou o Distrito Mágico. Localizada a leste de Garment District e norte de Koreatown, o Distrito Mágico de Nova York era chamado às vezes de Caldeirão. É composta por vários bairros da cidade que fervilhava de energias de luz e escuridão.

O Caldeirão ostentado uma ‘Advertência ao comprador’ como o manto de cetim de um pugilista. A área estava cheia de vários andares, com quiosques e lojas que oferecem leituras de Tarot, consultas psíquicas, fetiches e magias, vendedores de varejo e atacado, importações, aqueles que lidavam com mercadoria falsificada e quem vendia itens mágicos que eram realmente mortais. Mesmo à distância de um bairro da cidade, a área agredia seus sentidos.

Ela foi para uma loja localizada na fronteira do distrito. A vitrine foi pintada de verde acinzentado do lado de fora, com a moldura das janelas de vidro laminado e a porta pintada de amarelo pálido. Ela deu um passo para trás para olhar para cima. “Divinus”. Estava escrito de

forma clara com as letras de metal fosco sobre a janela da frente. Anos atrás, sua mãe tinha na ocasião comprado feitiços da bruxa que possuía esta loja. O chefe de Pia, Quentin, também havia mencionado que a bruxa tinha um dos mais fortes talentos mágicos que já encontrara em um ser humano.

Ela olhou dentro da loja. Seu reflexo turvo olhou para ela, uma mulher jovem cansada, com a constituição bastante longa e jovial, com características tensas e um rabo de cavalo loiro claro emaranhado. Ela olhou por ela mesma, para o interior sombreado.

Em contraste com os ruídos do ambiente não muito limpo da rua da cidade, o interior da loja parecia frio e sereno. O prédio parecia brilhar com o calor. Ela reconheceu feitiços de proteção no lugar. Em uma vitrine perto da porta, energias harmônicas desencadeadas de um arranjo fascinante de cristais, ametista, peridoto, quartzo rosa, topázio azul e celestita. Os cristais levavam a luz do sol e lançavam estilhaços de arco-íris brilhante de luz no teto. Seu olhar encontrou no interior um único ocupante, uma mulher alta, com porte de rainha, talvez latino-americana, com um olhar que estalava poder.

Foi quando a gritaria começou:

— Você não tem que ir lá! — Um homem gritou. Então, uma mulher gritou:

— Pare antes que seja tarde demais!

Pia parou e olhou para trás. Um grupo de 20 pessoas estava do outro lado da rua. Eles realizaram vários sinais. Um cartaz dizia: MÁGICA = Estrada para o Inferno. Outro dizia: Deus salvará os EUA. Um terceiro declarava: RAÇAS ELDER - Uma fraude elitista.

Seu senso de irrealidade se aprofundou, provocado por estresse, falta de sono e uma sensação constante de medo. Eles estavam gritando dentro dela.

Uma parte da humanidade persistia em uma descrença beligerante sobre as Raças Elder, apesar do fato de que muitas gerações atrás contos havia dado lugar a prova de como o método científico tinha sido desenvolvido. As Raças Elder e a humanidade viveram juntos abertamente desde a Idade Elizabetana. Estes seres humanos com sua história revisionista faziam sentido tanto quanto aqueles que declararam que os judeus não tinham sido perseguidos na Segunda Guerra Mundial.

Além de estar fora de contato com a realidade, eles estavam fazendo piquete para uma bruxa humana, para protestar contra as Raças Elder? Ela balançou a cabeça.

Um tilintar frio trouxe sua atenção de volta para a loja. A mulher com o poder em seu olhar manteve a porta aberta.

— As leis municipais pode funcionar nos dois sentidos. — Pia disse, sua voz cheia de desprezo. — Lojas de magia pode ter que ficar dentro de um determinado bairro, mas os manifestantes têm que ficar quinze metros de distância das lojas. Eles não podem vir do outro lado da rua, não podem entrar no Distrito Mágico e não podem fazer nada além de gritar com os potenciais clientes e tentar assustá-los à distância.

— Gostaria de entrar? — Uma sobrancelha levantada imaculada em desafio imperioso, como o que sugere que entrar na loja da mulher levasse um verdadeiro ato de bravura.

Pia piscou e ficou com a expressão em branco. Depois de tudo o que tinha passado o desafio da outra mulher foi além do insignificante, sem sentido. Ela entrou sem pestanejar.

A porta tilintou no lugar atrás dela. A mulher parou por um instante, como se Pia a surpreendesse. Então, deu um passo para frente e falou com Pia com um sorriso suave:

— Sou Adela, a proprietária do Divinus. O que posso fazer por você, minha querida? — O rosto da comerciante ficou perplexo quando olhou Pia. Ela murmurou, quase para si mesma: — O que é isso? Há algo sobre você...

Merda, ela não tinha pensado nisso. Esta bruxa poderia se lembrar de sua mãe.

— Sim, eu pareço com Greta Garbo. — Pia interrompeu, sua expressão pétrea agora.

O olhar da outra mulher agarrou-se ao dela. O rosto de Pia e a linguagem corporal transmitiam um sinal fechado e o comportamento da bruxa mudou de volta para a vendedora profissional.

— Minhas desculpas. —disse em sua voz leite com chocolate. Ela fez um gesto. — Eu tenho cosméticos à base de plantas, remédios para beleza, tinturas mais naquele canto, cristais carregados com magias de cura...

Pia olhou em volta, sem ver tudo isso, embora notasse um cheiro picante. Isso cheirava tão maravilhoso que ela respirou profundamente, sem pensar. Apesar de tensos, os músculos em seu pescoço e ombros aliviaram. O cheiro continha um feitiço de baixo nível com a clara intenção de relaxar os clientes nervosos.

Embora o feitiço não causasse nenhum dano real e não fazia nada para enfraquecer os seus sentidos, a sua natureza manipuladora a repugnava. Quantas pessoas relaxadas gastaram mais dinheiro por causa disso? Suas mãos se apertaram quando empurrou a magia para longe. O feitiço se agarrou a sua pele por um momento antes de se dissipar. A sensação lembrou teias de aranha através de sua pele. Ela lutou contra o impulso de escovar os braços e pernas.

Irritada, ela se virou e encontrou os olhos da lojista.

— Você foi recomendada por fontes confiáveis. — ela disse em um tom cortante. — Eu preciso comprar um feitiço.

A conduta branda da vendedora caiu.

— Eu entendo. — ela disse, olhando para Pia. Suas sobrancelhas se levantaram em outro desafio. — Se você já ouviu falar de mim, então sabe que eu não sou barata.

— Você não é barata, porque supostamente deve ser uma das melhores bruxas na cidade. — Pia disse quando ela caminhou até um balcão de vidro nas proximidades. Ela recolheu dos ombros doloridos a mochila e a deixou no balcão, puxando o emaranhado de seu rabo de cavalo de debaixo de uma alça. Ela colocou sua garrafa de água dentro e fechou-o de volta.

— Obrigada. — a bruxa disse, sua voz suave.

Pia olhou para os cristais. Eles eram tão brilhantes e encantadores, cheio de magia, de luz e cor. Qual seria a sensação de possuir um, de sentir o peso fresco e pesado na palma da mão, enquanto cantavam para ela sobre a luz das estrelas e lugares com montanhas profundas? Como será a sensação de possuir um?

A conexão estalou quando ela se virou. Ela fez seu próprio desafio para a outra mulher.

— Eu também posso sentir os feitiços que você tem dentro da loja, incluindo as magias de atração sobre esses cristais, bem como supostamente faz seus clientes relaxarem. Eu posso dizer que seu trabalho é competente o suficiente. Eu preciso de um feitiço de juramento de ligação e eu preciso sair da loja com ele hoje.

— Isso não é tão fácil como pode parecer. — a bruxa disse. As pálpebras longas caíram, fechando sua expressão. — Isto não é um drive-in de fast-food.

— A ligação não tem que ser extravagante. — Pia disse. — Olha, nós duas sabemos que você vai cobrar mais, porque eu preciso de imediato. Eu ainda tenho muito a fazer, então podemos simplesmente ignorar esta parte e negociar? Porque, sem ofensa, hoje tem sido um longo dia ruim. Eu estou cansada e não estou no clima.

A boca da bruxa se abriu.

— Certamente. — ela disse. — Embora para uma ligação, não há muito que eu possa fazer no local e há algumas coisas que eu não vou fazer. Se precisa de algo sob medida para um propósito específico, isso vai levar algum tempo. Se estiver procurando uma ligação sombria, você está no lugar errado. Eu não faço magia negra.

Pia balançou a cabeça, aliviada com a atitude eficiente da mulher.

— Nada muito sombrio, eu acho. — ela disse em uma voz rouca. — Algo com graves consequências, no entanto. Isso significa negócios.

Os olhos escuros da bruxa brilharam com um brilho sardônico.

— Você quer dizer uma espécie de juramento do tipo: eu juro que vou fazer tal e tal coisa ou minha bunda vai pegar fogo até o fim dos tempos? Esse tipo de coisa?

Pia assentiu, sua boca torceu.

— Sim, esse tipo de coisa.

— Se alguém faz um juramento de sua própria vontade, a ligação cai no reino da obrigação contratual e da justiça. Eu posso fazer isso. E têm uma questão de fato. — a outra mulher disse. Ela se moveu para a parte traseira de sua loja. — Siga-me.

Com a consciência pesada Pia se contraiu. Ao contrário das divergentes magia branca e negra, a magia cinza deveria ser neutra, mas fazer análises éticas de bruxas não funcionou para ela. Assim

como a magia de relaxamento na loja, ela se sentiu manipulada, desprovida de qualquer substância realmente moral. Uma grande quantidade de dano poderia ser feita sob a aparência de neutralidade.

Que era muito, muito hipocrisia dela, visto como estava fresca da cena do seu crime e desesperada para pôr as mãos naquele feitiço. O impulso de correr bombeou adrenalina em suas veias. A auto preservação lhe manteve ancorada no lugar. Desgostosa com ela mesma, balançou a cabeça e seguiu a bruxa. Aqui vamos nós.

Ela realmente esperava que não fosse verdade.

Eles concluíram negócio em menos de uma hora. A convite da bruxa ela saiu pelos fundos para evitar mais gritaria dos manifestantes. Sua mochila tinha estado atenuada por uma quantidade considerável de dinheiro, mas Pia percebeu que em uma situação de vida ou morte o dinheiro foi bem gasto.

— Só uma coisa. — a bruxa disse. Ela inclinou seu corpo curvilíneo em uma lânguida representação contra a ombreira da porta atrás de sua loja.

Pia fez uma pausa e olhou para a outra mulher.

A bruxa sustentou seu olhar.

— Se você está envolvida pessoalmente com o homem com quem tem a intenção de usar isso, eu estou aqui para dizer a você, querida, ele não vale a pena.

Uma risada dura escapou. Ela levantou mais a mochila em um ombro.

— Se os meus problemas fossem assim tão simples.

Algo se moveu sob a superfície dos olhos escuros da outra mulher. A mudança de pensamento parecia calculado, mas poderia ter sido um truque da luz do fim da tarde. No momento seguinte, seu belo

rosto usava uma máscara de indiferença, como se ela já tivesse mentalmente mudado para outras coisas.

— Boa sorte então. — a bruxa disse. — Se você precisar comprar outra coisa, volte a qualquer momento.

Pia engoliu em seco e disse com a garganta seca.

— Obrigada.

A bruxa fechou a porta e Pia se moveu em seguida para o movimentado tráfego da calçada.

Pia não tinha compartilhado seu nome. Após a primeira rejeição da bruxa não sabia se ela aceitaria o que tinha sido oferecido. Ela se perguntou se tinha problemas tatuado em sua testa. Ou talvez tenha sido em seu suor. Desespero tinha um certo cheiro.

Seus dedos tocaram no bolso da frente da calça jeans onde ela colocou o juramento de ligação, envolto em um lenço branco liso. Um forte brilho mágico emanou através do jeans envelhecido e a fez sentir um formigamento na mão. Talvez depois que ela se reunisse com o babaca e concluísse a sua operação, poderia tomar sua primeira respiração profunda em dias. Supôs que deveria ser grata a bruxa por não ter sido mais vigarista.

Então Pia ouviu o som mais terrível de sua vida. Começou baixo como uma vibração, mas tão profunda em seu corpo que sacudiu seus ossos. Ela desacelerou para uma parada junto com as outras pessoas. As pessoas sombrearam seus olhos e olharam ao redor, conforme a vibração cresceu em um rugido que varreu as ruas e sacudiu os prédios.

O rugido era de cem trens de carga, tornados, o Monte Olimpo explodindo em uma chuva de fogo e inundações.

Pia caiu de joelhos e jogou os braços sobre a cabeça. Outros gritaram e fizeram o mesmo. Outros ainda olharam em volta com olhos

selvagens, tentando avistar o desastre. Alguns entraram em pânico e correram pela rua. As interseções próximas foram pontilhadas com acidentes de carro por motoristas assustados que perderam o controle e bateram uns nos outros.

Em seguida, o barulho cessou. Edifícios pararam de tremer. O céu sem nuvens estava sereno, mas em Nova York certamente não estava tudo bem.

Ela se empurrou de pé com as pernas bambas e enxugou o suor no rosto, alheia ao caos se produzindo em torno dela.

Sabia o que tinha feito aquele som profano e por quê. O conhecimento fez suas entranhas se apertarem.

Se ela estivesse em uma corrida por sua vida, aquele rugido era a pistola de partida. Se Deus fosse o árbitro, ele tinha acabado de gritar *Vai*.



Ele havia nascido junto com o sistema solar. Mais ou menos.

Lembrou-se de uma luz transcendente e um vento imenso. A ciência moderna chamou de vento solar. Ele lembrou-se de uma sensação de voar sem fim, um eterno aquecimento na luz e magia tão penetrante, fresca e pura que soou como o tocar de trombetas de milhares de anjos.

Seus ossos enormes e sua carne deve ter sido formados junto com os planetas. Ele tornou-se obrigado a ficar na Terra. Ele conheceu a fome e aprendeu a caçar e comer. Fome lhe ensinou conceitos como antes e depois, o perigo, dor e prazer.

Começou a ter opiniões e gostou do jorro de sangue e como se fartava de carne. Ele gostava de cochilar em uma pedra exposto ao sol e adorava se lançar para o ar, abrindo as asas, cavalcando as altas correntes térmicas acima do solo, assim como o êxtase sem fim aparente do primeiro voo.

Depois da fome, ele descobriu a curiosidade. Novas espécies floresceram. Havia o Wyrkind, Elfos, Fae da luz e das trevas de olhos brilhantes e criaturas pequenas como cogumelos, pesadelos alados e as coisas tímidas que estavam ociosas na folhagem e se escondiam quando ele aparecia. O que veio a ser conhecido como as Raças Elder tendem a se agrupar em torno de buracos cheios de magia dimensionais de outros lugares da terra, onde o tempo e o espaço foram ligados quando a Terra foi formada e o sol brilhava com uma luz diferente.

Mágica tinha um sabor como o sangue, só que era dourada e quente como a luz solar. Foi bom engolir com a carne vermelha.

Ele aprendeu a linguagem espiando as Raças Elder. Ele praticava sozinho, quando levantava voo, refletindo sobre cada palavra e seu significado. As Raças Elder tinham várias palavras para ele.

Wyrm, eles o chamavam. Monstro, Mal, A Grande Besta.

Dragão.

Assim, ele foi nomeado.

Ele não percebeu no início, quando o primeiro Homo sapiens moderno começou a proliferar na África. De todas as espécies, ele não teria imaginado que iriam florescer. Eles eram fracos, tinham vida curta, sem armadura natural e eram fáceis de matar.

Ele mantinha um olho sobre eles e aprendeu suas línguas. Assim como outros Wyrkind fizeram, ele desenvolveu a habilidade de metamorfose para que pudesse caminhar entre eles. Eles cavaram as coisas da Terra de que ele gostava, ouro e prata, cristais brilhantes e

pedras preciosas, que moldaram em criações de beleza. Ganancioso por natureza, ele coletou o que chamou sua atenção.

Esta nova espécie se espalhou pelo mundo, então ele criou tocas secretas em cavernas subterrâneas onde reunia os seus bens.

Seu tesouro incluía trabalhos de Elfos, Fae e Wyr, bem como criações humanas, tais como ouro e prata e placas de cobre, copos, artefatos religiosos e moedas de todos os tipos. Dinheiro, agora, esse era um conceito que o intrigou, ligado como tantos outros conceitos interessantes, como o comércio, política, guerra e ganância. Havia também cascatas de cristais soltos, pedras preciosas e joias trabalhada de todos os tipos. Seu tesouro cresceu para incluir os escritos de todas as Raças Elder e da humanidade, como os livros eram uma invenção que ele (só às vezes) pensava que era mais preciosa do que qualquer outro tesouro.

Juntamente com o seu interesse em história, matemática, filosofia, astronomia, alquimia e magia, ele ficou intrigado com a ciência moderna. Ele viajou para a Inglaterra para ter uma conversa sobre a origem das espécies com um cientista famoso no século XIX. Eles haviam se embriagado juntos, o inglês com um pouco mais de desespero do que ele e tinha falado por horas até que a névoa sedutora da noite tinha sido queimada pelo vapor do sol.

Lembrou-se de dizer ao inteligente cientista bêbado que ele e a humanidade civilizada tinham muito em comum. A diferença foi que sua experiência era redigida em uma única entidade, um conjunto de memórias. De certa forma, isso significava que ele encarnava todos os estágios da evolução de uma só vez, besta e predador mágico, aristocrata, violência e intelectualismo. Ele não estava tão certo de que havia adquirido emoções humanoides. Ele certamente não adquiriu sua moralidade. Talvez sua maior conquista foi o direito.

Os seres humanos em diferentes culturas também tinha muitas palavras para ele. Ryu, eles o chamava. Wyvern. Naga. Para os astecas era a alada serpente Quetzalcoatl a quem chamavam de Deus dragão.

Quando descobriu o roubo, Dragos Cuelebre explodiu no céu com golpes longos de uma envergadura que se aproximava ao de um jato Cessna com oito lugares.

A vida moderna havia se complicado. Seu hábito usual era foco de poder na prevenção de aviões quando ele voava ou, mais simples ainda, apenas preencher um plano de voo com o controle local de tráfego aéreo. Com sua riqueza escandalosa e posição como um dos mais velhos e mais poderosos do Wyr, a vida ficou de arranjar-se ao seu gosto.

Ele não foi tão educado desta vez. Isto era mais como um saia-fodidamente-fora-do-meu-caminho modo de voo. Ele ficou cego de raiva, violento com incredulidade. Larva fluiu através das veias antigas e seus pulmões trabalharam como foles. Quando ele aproximou do auge de sua escalada, com a cabeça muito tempo agarrada e para trás ele gritou de novo. O som rasgou o ar como se suas garras de navalha atacassem um inimigo imaginário.

Todas as suas garras, exceto para aquelas em seu pé da frente que mantinha um pedacinho de algo frágil e, para ser franco, inconcebível. Este pedacinho foi tão ridículo e tão sem sentido para ele como um sundae de chocolate no topo da cabeça de avestruz. A cereja no sundae de chocolate foi o cheiro indescritível de perfume que se agarrou à sucata. Brincou com seus sentidos em um frenesi quando ele se lembrou de algo há muito tempo esquecido.

Sua mente ficou em branco e ele acabou escorregando de seu ancoradouro no tempo. Focado em sua ira voou até que caiu em si e começou a pensar novamente.

Então Rune disse em sua cabeça:

Meu senhor? Você está bem?

Dragos inclinou a cabeça, pela primeira vez, ficando ciente de que seu primeiro no comando voava atrás dele a uma distância discreta. Foi uma medida de sua raiva, pois não o tinha notado. Qualquer Dragão era consciente de tudo o que acontecia dentro de sua vizinhança.

Dragos observou que a voz telepática de Rune era tão calma e neutra como a voz física do homem teria sido se tivesse falado as palavras em voz alta.

Havia muitas razões por que Dragos tinha feito Rune seu primeiro em sua Corte. Essas razões eram por que Rune tinha prosperado em seu serviço por tanto tempo. O outro homem era experiente, maduro e dominante o suficiente para manter a autoridade em uma sociedade Wyr às vezes rebelde. Ele era inteligente, com capacidade para astúcia e violência que chegavam perto do próprio Dragos.

Acima de tudo, Rune tinha um dom para a diplomacia que Dragos nunca tinha conseguido. O talento fez o mais jovem do sexo masculino útil ao tratar com outras Cortes Elder. Ele também ajudou a navegar por tempo rochoso quando Dragos estava com raiva.

A mandíbula de Dragos se apertou e rangeu os enormes dentes com a forma para proporcionar máxima carnificina. Depois de um momento, ele respondeu:

Estou bem.

Como posso ser útil? O Primeiro perguntou.

Sua mente ameaçou afundar novamente em mais incredulidade do que ele havia encontrado. Ele rosnou:

Houve um roubo.

Uma pausa. Rune perguntou:

Meu senhor?

Por uma vez, sua lendária frieza tinha sido abalada. Isso lhe dava uma sensação desagradável de satisfação.

Um ladrão, Rune. Dragos disse. Um ladrão roubou meu tesouro e levou algo meu.

Rune teve vários momentos para absorver suas palavras. Dragos o deixou ter tempo.

O crime era impossível. Isso nunca havia acontecido, não em todos os milênios de sua existência. No entanto, isso aconteceu agora. Primeiro alguém tinha de alguma forma encontrado seu tesouro, o que foi um feito incrível por si mesmo. Uma instalação elaborada e completa com um sistema de segurança que era uma peça de arte estava localizada abaixo dos níveis básicos da Torre Cuelebre, mas ninguém sabia a localização do tesouro real de Dragos, exceto ele mesmo.

Seu tesouro real era protegido por um poderoso feitiço de aversão mais antigo que os túmulos do faraó do Egito e tão sutil como o veneno insípido sobre a sua língua. Mas depois de localizar seu esconderijo secreto, o ladrão conseguiu driblar todos os bloqueios físicos e mágicos de Dragos, como uma faca cortando manteiga. Ainda pior, o ladrão conseguiu escapar de novo da mesma forma.

A única advertência que Dragos recebeu foi uma certa apreensão que havia atormentado-o a tarde toda. Sua inquietação aumentou até o ponto onde ele não podia sossegar até que foi ver sua propriedade.

Ele havia percebido que seu esconderijo tinha sido infiltrado, logo que tinha posto os pés perto da entrada oculta para a caverna subterrânea. Ainda assim, não podia acreditar mesmo depois de ter entrado para descobrir a evidência indiscutível do roubo, juntamente com outra coisa que superou todas as outras inconcebíveis.

Ele olhou para o pé direito fechado. Ele virou em um movimento brusco para definir um caminho de retorno para a cidade. Rune seguia sem problemas no lugar atrás dele.

Vá localizar o ladrão. Faça todo o possível, Dragos disse. Tudo, você entendeu? Use todos os meios mágicos e não mágicos. Nada mais existe para você. Outras tarefas, sem outras diversões. Passe todas as suas funções atuais para Aryal ou Grym.

Eu entendo, meu senhor, Rune disse, mantendo sua voz mental tranquila.

Dragos sentiu outras conversas no ar, embora ninguém se atreveu a fazer contato direto com ele. Ele suspeitava que o seu primeiro tinha começado a dar ordens para a transferência de deveres para os outros.

Ele disse:

Quero ser muito claro sobre algo, Rune. Eu não quero esse ladrão ferido ou morto por ninguém além de mim. Você não deve permitir isso. Você deve avisar as pessoas que entrarem nesta caçada.

Sim senhor.

Vai ser a sua cabeça se algo der errado, Dragos lhe disse. Ele não poderia ter articulado nem para si mesmo por que apertou o assunto com esta criatura que durante séculos tinha sido tão constante e confiável como um metrônomo. Suas garras apertaram nos resíduos implausíveis de provas. *Entendido?*

Entendido, meu senhor. Rune respondeu, calmo como sempre.

Bom o suficiente, ele rosnou.

Dragos percebeu que eles haviam retornado para a cidade. O céu em torno deles estava limpo de todo o tráfego aéreo. Ele subiu em um grande círculo para aterrissar na pista espaçosa sobre a Torre Cuelebre.

Assim que ele se acomodou, mudou para sua forma humana, um homem de 2 metros e 10 de cabelos escuros, pele bronzeada e escuros olhos dourados de uma ave de rapina.

Dragos virou-se para assistir a aterrissagem de Rune. As asas majestosas brilhavam ao sol da tarde desaparecendo até que o outro homem também mudou para sua forma humana, um homem moreno de cabelos quase tão longos quantos os de Dragos.

Rune abaixou a cabeça para Dragos em uma curva breve de respeito antes de sair pelas portas do telhado. Depois que o outro homem saiu, Dragos abriu sua mão direita em que tinha um pedaço de papel.

Por que não disse a Rune sobre isso? Por que agora mesmo não chamava o homem de volta para dizer a ele? Ele não sabia. Apenas obedeceu ao impulso do sigilo.

Dragos segurou o papel em seu nariz e inalou. O cheiro ainda estava impregnado ao papel, que tinha absorvido o suor da mão do ladrão. Era um perfume feminino que cheirava a sol selvagem e era familiar de uma maneira que puxou todos os instintos mais profundos de Dragos.

Ele ficou imóvel, os olhos fechados se concentrando em inalar o cheiro de sol selvagem feminino em respirações profundas. Havia algo sobre ele, algo de muito tempo atrás. Se ele pudesse se lembrar. Ele viveu por muito tempo, sua memória era um emaranhado vasto e complicado. Poderia passar semanas para localizar a memória.

Ele se esforçou para lembrar mais, viu uma jovem ao sol, uma densa floresta verde e um perfume celestial que o levou através do tempo.

O fio da memória frágil se quebrou. Um rosnado baixo de frustração retumbou em seu peito. Ele abriu os olhos e se concentrou para não rasgar o papel que tinha nas mãos.

Então Dragos se lembrou que Rune tinha se esquecido de perguntar o que o ladrão tinha roubado.

Seu covil subterrâneo era enorme por necessidade, com cavernas dentro de cavernas cheias de um tesouro que o mundo nunca tinha visto. Os tesouros dos impérios enchiam as cavernas.

Obras surpreendentes de raras belezas enfeitavam as paredes das cavernas ásperas. Itens de magia, retratos em miniatura, brincos de cristal que formavam um arco-íris à luz do lampião. Obras de arte embalados para protegê-los do meio ambiente. Rubis, esmeraldas, diamantes do tamanho de ovos de ganso e vários colares de pérolas. Escaravelhos egípcios e pingentes. Ouro grego, estátuas sírias, gemas persas, jade chinês, tesouro espanhol a partir de navios afundados. Ele ainda mantinha uma coleção de moedas modernas que tinha começado há vários anos e adicionado de forma casual, sempre que ele se lembrava.

Na cabeça do avestruz tinha um sundae de chocolate...

Sua atenção obsessiva aos detalhes, uma memória imaculada de todos e cada pedaço do tesouro gigantesco, uma trilha de cheiro como o sol selvagem e seus instintos tinham levado Dragos para o lugar certo. Ele descobriu que o ladrão tinha levado uma moeda de cobre de 1962 de um pote de moedas que ainda não tinha se preocupado em colocar em um álbum.

...e no sundae de chocolate em cima da cabeça de avestruz empoleirado está uma cereja...

O ladrão havia deixado algo para ele no lugar em que tinha roubado. Ela tinha pegado com cuidado em cima do frasco da moeda. Era uma mensagem escrita em um pedaço de papel com mão trêmula e insegura. A mensagem estava enrolada.

O roubo foi uma violação de privacidade. Foi um ato inacreditável de imprudência e desrespeito. Não só isso, foi

desconcertante. Ele era homicida, incandescente de fúria. Ele era mais velho do que o pecado e não podia se lembrar quando tinha estado com tal fúria.

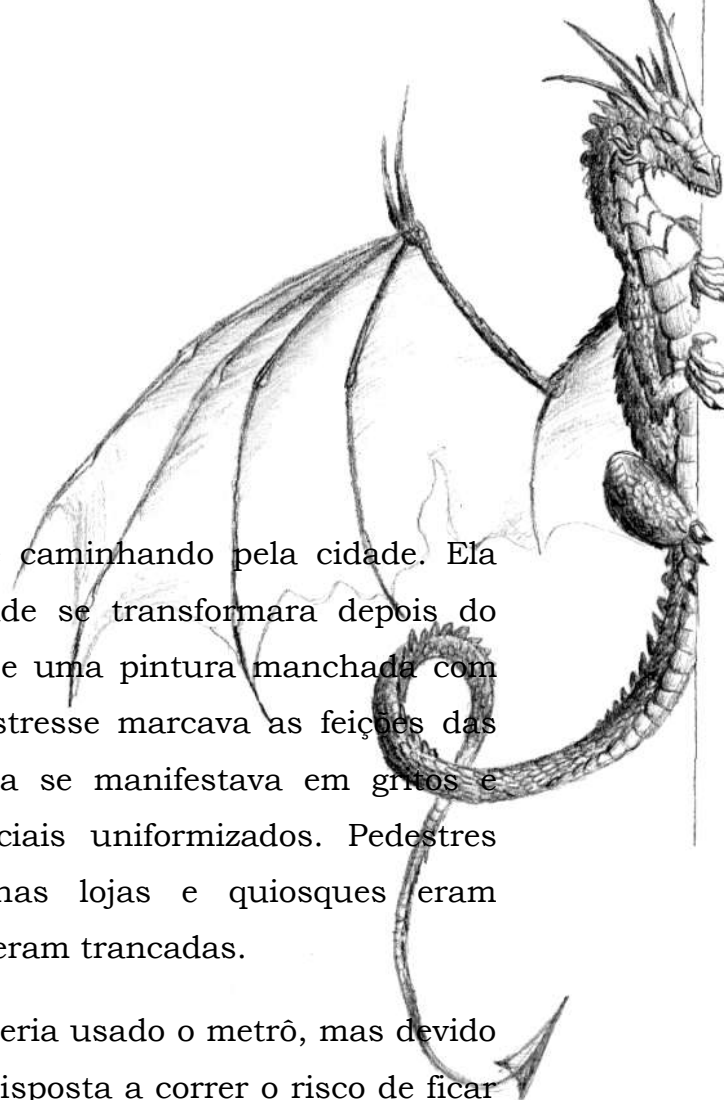
Ele olhou para o papel novamente.

“Desculpe-me, eu tive que pegar a sua moeda. Aqui está outra para substituí-la”.

Sim, isso era o que dizia.

Um canto de sua boca se contorceu. Ele deu uma respiração profunda e soltou uma gargalhada explosiva.

CAPÍTULO 02



Pela passou a hora seguinte caminhando pela cidade. Ela testemunhou como a cidade se transformara depois do som profano, como se fosse uma pintura manchada com listras sinistras de cores escuras. O estresse marcava as feições das pessoas que passavam pela rua. A ira se manifestava em gritos e confrontos e surgiam grupos de policiais uniformizados. Pedestres caminhavam apressados. Nas pequenas lojas e quiosques eram colocados avisos de fechado e as portas eram trancadas.

Em circunstâncias normais, ela teria usado o metrô, mas devido ao péssimo clima nas ruas não estava disposta a correr o risco de ficar presa sob a terra. Finalmente estava na frente da porta do imbecil.

O cortiço onde vivia estava em condição miserável. Ela respirava pela boca e tentou ignorar os preservativos usados no piso da escada e o bebê berrando dois apartamentos abaixo. Depois que realizasse esta última tarefa e passasse em seu trabalho para dizer adeus a Quentin, ela sumiria daqui.

A porta foi aberta com violência. Seu punho estava em movimento antes que ela propriamente o avistasse. Ele se dobrou quando ela socou seu estômago.

Ele arquejou e tossiu.

— Porra, cadela!

— Ai! — Ela balançou sua mão. Polegar para fora, e não dentro, idiota.

Ele se endireitou e olhou para ela enquanto massageava o abdômen. Então começou a sorrir.

— Você o fez, não é? Você de verdade, realmente o fez.

— Como se houvesse tido uma escolha. — ela retrucou. Empurrou o ombro e lhe bateu novamente, o suficiente para conseguir entrar e fechar a porta.

Seu sorriso tornou-se uma risada alegre. Ele agitou o punho no ar.

— Sim!

Pia olhou-o com amargor. O imbecil, também conhecido como Keith Hollins, tinha aparência afável, seus cabelos eram loiros claros e desgrehados como os de um surfista. Seu sorriso arrogante atraía mulheres da mesma forma que o mel às moscas.

Ela já tinha sido uma dessas moscas e logo ficou desiludida. Pensou que ele era encantador, confundiu suas carícias com afeto verdadeiro e o que havia considerado graça era, na verdade, egoísmo profundo. Ele imaginava ser o Capitão Fantástico, criou a ilusão de um grande aventureiro, quando na realidade era um viciado em jogos de azar.

Ela tinha rompido seu relacionamento há alguns meses. Então, na semana passada, tinha sido golpeada por sua traição, embora sentisse que fora há muito tempo.

Desde a morte de sua mãe, há seis anos, Pia tinha estado tão solitária. Não havia qualquer criatura que a conhecesse por quem e o que ela era. Apenas sua mãe soube e teve tanto amor por Pia que dedicou sua vida a salvaguardar seu bem-estar e segurança. Ela a havia criado com cuidado fanático ao sigilo e com todos os feitiços de proteção que pôde reunir ou comprar.

Então Pia tinha jogado fora quase tudo o que sua mãe havia lhe ensinado por um sorriso doce e a promessa de um pouco de carinho. *Sinto muito, mamãe*, ela pensou. *Juro que vou fazer melhor*. Ela olhou para Keith que estava inclinando-se para fazer um touchdown imaginário. Ele fingiu chutar uma bola e sorriu para ela.

— Sabia que levaria este soco. Eu lhe devo uma. Sem rancores, céu.

— Fale por você. — As palavras de Pia eram cobertas por gelo. — Eu tenho todos os tipos de ressentimentos.

Ela deixou cair sua mochila no chão e olhou ao redor, embora tivesse certeza de que estavam sozinhos. Embalagens de *Fast-food* cobriam a mesinha de café comprada em uma loja de segunda mão. Uma camiseta suja cobria o encosto do sofá. Algumas coisas nunca mudavam...

— Ah, vamos lá, P., não precisa ser assim. Ei, escuta, eu sei que ainda está chateada, mas você tem que entender uma coisa, Céu, eu fiz isso por nós. — Ele estendeu a mão para seu ombro, mas ela afastou-se antes que seus dedos pudessem tocá-la. Seu sorriso empalideceu, mas perdeu a aparência fácil e acariciadora. — P., você parece não compreender. Agora nós seremos ricos. Fodidamente ricos. Você poderá ter o que quiser. Você não gosta disso, querida?

Keith era o único que não entendia. O imbecil não percebia que haveria danos colaterais. Ele tinha criado a fantasia na qual ele era um jogador, enquanto suas dívidas de jogo aumentavam e ele ficava cada vez mais sob o controle de seus sócios.

Os “sócios” eram conexões sombrias que algumas vezes tinham separado Keith das casas de jogos. Pia os imaginava como hienas sorridentes reunidas em torno de sua presa com um propósito lânguido. Keith era a refeição, mas eles decidiram brincar com a comida antes de matá-la.

Ela não sabia quem eram seus interlocutores e não queria sabê-lo. Era suficientemente mau que soubesse ter um poder real em algum lugar no topo da cadeia alimentar. Humanos, elfos, Wyr ou fadas, não importava. Algo desagradável havia focado sua atenção nesta direção. Tinha magia e músculos suficientes para obter um dos primeiros poderes do mundo.

E aqui estava o *Capitão Fantástico*, um simples humano sem uma única fagulha de Poder ou qualquer pinga de juízo. O fato de que ela já tinha se relacionado com ele, mesmo que por alguns meses, faria se manter humilde sempre.

Ela lhe disse.

— Sua fala parece o diálogo de um filme ruim.

O charme de Keith falhou e ele olhou para ela.

— Sim? Bem, foda-se você também.

— E continua. — ela suspirou. Uma dor de cabeça começara a pulsar. — Olha, vamos acabar com isso. Seus “amigos” queriam que eu roubasse algo de Cuelebre.

— Apostei com meus sócios que poderia obter qualquer coisa, de qualquer lugar. — Keith zombou. — E eles sugeriram algo de Cuelebre.

Hoje tinha sido um dia longo e ruim, depois de uma semana longa e ruim. Havia começado no momento em que Keith tinha colocado um objeto de poder na mão dela dizendo que iria encontrar o esconderijo de Cuelebre com ele. O choque ainda lhe assustava ao lembrar o pulsar da magia que havia queimado sua mão.

A sensação foi agravada por uma onda de terror por quem ou o que tivera a responsabilidade de criar esse artefato e entregá-lo para Keith.

Com certeza um momento especial, esse no qual descobriu que Keith a tinha traído. Quando ela percebeu que, entre Cuelebre e as hienas risonhas, ela estava ferrada. Se ela roubasse Cuelebre, estava morta. Se não o fizesse, não tinha dúvidas de que Keith diria a suas hienas, e ainda estaria morta. Estava entre a cruz e a espada.

Ter o encanto em sua mão era como agarrar uma granada. O projeto era enganosamente simples. Produzia a sensação de um feitiço de busca com uma única ativação, mas teve poder para penetrar através de todas as proteções de Cuelebre.

Sua respiração tremeu quando se lembrou do caminho terrível que havia percorrido naquele dia, atravessando um parque ensolarado de uma cidade inocente, no qual os adultos bebiam café e vigiavam crianças que gritavam, jogavam-se areia e se atiravam ao carrossel e aos brinquedos.

Os sons do tráfego e os cães latindo haviam complementado a dor abrasadora da mão dela enquanto o Poder do encanto ativado aumentava e lhe atraía para um caminho escondido rodeado por flores, completamente comum, até uma porta de manutenção enferrujada em um viaduto do parque. O encanto desenhou um caminho estreito e brilhante que percorria uma névoa invisível de feitiços de camuflagem e repulsão que a convenceram com apreensão de que estava perdida, confusa, maldita, aprisionada em seu pior pesadelo, em perigo mortal, condenada por toda a eternidade...

O frágil controle de Pia se perdeu. Ela golpeou o peito de Keith com ambas as mãos, movendo-o alguns metros para trás.

— Você me chantageou para roubar de um dragão, seu idiota! — Ela gritou e o empurrou de novo e ele cambaleou para trás. — Eu confiei a você os meus segredos. — Nem todos eles, graça aos bons Poderes, nem todos. De alguma forma havia mantido um resto de instinto de autopreservação. — Eu pensei que nós nos amávamos. Meu

Deus, que piada infeliz. Eu poderia rastejar sob uma rocha e morrer de vergonha, mas VOCÊ NÃO VALE A PENA.

Com um último empurrão jogou Keith contra a parede. A expressão em seu rosto teria sido cômica se ela tivesse mantido qualquer senso de humor.

Seu espanto ficou desagradável. Suas mãos dispararam mais rápido do que ela esperava. Ele a empurrou de volta tão forte que ela tropeçou e quase caiu.

— Bom, eu devo ter fingido muito bem. — ele rosnou. — Porque você foi a pior foda que eu já tive.

Pia nunca soube, até aquele momento, que seria capaz de matar alguém. Suas mãos se curvaram em garras.

— Eu sou uma foda excelente. — ela assobiou. — Sou o melhor que já aconteceu a seu iludido e pré-ejaculante traseiro. Você só não tem o bom gosto de reconhecê-lo. E você sabe o que? Agora eu nem sei por que lhe aguentei. Eu tinha uma vida sexual melhor com cinco minutos e minha mão em um chuveiro quente.

A cara do *Capitão Fantástico* ficou roxa. Ela olhou. Nunca havia visto essa cor em uma pessoa. Ele levantou seu braço para trás como se fosse agredi-la.

— Faça isso e nunca conseguirá o que quer, além de perder sua mão. — O gelo em sua voz tornou-se cortante. Ele ficou estático. A estranha implacável que tinha tomado seu corpo a levou a quase encostar seu nariz no dele. — Vá em frente. — ela disse falando em um tom suave e uniforme. — Agora a amputação pode ser uma terapia razoável.

Ela olhou para ele até que baixasse sua mão e desse um meio passo para trás. O movimento foi pequeno, mas significou muito para

seu orgulho maltratado. Em uma competição de vontades ela o havia derrotado.

— Vamos acabar com isso. — ele disparou.

— Já era hora. — Ela buscou em suas calças e lhe entregou um pedaço de papel dobrado. — Você receberá o que eu roubei quando ler isso em voz alta.

— O que? — Ele deu-lhe um olhar neutro. Ficou claro que as coisas tinham tomado um rumo além de sua compreensão. Como era humano e sem poderes, não podia detectar o brilho do papel pelo poder do feitiço vinculante.

Ele desdobrou o papel e examinou o conteúdo e seu rosto se contorceu novamente com raiva. Deixou cair o papel como se estivesse pegando fogo.

— Ah não, cadela. Isso não vai acontecer de qualquer modo. Você vai me dar o que você roubou e será agora! — Ele se lançou para sua mochila. Ela deu vários passos rápidos para trás, deixando que ele buscasse entre seu conteúdo. Carteira, tênis, a garrafa meio vazia de água e seu *iPod* caíram no chão.

Ele fez um ruído estrangulado e voltou-se contra ela. Pia retrocedeu um passo mantendo-se alerta com as mãos vazias viradas para cima, enquanto dava um sorriso zombeteiro.

— Onde está? — cuspe voou. — O que você pegou? Onde o escondeu? Merda!

— Você disse que não importava — Ela disse. À medida que Keith avançava sobre ela, movia-se em contrapartida, mantendo alguns metros entre eles. — Você disse que aos responsáveis...

— Sócios. — ele rugiu, apertando suas próprias mãos.

— Não importava o que eu roubasse desde que fosse de Cuelebre, uma vez que tinham os meios para verificá-lo. Suponho que significa que eles podem enfeitiçá-lo de alguma forma para provar que é realmente dele. — A parte de trás de sua perna encostou-se à mesinha de café. Ela endireitou-se e saltou para trás quando Keith investiu contra ela. A grande impulsão fez com que aterrissasse agachada sobre o sofá enquanto Keith tropeçava na mesinha. — Sabe o que mais? — disse, — Eu não dou à mínima, exceto por uma coisa.

Pia fez uma pausa e se endireitou. Recuperou-se um pouco enquanto Keith engatinhava de volta a seus pés. Sua aparência de bom surfista tinha mudado em uma expressão de ódio.

Ela perguntou a si mesma se iria lhe ocorrer que seu salto para trás havia sido muito longo e alto para uma mulher humana, mas acreditava que mais nada disso importava.

—A coisa sobre a chantagem é que nunca para com apenas um pagamento. Todos os programas de TV o mostram, de qualquer maneira — ela disse. Pia não sabia que restava mais alguma decepção até seu estômago se apertar frente à expressão de astúcia que vislumbrou nos olhos de Keith. — Acredita que não suspeitei que pretende continuar me usando? Afinal de contas, por que você iria parar em apenas um roubo? Seria sempre, “Escuta Pia, vou manter o silêncio sobre você, se fizer apenas mais uma coisinha por mim”. Não?

Seu lábio superior curvou-se

— Nós poderíamos ter sido uma verdadeira equipe.

Ele teve o descaramento de soar amargurado. Inacreditável! Ela deixou o tom sarcástico e tornou-se séria.

— Ou seguiria me chantageando. Cedo ou tarde, se já não o fez, você diria a seus senhores sobre mim. Ou – levantou um dedo – que tal essa hipótese? Vai lhes entregar o que eu roubei, o que irá provar que

— você estava fazendo mais do que apenas se vangloriar. Vai fazê-los com que lhe levem a sério.

Sua boca se fechou.

— Já me levam a sério, cadela.

— Ceeeerto. — Ela continuou: — Eles provavelmente prometeram acabar com todas as suas dívidas de jogo se você tiver êxito no roubo. Talvez também tenham dito que lhe dariam uma boa quantidade de dinheiro. Você está esperando que isso salve sua pele miserável. Então por fim você se assentará e receberá o tipo de atenção que merece. Eles vão ter que considerá-lo como um real jogador e não como um idiota até as orelhas em dívidas impagáveis. Mas o que não percebe, se isso acontecer, também terá sério interesse pela forma que você o conseguiu. Eles vão querer fazer muitas perguntas.

A raiva desapareceu do rosto de Keith quando entendeu o que ela disse.

— Não seria assim. — ele falou. — Eu não lhes disse quase nada sobre você.

Aleluia, parecia que ele estava se tornando prudente. Ou o que significava prudência para ele. Ela relaxou o suficiente para descer do sofá e sentar-se.

— Sabe, eu acho que você acredita. — disse. — Mas “não lhes disse quase nada” já é demais.

Ela podia ver seu raciocínio. Ele iria reter todo o poder. Ele iria mantê-la amarrada ao longo de uma pseudoparceria, na qual manteria todo o controle e lhe obrigaria a fazer o que ele quisesse. Seus “sócios” lhe respeitariam e admirariam. Ele provavelmente pensou que iria ser um corretor de bens para eles, conseguindo o que quisessem por honorários exorbitantes. Então Keith conseguiria uma grande vida.

— Tudo bem. — ela disse, buscando o resto de suas forças para adotar uma postura enérgica. Ela apoiou as mãos sobre as coxas. — Nós temos que sair da terra de fantasia de Keith agora. Será assim. Você jurou que guardaria o que lhe disse em segredo. Isto é tudo sobre converter um homem desonesto em íntegro. Você me chantageou, então agora eu estou fazendo o mesmo, porque, considerando os cenários que acabo de esboçar, estaria ferrada.

Ele negou com a cabeça e disse:

— Não, você não estaria, P. Tudo o que tem que fazer é trabalhar comigo. Droga, por que você não pode ver isso?

— Porque eu não sou como você, Keith. — ela retrucou. — E o controle de danos é a única maneira que eu tenha uma chance remota de sair deste pesadelo.

— Não posso acreditar que simplesmente vá embora. — Ele parecia tão petulante quando um menino pequeno.

— Fui embora há alguns meses. — ela o lembrou. — Só que você estava ausente. Agora pega aquele pedaço de papel e faça o juramento vinculante ou irei embora e você nunca vai obter o que eu roubei. Isso significa que você terá que renegociar um plano de pagamento diferente com seus 'sócios' sobre o dinheiro que deve a eles. Não é?

Ela não teria que dizer quais seriam essas diferentes opções de pagamento. Poderia dizer que ele sabia que sua vida estava em jogo. Keith olhou-a, os cantos de sua boca virando para baixo.

— Sabe, poderia ter sido bom.

Ela negou.

— Só em seus sonhos, vaqueiro.

Ele se aproximou do feitiço e recolheu-o, renunciando a cada passo. Ela manteve-se em silêncio quando ele por fim se deteve.

Percebeu que estava tentando imaginar formas de evitar lê-lo. Mas não havia o que ele pudesse fazer, e ambos sabiam disso.

Ele leu de forma rápida, com tom mal-humorado.

— Eu, Keith Hollins juro nunca falar sobre Pia ou seus segredos de qualquer forma, direta, por inferência ou silêncio, ou perderei minha capacidade de falar e sofrerei dores físicas constantes para o resto de minha vida.

Ele deu um grito quando a magia se manifestou. O papel rompeu em chamas. Pia suspirou quando um peso se levantou, só um pouco, de seus ombros. Ela foi guardar suas coisas em sua mochila.

Keith disse:

— Bom, fiz o que você queria. Agora vamos pegar o que você roubou. O que é? Uma pedra preciosa? Uma joia? Tinha que ser algo que você pudesse carregar. — Avareza surgiu novamente em seus olhos. — Onde você o escondeu?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não o escondi em qualquer lugar.

— O que? — prontamente entendeu. Ele mostrou os dentes quando um cão selvagem. — Você estava com ele o tempo todo.

Ela tirou um lenço de linho dobrado do bolso de seus jeans e entregou a ele. Ele o abriu enquanto ela punha sua mochila no ombro. Saiu pela porta, quando os palavrões começaram.

— Oh, merda. Você roubou uma maldita moeda!

— Tchau, bebê. — ela disse, afastando-se. A sala ficou embaçada à sua frente. Ela apertou os dentes até a dor atravessar sua mandíbula. Ela não iria derramar mais uma lágrima por esse perdedor.

Atrás dela, ele gritou:

— O que é um dragão estava fazendo com uma moeda em seu tesouro? Inclusive, como posso saber que essa maldita moeda é dele?

Bem, era essa a pergunta.

Ela pensou em lembrá-lo de que seus “sócios” poderiam verificar um roubo verdadeiro. Pensou em dizer-lhe que uma falsificação conseguiria que o matassem, mas o pobre idiota burro estava condenado de qualquer maneira.

Cuelebre iria encontrá-lo e matá-lo ou, cedo ou tarde ele iria chatear um de seus “sócios”. Eles desejariam saber como ele se apoderou da posse de Cuelebre. E agora Keith não ia ser capaz de dizê-lo. Quão estranho era isso.

Então ela pensou em contar a ele sobre sua própria estupidez, uma vez que não ocorrerá a ela tentar passar-lhe uma moeda falsa. Apesar de algumas habilidades incomuns, Pia não tem um osso desonesto em seu corpo. Ela não podia pensar com a astúcia de um criminoso.

Além disso, ela não se atreveu a fazê-lo uma vez que tinha percebido o verdadeiro Poder que se movimentava nas sombras atrás dele. Algo estava se formando. Era maior e pior do que qualquer coisa que Keith poderia imaginar ou desejar. Rescendia escuridão como o assassinato ou a guerra. Ela queria correr tão longe e rápido quanto pudesse.

Nem em um milhão de anos ela teria imaginado encontrar um pote de moedas de um centavo em meio a todo o tesouro deslumbrante no esconderijo de Cuelebre, ou que pegar um centavo, deixando um centavo lhe viria à mente. Todo mundo o fazia nos postos de gasolina. Diabos, por que não?

Ela pensou em toda a conversa que poderia ter tido com ele. Em vez disso, ela balançou a cabeça negando, era hora de ir.

— Você vai se arrepender! — gritou para ela. — Nunca vai encontrar alguém que lhe aguento com toda a sua merda!

Ela lhe mostrou o dedo do meio e continuou andando.



O pânico continuou a exortar Pia a correr. Depois de vários minutos mordendo os lábios decidiu não voltar para ao seu apartamento. A dificuldade da decisão a surpreendeu, pois não tinha muitas coisas que importavam. Sua mobília era constituída por móveis sem importância, mas tinha algumas lembranças de sua mãe e ela gostava de algumas de suas roupas. Fora as posses, o verdadeiro golpe foi romper com a continuidade do que era seu lar.

Não se deixe ficar muito apegada a pessoas, lugares ou coisas, sua mãe tinha dito. Você tem que ser capaz de deixar tudo para trás. Estar pronta para fugir a qualquer momento.

A totalidade de suas vidas tinha girado ao redor disso. A mãe de Pia manteve esconderijos de dinheiro e identidades diferentes para elas em meia dúzia de lugares espalhados pela cidade. Pia tinha memorizado os trajetos do transporte público, combinações de abertura e os números dos depósitos de segurança para todos os locais, desde que tinha seis anos de idade. Elas realizaram exercícios regulares de “escapar de Nova Iorque” nos quais ela seguia as rotas e acessava documentos e dinheiro enquanto sua mãe a seguia e observava. As fotos dos documentos eram atualizadas conforme pia havia envelhecido. No entanto, mesmo que Pia tivesse concordado e dito que entenderam, os eventos da semana passada mostraram o quanto ela realmente não tinha entendido ou interiorizado as coisas. Sua mãe morreu quando Pia tinha 19 anos. Agora, aos 25, ela estava começando a perceber quão descuidado seu comportamento tinha se tornado.

Não foi apenas a sua insensatez monumental ao confiar em Keith. Ela havia continuado regularmente com as aulas de defesa pessoal e artes marciais, mas havia perdido o hábito de levá-las a sério. Em vez disso, as realizava como se fossem exercício e diversão. Agora primeiras lições de sua mãe voltavam para assombrá-la. Somente esperava sobreviver tempo suficiente para apreciar o que significava ser mais triste e mais sábia.

Hoje, mais cedo, Pia tinha limpado um dos esconderijos para pagar a bruxa pelo feitiço. Agora, ela tomou um caminho tortuoso para o bar *Elfie's* ao sul de Chelsea. Virou-se para acessar um cofre antes dos bancos fecharem e esvaziou outro esconderijo, menos convencional, escondido no pátio de recreio de sua antiga escola primária. Ela tinha três identidades novas e cem mil dólares em notas não sequenciadas e sem marcas guardadas em sua mochila, junto com uma nova paranoia opressora.

Quando ela atravessou a porta principal do bar *Elfie's*, havia começado a sentir como se vestisse a metade da sujeira da cidade. Ela se sentia suja, vazia, emocionalmente esgotada e fisicamente faminta. O estresse tinha obstruído sua garganta por dias e ela não tinha sido capaz de engolir muita comida.

Elfie's ficava aberto para almoço, durante o dia. O almoço, servido das onze às quinze horas, era uma parte complementar do negócio, quando *Elfie's* ganhava vida à noite. Quentin, o proprietário, se quisesse poderia tê-lo transformado em um dos clubes exclusivos de Nova York. Tinha o charme e o estilo para isso.

Em vez disso, Quentin mantinha um controle sobre o negócio, para não crescer demais. *Elfie's* era conhecido como um clube de bairro. Sua clientela era fixa e fidelizada, composta por mestiços das três raças. Era como se a cidade tivesse sua própria ilha de brinquedos marginalizados, os restos e os dejetos das sociedades, não sendo totalmente Wyr, Fada, Elfo ou humano e, portanto, não pertencendo

totalmente a qualquer lugar. Alguns explicitavam sua natureza mestiça e defendiam os benefícios de viver fora do armário. Muitos, como Pia, escondiam o que eram e fingiam encaixar em algum lugar.

Ela havia trabalhado *Elfie's* desde que fizera 21 anos, quando entrou pela porta da frente e pediu um trabalho a Quentin. Foi o único lugar que tinha encontrado, depois da morte de sua mãe no qual esteve próximo a sentir-se em um lar. Ela caminhou até o balcão de serviço ladeando-a. O barman de plantão, Rupert, parou de servir as bebidas e olhou-a surpreso. Ergueu o queixo, perguntando-lhe em silêncio se queria uma bebida.

Ela balançou a cabeça negando e articulou seus lábios perguntando-lhe.

— Onde está Quentin? — O barman encolheu os ombros. Ela assentiu com a cabeça, acenou com a mão e ele voltou a trabalhar.

Ar condicionado lambeu sua pele superaquecida. Seus olhos encheram-se de lágrimas novamente enquanto olhava o ambiente familiar ao redor. Ela gostava do barman e de trabalhar para Quentin. Desejou que o *Capitão Fantástico* e suas hienas apodrecessem no inferno.

A multidão, depois do trabalho, abarrotava o grande espaço moderno, fazendo três filas para bebidas. Objetos mágicos de pouca qualidade e o Poder reluziam entre o ruído contínuo das conversas. Canais de esportes ao vivo eram visíveis nos enormes televisores de alta definição no outro lado do balcão. A maioria das pessoas assistia uma grande tela montada no alto em um canto do bar. Ela levantou a vista para ver um noticiário da CNN.

—... e nas notícias locais, os relatórios continuam mencionando a extensão dos danos causados pelo misterioso desastre desta tarde. Enquanto isso seguem desenfreadas as especulações sobre sua causa. — Uma loira com cabelo cheio de fixador, uma das habituais da CNN,

deu um sorriso profissional à câmera. A repórter parou próxima a uma calçada, onde uma equipe de operários varria montanhas de vidro quebrado.

Um ‘rato’ de bar próximo a Pia, disse em uma voz que soava como pedras caindo:

— Ei, linda. Você não estava gozando de uma semana de férias? O que você está fazendo aqui na sua folga?

Ela espiou o corpulento Troll, meio agachado empoleirado numa banquetta de aço feita sob medida. Em pé, curvado, media 2,50 metros altura, com a pele cinza pálido e uma cabeleira negra que se recusava a assentar.

— Ei, Preston. — ela disse. — Sim, eu ainda estou fora. Só preciso falar com Quentin por um momento.

Preston era um dos frequentadores do *Elfie’s*. Declarava que vivia sua vida em seus próprios termos. Um programador autônomo que trabalhava em casa durante o dia e esquentava a banquetta do bar *Elfie’s* à noite. Ele bebia como um doido e, em determinadas situações, quando as coisas ficavam feias, atuava voluntariamente como gorila.

— Você sabe que é um mau sinal quando não se pode deixar o trabalho no trabalho, querida, — ele grunhiu quando tomava um copo de refrigerante cheio de uísque.

— É uma maldição. — ela concordou. Puxado por uma corda invisível, seu olhar desviou-se novamente para a tela no alto. Ela olhou com fascinação e horror em partes iguais.

— Quentin foi a algum lugar há aproximadamente vinte minutos. — o troll mestiço disse a ela. — Disse que voltaria em seguida.

Ela acenou com a cabeça enquanto a repórter da CNN continuava.

— ...Enquanto isso, funcionários públicos confirmam que a origem do evento ocorreu há alguma distância da Torre Cuelebre na Quinta Avenida, em um parque local próximo à Estação Penn. As empresas Cuelebre divulgaram um comunicado impresso assumindo a responsabilidade pelo infeliz “acidente de pesquisa e desenvolvimento”. Vamos agora para Thistle Periwinkle, diretora de relações públicas das Empresas Cuelebre e uma dos porta-vozes mais famosos das Raças Elders. — A cena mudou para uma pequena figura cercada por repórteres na frente da placa de mármore e cromo polido da Torre Cuelebre.

A multidão no bar se dividiu em assovios com os dedos, batidas de pés no chão e aplausos.

— Yuhu!

— Fada Barbie! Sim!

— Minha garota!

A figura diminuta usava um traje profissional rosa pálida que acentuava seu formato de ampolheta com uma cintura minúscula. Em pé media aproximadamente 1,55 metros e Pia sentia-se como um cavalo alegre e desajeitado quando via a fada na televisão. A famosa relações públicas de Cuelebre usava o cabelo cor lavanda suave e fofo em um elegante corte ondulado a *‘la garçon’*. Ela enrugou o nariz brincalhona, com um simpático sorriso quando uma dúzia de microfones foram dispostos à frente de seu rosto.

— Deus, ela é gostosa. — Preston deu um suspiro. — O que eu não daria por uma chance.

Pia deu uma rápida espiada no enorme macho enrugado e coçou a própria nuca. O fato de que a fada brega fosse porta-voz e relações públicas das empresas Cuelebre sempre lhe parecia uma manipulação. *Veja como somos agradáveis, amigáveis e seguros, oh Deus.*

A fada levantou uma mão delicada. Assim que os gritos calaram, ela começou a falar.

— Esta será apenas uma breve declaração hoje. Vamos continuar mais tarde com maiores detalhes quando entendermos melhor a situação. As Empresas Cuelebre lamentam qualquer inconveniente que este incidente tenha causado ao bom povo de Nova Iorque e prometem uma solução rápida para todas e quaisquer responsabilidades por danos a propriedade. — O sorriso safadinho da fada extinguiu. Parecia morta em frente à lente da câmera, sua expressão, normalmente alegre, tornou-se sombria. — Tenham certeza de que Cuelebre está usando todos os recursos disponíveis para conduzir uma investigação completa. Ele lhes dá sua garantia pessoal de que o que causou o incidente de hoje vai ser cuidado de forma rápida e decisiva. Nunca haverá outra ocorrência.

E aí terminaram seus modos agradáveis. A multidão de jornalistas ao redor da fada se calou. No bar o ruído constante cessou. Até mesmo Rupert parou de servir bebidas.

Alguém próximo disse:

— Maldita seja. Essa garotinha pretensiosa acaba de conseguir ser assustadora?

Na tela grande a cena explodiu caótica novamente antes de voltar à sala da redação principal da CNN, onde a repórter loira disse em um tom de urgência.

— E aí está a declaração pública da Cuelebre, e não soa como algo parcial, amigos.

O telejornal passou a apresentar um breve esboço biográfico sobre Cuelebre. Não havia muito documentado sobre o recluso multibilionário. Ele era conhecido mundialmente como um dos mais antigos *Poderes das Raças Elders* e reconhecido como férreo governante

do domínio Wyr de Nova Iorque. Também era um jogador de grande poder, no cenário político de Washington.

As fotografias e os segmentos de filmes dele sempre eram imprecisos. A maioria dos detalhes que as câmeras tinham conseguido capturar dele eram de imagens obtidas à distância. A emissora mostrava um par de fotos instantâneas de um grupo de homens poderosos com aspecto rude. No meio deles se erguia uma figura enorme, dominante, capturada em meio a um movimento agressivo, sua cabeça escura virada.

Cuelebre nunca havia publicamente reconhecido o que era, mas os noticiários amavam especulações. Eles evitaram afirmar qualquer coisa, mas enfatizavam seu nome de batismo, Dragos, que significava ‘dragão’ e Cuelebre, uma serpente mitológica alada, gigante.

Mesmo o mais marginalizado dos mestiços que se arrastavam ao redor das beiradas da política das *Raças Elders* e da sociedade sabia o que e quem era Cuelebre. Cada um deles havia sentido em seus ossos o rugido do dragão que havia sacudido a cidade até os alicerces.

Pia procurou tateando o uísque de Preston. O troll lhe entregou o copo e ela engoliu o uísque. O líquido desceu por sua garganta ressecada e explodiu em uma bola de fogo ardente na boca do estômago. Ela ofegou e devolveu o copo.

— Entendo você. — disse o troll. — Eles estão divulgando coisas assim durante toda tarde. Aparentemente, o “incidente” — ele traçou aspas com os dedos no ar — Quebrou as janelas em edifícios localizados até a um quilômetro de distância e rachou uma casa geminada de pedra ao meio. Eu mesmo escutei e sou homem o suficiente para admitir que o som fez minhas bolas encolherem.

O pânico corria através dela. Deixou cair às mãos abaixo do balcão para esconder o quanto tremiam. Ela limpou a garganta.

— Sim, eu também o escutei.

— Quem o fez zangar-se tanto? — Preston balançou a cabeça. — Eu não posso imaginar, mas vai fazer parecer o Dia do Julgamento como um piquenique.

Uma voz profunda disse em seu ouvido:

— Você parece uma merda.

Pia quase pulou surpreendida. Então, apertou a palma das mãos contra suas pálpebras até ver estrelas, antes de olhar para o rosto de Quentin.

— Esse é o meu chefe. — ela disse sobre o ombro para Preston. — Um elogio por minuto.

O troll bufou.

Quentin inclinou-se contra a parede próxima às portas de salão que levaram à parte dos fundos. Olhou-a com o cenho franzido. Ele tinha um metro e oitenta e oito de musculatura rígida, com complexão delgada e traços graciosos, um desses tipos assustadoramente lindos, que poderiam fazer a capa da GQ, se fosse modelo. Quando solto, seu cabelo loiro escuro caía abaixo dos ombros largos, mas ele normalmente os mantinha presos em um rabo. O estilo severo enfatizava os ossos longos de seu rosto e os penetrantes olhos azuis.

As emoções de Pia deram outra guinada selvagem. Seus lábios se apertaram e ela olhou para baixo para puxar uma alça de mochila.

— Preciso falar com você. — disse a ele.

— Eu imaginei. — Ele endireitou-se da parede e voltou-se para empurrar uma porta de vaivém.

Pia acenou para Preston e seguiu para os fundos, Quentin atrás dela. A porta voltou ao seu lugar, silenciando o barulho do bar.

Ela continuou até o depósito e entrou no escritório espaçoso. Parou no meio da sala, largou a mochila e ficou ali, sua mente em branco, cansada.

Uma mão bem proporcionada passou sobre seu ombro e pousou sob seu queixo. Ela permitiu que ele a virasse, encontrou seu olhar atento apenas por um momento e desviou seu olhar até um ponto sobre o ombro direito dele. Seu peito doía. Ela podia sentir seu escrutínio ao longo de seu corpo.

— Estou deixando a cidade. — disse ela ao ponto por cima do ombro. Sua voz soou embargada. — Vim para dizer adeus.

O silêncio se estendeu e cresceu. Então Quentin colocou a mão em sua testa e envolveu a outra ao redor de seu pescoço. Seu olhar voou para ele, e a preocupação que ela viu em sua expressão quase a mata. Ele disse:

— Você tem dor de cabeça.

O calor dourado começou a fluir de suas mãos infundindo em sua cabeça, espalhando-se por seu corpo, aliviando a dor.

— Oh Deus, eu não tinha ideia de que podia fazer isso. — ela disse com um suspiro. — A sensação é tão boa.

Quando seus joelhos cederam, ele a puxou em seus braços e abraçou-a.

— Temo que não possa fazer nada com relação à angústia.

A boca de Pia tremeu. Ele devia ter lido o sofrimento em seu rosto como um mapa rodoviário. Ela descansou a cabeça em seu ombro.

— Você poderia não brigar comigo por não lhe dar duas semanas de aviso prévio?

— Que tal eu não o fazer e nós somente dissermos que você as cumpriu? — Ele esfregou suas costas. — Concorda?

Ela assentiu, engoliu suas lágrimas e envolveu a cintura dele com seus braços.

A idade de Quentin era indeterminada. Poderia estar entre 35-135 anos. Havia algo latente, forte e atemporal nele e sua aura apresentava indícios de segredos violentos, por isso Pia sempre havia apostado que era mais velho. Ela havia sentido uma forte atração por ele durante anos. De maneira geral, o desfrutava. Era uma indulgência cômoda, principalmente porque sabia que nunca tomaria qualquer atitude sobre isso.

Houve um arrepiante momento de consciência quando se entreolharam. Quentin emitiu um som de baixo nível de Poder que a atraiu até os ossos. Ela reconheceu o que era. Ele carregava um glamour que ajudava a passar-se por humano, que era muito parecido com o dela e o de outros mestiços camuflados. Ela não tinha certeza do que ele era, mas ela adivinhou que era parcialmente Elfo.

Pia sabia que ele também não tinha ideia do que ela era e, porque ele não foi curioso, havia conseguido tolerar seus olhares especulativos no início de sua amizade. Uma das coisas que mais apreciava no seu relacionamento com Quentin era a ausência de perguntas pessoais, de ambas as partes.

Após os primeiros meses de cautela, haviam relaxado na companhia um do outro, tendo chegado a um entendimento tácito. Ambos sabiam que algumas coisas ficavam melhores quando estavam escondidas nas sombras. Ambos estavam contentes por deixá-las ali.

Ele começou a soltar o rabo de cavalo dela, penteando os fios com seus dedos longos.

— Keith tem algo a ver com isso? Você não o viu desde que rompeu com ele, não é?

Ela se surpreendeu com a sensação de bem estar com Quentin acariciando seu cabelo. Tornando-se fraca, ela virou o rosto em sua

camisa. Ele cheirava a lugares quentes, masculinamente viris e a cultivos verdes. Ser segurada por um homem forte e equilibrado fazia com que se sentisse muito bem. Por alguns momentos, ela permitiu que o frio a abandonasse enquanto fantasiava que pertencia a seus braços e que estava a salvo. Que pretensão perigosa e estúpida!

Ela se enrijeceu e saiu de seus braços.

— Sim, eu o vi, e não, não foi romântico. Keith contribuiu para isso. — admitiu não disposta a mentir, não só porque preocupava-se com Quentin, mas também porque ela nunca tinha sido capaz de definir sua capacidade para detectar mentiras. — Mas é complicado.

Quentin caminhou para fechar a porta do escritório. Apoiou-se contra ela e cruzou os braços.

— Ok, então eu vou fazê-lo sem complicações. Apenas me diga onde ele vive.

Ficou alarmada.

— Não! Você tem que jurar deixá-lo em paz.

Quentin inclinou a cabeça, contemplando-a com demasiada atenção para seu conforto.

— Por quê? Você não continua se importando com ele, verdade?

— Deus, não! — Ela coçou a cabeça com ambas as mãos e, em seguida, esfregou o rosto. — Não é isso, absolutamente. Veja, você não entende, porque não sabe de nada, eu lhe compreendo. Não posso explicar isso a você. Eu não deveria ter vindo me despedir. Este foi um grande erro.

Fez um gesto para que ele se afastasse da porta. Ele não se moveu. Só então ela percebeu que sua posição na porta tinha sido deliberada. Ela ofegou mais zangada consigo mesma do que com ele.

Tinha que começar rapidamente a ser mais esperta ou viraria churrasco.

Quentin prendeu e sujeitou seu olhar, os olhos dele tornaram-se tempestuosos.

— Simplesmente diga em que tipo de problema você está. — Disse, lenta e deliberadamente. — E eu vou cuidar dele. Não lhe farei perguntas que não possa ou não queira responder. Tudo que você tem a fazer é dizer-me o que está errado.

Novamente o pânico estava de volta, só que dessa vez era por ele. Ela saltou para frente e agarrou-o pelos ombros.

— Escuta! — Ela tentou sacudi-lo, mas ele era muito grande. A obstinação em seu rosto a fez grunhir. — Digo a sério. Tem que me levar a sério. Às vezes as coisas terminam mal e eu não estou lhe contando. Eu vou e pronto.

Ele ainda a observava, pegou suas mãos que estavam sobre os ombros dele, apertou-as e as manteve contra o peito.

— Pia, nós nos conhecemos há quatro anos, e até agora temos respeitado a privacidade um do outro muito. O que quer que você seja, sei que é mais astuta que isso...

— Diz isso, com cara séria, depois que eu me enrolei com Keith? Que piada! — Ela tentou libertar suas mãos, mas ele não a soltou.

— Você cometeu um erro estúpido. Isso não faz de você idiota. — ele disse, apertando as mãos dela contra o peito até que as sentiu pulsar. — Eu vi você observar como as coisas funcionam por aqui. Você acha que não tenho contatos ou influência? Deixe-me ajudá-la.

Ela parou de lutar uma vez que não era capaz de soltar-se, de qualquer maneira.

— Eu sei que você tem influência. Tem que haver muitas razões pelas quais *Elfie's* tenha uma grande clientela leal de mestiços e por que você fala com muitos deles aqui em seu escritório. E tenho certeza de que tem que haver um monte de conversas interessantes durante seus jogos de pôquer nas segundas-feiras à noite. A julgar pelas outras visitas e pelas entregas na porta de trás, eu também estou certa de que você tem os contatos no Domínio dos Elfos, e só Deus sabe quem mais.

— Então deve saber que eu posso ajudá-la. — Ele aparentemente deu-se conta de que a estava machucando e afrouxou seu agarre. — Tudo que você tem a fazer é permiti-lo.

Os olhos dela ficaram sem expressão. Sabia que ele era teimoso, mas isso era ridículo.

— Ainda não está me ouvindo. VOCÊ NÃO PODE ME AJUDAR. — Ela virou as mãos e agarrou as dele. — Ainda não vamos falar sobre isso, mas somente pense por um minuto, sim? Dragão? — Ela curvou suas mãos como garras. — Grunhindo? Eu deixando a cidade?

Ele empalideceu, enquanto a olhava.

— O que você fez?

Ela balançou a cabeça em negação. Agora, pelo menos, estava levando-a a sério.

— Tudo o que você precisa saber é que o meu tipo de problema supera você de forma esmagadora. Não faça nada. Melhor ainda... Sequer pense em fazer qualquer coisa. E Deus, Quentin, faça o que fizer, não vá atrás de Keith. Há algo de muito ruim e assustador lá fora que pensa que pode se meter com Cuelebre e sair-se bem. — Inclinando-se para frente, apoiou sua testa no peito dele. — Depois de lhe contar tanto terei que matá-lo. Por favor, me escute. Você significa muito para mim e não quero ouvir que foi ferido ou morto. Especialmente quando não há nada que você possa fazer, de todo modo.

Seus braços a rodearam novamente e ele apertou tão forte que deixou-a sem fôlego. Então, ele colocou os lábios junto ao ouvido dela.

— Não vou deixá-la fugir sem ajudar. — ele disse. — Lidarei com ele.

Ela gemeu e o empurrou, mas ele não a deixou ir.

— Qual é o problema com você, idiota? Tem desejo de morrer?

— Ah, cala a boca. Claro que não. Apenas cuido dos meus. — Quentin disse. Ele a soltou e caminhou até a mesa. Surpresa, ela cambaleou e virou para segui-lo. Sua boca apertada em linhas severas. Ela tornou a ver a sombra de algo assustador escurecer seu rosto. Ele lançou-lhe um olhar irônico. — Mesmo se às vezes coisas incompreensivelmente estúpidas e grita como uma criança.

— Dane-se, você não é meu chefe. Não mais, de qualquer maneira. — ela murmurou. Observou-o abrir seu cofre da parede com eficiente rapidez.

Ele puxou um envelope e lhe entregou.

— Você irá para lá, um pequeno lugar que me pertence. — disse a ela.

Seu comportamento autoritário provocou um curto impulso de raiva que crepitou como um motor de freio, mas estava perdendo a energia para lutar com ele. Ela abriu o envelope, tirou duas chaves de casa presas a um anel de metal simples e se limitou a olhá-lo.

— Pergunte-me onde é. Diga, 'Quentin, onde é?' — Ele falou, — Vá em frente.

— Quentin, onde é? — repetiu sem expressão começando a brincar com as chaves sobre a mesa.

— Obrigado por perguntar, Pia. Que raro e educado de sua parte. — Ele se aproximou novamente e disse: — Fica exatamente nas proximidades de Charleston.

Ela congelou em pleno lançamento.

— Carolina do Sul? Charleston? A sede da Corte Élfica, exatamente no centro do Domínio dos Elfos?

Quentin sorriu.

— Essa mesma. A única na qual Cuelebre não pode entrar sem a permissão do Grande Lorde dos Elfos, ou romperia todos os tipos de tratados e as coisas ficariam realmente ruins para ele. — Seu sorriso desapareceu e ele procurou o olhar dela. — Eu não sei o que acontece depois que você conseguir chegar lá, ou qual será o seu próximo passo. Isso não pode fazer nada mais do que aproveitar algumas políticas antigas para obter algum tempo para respirar. Mas é um primeiro passo.

— Sim, é. — ela respirou, olhando para as chaves. Colocou-as no bolso e jogou os braços ao redor de Quentin.

Talvez, apenas talvez, houvesse esperanças para ela depois de tudo.

Quentin empurrou outro conjunto de chaves para ela e lhe acompanhou pelos fundos do pequeno estacionamento adjacente à parte de trás do bar. Deteve-se junto a um despretensioso Honda Civic azul 2003.

— Você o leva. — ele disse.

— Isso é demasiadamente generoso. — disse com a garganta obstruída. — E você já está muito envolvido.

Ela recusou-se a pegar as chaves.

— Olha, o carro não pode ser rastreado até você, ou de volta para mim. Eu mantenho uma meia dúzia deles. Ele não é grande coisa. Cale a boca e entra.

— Eu vou sentir sua falta. — ela disse.

Ele lhe deu um abraço feroz.

— Isso não é um adeus.

— Claro que não é. — Ela colocou os braços ao redor de sua cintura larga e segurou-o com força.

— Eu digo a sério, Pia. Encontre uma maneira de se manter em contato para informar-me de que está bem, ou vou atrás de você.

Ela somente podia esperar que algo acontecesse para evitar que cumprisse esta promessa. Ele tinha que permanecer fora dessa confusão. Ela não podia suportar a ideia de que pudesse ter ocasionado que seu chefe e amigo fosse assassinado porque não pudera ir embora sem dizer adeus.

Ele apertou seus lábios em sua testa e recuou.

— Anda, saia daqui.

Ela apertou o botão de desbloqueio no chaveiro, atirou a mochila no banco do passageiro e entrou no carro. Quando parou no final da quadra, olhou pelo espelho retrovisor.

Quentin estava na beira do estacionamento observando-a com as mãos nos quadris. Ele acenou para ela.

Houve uma interrupção no tráfego. Ela entrou na rua e se foi.

Quentin disse que a viagem durava mais ou menos doze horas, dependendo do trânsito de Nova York Charleston, em sua maioria pela estrada I-95. Ela queria alcançar a maior distância possível entre ela e o Domínio Wyr de Nova Iorque. Após 40 minutos parou em uma

Starbucks e comprou um sanduíche de salada de tofu e um café grande, tão forte, que poderia ter limpado sua banheira. Em seguida, dirigiu até que não pode enxergar bem.

Os Domínios das Raças Elders estavam sobrepostos ao mapa geográfico humano. Havia sete Domínio de antigos nos Estados Unidos, incluindo o Domínio Wyr situado em Nova Iorque e a Corte dos Elfos localizado em Charleston.

Cada Domínio tinha seu respectivo senhor ou senhora, que aplicava as leis. Alguns dos governantes Antigos preferiam viver distantes da humanidade. Eles mantinham suas Cortes em outros espaços, aos quais somente aqueles com habilidades mágicas podiam perceber ou cruzar os limites. Outros, como Dragos, viviam no reino humano.

Ela não sabia ao certo onde estava à fronteira Wyr-Elfo, assim dirigiu até ter certeza de que a tinha atravessado. Prudente ou não, sentiu diminuir um pouco do medo. Finalmente em torno de 3h00, o esgotamento com o qual vinha lutando não aceitou uma negativa como resposta. Ela entrou em um motel e obteve um quarto, usando uma de suas identidades falsas. Ela colocou a corrente na porta, deixou cair sua mochila em uma cadeira e afundou na cama. A sala girou enquanto, com a ponta do pé, tirava primeiro um sapato e logo o outro.

Poderia dormir por um mês, ela pensou esgotada enquanto um torvelinho a sugava para a escuridão.

Ela não teve essa sorte.



Dragos estava à beira da varanda de sua cobertura no topo da Torre Cuelebre. Olhava por sobre sua cidade enquanto o sol se

aproximava do horizonte. A estas alturas o sol, cada vez maior, era um peso dourado com a riqueza e a complexidade de um raro vinho envelhecido, entre um branco e um bordô. Seus pés estavam plantados separados, as mãos cruzadas nas costas.

A varanda era um de seus lugares favoritos para meditar. Não havia grades. Havia uma grande borda que circundava o perímetro do edifício que ocupava um quarteirão da cidade. A varanda era um lugar prático, mais privado para alçar voo ou pousar quando não tinha vontade de ir para o teto, que era utilizado por suas sentinelas e alguns outros membros privilegiados de sua Corte. Ele podia entrar ou sair da cobertura a partir das inúmeras portas de estilo francês.

As Empresas Cuelebre eram o amparo para uma série de empresas e o conglomerado era continuamente classificado entre as dez maiores corporações do mundo. Cassinos, hotéis e resorts, comércio, corretoras, transporte, avaliações de risco internacional (exército privado para alugar), bancos. Ele empregava milhares de Fadas, Elfos, Wyr e humanos em todo o mundo, mesmo que a maioria da espécie Wyr preferisse estar em Nova York a fim de viver dentro da lei e da proteção de seu Domínio

Os Wyr que se reuniam na Corte de Dragos e ocupavam cargos importantes em suas empresas tendiam a serem predadores de algum tipo, do tipo Metamorfo que se nutriam de um entorno competitivo, volátil, às vezes violento, embora houvesse algumas exceções notáveis, como a fada Thistle Periwinkle, a relações públicas das empresas Cuelebre, conhecida por seus amigos como Tricks.

Da mesma forma que Rune, seu Primeiro, os outros sete sentinelas eram criaturas imortais de grande Poder. Também tinha aves de rapina de algum tipo. Eram quatro grifos², Rune, Constantine, Graydon e Bayne, cada um responsável por manter a paz em um dos

² Grifo é uma criatura lendária com cabeça e asas de águia e corpo de leão.

quatro setores de seu Domínio. A gárgula³ Grym era o encarregado da segurança corporativa das empresas Cuelebre. Tiago, um dos três pássaros do trovão cuja existência se conhecia, liderava o exército privado de Dragos.

Por último, mas não menos importante, havia a harpia Aryal chefe de investigação. Ela não tinha aceitado bem em ceder as rédeas da investigação sobre este roubo para Rune. Ela não era conhecida por ter um temperamento sereno. Havia uma razão pela qual havia alçado um destaque tão grande na Corte. O sorriso de Dragos foi sombrio. A harpia era uma cadela nascida no inferno quando perdia as estribeiras.

Ele enfiou a mão no bolso da camisa e retirou o pedaço de papel deixado por sua ladra. A mensagem estava rabiscada no verso do recibo de um 7-Eleven. O papel fino já havia sido muito manuseado. Abriu o recibo e leu o que a ladra tinha comprado ontem. Um pacote de *Twizzlers*⁴ e um *Slurpee Cherry Coke*⁵.

Rune, ele disse telepaticamente.

A resposta do seu Primeiro foi imediata.

Meu senhor.

Você irá ao - olhou para as letras desbotadas no recibo – 7-Eleven na Rua Quarenta e Dois e conseguirá todas as filmagens de segurança das últimas vinte e quatro horas. Há uma boa probabilidade de que a imagem de nossa ladra possa ter sido capturada nelas.

Sério? Rune disse lentamente, seus instintos caçadores aguçados. *Saio agora, retorno em uma hora.*

³ As gárgulas são tipicamente representadas como uma (geralmente) raça humanoide alada como características demoníacas (geralmente chifres, rabo, garras, e podem ou não ter bicos). Gárgulas podem geralmente usar suas asas para voar ou planar, e muitas vezes são representadas tendo uma pele rochosa, ou sendo capazes de se transformar em pedra de um jeito ou de outro, uma referência as suas origens de esculturas.

⁴ Twizzlers é uma marca de doces nos Estados Unidos e Canadá

⁵ Raspadinha de refrigerante.

Ah, e Rune? Traga um Twizzlers e um Slurpee Cherry Coke. Ele queria saber o que essas coisas eram.

Claro, os trarei. Disse seu Primeiro, claramente surpreso. *Dragos?*

O quê? Ele entrecerrou os olhos e se espreguiçou, aproveitando o calor dos últimos raios do sol.

Alguma ideia do tamanho que você quer o Slurpee? A voz mental do seu Primeiro soou estranha.

Eles se conheceram e trabalharam juntos por várias centenas de anos. Dragos disse:

Você conhece meus gostos bem o suficiente. Eu gostarei?

Agora que Dragos controlava novamente o seu temperamento, Rune caiu em sua amistosa informalidade normal.

Uh, acredito que não, amigo. Nunca soube que lhe agradasse comida não saudável antes.

Então, um pequeno. Dragos levantou o recibo, inalou pelo nariz e franziu a testa. Mesmo para o seu olfato muito sensível, o recibo estava começando a perder esse aroma delicado e feminino, o cheiro dela.

Ele caminhou para dentro. A cobertura ocupava o andar superior da Torre. Logo abaixo estavam seus escritórios, salas de reuniões, sala de jantar executiva, área de treinamento e outras áreas públicas. O terceiro andar abaixo alojava suas sentinelas e outros funcionários graduados da Corte e das empresas. Se tivesse sido uma edificação independente, seria uma mansão. Todos os quartos e salas foram construídos em grande escala.

Dragos foi até a cozinha da cobertura. Era um lugar estranho cheio de máquinas e bancadas cromadas. Não havia ninguém ali. Ele buscou a cozinha comunitária responsável pelo serviço à sala de jantar,

às sentinelas da Corte e às necessidades dos executivos corporativos. Ele a encontrou no próximo lance de escadas.

Atravessou as portas duplas. Meia dúzia do pessoal da cozinha congelou. No canto um duende deu um grito de espanto e desvaneceu tornando-se invisível.

A chef correu para frente, torcendo as mãos. Ela era uma loba terrível em sua forma Wyr, mas mantinha sua forma humana, a de uma mulher grisalha, alta e de meia idade, durante o horário de trabalho.

— -Esta é uma honra inesperada, meu senhor. — disse efusivamente. — O que podemos fazer pelo senhor?

— Existem sacos plásticos com fecho. Eu os vi em comerciais, — Dragos disse. Ele estalou os dedos, tentando lembrar o nome. — Você coloca alimento neles.

— Sacos Ziploc? — ela perguntou em voz cautelosa.

Ele apontou para ela.

— Sim. Eu quero um.

Ela se virou e grunhiu para sua equipe. Uma fada saltou até um armário e depois saltou até eles. Ela se curvou para Dragos, abaixou a cabeça e baixou os olhos para o chão enquanto sustentava uma caixa de papelão no alto. Ele tirou um saquinho, colocou no interior o recibo da *7-Eleven* e pressionou fechando-o.

— Perfeito. — ele disse, colocando o saquinho no bolso da camisa. Ele saiu, ignorando o murmúrio que aumentou atrás dele.

Enquanto esperava que Rune aparecesse, foi para seu escritório para enfrentar a mais urgente das questões à espera de sua atenção. Seus quatro assistentes, todos Wyr, escolhidos por seu raciocínio rápido e forte disposição, ocupavam os cômodos exteriores que eram enfeitados

com obras de expressionismo abstrato feitas por artistas como Jackson Pollock e Arshile Gorky e esculturas de Herbert Ferber.

Localizado em uma esquina do edifício, o escritório dele era decorado em tons naturais de madeira e pedra. Como na cobertura, as paredes exteriores do escritório eram de cristal polido com portas francesas de ferro forjado que se abriam para uma borda privada do terraço. As paredes internas eram enfeitadas por dois quadros de técnica mista, encomendados à Jane Frank. Faziam parte da *Série Aérea* da artista, que mostra paisagens como se fossem observadas em pleno voo. Uma tela era uma paisagem durante o dia, a outra, sua vista noturna.

Quando se sentou à mesa, seu primeiro assistente, Kristoff, enfiou a escura cabeça cabeluda na porta. Dragos cerrou os dentes em uma onda de irritação. Inclinado a cabeça sobre os contratos dispostos em sua mesa, disse:

— Aproxime-se com cautela.

A natureza ursina do Wyr e seu comportamento vacilante ocultavam um mestre em administração diplomado por Harvard, com uma mente perspicaz e sagaz. Como urso esperto que era, Kristoff disse as duas palavras que lhe garantiam chamar sua atenção.

— Urien Lorelle.

A cabeça dele se levantou. Urien Lorelle, o Rei das Fadas das Trevas era um dos sete governantes das Raças Elder, seu Domínio coincidia com a área metropolitana de Chicago, e ele era o cara que Dragos mais gostava de odiar. Ele sentou e flexionou suas mãos.

— Traga-me.

Kristoff avançou com os braços transbordando e derrubou os documentos sobre a mesa.

— Eu a tenho... A ligação que estávamos buscando entre Lorelle e o desenvolvimento de armas. Aqui estão cópias impressas de tudo. A apresentação 10-K da SEC da “Trancontinental Power and Light, Inc”, a procuração para representação do ano passado, o relatório anual e suas ligações telefônicas de lucros corporativos trimestrais. Marquei as páginas relevantes e redigi um relatório.

Formado no final do século XIX, *Transcontinental Power and Light, Inc.*, era uma das maiores companhias privadas de serviços públicos. O Rei das Fadas das Trevas era o maior acionista individual.

Dragos pegou e começou a folhear a apresentação 10-K. Os documentos da *U.S. Securities and Exchange Commission* eram extensos, aproximadamente 450 páginas de material denso, com estatísticas, tabelas e gráficos.

Urien Lorelle e ele acumulavam muitas divergências de opinião. A empresa de serviços de Lorelle tinha fraqueza pela mineração com remoção de material do alto das montanhas. Dragos preferia que os topos das montanhas ficassem onde pudesse vê-los. O envelhecido conjunto de centrais elétricas movidas a carbono de Urien emitia, anualmente, mais de cem milhões de toneladas de dióxido de carbono. Dragos preferia respirar ar puro quando voava. Urien queria vê-lo morto. Dragos preferia ver Urien não apenas morto, mas totalmente destruído.

— É porque ele prefere viver em outra dimensão que não lhe importa o muito que polui esta. Safado anacrônico. — ele murmurou. Dragos disse a Kristoff. — Resuma.

Seu assistente disse:

— A *Transcontinental* estabeleceu uma associação chamada RYVN, a sigla... bem, não importa. RYVN solicitou uma subvenção do Departamento de Energia para limpar uma área antiga do Departamento de Energia no Meio-Oeste, que produzia combustível

nuclear e de defesa nos anos cinquenta. RYVN afirma querer explorar a construção de uma nova central elétrica nuclear, junto com novos contratos com o Departamento de Defesa.

Seus olhos brilharam lava quente. Ele silvou.

— Aplicativos de defesa.

Kristoff balançou a cabeça, olhos escuros brilhantes.

— Armamento.

Os documentos financeiros em suas mãos cheiravam a tinta de impressora e papel, mas Dragos percebia o sangue de uma morte iminente.

— Localiza nosso contato do DEE. — Dragos disse. — Certifique-se de que saiba por que rejeitar o pedido de concessão da RYVN. Depois de ter feito isso, eu quero que você destrua a associação RYVN. Quando tiver desaparecido, vá atrás dos sócios individuais e desmantele-os um por um. A cabeça do projeto.

— Certo, — Kristoff disse.

— Sem misericórdia, Kris. Quando tivermos acabado, ninguém se atreverá a associar-se com Urien em algo dessa natureza.

Kristoff perguntou:

— O orçamento do projeto?

— Ilimitado. — O Wyr-urso virou para ir embora, e ele acrescentou: — E Kris? Certifique-se de que eles saibam quem os fechou. Especialmente Urien.

— Vou fazê-lo. — Kristoff deu-lhe um sorriso.

Tantas diferenças de opinião entre ele e o Rei das Fadas. Tanto ódio, tão pouco tempo.

Nesse momento Rune apareceu na porta vestindo jeans, coturnos e uma camiseta *Grateful Dead*. O cabelo avermelhado do grifo se agitou pelo vento. Ele carregava duas bebidas em um suporte de papelão para copos, um saco de plástico e uma pasta de papel manilha sob o braço. Ele esvaziou o conteúdo do saco. Pacotes de Twizzlers caíram sobre a mesa.

Dragos rasgou um pacote. Rune empurrou os canudos nas bebidas, deu-lhe uma e manteve a outra.

— Eu tenho o vídeo. — Rune disse, apontando para a pasta sob o braço. — Você sabe o que estamos procurando?

— Faça cópias de qualquer pessoa que tenha comprado *Twizzlers* e *Slurpees Cherry Coke* e traga-as para mim. Apenas essas duas coisas, mais nada. Será uma mulher, embora ela possa estar disfarçada. — Dragos mordiscou uma goma vermelha com formato de corda. Olhou com desagrado a metade restante em sua mão e jogou-a na lata de lixo. Então, pegou a bebida e chupou o canudo com cautela.

Rune começou a rir da sua expressão.

— Eu disse que não iria gostar.

— Sim, disse. — Ele tomou o *Slurpee* de uma vez. — Aparentemente, você vai assistir às fitas para procurar alguém que não tem paladar.

— Isso não deve demorar muito. Agradeço aos Poderes pelo avanço rápido. — Rune disse. Ele roubou algumas das embalagens de *Twizzlers* e piscou para Dragos. — Já que não lhe agradam... — ele saiu.

Dragos voltou a trabalhar, mas sua concentração tinha se voltado para outros assuntos. Ele mantinha três grandes telas de TV na parede oposta, sintonizadas em diferentes canais de notícias. Seus outros três assistentes iam e vinham. As manchetes de um dos canais

chamaram sua atenção e ele aumentou o volume. A estimativa preliminar do custo de reparo dos danos materiais provocados por ele naquela tarde já estava na casa de dezenas de milhões.

A equipe de reportagem entrevistava os pedestres. Uma mulher disse, entre lágrimas:

— Esqueçam os danos materiais. Ouvi esse som hoje e eu estarei indo para terapia o resto da minha vida. Quero saber se Cuelebre vai pagar por isso!

Ele apertou o botão mudo. Aquela moeda estava resultando malditamente caro.

Fora das janelas do tamanho da parede, a tarde se convertia totalmente em noite. Então, Rune voltou rapidamente ao seu escritório, trazendo um papel em suas mãos.

— Consegui, a tenho. — o Primeiro exclamou. — Muitas pessoas compraram montes de porcaria, mas apenas uma mulher comprou apenas *Twizzlers* e um *Slurpee*. Quais são as probabilidades?

Dragos recostou-se na cadeira. Ele sentiu um escuro pulsar de antecipação quando Rune entregou-lhe o papel. Ele passou a vista em todas as fotos. Elas eram de uma cena fixa da caixa registradora da 7-Eleven e das portas vidro. Rune jogou seu grande corpo em uma cadeira e observou como, com um empurrão impaciente, Dragos esvaziava a grande escrivaninha e começava a dispor as fotos, uma a uma. Rune tinha imprimido várias sequências de oito por onze. Enquanto Dragos colocava as imagens granuladas em preto-e-branco, era quase possível imaginar a mulher das fotos em movimento. Ele não podia esperar para ver o filme e observar seu movimento real.

Lá estava ela, abrindo a porta. Moveu-se para a esquerda e desapareceu da câmera. Lá estava ela novamente, reaparecendo, segurando um pacote de *Twizzlers* e uma bebida *Slurpee* nas mãos

esguias. Ela pagou, deu ao caixa um sorriso. A última foto a mostrava empurrando a porta da frente.

Ele as repassou novamente, com mais cuidado.

O ângulo das tomadas tornava difícil assegurá-lo, mas ela parecia ter altura de normal à alta para uma humana. Tinha a elegância de um galgo com ossos longos e curvas delicadas. A câmera captou a inclinação e a depressão da clavícula. Seu cabelo, espesso, estava em um rabo de cavalo meio desfeito; era branco ou de outra cor clara. Ele estava apostando em um tom de loiro. Seu rosto triangular era muito jovem para que fosse grisalha.

A linha das sobrancelhas escuras de Dragos baixou sobre seu nariz reto e afilado. A mulher parecia cansada e preocupada, ou melhor, mais do que cansada... Ela parecia assombrada. O sorriso que ela deu o caixa foi cortês, inclusive amável, mas triste. Não era o que ele esperava, mas sabia, em seus velhos ossos perversos, que esta era a sua ladra.

Ele traçou com seu dedo a silhueta da imagem quando ela saía pela porta *7-Eleven*. Era a única foto dela caminhando. Ele não gostava dessa imagem. Dragos bateu a mão aberta sobre a foto e amassou-a em seu punho.

— Eu tenho você. — ele disse.

— Tenho apenas uma pergunta para você. — Rune disse. As longas pernas do Grifo estavam estendidas, seus olhos curiosos. — Como sabia onde me enviar e o que procurar?

Dragos olhou para cima com um lampejo de ciúmes.

— Não importa. Nós a encontramos e sua parte nisto terminou. Você pode voltar para as suas atribuições regulares.

Rune acenou para as fotos.

— O que acontece com ela?

— Eu vou cuidar dela. — Dragos mostrou os dentes. — Eu irei caçá-la, sozinho.

Dispensou Rune, subiu para o seu quarto na cobertura e abriu as portas francesas. O ar do final da primavera entrou no aposento. Ele ficou na porta olhando as luzes da cidade iluminada.

Onde está você, ladra? Eu sei que você está fugindo para algum lugar, ele disse para a noite. Levantou sua cabeça para a brisa, que carregava a complexa mistura dos aromas da cidade.

O Poder, mágico ou não, tinha seu próprio conjunto de costumes. Ele percebeu que havia caído em uma complacência entediante. Qualquer vida se adaptava ao que ele desejava ou se inclinava à sua vontade. Não pedia, ele tomava. Se em um assunto comercial sentia-se ameaçado, ele o fazia ser destruído. Sem piedade. Ele havia se estabelecido na preguiça da força bruta.

Dragos convocou seu poder e começou a sussurrar um feitiço à noite. Ele mantinha, com firmeza, a imagem da sua ladra na mente. Os fios mágicos flexionaram-se da mesma maneira que músculos sem uso o faria, começaram a agitar-se para fora na brisa. Era apenas questão de tempo até encontrarem seu objetivo.

Eu tenho você.

CAPÍTULO 03

Ela sonhou com uma escura e sussurrante voz. Dava voltas, lutando para ignorá-la. A exaustão era como um grilhão de concreto. Tudo o que queria fazer era dormir. Mas a voz continuava insinuando em sua cabeça e ela afundava, cada vez mais profundamente, em suas garras de veludo.

Abriu os olhos só para descobrir que estava de pé à beira de uma espaçosa varanda que pairava a uma grande altura sobre Nova Iorque.

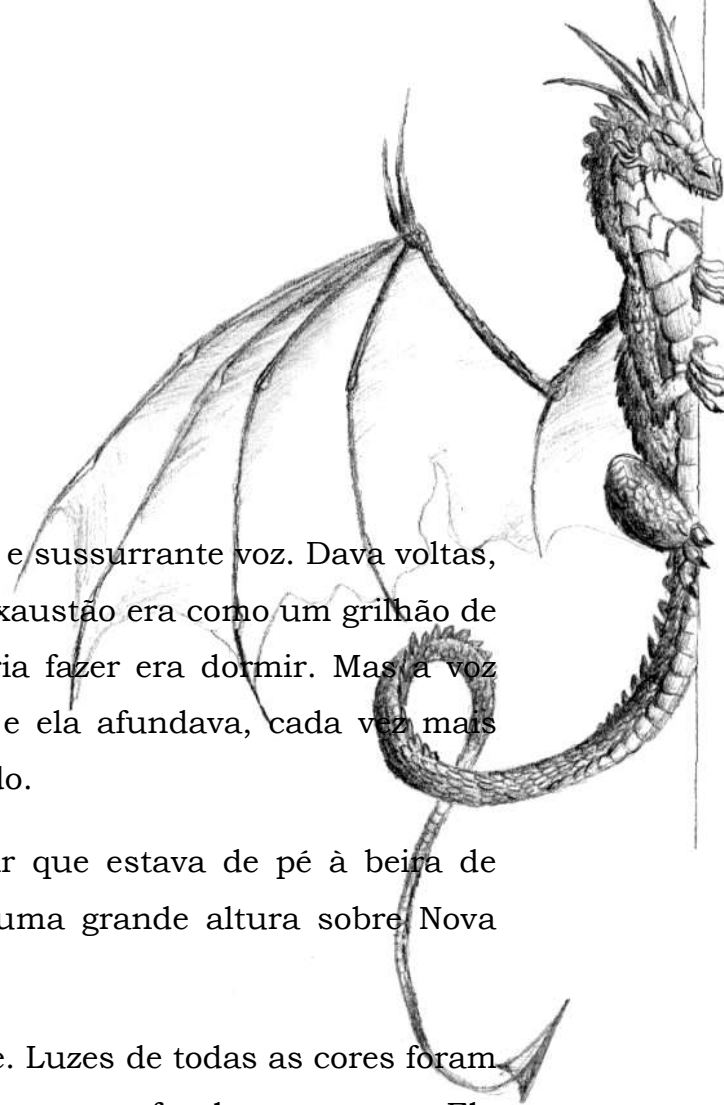
A cena noturna era deslumbrante. Luzes de todas as cores foram pintadas nos enormes arranha-céus contra um fundo preto-roxo. Ela olhou para baixo. Estava descalça e de pé sobre o azulejo, e não sobre o concreto.

Não havia parapeito.

Ela gritou e caiu sobre seu traseiro quando cambaleou para trás. Ela arrastou-se, se afastando, até colocar vários metros entre ela e o precipício. Então, notou suas longas pernas nuas que saíam de uma simples camisola branca. A lingerie enfatizava a constituição de seus esbeltos e atléticos músculos, tanto vigorosos quanto musculosos.

Lingerie? Ela tocou o acetinado material. Ela não tinha uma camisola. Será que não? Ela podia jurar que não tinha ido para a cama com ela. Por falar nisso, em qual lugar ela tinha ido novamente para a cama?

Um suave brilho perolado iluminou o azulejo ao seu redor. Sangue correu por seu copo em uma descarga de adrenalina.



Oh merda, ela estava brilhando.

Isso não era bom. Ela afastou o cabelo do rosto. O brilho a fazia se sentir mais nua do que realmente estivesse. Ela não havia perdido o controle do feitiço de amortecimento desde que era uma criança.

Procurou o feitiço que iria esconder a luminescência e faria sua pele parecer humana. Era perigoso para ela ficar tão exposta, mas parecia ter esquecido como fazer o feitiço.

— Aí está você. — disse uma voz profunda e tranquila. — Eu estava te esperando.

Essa voz. Uísque e seda, sem idade e masculina. Derramou sobre ela e deixou seu corpo em chamas. Ficou sem ar. Seus lábios se separaram em um grito silencioso de espanto.

Ela se virou para as elegantes portas francesas abertas forjadas de um preto ferro. Para longas cortinas brancas e diáfanas, que chegavam até o chão e que ondulavam com a brisa. Cortinas que tanto escondiam quanto revelavam.

— Você quer entrar agora? — Essa voz de incomparável beleza criou dentro dela um profundo desejo que a balançou. Ela se levantou.

Uma pequena parte de sua mente se rebelou. Hum... *Olá, lhe disse essa parte de sua mente. Sem desejos. Recorda o que aconteceu da última vez que você sucumbiu ao desejo. Você se apaixonou por um imbecil que te chantageou. Você perdeu tudo e teve que fugir. Recorda?*

A cena em volta dela vacilou e começou a desaparecer. O sussurro escuro aumentou, se tornando ainda mais forte, até que era tudo o que podia ouvir ou pensar. Ela pensou que o peito doía. Na verdade, realmente doía fisicamente. Ela apertou a mão entre os seios e olhou em volta, confusa.

A voz hipnótica ordenou:

— Você vai entrar agora.

De repente era a única coisa que Pia queria fazer. Ela foi para as cortinas e as recolheu em uma das mãos, enquanto olhava para dentro de um quarto com uma enorme sombra. Ela pegou uma impressão de uma lareira e mobiliários grandes e resistentes espalhados pela sala.

Um homem estava reclinado em lençóis claros sobre uma cama escura e enorme. Ele tinha um corpo maciço, músculos grossos e salientes sobre membros longos, a pele nua de seu torso contra a roupa clara. A queda de cabelo sobre a testa forte era ainda mais escura. Uma boca sensual curvou em um sorriso cínico. Apenas seus olhos brilhavam contra a escuridão com um ligeiro brilho calculista, mas encantador...

O desconforto deslizou por suas costas como pequenas patinhas de rato. Havia algo importante que tinha que lembrar sobre os olhos. Se ela apenas pudesse pensar sobre isso.

O poder borbulhante como champanhe encheu o quarto, até que sentiu como se estivesse nadando nele. Ela nunca antes havia estado na presença de tanta magia. Esta pressionava contra sua pele, era tanto emocionante como aterradora, era viciante. Transformava o fogo que a voz tinha acendido dentro dela em desejo líquido. Um som animal saiu dela.

O homem desenrolou um longo braço musculoso e estendeu a mão para ela. Sua resistência cedeu. Ela foi até ele em uma corrida. Mal havia chegado à cama, quando ele explodiu em ação. Ele agarrou seus braços, e a arrastou para ele jogando-a sobre o colchão, enquanto rolava para ficar em cima dela. Fixando-a com o seu pesado corpo, ele fechou as mãos em torno de seus pulsos e puxou-os sobre sua cabeça. A força de seus dedos atuando como cordas em sua pele, faziam com que a fina carne e os frágeis ossos, parecerem como se estivessem algemados.

Magia e desejo a sufocaram. Sua respiração ficou acelerada por causa da violência controlada e o domínio do corpo dele pressionando-a. Um calor sexual se acumulou na parte inferior do seu corpo, tornando a união entre as suas coxas escorregadia.

Um grunhido baixo começou na garganta dele. A cama tremeu com o som selvagem. Seu rosto duro, obscurecido, foi esculpido na mesma indomável montanha que havia formado seu corpo. Havia algo familiar em seu cabelo preto espetado.

— Olhe para mim. — ele disse, empurrando o rosto para baixo até que eles estivessem cara a cara. — Olhe para mim.

No brilho perolado do seu corpo, o olhar dele brilhava ouro, como os olhos de um falcão. Olhos de predador. Olhos de feiticeiro.

Algo gritou um aviso em uma parte distante de sua mente, mas já era tarde demais. Ela já tinha jogado a cabeça para trás e olhado diretamente em seus olhos. Como se estivesse presa por uma aranha em sua teia. Agora ele podia fazer com ela qualquer coisa que quisesse, tudo o que quisesse.

Ela descobriu que era impossível se importar com isso. Descobriu que queria ficar presa. Ela se esfregou contra o seu tenso corpo sexy. Sentia-se tão bem em ser coberta por ele, um prazer renegado que ia contra tudo o que havia sido ensinado a ela, ou pensava que entedia algo sobre si mesma.

— Oh, o que está errado? — ela reclamou. Ela arqueou o pescoço e tentou ajeitar com perfeição o ângulo de seus quadris. Essa área entre as coxas começava a pulsar com um profundo e insistente doloroso vazio. — O que você está esperando?

Ele ficou parado, como se tivesse sido surpreendido. Então algo mudou entre eles. Não sabia o que era, mas ela podia sentir quando aconteceu. O ar ficou ainda mais elétrico, um fio vivo pulando sem aterramento, criando uma força entre eles. Em seguida, se moveu com

lentidão deliberada se acomodando completamente sobre ela. O grunhido dele se aprofundou, o rugido vibrando nesse imenso e musculoso peito. Seus olhos eram selvagens, vorazes. Sua cabeça baixou sobre ela, com a força de uma ave de rapina caindo em queda livre.

Rígidos lábios entreabertos capturaram os dela. A sedução suave que havia em sua voz se foi. Ele empurrou em sua boca, penetrando-a com a sua quente língua, faminto, enquanto a bloqueava na cama com seus quadris. Ao longo do seu plano estômago, tinha algo duro e pesado. Com uma sensação de choque, ela percebeu que era uma ereção enorme.

Os lábios dele se moviam sobre os seus enquanto ela gemia.

— Isso é tão bom. — Ela trabalhou os músculos, tentando esfregar os quadris em seu pênis.

Ele respirou fundo e murmurou uma maldição. Transformou o corpo em uma enorme gaiola constituída de osso, músculos e fome, enquanto se inclinava em torno dela, prendendo-a com braços e pernas e o peso do corpo. Ela arqueou-se com toda a força, excitada por estar na gaiola, a qual lhe dava uma contraditória sensação de liberdade. Ela gemeu enquanto comiam a boca um do outro, frenéticos para consumir um ao outro. Suas mãos se moviam em seus pulsos, como um inquieto grilhão. Sua língua empurrou um ritmo agressivo enquanto ele penetrava a sua boca.

O ritmo antigo e primitivo só tornou mais quente a sua necessidade de brilhar. Ela precisava que ele a penetrasse de outra maneira. Ela se contorceu e moveu de modo que as grossas e musculosas coxas ficassem de cada lado dela, alinhadas perfeitamente com sua dolorida pélvis.

Ao mesmo tempo também fazia com que o cumprimento de sua ereção roçasse contra seu clitóris. Ele pressionou contra ela,

flexionando-se como um grande gato caçando, esfregando o rígido e quente comprimento de sua ereção, ao longo do cume gracioso de seu osso pélvico. O prazer atravessou-a arranhando com garras frenéticas. Ela gritou em sua boca e empurrou seus quadris contra o seu.

Vagamente sabia que algo estava errado. Ela estava agindo de um modo inadequado, até mesmo para um sonho sexual. Tinha que ser algo a ver com toda uma vida de solidão, com a elétrica sensualidade que exalava deste homem, com ele usando feitiçaria para aproximá-la dele, e com ela olhando em seus olhos e sendo aprisionada com sua sedutora e astuta paciência. Ela tentou se segurar a esses pensamentos, mas eles escorregaram como água fluindo através de seus dedos. O seu frenesi sexual mais o dele derramando sobre e através dela, afastou todos os pensamentos.

Ele arrastou a boca da dela, virou a cabeça para um lado e disse alguma coisa. As palavras eram em língua estrangeira, uma linguagem áspera e ardente com o Poder. Pareciam ser maldições. Suas mãos deslizaram longe de seus pulsos. Uma mergulhou na parte inferior das suas costas, para levantar os seus quadris mantendo-os ainda mais pressionados contra ele. A outra aproximou a palma do seu pequeno seio, enquanto inclinava seu duro corpo contra ela. Seus lábios saqueadores desceram por seu rosto indo para sua garganta.

Ele a mordeu, um gesto selvagem e arcaico que enviou um terremoto através de seu corpo. Ela gritou e passou as unhas ao longo da imensa musculatura de suas costas, enquanto envolvia as pernas apertadas em torno de quadris que balançava contra ela. Ele a puxou, aproximando-a ainda mais.

Eles estavam quase lá, faltava pouco. Ele rolou com ela até que ela estava deitada em cima dele. Ela se ajustou à nova posição com uma manobra impaciente, baixou sua boca buscando a dele. Mãos duras afundaram em seu cabelo mantendo a sua cabeça presa a um cabeludo peito. Ela precisava dele para empurrar dentro dela, como

nunca havia precisado de qualquer coisa antes. Ela mergulhou uma mão entre eles para segurar a grande e aveludada cabeça de seu pênis. Estava úmida na ponta.

Então, com seus pulmões trabalhando duro, puxou a cabeça para trás até que os seus lábios estavam tocando-se novamente. Ainda empurrando seus quadris contra sua pélvis nesse lento ritmo, duro e sensual, esfregando o grosso pau contra a palma de sua mão, ele sussurrou em sua boca:

— Diga-me o seu nome.

Ok, espera aí. Ela tinha que se lembrar de algo sobre isso. Ela se esforçou para pensar além da urgente necessidade que sentia por ele.

— Diga-me. — ele sussurrou. A palavra arrastando em torno dela, capturando-a com mais força.

Espera um minuto. Sua respiração acelerou. Os nomes têm poder. Poder igual ao que sua voz possui.

Buscou uma boa mentira em sua mente atordoada pelo desejo, mas ouviu-se dizer:

— P-Pia Giovanni.

Ela ofegou ao sentir uma verdadeira dor e esfregou-se ao longo do comprimento do seu corpo, tentando reencontrar o ritmo que tinham começado. Ela precisava chegar lá tão desesperadamente que poderia ter gritado.

— Pia. — Ele não fez muito mais que dizer o nome como se respirasse ele. Sua quente respiração se enrolou em torno dela, como tentáculos de fumaça de um incêndio infernal. — Lindo nome.

Deus, sentia-se incrível, enquanto ele a acariciava por todas as partes com nada mais que o poder de sua voz. Ele lambeu sua pele

quente e murmurou novamente, com essa voz que parecia acariciá-la, essa voz escura e sedutora.

— Mas esse é o seu nome humano, não é mesmo querida? Você é algum tipo de Wyr. Eu preciso saber o seu nome verdadeiro.

Então, como se não pudesse evitar, ele segurou sua bunda e empurrou contra os seus quadris tão forte, que por um segundo deixou a cama.

Mas ela apenas esperava.

Dizer a ele o seu verdadeiro nome lhe daria poder sobre ela.

— Que todos os deuses tenham misericórdia, me diga. — soltou um gemido de agonia que vinha do fundo do seu coração, enquanto continuava bombeando em seus inchados e úmidos lábios vaginais.

O fantasma da voz de sua mãe tocou seus pensamentos loucos de desejo, dando um pouco de lucidez.

Nunca diga seu nome verdadeiro para ninguém, meu amor, ela disse a Pia. Uma e outra vez sua mãe tinha repetido essa lição. Ela falava com poder em sua voz, da forma que a lição se fixou na mente de Pia, porque quando criança, às vezes, ela havia sido um pouco teimosa. Se você disser para alguém o seu nome real, você dará a essa pessoa o Poder eterno sobre você. É o seu mais precioso tesouro. Mantenha-o seguro como se protegesse a sua própria vida, pois seu nome é a chave para a sua alma.

O feitiço do sonho foi quebrado.

— Não. — ela sussurrou.

Ela estava negando a ele ou a sua mãe? Tentou fazer com que ele permanecesse com ela, segurando firme com suas pernas ao redor de seu torso e agarrando ao negro cabelo espetado com ávidos dedos.

Ele rugiu. Parecia que ele estava com tanta dor quanto ela. Ele envolveu os duros braços apertados ao redor dela, mas já estava tornando-se insubstancial. A seda crua de seu cabelo escapando através de seu aperto.

Ela estendeu as mãos, tentando alcançá-lo. Por um momento, sentiu os seus curiosos dedos tocar os dela. E então ele se foi.

Ela despertou rapidamente e saltou da cama em pé com um grito silencioso. Seu coração batia como se tivesse corrido uma maratona. Sua roupa suja estava encharcada de suor e a colcha de cama do hotel emaranhada debaixo dela. O ar condicionado agitado, soprando um ar vicioso, espalhando por toda a sala. A remanescente magia propagando no ar como um azedo champagne.

Seu corpo faminto chorou. Com um gemido, ela mergulhou a mão entre as pernas e apertou. Só conseguiu fazer com que doesse ainda mais.

Ela nunca tinha se sentido tão miserável, pela luxúria não consumada. Enrolou-se como uma bola infeliz, faminta por esse amante do sonho, e ao mesmo tempo com medo dele. Algo dentro dela começou a sussurrar seu nome. Então, o pânico interrompeu. Ela não podia pensar nisso, não podia deixar que o que aconteceu tornar-se realidade, porque isso seria além de desastroso.

Então se espantou quando percebeu que ainda estava brilhando. O glamour de baixo nível, que escondia o brilho perolado de sua pele, se alimentava de sua própria força vital. Supunha-se que permanecesse ativo todo momento, até mesmo enquanto dormia. Sua mãe a havia ajudado a colocar o feitiço. Ela não tinha perdido o controle sobre ele em anos.

Ela renovou o feitiço, apagando sua luminosidade, para voltar a ser humana novamente.

Ela estava tão ferrada.

Fazendo uma careta, se enrolou em uma apertada bola.



Dragos explodiu fora da cama, com o rosto contorcido e uma mão segurando uma dolorosa ereção. Suas bolas doíam tanto que tropeçou para frente, para segurar nas bordas de uma cômoda de mogno que havia nas proximidades. Ele se inclinou sobre ela, tremendo.

Mas que diabos?

O encantamento que enviou, deveria seduzir a sua ladra com a sua mais profunda fantasia, seu desejo mais sincero. Ele esperava tudo menos isso, um sonho de riqueza ou poder, fama ou êxito, mas sexo? A última oportunista havia rido de si mesma e tinha sido rápida em se satisfazer, enquanto ele a mantinha profundamente presa em uma armadilha de sonho.

Então, ela entrou em seu quarto e seu mundo parou.

Era mais bonita do que ele poderia imaginar, seu corpo brilhando com seu próprio luar interno. Sua mente hesitou. O que era ela? Seu conhecimento das Raças Elder estava perto de ser uma enciclopédia, havia compilado esse conhecimento durante longos séculos. Tentou recordar, em busca de alguma memória deste tipo de criatura, e bateu de frente com uma parede em branco. Tudo o que lhe veio à mente, foi essa tentadora lembrança de uma época distante na qual havia captado o toque de um perfume na brisa que o havia deixado louco.

Agora ele lembrava. Séculos atrás, ele havia entrado em uma floresta no Norte de Umbria e perseguiu um evasivo aroma selvagem, muito parecido ao da sua ladra, um aroma que o capturava e o

mantinha preso em surtos irregulares, estava certo de que ouviu o farfalhar da folhagem quando uma misteriosa criatura saltou para longe dele. A floresta nessa época, estava cheia com o Poder Verde das coisas que cresciam, recordando quando ele e o mundo eram muito mais jovens.

No sonho, ele concentrou tudo o que tinha nesta mulher, ansioso para compreender e categorizar o que estava acontecendo, para encontrar o seu lugar adequado na sua vasta memória. No entanto, ele deu de cara com fracasso absoluto. A magia que era uma parte inerente dela era delicada e suave, com camadas de complexidade e beleza feminina. Parecia selvagem e misteriosa, leve como o seu luminoso brilho de luar. Todo o seu corpo tinha enrijecido com choque de vê-la caminhando em direção a ele, com o elegante balanço de seus estreitos quadris, com os lábios entreabertos e seu generoso olhar radiante com desejo sensual.

Desejo por ele, a Grande Besta. Serpente. Wyrn.

Ele não se reconheceu, até então, ou ao vulcão que entrou em erupção dentro dele. O animal saltou para o ataque e a pegou com uma força violenta e voraz.

E ela havia gostado.

A cega luxúria tomou o controle, dominando-o de uma forma que nunca tinha experimentado antes. Ele foi preso pela luxúria e por ela, o corpo e a velha alma perversa. O sedutor foi seduzido. A sensual ondulação dessa elegante forma feminina sob ele pareceu uma espécie de epifania. Comer em sua carnuda e ansiosa boca o tornou voraz. Tudo o que podia pensar era em mergulhar seu pênis dentro dela em um ataque de êxtase.

Ele conseguiu agarrar-se à razão pela qual tinha lançado o feitiço, enquanto aceitava em um canto de sua mente, que por mais intenso e prazeroso que esse sonho parecesse, foi projetado para

alimentar a fome, não amenizá-la. Funcionava, utilizando as fraquezas e os desejos de suas presas contra elas mesmas, de modo que pudesse colocá-las sob seu controle. Nenhum dos dois obteria a satisfação nos sonhos, apenas ganhariam um maior apetite.

Mas, quando ele concentrou o feitiço e a pressionou para a rendição final, ela negou.

Sua ladra lhe disse não.

Ele rosnou e despedaçou a cômoda de mogno. Agarrou a cama e jogou-a através do quarto, logo virou e bateu na parede com os punhos. Ele deve ter alcançado uma viga, porque algo dentro da parede fez barulho e cedeu.

A porta do quarto abriu de repente. Ele virou, quase mais rápido do que a porta abrindo, mostrando os dentes. Rune e Aryal entraram como gêmeos tornados, meio vestidos e com as armas prontas. Seu segundo no comando estava armado com uma espada, enquanto Aryal carregava uma semi-automática. Rune foi para a esquerda e a harpia de um metro e oitenta e três foi para direita, antes de ambos perceberem que não estavam sob ataque. Eles desaceleraram até parar.

Dando crédito aos seus sentinelas, eles não correram ante a nova figura do seu senhor enfurecido. Na verdade, Dragos teve que admitir que foi um ato corajoso da parte deles entrarem em seu quarto, em primeiro lugar. Esse pensamento foi o segmento que o ajudou a obter controle suficiente para não arrancar as cabeças deles dos ombros.

— Um pesadelo? — Rune disse, com o olhar afiado e firme enquanto se levantava porque tinha agachado em uma posição de luta e deixava a ponta da espada bater no chão.

— Eu tenho o nome humano dela. — disse ele. Todos eles sabiam a quem ele se referia. — Pia Giovanni. Descubram o que puder sobre ela, rapidamente, e me traga a bruxa. Eu preciso de um feitiço de rastreamento.

As elegantes sobrelanceiras de Aryal, a harpia, arquearam enquanto olhava por todo o quarto em ruínas e para o céu perto do amanhecer. Por um momento, a vida sacudiu pelo pequeno acontecimento. Se ele tivesse dito uma única palavra nesse momento, teria morrido em chamas.

— Malditos sejam, mexam-se!

O chão do apartamento estremeceu com o seu rugido. Eles correram para a porta. E isso fez deles inteligentes e corajosos.

Os remanescentes vestígios do encantamento o incomodou. Ele arrancou o resto da roupa e saiu para andar pela varanda. A cobertura era uma prisão. Mesmo grande e estendendo-se pelo panorama da barulhenta cidade, parecia uma jaula. Ele queria saltar no ar. Sentiu o desejo de massacrar algo, mas estava preso e incapaz de voar até que a bruxa chegasse.

O dragão se deteve na borda do parapeito, com os punhos cerrados, e os olhos apertados, observava a oitenta andares abaixo, aos pequenos humanos movendo-se rapidamente pela rua.

Pouco tempo depois, Rune disse telepaticamente:

Meu senhor, a bruxa está aqui.

No meu escritório, ele disse. Moveu-se ao longo da varanda da cobertura até que estava um andar acima do seu escritório. Então, ele saltou para a saliência abaixo.

Rune e a bruxa já haviam entrado na habitação. O sentinela não foi afetado por sua súbita aparição, mas a bruxa olhou fixamente quando ele se endireitou em toda sua estatura. Uma mulher humana alta, hispânica, com uma beleza imperiosa, ela foi rápida em baixar o olhar quando ele abriu a porta francesa e caminhou para dentro.

As Empresas Cuelebre tinham há alguns anos um contrato com a melhor bruxa da cidade. Dragos nunca se preocupou em saber o seu

nome, mas ele a reconheceu. Ela tinha medo dele, o que ele ignorou. Todos os seres humanos tinham medo dele. Eles devem ter.

Ele rosnou:

— Eu preciso colocar um feitiço de rastreamento em uma mulher.

A bruxa assentiu com a cabeça. E disse:

— Certamente, meu senhor. Claro, sem dúvida, você já sabe que quanto mais informações eu tiver sobre o alvo, melhor seria para criar um feitiço de rastreamento para ela.

— Seu nome é Pia Giovanni. — Dragos disse. Ele entregou-lhe a pilha de fotos das imagens de segurança da 7-Eleven. — Assim é como ela se parece.

A bruxa ficou imóvel, os olhos na foto acima. Sua expressão era um perfeito espaço em branco, mas algo, uma mínima mudança em sua postura ou respiração, despertou o predador nele. Uma suave mudança de seu corpo fluido, o aproximou ainda mais dela. Podia sentir o calor do seu corpo e o pulsar em seu pescoço e em seus pulsos, batia mais rápido devido à sua proximidade. Ele examinou com a sua capacidade para detectar mentiras e perguntou:

— Você conhece esta mulher?

O olhar escuro da bruxa levantou até o seu. Ela disse:

— Eu a vi no Distrito Mágico. Não sabia o nome dela.

Seu rosto permaneceu perfeitamente em branco, não revelando nada. Não era, ele pensou, a calma despreocupada da inocência, mas uma perfeita disciplina. Ainda assim, ela dizia a verdade. O predador nele recuou. Acenou para as fotos.

— O nome e uma foto é o suficiente para você?

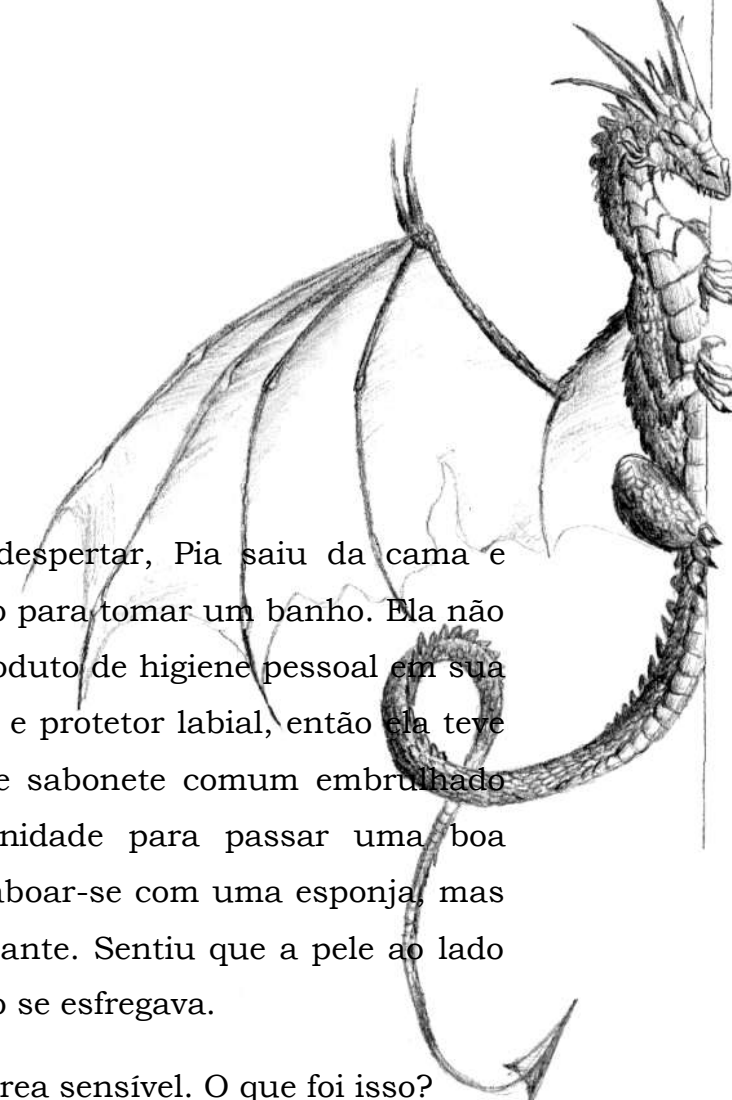
A bruxa disse:

— Eu poderia lançar um feitiço com essas coisas. No entanto, seria mais duradouro, se tivesse algo dela para utilizar como âncora. Um bom feitiço de rastreamento é mais complicado que um de simples busca. É preciso mudar e mover-se quando o objeto altera a direção.

Sem surpresa, ele enfiou a mão no bolso da camisa e tirou um saco plástico que continha um amassado recibo.

— Por coincidência, eu tenho algo que podemos usar.

CAPÍTULO 04



Abalada por um brusco despertar, Pia saiu da cama e cambaleou até o banheiro para tomar um banho. Ela não tinha levado qualquer produto de higiene pessoal em sua mochila, além do seu creme para mãos e protetor labial, então ela teve que se contentar com uma amostra de sabonete comum embrulhado em papel do hotel. Levou uma eternidade para passar uma boa quantidade por seu longo cabelo e ensaboar-se com uma esponja, mas pelo menos a água era quente e abundante. Sentiu que a pele ao lado de seu pescoço estava sensível enquanto se esfregava.

Ela fez uma pausa e esfregou a área sensível. O que foi isso?

Após um rápido enxague final, envolveu seus emaranhados cabelos em uma toalha, pegou outra toalha para se secar, e depois passou um pano pelo espelho embaçado do lavabo para olhar o seu pescoço.

Mordida. Era uma marca de mordida. Ela tocou a área na união do pescoço e do ombro. A pele não estava rompida, mas havia uma impressão de dentes, e um hematoma devido a uma chupada já estava se formando.

Ela sussurrou:

— O filho da puta me deu um chupão? Em um sonho?

Arrepios atravessaram a sua pele. Ela esfregou os braços e evitou olhar para o rosto branco, com escuros círculos ao redor dos olhos.

De alguma forma, esse horrível sonho havia sido real. A magia dele havia a encontrado. Ele sabia como era sua aparência. Ela disse o seu nome para ele.

Tenho que ir embora agora.

Felizmente ela tinha outros três nomes, com fotos de documentos de identificação para comprovar, por isso ela tinha que excluir o único com o qual havia vivido toda a sua vida. Pia Alessandra Giovanni tinha que desaparecer. Ela sentiu outra pontada, outra perda. Sua mãe havia lhe dado esse nome, por apego que vinha de uma longa data, que mantinha pela época que passou na Florença medieval. Quanto mais Pia tinha que perder? Aparentemente tudo.

Era demais para sua mente cansada. Passou uma escova pelo cabelo, miserável pelo estado emaranhado que estava por não ter usado condicionador, e depois se vestiu com as suas roupas sujas.

Quando ela ligou o Honda, o relógio do painel mostrava que eram 06h30. Ela tinha dormido menos de duas horas.

Ela foi para outro drive-in e comprou suco, mais café e fatias de maçã, embora só conseguisse engolir algumas mordidas. Dirigiu para o sul enquanto o céu se transformava em tons pastéis e se iluminava em pleno dia. A temperatura se tornou mais quente até o ponto de baixar as janelas e abrir o teto solar do Honda.

Se ela estivesse fazendo a viagem por qualquer outro motivo, estaria desfrutando. O céu estava claro, sem nuvens. O cenário na Carolina do Sul era diferente do que ela estava acostumada. A paisagem floral estava um par de semanas mais adiantada que em Nova York, e a terra parecia estranha aos seus sentidos. Ela começou a passar as propriedades vivas com abundante vegetação de camélias, rosas, azaleias, magnólias e cobertas com flores cor de rosa. O prateado musgo espanhol se enrolava ao longo dos ramos dos carvalhos, como estolas de moda que adornam bonitas mulheres. Charleston e seus

arredores tinham uma graça e beleza que era muito diferente do agitado ambiente urbano que acabava de abandonar.

Ela tinha dado um sorriso irônico quando Quentin tinha entregado as instruções de direção para uma casa de praia em um lugar chamado Folly Beach. Loucura. Ha. Estava cerca de 20 minutos ao sul de Charleston. A maioria das casas, ele disse a ela, eram locações de férias. Ele possuía a sua há mais de 30 anos e a mantinha mobiliada e equipada com roupa de cama e utensílios de cozinha.

Quando estava perto de seu destino, ela parou em um supermercado para comprar roupas e básicos artigos de higiene pessoal, aspirina, um celular pré-pago e alimentos. Quando chegou à fila do caixa passando pelo corredor de bebidas, cedeu e comprou também uma garrafa de uísque. Uma garota tem que ter prioridades. Se ela não merecia uma bebida, após a semana infernal que acabava de sofrer, não sabia quem merecia.

Ela jogou suas compras no porta-malas do Honda. Pouco tempo depois, dirigia a um ritmo lento por uma pequena estrada costeira em Folly Beach. Ela olhou para os vislumbres do Oceano Atlântico que podia ver entre as casas. O cheiro do mar soprava dentro do carro.

A luz do sol era diferente aqui, mais clara e mais leve, teve a sensação de um lugar próximo encharcado de magia. Havia uma passagem dimensional em algum lugar perto de outras terras. Ela não se surpreendeu, já que a sede do Corte Elfica se encontrava dentro ou perto de Charleston.

A casa de Quentin estava localizada no final do caminho, ao lado da praia. Era maior do que muitas das casas pela qual havia passado, com o seu próprio caminho de entrada e garagem. Depois de estacionar, carregou seus pacotes e entrou na casa, que dentro possuía uma sensação de vazio, mas que graças a um serviço de limpeza mensal, pelo menos estava fresca e limpa.

Havia três quartos para escolher. Ela guardou a comida e então pegou o maior quarto com banheiro. Colocou os produtos de higiene em cima do lavabo e empilhou suas novas roupas dentro de uma cômoda. Ela encontrou toalhas e roupas de cama e fez a cama, movendo-se lentamente e metodicamente. Assim que a cama estava feita, ela tirou a calça, ficou debaixo das cobertas e se enrolou enquanto abraçava um travesseiro.

Logo começaria a pensar sobre seus próximos passos e tentaria fazer um plano. Mesmo se Cuelebre não pudesse chegar a esta profundidade no domínio Elven, ele tinha mais dinheiro do que Deus e provavelmente também mais funcionários. Ela não se atreveria a ficar durante muito tempo.

Fecharia os olhos por apenas um momento.

Ela acordou com um sobressalto várias horas mais tarde. Durante vários nebulosos minutos não conseguiu recordar onde estava e nem por que. Então as lembranças vieram à tona, e ela afundou de volta contra os travesseiros.

Muito bem. A vida era um nojo. Mas pelo menos ela não teve outro estranho sonho sexual onde conseguiria uma mordida.

O quarto parecia pegajoso e superaquecido. Embora as cortinas estivessem fechadas, parecia que a difusa luz do sol estava em um ângulo muito menor do que quando ela tinha dormido pela primeira vez. Ela se empurrou para fora da cama e vestiu algumas de suas roupas novas, com uma calça capri de cintura baixa, sandálias e um top vermelho com alças finas. Seus seios eram altos, bem pequenos e firmes, por isso não se incomodou em pôr um sutiã.

Ela olhou para fora. Já estava anoitecendo, talvez fosse por volta de cinco horas. Foi para o banheiro para jogar água fria no rosto. Depois de arrastar uma escova novamente pelos insistentes cabelos, puxou-os para trás em outro rabo de cavalo. Em seguida, foi para a

área da cozinha, que estavam separadas por balcão e banquetas de bar. A sala de jantar tinha portas de vidro deslizantes que se abriram para uma grande varanda, com algumas peças simples de mobiliário de jardim. As escadas levavam para a praia.

Ela desceu as escadas. Ficou de pé na areia aquecida pelo sol e respirou fundo por alguns minutos, enquanto olhava para um horizonte ilimitado e ouvia a sussurrante dança de um calmo oceano que batia na costa. Ela tirou as sandálias em um chute, e caminhou perto da costa, deixando que a espuma do mar alcançasse seus dedos. Estava muito fria. A tensão que havia se instalado entre as omoplatas diminuiu. Viu uma gaivota que pairava sobre a água e se permitiu desfrutar desse momento. E então caminhou ao longo da borda da água.

Com o início da noite, havia poucas pessoas na praia. Uma mulher com dois filhos vagavam ao longo da borda da água do mar a uns 50 metros de distância, pegando conchas e pedras, até que alguém gritou de uma casa e eles entraram.

Ela suspirou e tentou pensar na pista de obstáculos em sua cabeça. Saltou de uma ideia a outra, como uma máquina de jogos de Pinball. Pelo menos o sono havia ajudado a clarear a mente.

Ela se perguntou se Keith ainda estava vivo. Ficou surpresa ao descobrir que sentia tristeza com o pensamento. Perguntou-se pelo Poder das Sombras que obteve de um artefato forte o suficiente para conseguir penetrar nas últimas proteções de afastamento de Cuelebre. Evitou. Não pense sobre isso.

Então ela pensou no feroz protecionismo de Quentin, sua teimosa insistência em ajudá-la, e o abraço quebra ossos que ele tinha dado. Seus olhos lacrimejaram. Muito bem. Não pense sobre isso. Keith se foi. Quentin se foi. Sua vida se foi.

Ela fez uma careta e esfregou os olhos. Então, o que ela sabia? Cuelebre sabia o seu nome. Já tinha resolvido esse problema. Ele sabia

a sua aparência. Inclusive podia saber como cheirava, por isso ela poderia mudar a sua aparência, talvez tingir seu cabelo e cortá-lo curto, entretanto, teria que ser muito mais inteligente para esconder o rastro do seu cheiro.

Eu não posso ficar aqui, e tenho que me livrar do Honda. Preciso obter novas rodas e fazer uma mudança parcial, que dificulte o rastro, talvez uma rápida troca de carros um par de vezes. Poderia atrasá-lo. Eu tenho que me mover de forma aleatória e me desligar completamente de Quentin e de meu passado. E tenho que encontrar uma maneira de bloquear esse filho da puta dos meus sonhos.

Para fazer isso, precisaria de mais conhecimentos mágicos do que poderia reunir. Sua mãe poderia ter se mantido oculta, tanto no sentido psíquico como no físico, no entanto, seu sangue não corria tão forte em Pia. Mesmo tendo um sentido muito aguçado para a magia, ela não podia fazer metade das coisas que sua mãe poderia ter feito nessa situação.

O último presente que Quentin tinha lhe dado na noite anterior, foi o número 800, que ele a tinha feito memorizar. Conheço as pessoas em Charleston, ele disse. Se você precisar de ajuda, ligue para eles.

Teria coragem? Quem eram essas pessoas? Ela virou para o norte e começou a caminhar de volta para a casa de praia. E ousaria ficar aqui mais uma noite?

Ela olhou para o céu e parou. À distância, sobre a água, um pedaço do céu ondulou. Parecia com o brilho aquoso das ondas de calor que se formavam na estrada de asfalto em um dia quente de verão. Mas a noite de maio estava esfriando, o céu começava a escurecer no Leste, e não havia asfalto em nenhum lugar próximo dessa ondulação.

Ela protegeu os olhos. O que era? Era grande e parecia estar crescendo rapidamente. Observou o trecho crescer, seu estômago se

apertou. Ela nunca tinha visto nada parecido a isso, até esse momento, mas sabia que era ruim.

Espera um minuto. Aquela brilhante mancha de ar não estava crescendo. Estava se aproximando.

Oh merda.

O pensamento de Pia fragmentou e seu puro instinto assumiu. Ela virou e correu. Podia não ter herdado muitas das habilidades de sua mãe, mas se havia uma coisa que ela poderia fazer com uma extravagância de talento, era correr. Seus pés descalços cavaram na areia e ela quase voou ao longo da praia.

No entanto, quase voando, não é o mesmo que realmente voar. Mesmo quando empurrou com toda a velocidade que ela possuía, sabia que não ia ser capaz de correr mais rápido do que aquilo que se aproximava dela.

Uma sombra a envolveu pelas costas. Ela pegou apenas um vislumbre na areia diante dela, de uma enorme forma alada, com um pescoço de serpente, e uma longa cabeça com uma perversa feição. Então, a sombra entrou em colapso e uma fração de segundo depois, uma montanha caiu em suas costas.

Ela caiu na areia com tanta força que ficou sem fôlego. A montanha se transformou no corpo rígido e pesado de um macho. Musculosos braços baixaram em ambos os lados dela. Mãos enormes agarraram seus finos pulsos, enquanto uma longa coxa atravessou o dorso de suas pernas.

Ela ofegou, lutando para conseguir expandir suas machucadas costelas para que seus pulmões pudessem funcionar normalmente, com as palmas das mãos e joelhos feridos pelo impacto. Ela olhou para as mãos que a mantinha presa. Igualmente aos braços, eram poderosas, de uma cor escura de bronze que parecia contrastar totalmente com a sua pele pálida.

Sua mente lamentou. Ela estava tão morta.

O macho colocou o nariz em seu cabelo e respirou fundo. Um tremor convulsivo sacudiu seu corpo em resposta. Ele a estava cheirando. Ela sentiu seu nariz na nuca. Ele esfregou o rosto em seu cabelo. Um gemido nasceu e morreu no fundo da sua garganta.

— Boa caça. — ele rosnou, sua voz parecia a envolver com um escuro trovão.

Ela tossiu e areia soprou na frente dela.

— Não o suficiente.

O peso foi tirado de suas costas, e ele a virou com uma rapidez entorpecente. Ela bateu na areia de costas, com os braços estendidos, enquanto ele a segurava pelos pulsos novamente.

Ele mostrou os dentes em um sorriso afiado.

— Sempre poderíamos fazer novamente.

Ela pensou nele deixando-a ir e saltando para atacar outra vez, brincando com ela como um grande gato, e então estremeceu.

— Você não deveria estar aqui. — ela sussurrou. Seus olhos se tornaram nebulosos pela força do impacto que a derrubou. Ela tentou se concentrar no escuro e feroz rosto inclinando-se sobre ela. Em seguida, sua visão clareou.

Cuelebre era impressionante. Fervia com Energia e Poder, que irradiava como um sol escuro. Ele tinha uma bela brutalidade, as características faciais cortadas em grossas linhas e ângulos, como se um artista tivesse o esculpido em granito. Sua pele era de um marrom escuro com uma tonalidade bronze, e esses brilhantes olhos de dragão eram como ouro quente. Em sua forma humana media quase 2,13 metros de altura, 103 quilos de um dominante macho Wyr, distribuídos

como uma avalanche em seu corpo. Em comparação, ela se sentia delicada e muito frágil.

Seu cabelo era completamente negro. Assim como no sonho. E tinha escorregado por entre os dedos como seda.

O impacto do seu ataque nem tinha começado a passar, mas através dele ela percebeu uma coisa surpreendente. Ele havia jogado sua coxa sobre a dela novamente. Olhava para seu pescoço. A compreensão acelerou seu pulso. Ele estava olhando para a mordida que tinha lhe dado. Um rígido comprimento estava crescendo contra o seu quadril.

— Então, é essa a sua escamosa cauda de réptil, ou só está feliz em me ver?

Não, ela não acabava de dizer isso.

Ela disse? Encolheu de vergonha, fechou os olhos com força e esperou seus pedaços serem espalhados ao longo da praia.

Nada aconteceu, bom ou ruim. Ainda. Talvez se ela permanecesse de olhos fechados, ele não faria.

Ela sussurrou através de lábios trêmulos:

— Não quis dizer isso. Hum, não preste atenção na louca que habita este corpo.

Como tudo permaneceu em silêncio, ela abriu um olho cauteloso. Ele a estudava, um olhar de lava atento com interesse.

— Você está possuída? — perguntou.

Ela teve de limpar a garganta duas vezes antes que pudesse responder.

— Você poderia pensar que sim, não é? Com todos os movimentos idiotas que eu fiz ao longo dos últimos dois meses. Eu

estive me comportando de forma muito estranha com todo o stress. Esta estranha parece ter tomado o controle de minha boca. Não parece ter vindo com um freio instalado. Sem ofensa. — Os cantos de seus lábios levantaram em um trêmulo sorriso. — Eu aposto que você quer o seu centavo de volta, hein?

Ele mudou de posição, com a graça sinuosa, soltando suas mãos para se ajoelhar sobre ela. Seu olhar predador se estreitou ainda mais.

— O que você acha?

Suas mãos se agitaram e, incapaz de ajudar a si mesma, ajeitou o colarinho da camisa dele com dedos trêmulos. Seus dedos pareciam delicados galhos brancos contra a espessa coluna de seu pescoço.

Dragos cravou um olhar fixo em suas mãos. Ela as deixou cair juntas sobre o peito.

— Eu acho, — ela disse, em voz baixa. — que você faria qualquer coisa para ter o que te pertence. Não importa o que foi levado, não importa o valor, não importa onde você teria que ir para encontrá-lo.

— Ninguém tira o que é meu. — Seu rugido ecoou pelo chão. Ele mostrou os dentes e se inclinou até estar cara a cara com ela. — Ninguém.

Santa mãe, era terrível e magnífico. Ele desapareceu em um borrão enquanto seus olhos se nublavam outra vez. Ela assentiu com a cabeça e sussurrou:

— Eu sei. Não... Não acho que isso importe muito, e não espero que mude alguma coisa, mas eu sinto muito.

Dragos inclinou a cabeça, focando sua atenção.

— Era isso o que dizia em sua nota.

Vozes se aproximavam. Ela esticou o pescoço e viu um casal andando de mãos dadas em direção a eles. Dragos colocou a mão sobre

sua boca para mantê-la em silêncio. Uma vez que ambos viram o casal passar alheios, a não mais que cinco metros deles, ela percebeu que ele tinha que estar protegendo-os de olhos curiosos. A única coisa que podia fazer. Caso contrário, alguém poderia chamar a polícia se vissem um homem agredindo uma mulher na praia. Então, poderia acontecer um massacre totalmente evitável.

Depois que o casal se afastou, Dragos mudou seu peso em uma mão e passou o dedo por sua bochecha, seguindo pela mandíbula para o lado de seu pescoço. Observou o caminho que tomava o dedo, enquanto traçava a delicada curva desde sua clavícula até a borda da camisa.

Seu dedo estava quente e abrasivo contra a suavidade de sua pele. Ela estremeceu mais forte e abafou um gemido. Uau, não tinha ideia de que sua sexualidade estivesse tão perturbada. Aqui estava o predador de todos os predadores emanando ameaça, enquanto se inclinava sobre ela. Ele era o único dragão existente conhecido. Era como se ele fosse um monumento natural ou algo assim.

Oh meu Deus, não só era mais velho que o Grand Canyon, era também como o Papa, o Rei das Fadas e o Presidente os Estados Unidos, todos reunidos em um. Para algumas culturas antigas, ele tinha sido um deus.

Ele ia deixá-la totalmente machucada, antes de matá-la, e tudo em que podia pensar, era o quão quente o beijo tinha sido no sonho, e quão delicado era o toque de seus dedos enquanto acariciavam o seu corpo. Sua mente protestou. Ela olhou para sua mão. Sua respiração se tornou áspera e seu coração disparou.

Dragos pegou uma mecha de seu cabelo entre os dedos. Então, ergueu-a para a luz do sol do entardecer. Virou em todas as direções e ficou olhando para os fios. Ele não fez absolutamente nada para mantê-la imobilizada no lugar. A possibilidade de ela escapar dele era tão inconcebível. Tamanha era a força do seu olhar, que todo o seu corpo

tremia. Uma onda de calor sensual incendiou qualquer pensamento coerente que poderia ter restado. Seu sexo umedeceu em uma onda de puro líquido.

Ela não poderia ter ficado mais humilhada, mais mortificada, ou se sentir ainda mais nua. Com o nariz ultrasensível de um Wyr, é claro que ele podia cheirar cada minúscula mudança em seu corpo. Ele tinha que estar ciente de sua crescente excitação. Sem dúvida, poderia ler todas as emoções que a atravessavam por conta dos feromônios que exalava, enquanto ela não sabia nada sobre ele. Seu olhar estava tão entrecerrado, com uma expressão tão severa, que ela não fazia a menor ideia do que estava pensando, exceto...

Pia olhou ao longo desse maravilhoso corpo masculino, enquanto ele permanecia equilibrado sobre ela, o longo torso estreito, desde os largos ombros até os quadris que parecia tão magro e firme. Ele estava vestido de forma básica, não levava a moda em consideração, com jeans e uma simples camisa de botão Armani de seda branca, dobrada até o cotovelo e enfiada na cintura.

Ela lambeu o lábio inferior, olhando para a indiscutível evidência que crescia sob o zíper da calça jeans. O tamanho, como o resto de sua forma humana, fez seus olhos se arregalarem. Bom. Se esse tamanho todo era consequência do sonho, isso indicava que ele não havia satisfeito nem o mínimo desejo.

Ela se perguntou se ele ainda poderia ficar excitado enquanto arrancava sua cabeça de seus ombros. Ele era um dragão, uma besta da espécie Wyr, por conhecimento geral, era um dos mais antigos das Raças Elder e com uma reputação de ser perverso, astuto e implacável. Os padrões normais de pensamento humano simplesmente não se aplicavam.

— Bem, isso é socialmente inexplicável. — murmurou.

— Silêncio — Dragos disse.

Ela se calou, deixou a mente em branco e esperou, enquanto o observava estudar os fios de seu cabelo.

Para ela, seu cabelo sempre pareceu um pouco grosso, tão espesso e de um loiro tão claro que era quase branco. As pontas brilhavam com reflexos dourados pelo sol. Quando ela o usava solto, em vez do rabo de cavalo de costume, chegava até o meio das costas.



Dragos fechou os longos e brilhantes fios na mão, e os aproximou do nariz, cheirando. Aí estava. Não era um mistério que não saberia como resolver. Ele tinha pensado nele como o selvagem brilho do sol, mas isso foi quando teve um pouquinho do perfume em um pedaço de papel.

A atual realidade o derrubou. De alguma forma, a delicada fragrância feminina fez mais do que capturar a essência do ar ensolarado. De alguma forma o transportava para mais perto do que poderia chegar daquela manhã, quando desfrutava da luz transcendental e da magia. Esse antigo tempo, tão penetrante, jovem e puro.

Ele encontrou sem pressa o caminho de volta ao presente e estudou seu cabelo novamente, enquanto o acariciava. Parecia seda chinesa, e os reflexos eram da mesma cor de alguns depósitos de ouro de aluvião que tinha conhecido. Ele tinha uma estatueta peruana do século XIII, que era da mesma cor. Deixou cair o punhado de cabelo e começou a estudar tudo o mais sobre essa mulher misteriosa e imprevisível.

— Não pensei que você fosse tão jovem. — disse. Sentiu a mesma onda selvagem de excitação que teve nesse outro tempo

distante, quando havia perdido o controle e colidiu com a vegetação rasteira na perseguição de... alguma coisa. Ele olhou para seu corpo deitado de bruços, tão quieta e submissa debaixo dele, e exerceu uma implacável repressão em seu autocontrole. — Há sangue Wyr em você. E também humano.

Ela observou os músculos do seu longo e elegante pescoço, enquanto engolia em seco.

— Eu tenho 25 anos. — disse, com a voz cada vez mais rouca.

O predador nele percebeu que ela não fez menção ao sangue Wyr. Mas ela brilhava com Poder dominante, e ele se lembrou de que no sonho ela havia estado tão luminescente quanto à lua. Essa luminescência foi simbólica ou literal? Que espécie de Wyr ou Fada brilharia assim? Os Elfos possuíam uma luz dentro deles, mas não como a que ele tinha visto no sonho.

— Olhe para você. — ele murmurou, quase para si mesmo. — Você é um bebê, nada mais que um momento, um piscar de olhos.

Ela tomou uma respiração trêmula.

— Sou mais do que isso.

Ele arqueou uma sobrancelha, mas de outra forma ignorou o débil protesto.

Apesar de sua palidez, era sim um tom brilhante. Ali estava os reflexos dourados de seu cabelo. O creme de sua clara pele era como pérolas. Os grandes olhos, que o olhava desconcertados com medo e excitação, eram de um azul violeta tão profundo quanto o céu da meia-noite. Como safiras. Ele quase podia pensar que via distantes estrelas em seus olhos.

Ele sentou-se sobre os calcanhares e se levantou enquanto a puxava de pé.

— Agora vamos para onde está hospedada.

Ela cambaleou um pouco tentando recuperar o equilíbrio, observando-o com a cautela de uma criatura selvagem pronta para fugir novamente.

— Por quê? — perguntou, piscando com seus olhos azuis. — Você só vai me matar. Por que não acaba logo com isso?

— Você não faz ideia do que eu vou fazer. — disse. Isso era verdade, até porque nem ele mesmo sabia. Estava inundado de estranhas emoções e impulsos. Suas pálpebras entrecerraram, enquanto observava o seu rosto. Ele disse: — Eu tenho um monte de perguntas. Apenas me diga o que eu quero saber, e eu te deixarei ir.

— Você está falando sério? — Ela buscou em seu rosto.

Ele deu uma risada rouca e perversa.

— Não.

Raiva cruzou por seu rosto e ela se entristeceu.

— Muito bem. — ela disse com a voz monótona. E então virou e caminhou em direção à casa de praia.

Dragos a seguiu, com o cenho franzindo. Assim como não gostava da foto dela andando para longe da câmera, ele não gostava de sua voz monótona e chata ou da sua expressão fechada. Esse silêncio de tons brilhantes. O medo e o estresse em seu dissonante perfume, influenciando na intoxicação de sua excitação, na jovem selvageria viciante de sua fragrância habitual.

Aquele momento de raiva havia sido muito mais interessante. Pois a fúria também tinha um cheiro, era como o crepitar de uma fogueira.

Ela recolheu um par de sandálias. Observou o esbelto traseiro e as longas e magras pernas, enquanto ela subia as escadas de madeira

para uma varanda, e entrava em uma casa de praia por uma porta corrediça. No interior da casa, ela deixou as sandálias caírem novamente. Quando ele entrou, fechou e trancou a porta atrás dele.

Ela foi até a pia da cozinha e se concentrou em lavar a areia das escoriações das palmas das mãos. A casa estava cada vez mais fria, o frio azulejo do piso da cozinha sob os pés cheios de areia. Seu rabo de cavalo parecia um ninho de rato, preso à parte de trás de sua cabeça.

Ainda com essa voz maçante, monótona, ela perguntou:

— Você está com fome?

Ele hesitou, ela o tinha surpreendido novamente. Ele inclinou-se contra uma parede. Não sabia o que a louca em seu corpo diria em seguida.

— E se estou? — ele disse.

Ela olhou para ele, com o rosto tenso.

— Se você estiver, terei que fazer um pedido. Eu sou vegetariana e você é bastante famoso por não ser. Supondo que não estou no cardápio para o jantar, eu não tenho nada do que você gosta para alimentá-lo.

Será que ela estava oferecendo um jantar?

Ele tinha sérias perguntas para esta mulher, localizar seus pertences, e uma indignação e fúria que no momento havia afastado, não eliminado. Havia justiça para distribuir e vingança para reivindicar, mas primeiro tinha que delinear esse território desconhecido pelo qual viajava.

Ele percebeu algo. Pela primeira vez em muito tempo, talvez até séculos, não estava entediado. Desde que pegou aquele pedaço de papel em sua guarida, sua pequena ladra continuava a surpreendê-lo.

Dragos esfregou o queixo e se preparou para a diversão.

— Peça alguma coisa. — disse.

Ela começou a folhear uma lista telefônica no balcão da cozinha. Passou além das páginas amarelas, e das páginas vermelhas para os negócios para as páginas verdes para as empresas Antigas. Abaixou a cabeça enquanto murmurava baixinho.

Dragos se inclinou para frente, quase pegando o que ela disse.

— O quê?

Ela fez uma pausa e olhou para ele com olhos arregalados.

— O quê? — Ela perguntou.

— Você sussurrou “peça algo, por favor” — ele disse a ela. — O que é que você quer que eu peça?

Apesar da severidade da sua situação, ela se surpreendeu ao encontrar-se divertindo. Manteve um severo controle sobre ela mesma.

— É normal, — ela disse ao dragão — que as pessoas digam “por favor” ao fazer um pedido. Você simplesmente disse “peça algo”, a maioria das pessoas diria, “peça alguma coisa, por favor”.

— Ah. — Dragos cruzou os braços. — Mas eu não pedi nada. Eu ordenei.

Ela beliscou a ponta do nariz.

— Isso foi exatamente o que você fez.

Seu dedo desceu pela página verde e parou no número de um restaurante Elder. Com as mãos tremendo, ela digitou o número.

Uma jovem voz musical atendeu ao telefone.

Muito consciente de um agudo olhar dourado focado com uma paciência implacável sobre ela, Pia disse:

— Eu estou ligando de uma casa de praia em Folly Beach. — Ela repassou o endereço. — Você atende essa área?

— Com certeza. — disse a voz. — Nós conhecemos o endereço também.

— Nós gostaríamos de uma dúzia de bifês. — disse. Ela olhou para seu captor. — Dragos, você quer eles cru ou cozido?

— Só um pouco tostado. — ele disse.

A pessoa do outro lado da linha respirou acelerado.

— Vamos chegar o mais breve possível. — disse. — Pode demorar um pouco. Entrega em cerca de uma hora.

— Assim que você puder está bom. — ela disse.

Ela apagou o número da memória do celular, clicou no botão de desligar e colocou-o sobre o balcão. Ela não achava que Dragos tinha desviado o olhar nem uma só vez desde que tinha entrado na casa de praia. Era apenas, mais uma coisa para adicionar em uma já crescente lista de coisas que pareciam irreais.

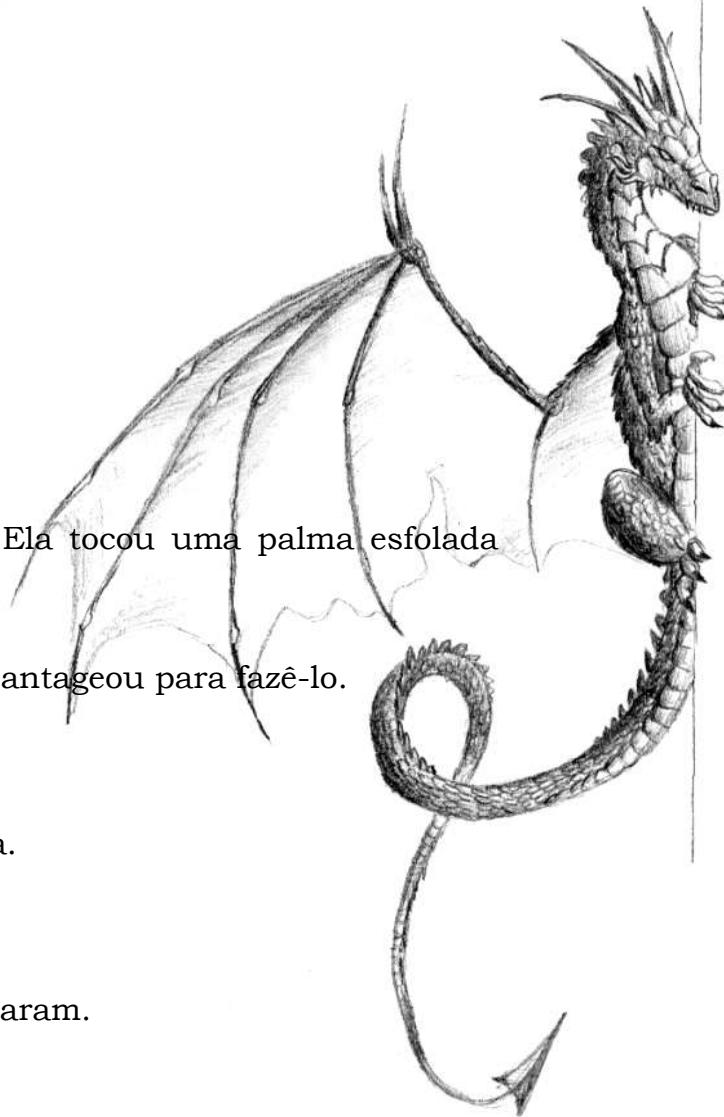
Em seguida, ela se levantou olhando para as mãos. Uma hora, pensou. Deus, isso parecia uma eternidade. Seus ombros caíram. Ela não achava que ainda restava mais adrenalina para bombear em seu sistema.

— Eles estarão aqui em breve. E agora?

Ele se afastou da parede.

— Agora. — disse Dragos. — Você me diz por que roubou de mim. E como. Mais especificamente, vamos discutir o como.

CAPÍTULO 05



Pia manteve o olhar baixo. Ela tocou uma palma esfolada com um dedo.

— Meu ex-namorado me chantageou para fazê-lo.

— Keith Hollins. — ele disse.

Assustada, ela ergueu sua cabeça.

— Você sabe quem é ele?

Suas sobrancelhas negras se elevaram.

— Eu sei um monte de coisas.

Seus sentinelas tinham trabalhado rápido nesta manhã antes de sair para Nova Iorque. Enquanto a bruxa havia lançado o feitiço de rastreamento para ele, Aryal e vários outros tinham executado uma verificação de antecedentes sobre Pia Giovanni. Eles pesquisaram várias possibilidades, até que encontraram o caminho certo. Uma equipe havia sido enviada para procurar seu apartamento e seguir todas as pistas que encontrassem. Pouco depois o feitiço estava no local e ele havia coletado informações preliminares, Dragos tinha tomado voo, em direção ao sul em busca de sua presa.

— Seu namorado está morto. — ele disse.

Assim como ela havia temido. Sua visão nublou-se e o mundo se inclinou.

Dragos saltou para a frente, seus braços rígidos serpenteando ao redor dela antes que pudesse entrar em colapso. Ele a colocou num

banco do bar e empurrou sua cabeça para baixo. Seu rabo de cavalo estava uma bagunça, ele observou com desaprovação como se derramava para o chão. Ele manteve uma mão na parte de trás do pescoço. Com a outra, ele trabalhou para tirar o elástico fora de seu cabelo para que caísse livre, mesmo que um pouco embaraçado. Ele colocou o elástico em seu bolso.

Sussurrando, ela perguntou.

— Você o matou?

— Não. Nem o meu pessoal. — A pele na parte de trás do seu pescoço estava gelada. Ele sentiu a ondulação de arrepio que passava através dela. — Eles o encontraram hoje, mais cedo. Uma morte ruim.

— Maldito aquele pobre idiota. Eu tentei avisá-lo. — Ela cobriu o rosto com as mãos.

Ciúme o cravou. Seu lábio levantou-se num rosnar silencioso. Ela era sua ladra, de mais ninguém.

— Você o amava.

— Não. — ela disse a miséria em sua voz. — Sim. Eu não sei. Acredito que o fiz uma vez, mas ele não era quem eu pensava ser. Depois que rompi com ele, o filho da puta me chantageou. Eu sabia que ele ia se matar. Eu até tentei avisá-lo, mas ele não quis me ouvir. Ele teve o que merecia, mas ainda é difícil ouvir falar de alguém ao qual me preocupava. — Ela cerrou os punhos. — Solte-me. Eu não vou desmaiar.

Ele soltou a pressão que havia colocado em seu pescoço. Ela sentou-se no banco do bar. Ela parecia composta, mas sua pele estava pálida. Havia arrepios ao longo de seus braços nus e ombros.

— Você está muito fria. — ele disse. — Isso significa choque, eu acho. Vamos mudar isso. — Ele observou a garrafa de uísque no balcão da pia. Ele pegou a garrafa junto com uma caneca de café do armário.

Ele derramou a bebida e empurrou-a em suas mãos. — Beba enquanto eu encontro um cobertor.

Ela olhou para ele com desconfiança, enquanto seus dedos se enroscavam em torno da caneca.

— Sim, eu sei. — ele disse impaciente. — Eu vou rasgar você de membro a membro. Algum dia. Quando eu sentir vontade. Enquanto isso, você não vai desmaiar, vai ficar quente e vai parar de ficar angustiada. — Suas narinas se comprimiram. — Eu não gosto como isso cheira.

Sua linda boca se abriu.

— Você não... gosta... — Ela soltou uma risada histérica que transformou-se em um riso imediato. Ela dobrou-se no banco do bar, inclinando a caneca de café.

Ele cobriu as mãos dela com as suas, firmando caneca e pressionou um dedo contra seus lábios.

— Pare com isso.

— Claro. — Ela disse. — Tudo o que você quiser.

Ele não era de nenhum modo um especialista em emoções, muito menos em emoções femininas. Carrancudo, ele bateu os lábios.

— Apenas, eu não sei, estarei feliz até que você decida começar a me rasgar. — Ela soluçou. — Quando será, Majestade?

— Eu estava sendo sarcástica. — ele disse.

— O que é muito reconfortante, vindo de um dragão puto. — ela disse. — Tipo alguma coisa assim, “diga-me o que eu quero saber e eu vou deixar você ir”. Definitivamente tem seu próprio charme. Eu aposto que todos os seus outros prisioneiros amam isso.

Seu corpo esguio continuava a tremer. Ela estava fora de controle. Ela não faria nenhum sentido enquanto estivesse tão alterada. Dragos segurou seu queixo. Ele olhou fixamente em seus olhos, com a intenção de enganá-la em uma sensação de calma. Em vez disso, ele se encontrou uma barreira mental. Intrigado, ele inspecionou, sentindo ao longo das extremidades.

A barreira parecia ser tanto natural quanto intencional. Ali estava o eco de outro poder feminino entrelaçado nela, uma presença muito sutil quanto a sua e ainda separada. Era uma construção totalmente harmoniosa, uma cidadela elegante que protegia o núcleo da fêmea.

Por esse motivo ela foi capaz de quebrar o encantamento do sonho. Ele podia derrubar essa parede para baixo, se quisesse, porém isso seria como empunhar uma marreta contra uma pedra. Não seria nada coerente, já que teria que salvá-la depois.

— Pare com isso. — ela sussurrou. Seu corpo tinha endurecido, esforçando-se para longe de seu toque. — Saia da minha cabeça.

Ele a segurou rápido e usou sua voz em vez de sua mente.

— Quieta mulher. — ele murmurou. — Fique quieta agora. — Sua voz profunda murmurou.

Tentáculos de som enrolado no ar e enrolando-se em sua volta. Ele acalmou e tranquilizou. Sua respiração estremeceu e aumentou.

Ela olhou nos olhos dourados de Dragos. Profundidades impossíveis existiam naquelas piscinas brilhantes. Ela poderia cair em seu olhar e nunca mais sair.

— Valium⁶ não pode se comparar a você. — ela murmurou. — Engarrafe isso, e você poderia fazer outra fortuna.

⁶ um tranquilizante do grupo dos benzodiazepínicos

— Você está mais calma agora. — ele disse. Seu rosto grave escuro era inescrutável.

— Sim. — Ela arrancou seu olhar e olhou em sua caneca de café. Obrigando-se a dizer: — Obrigada.

Ele soltou-lhe o queixo e as mãos e deu um passo para trás.

—Beba.

Ela olhou para cima quando ele desapareceu no corredor. Então ela levantou a caneca aos lábios e bebeu tudo. O uísque foi como bombear *napalm*⁷ em suas veias, golpeando-a de forma contundente desde que ela não tinha comido bem a última semana.

Ela colocou a caneca no balcão e inspecionou suas mãos e tocou ao longo de sua mandíbula. Ela havia sofrido um abalo quando ele a golpeou contra o chão, mas a maneira em que a tratou desde então tinha sido muito cuidadosa. Muito extraordinário. O que isso significava?

Ele caminhou de volta para a cozinha, trazia em sua mão o casaco com capuz azul claro que tinha comprado anteriormente. Ele acenou para a caneca vazia e deixou cair o casaco em seu colo. Ela encolheu os ombros quando ele cruzou os braços. Sentada no banco do bar como estava, ele se elevava sobre ela, inclusive mais do que faria se ela estivesse de pé. Ela pensou que a casa era bastante espaçosa, até que ele tinha entrado nela.

— Vamos começar de novo. — ele disse.

Ela manteve seu olhar focado em seus braços cruzados que pareciam muito escuros contra a camisa de seda branca. A distância entre seus peitorais era extraordinária. Em um outro homem seria

⁷ **Napalm** é um espessamento / gelificação agente geralmente misturada com petróleo ou um combustível similar para uso em um dispositivo incendiário.

demais. Sobre ele, esses fortes músculos blindavam um corpo o suficiente para levá-los com poder e graça.

— Keith me chantageou para roubar algo de você. — ela disse. — Não importava o que era. Ele devia algumas pessoas um monte de dinheiro.

— Dívidas de jogo. — ele disse.

Ela levantou a cabeça. Ele havia estabelecido a paciência de um caçador.

— Já conseguiu chegar tão longe?

— Nós encontramos seu agenciador. Também morto.

Dedos gelados deslizaram por sua espinha. Ela puxou o casaco envolvendo-o em torno de seu peito.

— Eu namorei Keith por alguns meses. Por algum tempo eu pensei que... não importa o que eu pensava.

Ele inclinou a cabeça.

— Você pensou o quê?

— Você não está interessado em tudo isso. — Suas bochechas coraram.

— Não faça suposições sobre em que eu estou interessado ou o que eu penso ou sobre o que vou fazer. Você não tem ideia do que me interessa. — ele disse. Ele se recostou contra a borda da mesa da sala de jantar e cruzou um tornozelo sobre o outro. — Estamos claros?

Ela assentiu com a cabeça, sua cor se aprofundou. Ela continuou:

— Nós já estabelecemos que eu fui uma idiota. Keith veio quando eu estava me sentia deprimida, e eu me apaixonei por seu

charme. Fui... indiscreta. Eu deveria ter sido mais criteriosa, e eu estraguei tudo. — Sua garganta se fechou.

— Você disse que tinha terminado. — ele incitou, quando ela ficou em silêncio.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu tinha, há um tempo atrás. Então, na semana passada, ele apareceu. Ele estava certo de que este esquema ia pagar todas as suas dívidas e torná-lo rico. É claro que até lá meus óculos cor de rosa haviam desaparecido. Eu não queria ter nada haver com isso, ou com ele. Então ele... me obrigou.

— Chantagem, você disse. Sobre suas indiscrições.

Ele falou em um tom neutro. Ele havia sufocado a sua agressividade para baixo. Ela era muito consciente de que a estava ‘manejaando’, mas ele ainda parecia impiedoso. Ela cobriu a garganta com uma mão enquanto ele examinava a sua expressão.

— Podemos por favor não falar sobre isso? — Ela tentou uma voz firme. — Por favor?

Suas pálpebras caíram ocultando o seu olhar.

— Vá em frente com a sua história.

— É o que eu *sei*. — Ela salientou a última palavra. — É o que eu penso, e então há o que eu adivinhei. Keith sempre falava de seus “sócios”. As pessoas que ele conheceu através de seu agente de apostas, que ele fazia negócios. Ele era de alguma forma, um homem maior em todas as suas histórias do que era na vida real, sabe o que eu quero dizer?

Ele acenou com a cabeça, mantendo em silêncio.

— Bem, eu acho que ele estava meio desesperado, meio vangloriando-se e completamente manipulado. Ele começou a prometer

aos seus contatos qualquer coisa que ele podia. Os empréstimos venciam. Ele comentou ter dito a eles que poderia conseguir qualquer coisa que quisessem. — Ela engoliu em seco. — E eles disseram: que tal algo de Cuelebre, então? Deram-lhe um encanto que localizaria o seu covil, e Keith veio até mim.

Ele não se moveu, mas ele se esticou todo. O que irradiava dele fez seu coração acelerar.

Ela lambeu os lábios que estavam secos e sussurrou:

— Eu acho que Keith disse-lhes alguma coisa sobre mim, mas não muito. Ele teria gostado de me manter em segredo porque queria ser o grande jogador, e pensou que poderia me controlar. Ele estava esperando estabelecer repetidos negócios. Mas eu acho que alguém muito desagradável e poderoso estava manipulando-o, e agora, graças a mim, eles têm algo seu.

— Têm de fato. — Ele mostrou os dentes em um sorriso cortante. — Eu tenho que agradecer a você mais tarde por isso.

Ela sussurrou:

— Esse encantamento me assustou mortalmente. Se eu não fizesse o que ele queria, sabia que Keith iria cantar como um canário. Será que ele me entregaria? Num piscar de olhos, se quisesse salvar a sua própria pele. Em seguida, eles viriam atrás de mim. Então, eu estava condenada de qualquer maneira, dane-se se você não reconhece isso.

— Onde está o encantamento agora? — Seus olhos tornaram-se puro ouro, totalmente dragão.

— Se desintegrou quando eu usei.

Seus olhos se estreitaram.

— Eu sentiria meus feitiços falharem se tivessem anulado, mas eles ainda estavam no local quando fui investigar.

Ela pôs uma mão na sua orelha e esfregou seu pescoço, um gesto, estressado e defensivo, enquanto se lembrava da dor ao usar o encantamento. Ele se aproximou com um olhar impiedoso de dragão dissecando seu rosto. Ela sussurrou:

— O encanto não anula nada. Entre ele e seus feitiços, eu me senti como se estivesse sendo rasgada.

— No entanto, você ainda os atravessou.

Ela não se preocupou em responder. Em vez disso, ela procurou seu rosto. Sua expressão era selvagem, catapultando seus pensamentos para frente sobre o quanto as consequências mais abrangentes para o seu próprio futuro. Seus lábios estavam dormentes.

— Um encanto Poderoso poderia encontrar qualquer coisa escondida, não poderia?

— Dependendo da força do usuário, sim.

Qualquer coisa escondida. Havia coisas no mundo que não poderiam nunca serem encontradas, coisas perigosas, ou frágeis, e criaturas cujas vidas preciosas dependiam de sigilo. Um encanto de rastreamento tão forte quanto ao que Pia tinha usado poderia cortar como uma faca através de cada defesa de alguém. Ela estremeceu e se encolheu em si mesma. Apesar de seus medos e preocupações por sua própria segurança, isso nunca havia se tratado dela.

Dragos franziu o cenho enquanto considerava o campo minado que ela tinha manobrado para chegar ao seu tesouro, o encanto desconhecido agia em oposição a seus feitiços. O conflito de magias opostas poderiam ter matado outras pessoas. Essa cidadela elegante dentro de sua mente era provavelmente o que havia salvo sua vida.

Apesar de sua virada óbvia, ele não achava que ela havia percebido o quanto de perigo ela tinha passado.

Ele se perguntou se era a sua consciência que a fez ficar tão chateada. Ele estava fascinado pelo conceito de uma consciência. Ele deixou uma mão pesada cair em seu ombro, segurando o osso delgado e tendões. Seu corpo moveu-se de forma sutil quando ela se inclinou para o seu agarre estimulante.

Ele mudou a conversa de volta para um ponto anterior.

— Hollins poderia ter te entregado de qualquer maneira, antes de matá-lo.

— Não. — ela suspirou. — Ele não fez, o que pode realmente ser por isso que o mataram.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Depois que ele me chantageou, eu o chantageei. — disse a ele. Ela olhou para ele com um só olho. Foi aprovação brilhando em seu olhar? — Eu não daria a ele o que eu roubei a menos que ele lesse o feitiço que eu comprei ontem. Ele teria perdido a capacidade de falar se ele tentasse falar de mim.

Seu estômago se retorceu quando ela imaginou o que deveriam ter feito a Keith. Tinha sido uma morte ruim, Dragos disse, e Dragos não era exatamente conhecida por ser melindroso. Estaria a morte de Keith sob sua consciência, se ele tinha sido o único a iniciar a coisa toda? Ou ela começou a coisa toda, abrindo sua boca grande? A moral de tudo isso estava ficando muito complicada para ela descobrir.

— Como você passou por meus bloqueios e defesas?

Ela fechou os olhos e colocou as mãos sobre o rosto. O que importa isso?

— Eu sou uma mestiça. Eu não tenho muito sangue Wyr ou muitas habilidades. Eu não posso mudar para uma forma Wyr, e não tenho um monte de energia. Eu não tenho nada de interessante sobre mim. — Ela puxou as mãos para longe e olhou para ele. Ele estava olhando para ela. — O que, me cresceram duas cabeças?

— Você acha que não tem nada de interessante sobre você. — ele disse. — Ou que você não tem muito poder.

Ela lhe deu um olhar vazio e um encolher de ombros.

— Exceto, eu acho, por um truque estúpido de magia que eu fui muito estúpida por não guardar para mim mesma. — disse ela. — Mostrei a Keith quando estávamos bêbados e brincando.

— O que era?

— É mais fácil mostrar do que dizer. — Ela caminhou até a porta de vidro, abriu-a, entrou para o convés e fechou a porta novamente. Lá fora, a tarde havia se escurecido ao anoitecer. Ainda olhando para ela, ele a seguiu e colocou o punho contra o vidro como se fosse o quebrar. Ela lhe disse: — Vá em frente e tranque-a novamente.

Suas sobrancelhas escuras baixaram em uma carranca.

Ela apenas olhou para ele.

— Oh, vá em frente. Você sabe que poderia me pegar de novo se eu tentasse correr. — Com seu olhar dourado de dragão segurando o dela, ele fez o que ela disse.

Ela abriu a porta e voltou para dentro.

— Vê?

Ele olhou para a porta e para ela novamente.

— Faça isso de novo.

Ela saiu. Ela caminhou de volta depois de ele trancar a porta. Ele disse:

— Não senti você lançar um feitiço.

— Isso é porque eu não fiz. É apenas uma parte de mim. — Fechadura, bloqueio, nomeie e ela poderia atravessá-la. Nada poderia prendê-la. Nada, isto é, a menos que caísse de um céu azul claro e sentasse sobre ela. Ela passou a palma de sua mão na testa onde uma dor de cabeça estava começando a latejar e suspirou. — Isso é tudo que eu sei. Isso, e mais uma vez, me desculpe. Eu suponho que você vai querer me rasgar agora.

Ele não se moveu para trás quando ela entrou. Ela estava tão perto que podia sentir o calor do corpo em sua pele. Ele tinha um tipo de força e vitalidade que era um choque constante para o sistema. Ela se sentia pequena, fria e pálida em comparação. Apesar do perigo colossal que esta criatura representava, ela tinha o desejo irracional de se enroscar em seu calor.

Ele segurou a cabeça dela. As palmas amplas e dedos longos embalando seu crânio. Estranhamente, ela não sentia medo e não resistiu quando ele inclinou a sua face para cima.

O predador se inclinou sobre ela.

— Você cometeu um crime. —ele disse. — E você me deve. Diga.

O que foi isso? Ela não conseguiu achar nenhum indício procurando em seu rosto. Seus ombros caíram e sua boca se curvou.

— E se eu disser isso?

— Você será uma recompensada. — disse o Senhor do Wyr. — Você vai me servir até que eu considere a dívida paga. Está claro?

— Sem desmembramento? — ela perguntou. Seu olhar se agarrou a ele. Será que ela poderia acreditar nele neste momento, ou era outra piada cruel?

Ele balançou a cabeça e alisou seu cabelo para trás.

— Sem desmembramento. Você me disse a verdade, — ele disse. — Eu podia sentir enquanto você falava. Você cometeu um crime, mas é também uma vítima. Esta é a justiça. — Ele inclinou a cabeça até que seu nariz apenas tocasse a ponta do dela, inalando. Sua voz era muito mais suave quando ele continuou: — Porém quando eu for atrás de quem orquestrou isso será a vingança.

Ela estremeceu, ficando mole com alívio. Suas mãos acariciaram os fortes músculos de seu peito. Ela se sentia cercada por ele, e contra todo o bom senso ou a sanidade, ela se sentia segura. Sua coluna perdeu a rigidez. Ela inclinou-se contra ele. Só um pouco. Ela fez isso dissimuladamente para que ele não notasse.

— Eu não gosto dessa palavra 'servir'. O que você quer que eu faça?

— Eu vou fazer uso de você de alguma forma. — ele disse.

— E se eu não quiser fazê-lo? — Sua cabeça começou a baixar, igual a uma flor que se inclina. Suas mãos guiaram para descansar em seu peito. — Eu não voltarei a roubar de novo. — ela advertiu. — Então, se é isso que você quer, nós podemos muito bem voltar ao desmembramento agora mesmo.

Ele a ouviu. Garota durona e forte.

— Não há nada que você possa roubar que eu não poderia conseguir de diversos modos. Eu não vou colocá-la em perigo. — Ele manteve a cabeça apoiada em uma de suas mãos e colocou um braço ao redor dela. Ele murmurou. — Eu não ponho em perigo os meus tesouros.

O que ele quis dizer com isso? Ela estava hipnotizada por seu domínio de uma maneira que não tinha nada a ver com encantamento. Ela tentou se concentrar.

— Eu não estou concordando, eu advirto. — ela resmungou. — Eu vou ter que pensar sobre isso.

Mas isso não parecia tão ruim. Era muito melhor do que ser desmembrada. E ela o roubou. Ela mordeu o lábio. E se ele decidisse chantageá-la também?

— Eu não estava ciente de que dei-lhe uma escolha. — ele disse. Era diversão em sua voz? — Crime e julgamento, lembre-se, nada de negociação. Você vive em meu domínio, você vive por minha lei. Mas vá em frente e pense sobre isso por todo o caminho de volta para Nova Iorque.

Uma buzina soou do lado de fora da casa. Ela pulou e se afastou imediatamente. Ele olhou para ela com as sobrancelhas levantadas.

— Oh, Deus. — ela disse, — É a... é a entrega. Eu vou pegar. Já volto.

Ela caminhou para a porta apenas para ser parada por sua mão circulando seu pulso.

— Eu vou pegar. — disse.

— Não seja bobo. — ela lhe disse. Um cavalo selvagem galopava em seu peito. — Eu disse que iria comprar o jantar, e eu vou. É o mínimo que eu posso fazer.

— Não. — Ele passou por ela, longas pernas diminuindo a distância até a porta da frente.

Ai caramba. Ela o pegou pelo braço antes que ele abrisse e tentou uma última vez.

— Por favor, Dragos. Deixe-me fazer isso.

Ele colocou as mãos em seus ombros e empurrou-a de volta para a sala de estar.

— Algo não está certo. Eu posso sentir isso. Você não vai lá fora. — ele disse. Ele se transformou em um assassino frio. Seu Poder acelerou como um avião de combate ligado. — Não é seguro.

Quando é que isso ficou tão confuso? Ela torceu as mãos. Ele não somente andou fora como correu, esse grande corpo magnífico convertendo-se em uma arma.

Um som cortou o ar. Dragos virou para trás, suas pernas curvando-se. Tudo aconteceu muito rápido. Ela pegou um segundo depois. Ela olhou para Dragos, que desabou na caminhada. Uma dúzia de altos elfos saíram de diversos esconderijos, desde por trás de sua Honda, ao Ford desconhecido parado no meio-fio e arbustos próximos. Eles mantiveram as armas apontadas para a figura esparramada. Arcos de quase dois metros.

Ela se lançou em direção a Dragos, que estava deitado de costas. A escuridão parecia coberta por um manto branco. Começando a se espalhar. Ela caiu de joelhos ao lado dele.

— Vocês atiraram nele. — ela gritou. Ela olhou severamente para os Elfos que os rodeavam. — Vocês sabem quem é ele?

Um deles avançou. Ele era um homem de cabelos grisalhos, bonito da maneira que todos os elfos eram, com uma luz graciosa que de alguma forma fazia com que outras criaturas parecessem pálidas em comparação. Apesar de sua constituição delgada, ele não só era poderoso, tinha mais poder do que qualquer outro na clareira com exceção de Dragos.

— Nós sabemos quem ele é. — o elfo disse. Ele olhou para Dragos, seu frio rosto bonito. — Wyrn.

Ela se voltou para Dragos novamente. Mesmo ele estando ferido parecia totalmente sem medo, seu olhar predatório moveu-se dos elfos para se concentrar nela. Ela rasgou a camisa para olhar o sangrento buraco sobre o peito esquerdo. Sua respiração irregular soava alto em seus ouvidos.

— Eu não entendo. Nenhum de vocês está carregando armas. Onde estão as flechas? — ela perguntou. Ela arrancou seu casaco e apertou-o contra a ferida.

— Magia élfica. — Dragos respondeu entre dentes.

— Nenhuma flecha simples poderia marcá-lo. — disse o elfo. — Esta já derreteu em seu corpo. E continuará a liberar veneno na corrente sanguínea por vários dias.

— O que você fez! — Ela gritou. O rosto contorcido. Ela cerrou os punhos e começou a ficar de pé. Dragos agarrou seu pulso.

— Pia. — ele disse quando ela lutou contra o sei agarre. — Seria necessário muito mais do que isso para me matar.

— Nós o desativamos. — o elfo disse a ela.

— Você não entende. — disse a Dragos. — Eu liguei para eles. A culpa é minha. — Ela tentou abrir os dedos. Era como tentar arrombar uma algema de aço. Ela olhou para o elfo.

Ele voltou sua atenção para Dragos.

— Você entrou em nossas terras sem permissão. Tratados foram quebrados. Haverá consequências. Por enquanto, o veneno irá evitar que se transforme na Grande Besta. Uma vez que temos ‘cortado suas asas’, lhe daremos 12 horas para ir além de nossas fronteiras. Se você não estiver ido até lá, haverá mais de 12 de nós, vindo para você.

— Eu quebrei a sua lei. — Pia disse. — Ele só estava vindo atrás de mim.

— Sua lei não é a nossa lei. — o elfo disse. — E ele quebrou a nossa. Wyrn, libere o seu domínio sobre a fêmea.

— Ela é minha. — Dragos mostrou os dentes, os olhos dourados queimando como lavas. Seu rugido estremeceu seus joelhos através do solo, e dedos longos apertaram em seu pulso. Ele ficou tenso e começou a levantar-se.

Os outros elfos apontaram seus arcos longos para ele.

— Você vai liberá-la agora ou perderá as doze horas em seu favor. — o líder disse.

Pia levantou a mão livre para os Elfos, com os dedos estendidos e a palma da mão para fora.

— Pare! — Ela se inclinou sobre Dragos. Dobrar-se próximo ao selvagem rosto dele foi uma das coisas mais corajosas que ela tinha feito em sua vida. Algum instinto que ela não poderia verbalizar fez com que ela suavizasse sua voz. — Dragos. — ela murmurou. Calma e tranquila, como se ela estivesse falando com um animal ferido. — Você pode olhar para mim, por favor? Você sabe como as pessoas normais dizem 'por favor'. Preste atenção em mim, não neles.

Aquele olhar de lava se voltou para ela, ardente e estranho. Ele poderia não ser capaz de mudar, mas estava imerso no dragão.

— Obrigada. — ela respirava. Ela deixou cair o braço livre e acariciou seu cabelo preto. Dragos acompanhou o movimento e, em seguida, olhou para seu rosto. — Eu sei que você está com muita raiva, mas eu prometo a você, não vale a pena lutar mais. — ela sussurrou. Ela puxou um pouco das pontas escuras. Uma inspiração a atingiu. — E você me prometeu que não iria me colocar em perigo apenas alguns minutos atrás. Lembra-se?

Seu rosto perigoso se fechou.

— Você é minha. — disse a ela.

Por um instante abrasador, ela não tinha ideia do que dizer sobre isso. Então, hey, outra ideia veio e ela estava em sobre ele.

—Largar meu pulso não mudaria nada. — ela murmurou. Ela imitou o que ele tinha feito com ela antes e acariciou um dedo para o lado de seu rosto, em seguida, colocou a mão em seu rosto. — Por favor.

Seus dedos soltaram e ele deixou que ela se afastasse.

Instavelmente ela ficou de pé, de alguma forma conseguiu ficar firme e se virou para o líder dos Elfos, que lhe deu uma ligeira inclinação. Ele olhou para ela.

— Eu te conheço de algum lugar?

Campanhias de alarme começaram a soar em seu interior, mas todas as ideias tinham desaparecido. Ela balançou a cabeça e disse:

— Nós nunca nos encontramos.

— Eu tenho certeza que eu a vi antes. Você parece... — O olhar da cor do mar do elfo se ampliou. — Você parece exatamente com...

Dragos envolveu uma mão ao redor de seu tornozelo.

— Sim, eu pareço com Greta Garbo. — ela interrompeu em voz alta. Um pulso de pavor umedecendo a sua pele. *Cale-se, Elfo.* — Dizem-me muito isso.

— Minha senhora, eu estou tão honrado em conhecê-la. — soprou o líder dos Elfos. Ele curvou-se para ela, seu genérico respeito anterior virou-se para reverência. Quando ele se endireitou, seu rosto estava iluminado com alegria. — Você não tem ideia de como eu esperava e rezava para que algo de sua mãe ainda permanecesse neste mundo.

Todos os outros elfos olharam para eles, seus rostos iluminados com curiosidade. Ela fez uma careta para o líder dos Elfos.

— Eu não tenho ideia do que você está falando. — disse a ele.

Ele parecia começar a voltar-se. Sua alegria converteu-se em silêncio, mas ela ainda podia sentir a pulsação acelerada nele. Ele sorriu e disse:

— Claro, me perdoe. Estou enganado.

Então, sua voz telepática soou em sua cabeça como um sino profundo ao vento. *Meu nome é Ferion. Eu conheci uma mulher, uma vez que parecia muito com você. Conhecê-la foi um dos maiores presentes da minha vida.*

Estou honrada que você tenha compartilhado isso comigo, disse ela. Mas é perigoso para mim falarmos disso, e eu não sou essa mulher. Na verdade, eu sou muito menos do que essa mulher.

Não aos meus olhos, ele disse. Por favor, permita-nos oferecer-lhe nosso santuário. Eu sei que nosso Senhor e Senhora iriam recebê-la com alegria tão profunda quanto a minha. Nós valorizamos a sua presença entre nós.

Ela hesitou por um momento e, oh, ela estava tentada. O pensamento de tal acolhida pressionou em seu coração solitário. Mas a reverência de Ferion a deixou paralisada. Ela não achava que pudesse viver com tal apreciação. Não quando ela era muito menos do que o que ele achava que ela era, nada muito especial em tudo, apenas um luz da noite que brilhava na escuridão e um truque de magia estúpido e uma boca grande que a colocava em apuros. Viver com os Elfos, onde ela se sentiria como uma fraude, enquanto envelhecia e morreria, e eles permanecendo sempre iguais seriam apenas um tipo diferente de solidão.

A mão ciumenta em seu tornozelo apertou. Ela olhou para Dragos, que estava olhando para ela com um olhar estreitado.

Agradeço a oferta do santuário. Talvez um dia eu possa levá-lo em consideração, ela disse para Ferion. Enquanto ela não podia aceitar, não podia suportar dizer que não, ainda mais, para o que poderia ser a única casa que seria oferecida para ela. *Por enquanto, eu tenho uma dívida para pagar.*

Ferion disse em voz alta:

— Senhora, eu lhe peço, venha com a gente. Não fique com a Besta.

Ela se agachou até Dragos e se atreveu a espreitar sob o casaco cobrindo sua ferida. Tinha parado de sangrar. Ela limpou as manchas de sangue de seu ombro tão suavemente quanto pôde, limpou as mãos no material e dobrou a parte ensanguentada para o resto do casaco.

— Este desastre é tudo minha culpa. — ela disse. — Eu tenho que fazer o que eu puder para fazer isso direito.

O aperto de Dragos em sua perna diminuiu. Seus dedos deslizaram ao longo de seu tornozelo em um movimento sutil.

Ele a incomodava tanto que se virou para ele.

— Mas não importa que coisa ridícula você diga, eu não sou sua. Você não estaria aqui se não fosse por mim, então eu vou te ver na fronteira dos Elfos. Eu sei que você perdeu a cabeça, e fica todo assustador, obsessivo e territorial, e você quer voltar a sua propriedade e tudo mais, mas vamos lá. Tudo o que eu tomei foi um maldito centavo. Além disso, eu já te dei um outro.

Um canto de sua longa e sexy boca levantou em um sorriso cruel.

Os elfos se recusavam a tocar em Dragos, então ela tinha que ajudá-lo o máximo que podia. No momento em que ele havia levantado do chão e tinha conseguido ficar sob o braço bom, os elfos tinham desaparecido. Ela sabia que era melhor acreditar que eles se foram.

— Você levou uma moeda de 1962. — Dragos disse. Seus dentes estavam cerrados. — Você deixou uma moeda de um centavo de 1975. Não era nenhuma substituição.

Ela olhou para ele.

— Oh meu Deus, é assustador você ter percebido isso.

— Eu sei tudo sobre o meu tesouro e exatamente onde ele está, — disse a ela. — até o mínimo pedaço.

— Você pode ir a um médico, obter check-up para o TOC. — ela arquejou. — Pode haver medicação para isso.

Seu peito moveu em uma risada silenciosa.

Ela concentrou-se em colocar um pé na frente do outro. Ele se inclinou sobre ela o menos que foi possível, caso contrário, ambos teriam caído no chão novamente. Ele ainda se sentia como se um Volkswagen tivesse pendurado em seu pescoço.

Eles foram para dentro. Ele desabou no sofá. Passou o braço sobre os olhos e esticou uma perna até a que a bota ficasse pendurada na extremidade. Ele deixou o outro pé plantado no chão. O sangue e os botões que ela arrancou quando rasgou para abrir, arruinou sua camisa Armani. Ela olhou para seu peito que era tão largo quanto extenso, estreitando em músculos que ondulava em seu jeans.

Pelo amor de Deus. O macho foi ferido e aqui ela estava cobiçando-o como uma pervertida em uma loja pornô.

— Eu apenas não estou bem da cabeça. — ela murmurou.

Ele disse por debaixo do braço.

— Eu vou perseguir esse comentário mais tarde.

Ela virou-se para a cozinha.

— Eu vou pegar um pouco de água.

— Uísque.

— Tudo bem. E água.

Ela trouxe a garrafa de uísque, juntamente com um jarro de água e um pano. Ele pegou a garrafa de uísque dela, destampou e bebeu metade sem pausa. Ela esperou até que ele parasse para pegar ar. Em seguida, ela sentou-se à mesa de café com estrutura em madeira e usou a toalha para limpar o sangue de seu peito. O orifício de entrada já era nada mais do que uma cicatriz branca.

— Ainda dói? — ela perguntou, corroendo-se em ansiedade.

— Sim.

— Eu sinto muito.

— Sua voz está muito alta. Cale-se. — ele disse. Ela mordeu os lábios quando terminou de limpá-lo. Ele suspirou e se mexeu. Embora ele não tenha perdido a graça de um animal letal, era óbvio que estava com dor. — Continue fazendo isso com o pano. É uma sensação boa. — Ele fez uma pausa. — Por favor.

Após congelar-se por um momento, ela disse:

— Eu vou pegar um limpo.

Ela deixou cair o pano ensanguentado na pia, pegou outro e correu de volta. Ele não se moveu. Ela começou a alisar o pano umedecido sobre seu peito e ombros. Se ele se sentia quente antes, agora ele era um inferno. Ela pegou o braço que envolvia seu estomago musculoso, empurrou a manga e o banhou. Então ela colocou-o para baixo e pegou o braço ao qual ele tinha coberto seus olhos. Ele estava com seus olhos brilhando, sob pálpebras semicerradas.

— Foi a chamada telefônica. — ela disse. — Para os bifés. Eu não chamei um número da lista telefônica. Eu tinha memorizado uma linha de ajuda que alguém me deu.

— Eu notei isso. — Sua resposta foi muito seca.

Ela assentiu com a cabeça, mergulhou o pano quente na água do jarro para esfriá-la e começou tudo de novo. As palavras continuaram saindo dela.

— Eu estava com medo quando eu chamava. Eu pensei que você fosse me matar.

— Notei isso também.

— Eu sinto muito. — ela explodiu. Ela pegou a garrafa de uísque dele e tomou um gole profundo.

Quando ela baixou a garrafa, ela o pegou sorrindo.

— Bom, — disse ele. — Você deve estar muito arrependida. Nos últimos dois dias, você já me custou uma quantidade incalculável de mão de obra, dezenas de milhões de dólares em danos à propriedade

— Hey. Vamos manter as coisas claras. Não fui eu quem desatou uma raiva aos gritos que serviu para acordar os mortos. — Sua coluna se endireitou e ela olhou para ele.

Seu sorriso se ampliou, uma barra branca na escuridão da sala.

— Você me fez quebrar todos os tipos de tratados com a comunidade Élfica, e agora estou doente como um cachorro.

Ela apontou para ele.

— Você quebrou esses tratados. Não deveria vir aqui. Quão louco é isso. — Uma pausa. Ela olhou para ele com olhos tristes. — Você está realmente doente como um cachorro?

— Quase. — Ele fez um gesto para a garrafa e ela o entregou. — Meu corpo está lutando contra o veneno. Esta melhor do que estava. Em pouco tempo eu vou ser capaz de me mover por conta própria.

Ela virou-se e sentou-se com um pequeno grunhido no chão. Ela encostou-se no sofá de costas para ele. Dobrou as pernas, colocou os cotovelos sobre os joelhos e empurrou as palmas das mãos contra os olhos. Sua dor de cabeça havia crescido.

— Eu não tenho certeza de onde o domínio Élfico termina, mas não vai demorar muito para levá-lo. Um par de horas. Temos algum tempo.

Ele enfiou os dedos em seus cabelos e levantou os fios.

— Eu quero um pouco de seu cabelo.

Ela levantou a cabeça.

— O que?

— Eu disse que quero um pouco de seu cabelo. Dê-me uma mecha e eu vou te perdoar por invasão de domicílio.

— Ok. Claro. — Ela olhou para ele. — Então, eu dou-lhe uma mecha do meu cabelo, o levo para a fronteira Élfica e o deixo lá?

Ele riu.

— Eu nunca disse que eu estava deixando você ir. Eu só disse que eu vou te perdoar.

— Eu sabia que não podia ser tão fácil, — ela murmurou. — Você não é apenas um caminho reto, não é? Ok, então por que você me perdoa, mas não me deixa ir? — Seus ombros caíram. — Não importa. Estou muito cansada para esta conversa.

Ele continuou correndo os dedos pelos seus cabelos.

— Alguma vez você deu algum ao seu namorado?

Seus olhos tentaram se fechar. O suave puxar de seu cabelo estava tornando-se quase impossível manter a cabeça em pé.

— Ex. — ela murmurou.

— Ex. — emendou.

— Não. — Ela lutava contra o embriagador prazer, para despertar. Ela deu um puxão indiferente em sua mão. — Pare com isso. Eu não posso manter meus olhos abertos quando você faz isso.

— Então, não mantenha. — Ele alisou a palma da mão sobre sua cabeça. Ele gostava de como sua voz ficava suave com a sonolência. Ele gostava que ela não cheirava mais a medo, que seu aroma era tingido com uma excitação mal perceptível. — Vá dormir. — ele murmurou.

— Tenho que cumprir esse prazo. Coloque um alarme. — Ela tentava ficar de pé.

Quando ela estava subindo fora de seus joelhos, ele passou um braço em volta de sua cintura e puxou-a para baixo em cima dele. Não foi difícil. Ela estava fora de equilíbrio para começar e vacilante com a fadiga. Ela surpreendeu-se e tentou se afastar, mas ele passou os braços em volta dela e a segurou no lugar.

— Deite-se. — ordenou. — Eu vou ter certeza de que sairemos na hora certa. Vá dormir.

Ela caiu sobre ele como um castelo de cartas. Ele puxou a cabeça em um lugar confortável em seu ombro não lesionado.

— Pare de me dar ordens. — bocejou. Sob o pretexto de se mover para ficar confortável, ela esfregou seu rosto contra seu peito, aquecendo-se na sensação de macho, quente e potente. Ele infiltrou-se nas rachaduras frias que corriam dentro dela. — Você não é o meu chefe.

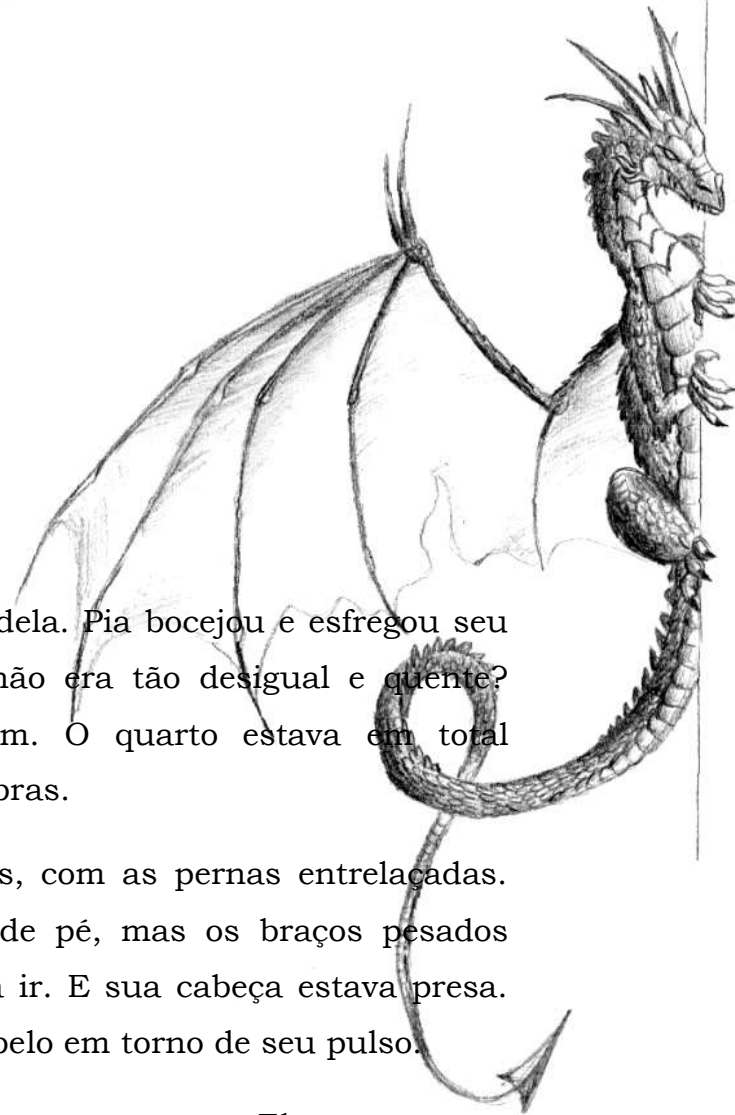
— Durma. — disse a ela.

Apenas assim, de um momento para o outro, ela estava dormindo.

Não havia ninguém por perto para testemunhar quando ele experimentou pressionar seus lábios contra sua testa.

Ele decidiu que gostava disso também.

CAPÍTULO 06



A cama mexeu debaixo dela. Pia bocejou e esfregou seu nariz. Por que o colchão era tão desigual e quente? Seus olhos se abriram. O quarto estava em total escuro. Tudo o que podia ver eram sombras.

Ela estava deitada sobre Dragos, com as pernas entrelaçadas. Ela endureceu e tentou empurrar-se de pé, mas os braços pesados circundando-a se recusaram a deixá-la ir. E sua cabeça estava presa. Ela deu um puxão. Ele envolveu seu cabelo em torno de seu pulso.

Cascalho parecia estar alojado em sua garganta. Ela resmungou:

— Você acha que eu iria tentar fugir de novo enquanto você dormia? Eu não te deixei quando foi ferido.

Ele desenrolou o cabelo e deixou-a levantar-se, alisando-o de volta.

— Eu não dormi.

Desta vez, quando ela empurrou para os cotovelos, ele a deixou, permitindo um braço enrolar-se através de sua cintura. Não vai pensar no cochilo. Não vai pensar dormindo em seus braços ou quão chocante foi sentir tão bem. Gritos. Ela só pensava nisso.

— Como você pode não dormir? — ela perguntou. — Você se sente muito doente?

— Não é meu costume, mas eu posso passar dias sem comer ou dormir, se eu precisar. — Ele manteve a voz em um tom calmo. O som

retumbou através dela. — Eu não tenho nenhuma intenção de dormir no domínio Élfico. Além disso, tudo o que eu precisava fazer era descansar.

— Como você se sente agora? — Com muito sono para manter a cabeça erguida, ela sentou-se de novo e descansou a bochecha em seu peitoral. Mmm. Pele de cetim sobre ferro.

— Melhor. Meu ombro parece gelo, mas a dor diminuiu. Eu vou ser capaz de me levantar e me mover, mas não acho que vou ser capaz de mudar até bem depois de seu prazo expirar. A magia do seu veneno foi bem construída.

Ela correu os dedos por cima do ombro lesionado. A área estava febril, muito mais quente do que o resto do seu corpo, não gelada.

— Isso não dói?

— Não. — Ele capturou-lhe a mão e levou-o à boca. Ela endureceu quando ele deslizou o dedo indicador na boca e chupou.

Assim que o desejo intenso do sonho voltou com força total. Ele apertou sua cintura até que em um movimento seu trouxe-a para um melhor alinhamento, pelve para pélvis. A evidência de sua excitação se projetava longa e grossa em seu jeans. Ela gemeu e tentou se manter à distância. Tudo o que ela conseguiu fazer foi esfregar seus corpos juntos.

Ela engasgou.

— Pare com isso.

Ele tomou seu tempo sugando seu caminho para a ponta de seu dedo. Sua voz sombria a acariciou como um tigre preguiçoso, esfregando contra sua pele.

— Por quê? Você me queria no sonho. Eu queria você. Eu pude cheirar sua excitação. Apenas algumas horas se passaram. Temos

tempo antes de precisarmos sair. — Ele lambeu a palma da mão, uma sensação que disparou por todo o seu até pulsar entre suas pernas.

Ela engasgou.

— O que aconteceu foi um sonho!

— E? Nós dois ainda queremos. — Seus lábios se moviam para a delicada pele do seu pulso.

O pulso em sua mão tatuada adquiriu um ritmo frenético contra sua boca. Sua língua traçou a veia. Ela não estava chocada, mas confusa. Ele era um tipo devastador de espécime masculina, mas este tinha uma sensualidade gentil e conhecedora que ela não sabia quando lidar. Ela teve que trabalhar para encontrar sua indignação novamente. Quando ela o fez, estava choramingando de prazer.

— O sonho era um feitiço! Que não era real.

— Mas foi verdade, — ele disse. Dedos longos começaram a provocar o seu caminho sob a bainha de sua camisa para traçar o percurso da pele na parte inferior das costas. — A Sedução trouxe o que você mais queria.

Sua pele arrepiou e ela se sentiu sufocada. Ela lutou muito para se libertar e senti-lo neste momento. Por um momento, seus braços se apertaram sobre ela quando se ele se recusou a deixá-la ir. Logo soltou sua presa.

Ela ficou de pé, colidiu com a mesa de café e bateu em algo mais. Umidade embebeu o carpete no seu pé descalço. Ela chutou o jarro de água que tinha usado para banhá-lo.

Ela estendeu os braços enquanto ia para frente até que chegou à parede. Seus dedos deslizaram ao longo do gesso liso até encontrar um interruptor. Ela apertou o botão e depois ficou com as duas mãos apoiadas na parede, os olhos fechados com força contra a súbita luz.

Seu rosto parecia que estava pegando fogo. Keith e os erros horríveis que ela cometeu. Ignorando o conselho de sua mãe, sendo sincera e compartilhando, tudo porque ela queria amar e ser amada, queria ser confiável e confiar. Tudo porque ela queria um amante e um companheiro, um verdadeiro lar, uma casa segura, um lugar que ela não teria que fugir, e se atrever até mesmo a talvez um dia ter filhos.

Os músculos de seus braços estavam muito apertados. Ela esfregou o rosto úmido em seu ombro.

As molas do sofá protestaram. Ela sentiu mais do que ouviu-o vir atrás dela. Um inferno de energia fervida ao longo de seus nervos hipersensíveis.

Dragos pressionou seu corpo por trás. Ele apertou as mãos sobre a dela, muito maior e mais escura do que as finas mãos femininas que tremiam por baixo das suas. Sua angústia machucando no ar. Ele baixou o rosto para o topo da sua cabeça.

Sua Corte era às vezes um lugar tumultuado. Algumas eram casadas. Muitas eram solteiras. As espécies Wyr possuíam uma sensualidade franca, e todas as emoções quentes muito facilmente corriam para a violência.

Ele tomou uma mulher na ocasião, mas seus encontros foram sempre simples. Foi sexo puro, sem complicações. Mas ele tinha sido testemunha de muitos outros acoplamentos que eram muito mais complexos. Sentimentos feridos, mal-entendidos, ciúmes, corações partidos, paixões, infidelidades, tudo jogado fora em um pano de fundo para a vida na corte.

Esta era uma mulher complexa, sem sexo simples para alugar. Ele considerou o que fazer, exemplos de coisas que tinha visto, descartando uma coisa depois da outra. Então, ele disse em voz baixa:

— Eu não entendo. Quer fazer o favor de me explicar?

Droga. Agora que ele tinha dito “por favor” para ela, ela teria de dizer. Ela balançou a cabeça.

Ele suspirou.

— Eu sou velho e muitas vezes cruel e calculista, e não é seguro ficar perto de mim quando estou com raiva. Eu não me desculpo pelo que eu sou. Eu sou um predador, e domino outros predadores de espírito forte. Mas eu não queria te afligir.

Ela se acalmou quando o ouviu. A sensação horrível de exposição desbotada. Cercou-a com seu corpo e sua energia a envolveu.

Ele não entendeu. Ele pensou que o sonho era sobre sexo. Se fosse tão simples assim. Ela inclinou a cabeça para trás e mudou-se para que descansasse no oco de seu pescoço, onde encontrava seu ombro.

Ela disse:

— O sonho era manipulador. Ele estava fora da realidade. Você pode optar por fazer coisas em sonhos que você não pode escolher fazer quando você está acordado.

— Mas era verdade? — Sua respiração soprou os cabelos delicados em sua cabeça.

Quão estranho era que ele estava incerto. Ele usava a arrogância com muito mais facilidade. Isso não devia ser tão charmoso quanto ela pensava que era. Ela realmente não estava bem da cabeça.

— Havia uma verdade no sonho. — ela admitiu. — Não é tão óbvio quando apenas sexo.

— Há mais do que eu pensava.

Ela podia ouvir o sorriso em sua voz. Ele soou... satisfeito.

— Você está feliz com isso. — ela perguntou, incapaz de deixar de sorrir também.

— Você está complicando. Não estou entediado.

Ela puxou uma mão de debaixo dele e cobriu a boca.

—Estou tão feliz que eu possa entretê-lo, Sua Majestade.

Ele passou os braços em torno dela.

— Então, o que é essa realidade que não é tão óbvio quanto o sexo no sonho? Como se conecta a excitação que eu senti de você?

Ela se deleitava com a força dos braços e decidiu deixar-se aproveitar em ser abraçada. Nenhuma análise, motivos ou segundos pensamentos, não olhar para frente, sem expectativas.

— É assim que eu realmente me sinto? Quanto disse é a sobra do feitiço do sonho? Você é complicado também, e eu tenho estado com muito medo de você hoje. E para mim, a atração é uma coisa, mas fazê-lo... — atraiu uma respiração afiada. — Mas o sexo, — ela emendou, — é outra completamente diferente. Eu tenho que ter um certo nível de confiança em alguém antes que eu possa optar por ser tão vulnerável.

— Você confiou em Keith. — ele disse.

Ela não podia deixar de vacilar.

— Sim, eu fiz. E ele me traiu. E isso ainda dói.

— A Sedução do sonho se esgotou. — disse a ela. — Tudo o que sente é real, e o que você escolher fazer sobre isso é tudo seu.

Ele puxou o cabelo para um lado e colocou os lábios na marca de mordida em seu pescoço. Seu pulso flutuava como uma borboleta e sua respiração ofegou. Seus braços apertaram e então ele a soltou e deu um passo atrás. Ela se virou, desgrenhada e desorientada. Graciosos pés descalços brilhavam pálidos contra o bege neutro do tapete, os

dedos dos pés pintados de um vermelho brilhante. Ela parecia delicada e deliciosa e sua virilha apertou.

Ele ignorou.

— Nós deveríamos ir.

Ela assentiu com a cabeça, tentando dobrar fios extensos de cabelo atrás das orelhas.

— Sim, é claro que deveríamos. Quanto tempo nós descansamos?

— Um par de horas. — Ele virou-se, lutando para controlar sua reação a ela.

— Tenho tempo para me limpar, então. Se você não se importa, eu vou tomar um banho e trocar de roupa. Não vou demorar muito. — Ela correu pelo corredor.

Dragos inclinou a cabeça e observou-a sair. Ele ainda não gostava dessa imagem de sua caminhada.

Um dia você vai confiar em mim. Então você vai me dizer o que mais havia no sonho e por que você estava tão abalada. Você não vai ter medo de mim, e vai me dizer todos os seus segredos. E então você vai ser minha.

Ele sorriu. Ela não sabia que ele ainda estava na caça. Bom. Era melhor assim.

No quarto, Pia pegou a roupa que tinha comprado junto com a lingerie, um par de calça jeans capris e uma camiseta amarelo limão com mangas curtas. Só mais uma roupa nova para ir. No ritmo que estava sujando as coisas, ela ia ter de fazer roupa ou comprar mais.

Ela fechou a porta do banheiro, sentindo-se boba quando a trancou. Como se isso e o Exército dos EUA fossem capazes de mantê-lo

fora se ele quisesse entrar. Ela balançou a cabeça, ligou a ducha, se despiu e começou o banho.

A água quente jorrou sobre sua cabeça e corpo, acalmando dores, lugares cansados. Ela assobiou quando bateu nos joelhos machucados. Trabalhando rápido, ela lavou o cabelo com xampu adequado, suspirando de alívio quando passou o condicionado e o comprimento pegajoso tornou-se mais suave e mais controlável. Então, ela ensaboou o resto de seu corpo, enxaguando, secando e vestindo. Ela escovou o cabelo e escondeu-o com um peruca loira, jogou os produtos de higiene pessoal de volta no saco de compras e saiu do banheiro.

Dragos estava estendido sobre as cobertas amarrotadas. Ele fez a cama queen-size parecer pequena e apertada. Ela correu para uma parede invisível quando o viu. Ele estava deitado de costas, os olhos fechados, uma mão atrás de sua cabeça, a outra descansando no estômago de tanquinho.

Ele havia retirado a camisa manchada de sangue e usava apenas calça jeans e botas. O ferimento no ombro ainda brilhava branco contra a pele de bronze. Suas costelas se agitavam sob os fortes peitorais e os mamilos escuros estavam enrugados contra o ar frio. Ele tinha se lavado também, dispersos cabelos pretos em seu peito realmente desumano ainda estavam úmido. Sua cabeça estava úmida também. Ela sentiu o cheiro do macho limpo.

Tal quando acontecia com todos os quartos que ele entrava, ele era dono do quarto apenas por estar lá. Ela estremeceu e procurou por sua última camisa limpa, uma de manga comprida abotoada. Depois que ela arrancou as etiquetas, colocou-a e usava como uma jaqueta, uma vez que a outra teve uma vida curta.

Sua presença era muito grande. Ela não se atreveu a se sentar perto dele na beirada da cama. Em vez disso, ela se abaixou para colocar suas meias e seus tênis. Seu olhar se lançou de Dragos para seus vários pertences espalhados por todo o quarto. Ela olhou para a

mochila com a documentação para três novas identidades e quase cem mil dólares. Então, ela olhou para o macho deitado de barriga para cima.

— Você está pronto? — Ela perguntou. Ela parecia tão sem fôlego, quando se tivesse corrido uma maratona. Deu a volta na sala e recolheu seus pertences, colocando-os em outra sacola de compras.

— Sim. — ele disse. Ele respirou fundo e suspirou. Era uma visão inspiradora. Ela lambeu os lábios e tentou pensar em outras coisas. — Você não precisa dessas outras identidades. — ele disse ele. — Eu gosto do nome Pia Alessandra Giovanni. Combina com você.

Merda. Três muito caras identidades bem-construídas no vaso sanitário. E as outras estavam em Nova Iorque.

— Eu não posso acreditar! — Ela explodiu. — Eram minhas coisas! Você não tinha o direito de olhá-las.

— É claro que eu tinha. — ele disse.

Quando ele conseguiu fazer isso? Ela jogou um dos sacos de compras para ele. Ele deve ter ficado olhando para ela pelos olhos entreabertos. Em um movimento que parecia preguiçoso ainda era muito rápido, ele pegou o saco com uma mão.

— Eu aposto que você contou o dinheiro também! — Ela estalou.

— É claro que eu fiz. — ele disse novamente. Ele sorriu, um sorriso branco. — As mulheres realmente levam muito mais tempo no banheiro. Eu também olhei na geladeira, usei seu telefone celular para ligar para Nova Iorque e as chaves do carro estão no bolso. Não pode haver um pedaço do predador Wyr em você, porque não é apenas uma vegetariana, você é uma vegan. Não é à toa que você é tão magricela.

— Magricela! — Só ele poderia pensar em chamar um 1metro e 55, 63kg de mulher esquelética. Ela jogou a outra sacola de compras para ele. Ele pegou essa também, mas não conseguiu parar as garrafas

de xampu, condicionador e loção de se derramar sobre ele. — Eu não sou! E de qualquer maneira, eu não sou muito uma vegan também. Eu como mel, se é colhido de forma responsável. Mas esqueça tudo isso... devolva-me as chaves do meu carro!

— Não vai acontecer, — ele disse.

Ela lançou para ele e bateu-lhe no peito.

— Bastardo! Você não tinha o direito de mexer nas minhas coisas ou roubar o meu carro!

Ele começou a rir, uma profunda, completa gargalhada. Então, em um movimento que imitava o do sonho, ele agarrou seus braços, rolou sobre seu corpo e jogou-a para o colchão. Ela chiou. Ele levantou-se sobre ela, eclipsando a luz. Aqueles olhos de ouro estavam em chamas.

— Não há outra entidade no mundo que se atreveria a agir dessa forma comigo.

Ela congelou e o sangue fugiu de seu rosto.

Sua expressão mudou. Segurou um dedo rígido debaixo de seu nariz e disse:

— Não! Eu não quis dizer isso como uma ameaça.

Seus lábios tremiam.

— O que você quis dizer, então?

Ele colocou a mão em seu rosto. Era tão longa que quase cobria o comprimento da cabeça.

— Você é minha. — ele disse. — Você pode negar isso, argumentar, espernear, tentar fugir... Mas. Você. Ainda. É. Minha.

— Isso é loucura, — ela sussurrou. — Eu não tenho ideia do que isso significa. Eu não pertenço a você ou qualquer outra pessoa.

— Sim, você sabe. — disse a ela. Seu polegar acariciou seus lábios. — Você é minha e vou mantê-la. Eu não vou machucar você e vou te proteger. E você está começando a confiar em mim. Tudo isso é uma coisa boa.

— Eu não sou um pedaço de propriedade, maldição!

— Mas você está em meu poder.

Ela enunciou:

— Eu acho que você é um lunático.

— Desde que você é, também, funciona bem o suficiente. — Sua boca se curvou em um sorriso. Ele abaixou a cabeça lentamente, olhando para ela. Quando ela ficou tensa, ele sussurrou, — Você está segura. Eu só quero te provar. Nada mais.

Ele esperou centímetros acima de seus lábios.

Isso era tão errado em tantos níveis. Ela olhou de seus olhos pacientes para sua boca. A tensão derreteu de seu corpo traidor.

Ele sentiu sua resistência ir. Sua boca cobriu a dela. Seus olhos se fecharam. Seus lábios, quentes e firmes, moviam leve como uma pluma contra a dela, descobrindo a sua forma e textura. Não era nada como no sonho, quando ambos estavam duro e áspero um com o outro. Esse beijo foi lento, confiante, sem pressa e sensual.

Um espiral de prazer atravessou seu corpo e este se tornou líquido. Ela murmurou e tocou sua mandíbula.

Ele lambeu e mordiscou seus lábios, sua respiração profunda. Quando os dedos viajaram de sua mandíbula e enfiavam-se em seu cabelo, ele abriu a boca e dirigiu nela com a língua. O prazer cravado maior, mais nítido.

Ele inclinou a cabeça para que tivesse um melhor acesso e pode cavar mais fundo em sua boca, seu corpo endurecido. Ele dirigia sua

coxa entre as pernas dela e empurrou contra a área que estava ficando molhada em resposta a ele. Ele fez outro ruído abafado quando ela o beijou de volta com entusiasmo crescente. Ele rosnou e empurrou com mais força com a coxa, mais profundo com a língua.

Ele acertou justo no ponto certo. Ela ofegou e arqueou sua pélvis. Ambos os braços estavam enrolados em torno de seu pescoço. Ele segurou sua bunda e puxou-a com mais força contra ele. Ele passou o outro braço por baixo do pescoço, segurando-a pressionada ao longo do comprimento do seu corpo. Ele encontrou um ritmo perverso com a boca e coxa que roubou todo o pensamento dela, até que ela estava tão incendiada, que estava comendo-o com a mesma falta de controle que estava no sonho.

Ele devorou com ganância e fome. Ela passou as mãos sobre os ombros nus. Seu torso nu estava em cima dela, sua ereção espessa e dura pressionando contra seu quadril. Ela queria tirar as roupas dele. Ela o queria dentro dela, segurando-a enquanto golpeava nela.

Oh meu Deus, ela queria puxar o caminho do inferno de volta agora. Ela puxou sua boca longe e disse ofegante:

— Pare. É demais.

Ele recuou a cabeça e assobiou. Ele esmagou-a para si e não se moveu, seu corpo apertado ao seu.

Seu olhar tornou-se em lava outra vez, os olhos dourados queimando. Ela virou-se e escondeu o rosto contra seus rígidos e agrupados bíceps. Ela sussurrou:

— Eu apenas não estou pronta.

— O namorado. — ele rosnou.

— Ex-namorado. Eu terminei com ele.

Ela olhou para ele. Ele estava olhando para ela, os planos e ângulos de seu rosto sombrio estavam afiados.

—Você disse que ainda doía.

Ela colocou os dedos contra a boca esticada a traçando, obcecada com a forma e a textura dele.

— Eu estou magoada porque eu escolhi confiar em alguém e fui traída. Não estou mais machucada por ele, eu não iria querer alguma coisa com ele, se ainda estivesse vivo. O máximo que eu seria tentada a fazer é bater nele de novo.

A tensão em seu corpo começou a diminuir. Ela sentiu a boca puxar para um sorriso sob seus dedos.

— Você bateu nele?

Ela sorriu de volta, os olhos enrugando.

— Bem, não, — ela admitiu. — Mas eu tive uma enorme satisfação em empurrá-lo contra uma parede.

Ele A estudou. O marfim de sua pele estava corado um rosa delicado, lábios inchados e vermelhos escuros de serem beijados. Aqueles olhos escuros violeta brilhavam para ele. No entanto ela alegou que sentia, seu corpo estava relaxado e confiante quando se curvou para caber seu. O cheiro de sua excitação intensa foi deliciosa. Todos os tons de suas joias tinha sido polido brilhante.

— Você está absolutamente linda. — ele disse. Ele apertou seus lábios contra sua testa.

Seus olhos se arregalaram em choque. Então, ela desviou o olhar, seu rubor aprofundando-se. Ela não conseguia pensar em nada para dizer. Num impulso, o abraçou apertado. Ela pareceu surpreendê-lo porque ele ficou parado e depois abraçou de volta, esmagando-a com ele antes de deixá-la ir.

Ele rolou para longe dela e sobre seus pés em um movimento suave e flexível.

— Agora nós realmente devemos ir.

Ela balançou a seus pés, não tão graciosa quando ele tinha sido. Ele a ajudou a pegar as coisas que tinham caído dos sacos de compras e insistiu em levá-los e sua mochila. Sentindo-se que tinha perdido o controle vital de sua vida de alguma forma, ela arrastou-se atrás dele.

Antes de saírem, ela foi até a cozinha para pegar seu telefone celular e pegar o que ela poderia comer na corrida. Ela ignorou os ingredientes da salada e molho. Ela jogou em outra sacola de compras um pacote de amêndoas, iogurte de soja e uma colher, que ela roubou da gaveta utensílio, junto com a garrafa de água que tinha comprado.

A secadora estava funcionando na pequena lavanderia ao lado da cozinha. Dragos parou e tirou sua camisa Armani rasgada. Ele havia lavado o sangue o melhor que pôde, mas o branco imaculado se foi. Ele deu de ombros, mas não se incomodou de apertar alguns botões que foram deixados. Ela encontrou-se grata inclusive por essa medíocre cobertura. Embora isso não ajudasse muito. Ele ainda estava distraído e sexy, com lampejos de que torso longo bronzeado mostrado pela camisa aberta. A visão de seu peito nu havia roubado todos os dígitos de seu QI.

Eles saíram. Quando Dragos fechou a porta da frente, ela fez uma nota mental para chamar Quentin para avisá-lo que não tinha deixado a casa em tão boa forma quanto ela gostaria.

Dragos acompanhou-a até o lado do passageiro do carro, ele olhou em volta. O assassino frio de pedra estava de volta. Ele abriu a porta para ela e fechou-a depois que estava sentada, em seguida, colocou os pacotes na parte de trás e subiu para o assento do motorista.

— Você está esperando problemas, — ela perguntou, olhando para tranquila noite. Em conjunto com a sesta e tudo mais, eles tinham usado cerca de seis horas do limite de Dragos de 12 horas, e era em torno de 03:00. Algumas casas de praia para baixo alguém estava tendo uma festa com todas as luzes brilhando, mas manteve quieto.

— Não, se os elfos mantiverem a sua palavra, — ele disse. Ele localizou a alavanca e empurrou o banco de trás o mais longe que podia ir.

— Por que não? — Ela perguntou, com os olhos arregalados. — Eu nunca ouvi falar nada de ruim sobre sua integridade.

— Você é um pouco mais jovem que eu também. — lembrou. — Cada corrida teve os seus momentos menos estelares agora e depois. Oh, pelo amor de Deus. Este carro vai me matar.

— O quê? Por quê?

— Ainda esperando que ele ganhe velocidade. — ele disse. — Qualquer dia agora. O que é isso, um CDM?

— O que é um CDM?

— Carro de merda.

Ela começou a rir.

— É um Honda Civic, e é um belo carro. Muito eficiente em combustível.

— Bem, nós sabemos por que, não é? — Apesar de suas palavras, ele manteve uma velocidade modesta até que eles tinham deixado à área de praia e chegaram a uma estrada principal. Quando ele acelerou, mantendo constante, mas no limite de velocidade.

— Que tipo de carro você tem? — Ela abriu o iogurte. Estava morrendo de fome.

— O meu favorito é o Bugatti.

Ela poderia ter sabido que ele teria um carro com o valor de mais de um milhão de dólares. Sem dúvida, ele fez algo extravagante como bater a barreira do som em sessenta segundos. Ela começou a comer.

— Quantos outros carros caros que você tem?

— Talvez 30 em toda a frota. Eu não mantenho o controle de todos eles. Os que eu dirijo são o Bugatti ou o Hummer. Às vezes, os Rolls. Meu povo conduzem os outros.

— É claro que eles fazem. — ela disse. Seu povo. Ela balançou a cabeça. Riqueza tão extravagante era inimaginável.

Ele olhou para os lados, o lábio enrolado.

— Que diabos você está comendo?

Ela limpou o canto da boca com o polegar.

— Iogurte de soja.

— Isso é comida? Eu tentei o que você comprou no outro dia, os Twizzlers e o Slurpee de cereja. Eu não conseguia colocar qualquer um fora da minha boca rápido o suficiente.

Ela começou a rir.

— Vamos lá, não pode ter sido tão ruim assim.

— Foi. — disse a ela em uma voz grave. — Foi muito ruim.

— Como você... - De repente entendeu. Oh, deixei a nota. Eu escrevi na parte de trás de um recibo. Ela bateu com a testa. É assim que me rastreou.

— Obtivemos a filmagem de segurança a partir da data do recibo. Entre isso e seu nome humano que você me disse no sonho, nós achamos você.

Ela suspirou, terminou seu iogurte e abriu o pacote de amêndoas.

— Tanto para a minha vida de crimes. — Ela ofereceu-lhe o pacote que abriu e ele balançou a cabeça. Faróis vieram por trás deles e ficou a uma distância constante. Ela notou o olhar no espelho retrovisor e torceu em seu assento. — O que é isso?

— Nós temos uma escolta para a fronteira Élfica. — Seu perfil parecia duro na penumbra refletida. — Como é amável da parte deles. O que, você quer apostar que iriam oferecer assistência na estrada, se tivéssemos um problema?

— Bem, você não pode culpá-los, — ressaltou. — Entrou a força.

— Sim, e você me roubou. — ele disse. — E olha quão bem que estamos nos dando.

Ela se surpreendeu. Pensou em voltar no dia sobrecarregado. Eles estavam indo extraordinariamente bem. Ele suspeitava que ela deveria estar assustada por ele. Pensando sobre isso, alguma parte dela deveria estar.

— Agora que você mencionou, — ela murmurou, — Você parece estar indo um pouco contra o estereótipos. Não é assim?

— É claro, — ela disse em uma voz de seda. — Você acha que eu possivelmente chegaria a beijar quem um dia me roubou?

— Eu... Eu não tive muito tempo para pensar sobre isso. — Ela não tinha tido tempo para pensar em muita coisa.

Ele levantou um dedo.

— Primeiro, você é a única que sempre terá sucesso em roubar de mim. — Ele levantou outro dedo. — Em segundo lugar, eu não sou uma criatura de fácil perdão. Na verdade, você é o único que eu já perdoei antes. — Ele colocou um terceiro dedo. — E em terceiro lugar, eu gosto de vingança. Eu estou ansioso para rasgar a pessoa que lhe deu o feitiço e que acabou com minha moeda.

— Colocado assim, eu deveria fugir gritando. — ela disse. Ela engoliu em seco e olhou pela janela para as cenas noturnas escuras passando. — Por isso é tão diferente?

— Lembra quando eu disse que não estava entediado?

Ela assentiu com a cabeça enquanto dobrava a manga de sua camisa.

— Olhando para trás, eu acho que estive aborrecido por séculos. Isso é uma rotina muito grande. As pessoas correm para me dar qualquer coisa que eu poderia querer. E, se por algum motivo isso não acontecer, posso sempre comprar o que eu quero.

— Eu posso imaginar, — ela murmurou.

— Bem, eu vivo assim todos os dias. Mas você é diferente. Você tem sido uma série de surpresas. — Dragos disse. — Eu nunca estive tão irritado. Em seguida, a nota me fez rir em voz alta. O sonho? Grande surpresa. As coisas ridículas que dizemos, o seu cheiro, a cor de seu cabelo ao sol, à luz do luar. — Ele lançou-lhe um olhar de soslaio com aquele sorriso de lâmina afiada. — Estava muito, muito entediado. Eu acho que vale muito para mim, inclusive descobrir quando fazer coisas novas.

Ela se virou para olhar pela janela novamente. Oh ótimo, para que ela pudesse relaxar enquanto estava entretido? O que aconteceria quando ele ficasse aborrecido com ela? Será que ele esqueceu quando ele a perdoou? Ela mordeu o lábio.

Felizmente ainda tinha três esconderijos em Nova York, com três novas identidades e mais dinheiro. Supondo que ela voltaria para a cidade com ele depois de tudo. Só tinha que encontrar alguma maneira de escapar.

Uma mão pousou em seu joelho. Ela saltou e voltou sua atenção para ele.

— Pia, — ele disse. O sorriso desapareceu de sua voz. — Eu quero que você me escute. Estou falando sério. Não tente fugir quando voltarmos para a cidade.

Seus olhos se arregalaram.

— O que você está falando?

— Oh, vamos lá, não é uma grande coisa, — ele respondeu. Sua mão apertada, tão forte como uma algema de ferro. — Lembra que eu disse que eu liguei para Nova York? Falei com o meu Primeiro sentinela, um grifo chamado Rune. Achamos que sabemos quem pode ter sido responsável por orquestrar o que aconteceu, manipulando e matando Keith e seu corretor de apostas, certificando-se que o feitiço chegaria até você e que acabou com a última moeda.

— Oh, — ela disse, sua voz muito pequena. — Eu tenho um sentimento que eu não quero ouvir isso. — A amêndoa que ela tinha acabado de engolir parecia ficar em sua garganta. Ela dobrou o pacote, colocando as castanhas restantes na sacola de compras a seus pés e bebeu parte de uma garrafa de água antes de fechá-la e jogá-la de volta na bolsa.

— Tenho a sensação de que você está certa. Mas você tem que ouvir. Se Keith disse algo sobre você, qualquer coisa, você não está segura. Você pode garantir que ele não fez antes de você fazer o juramento vinculante?

Ela se retorceu, sombria com o retorno do medo.

— Ele disse que tinha mencionado a mim, mas não tinha falado muito. Faz sentido se ele não tinha. Ele queria tentar controlar a forma como iam as coisas.

— Mas tente esse pensamento, — Dragos disse. — Ele também teria que ser muito, muito convincente para alguém a fim de obter esse feitiço. Você sabe quantas pessoas poderiam fazer algo assim, algo com força para passar contra meus mais fortes feitiços?

— Eu estou supondo que pela forma quando esta conversa vai, não muitos. — ela murmurou.

— Mais uma vez, você está certa. De imediato, eu posso pensar em três. — A pressão em sua perna soltou-se. Ele esfregou sua coxa. — Vê onde eu quero chegar?

Seguindo o instinto, ela agarrou sua mão entre as dela. Ele permitiu que ela mantivesse-a no colo.

— Quem são eles?

— Uma bruxa muito antiga na Rússia. A Rainha Vampyre em São Francisco é uma feiticeira. E o Rei Fae das Trevas.

— Merda. — Merda, merda, merda.

— Eu tenho gente pesquisando agora mesmo para ver se pode haver outra pessoa que poderia retirar um encanto forte o suficiente para encontrar o meu tesouro. Até agora, parece que não há. A bruxa é muito indiferente às coisas que acontecem fora do seu bairro. Eu não a vejo como possibilidade. E a Rainha Vampyre é uma espécie de amiga, ou pelo menos uma aliada, mas o Rei Fae das Trevas? — Dragos balançou a cabeça com um sorriso triste. — Urien me odeia além de qualquer outra coisa. O que acontece é que durante os últimos 200 anos eu tinha algo que ele queria desesperadamente, e eu não vou o deixar colocar as mãos nisso. Ele não hesitaria em arrasar o continente

se achasse que iria me destruir também. Você não seria nada, exceto um pequeno obstáculo em seu caminho.

Do pouco que ela sabia dos Fae, havia duas cortes, uma Sombria e uma Lumiosa, e frequentemente estavam lutando entre si sobre algo. O Fae da Luz foram governados por uma rainha. Urien governou o Fae das Trevas. Ele poderia ser o Poder desagradável que tinha manipulado Keith nos bastidores.

Ela se concentrou na mão que segurava no colo. Era uma mão grande e forte. Seu braço era um tronco de árvore. Ela percebeu que estava acariciando-o, acariciando seus longos dedos com os seus.

— Meu povo é muito bom. Eu não acho que você fosse capaz de fugir de qualquer maneira, mas provou ser surpreendentemente inventiva, — disse. Ele poderia ser muitas coisas, sedutor, persuasivo, tranquilo, mas essa capacidade ternura a surpreendia. — E na chance que você conseguisse escapar, você seria achada novamente. Mas você estaria em perigo se fizesse isso, então o que me diz sobre sua promessa?

— Tudo bem, — ela disse.

— Boa menina. — Sua mão apertou a dela e, em seguida, ele se afastou.

Eles caíram em silêncio. Algum tempo depois, quando o céu iluminou a madrugada, os faróis atrás deles brilharam, e o carro que vinha seguindo afastou. Ela supôs que significava que tinham cruzado para fora do domínio Elfico.

Depois de um tempo suas pálpebras caíram novamente. Ela não achava que poderia cair de sono, mas duas horas e um cochilo à tarde não foi suficiente descanso, já que ela não havia dormido uma noite inteira por um tempo.

Ela esfregou as têmporas e disse:

— Um dia desses, eu terei uma refeição de verdade e uma noite de sono real.

Dragos disse:

— Eu disse a Rune para encontrar alguém que pudesse cozinhar o tipo de alimento que você come.

Apesar de si mesma, ela teve que sorrir. Ele fazia o vegetarianismo soar tão estranho, tanto comida de cachorro cozida.

— Isso foi muito gentil de sua parte, obrigada. — Ela teve uma breve luta entre o orgulho e o desejo, e o desejo ganhou. Ela colocou a cabeça contra seu braço.

Foi errado. Era uma tolice. Ela não deveria tomar tal conforto do duro e musculoso calor que ela encostou-se. E a última coisa que ela deveria fazer é começar a confiar nele.

Ele segurou a cabeça e depois se concentrou novamente na condução. Ela cochilou.

Algun tempo mais tarde, indefinível, ela despertou para uma vaga sensação de ansiedade. Ele observou que ela endireitou-se e olhou em volta. A luz da manhã estava mais forte, embora o sol ainda não havia aparecido no horizonte. O cenário foi passando por chicotadas. Ela olhou para o velocímetro. Eles estavam viajando cerca de 180 quilômetros por hora.

Ela olhou para Dragos. Seu corpo estava relaxado e ele dirigia com completa competência, mas seu rosto escuro era feroz.

— O que há de errado?

— Alguma coisa nos encontrou. Estamos sendo monitorados. Eu não sei se podemos escapar, mas podemos tentar.

Mesmo sabendo que era inútil, ela não podia deixar de olhar ao redor. Ela também abriu amplamente seus sentidos, esforçando-se para

entender o que estava pegando. A compreensão lhe escapava. Ela nunca tinha experimentado antes o que estava sentindo.

— O que é isso? — Ele perguntou.

— Eu não entendo o que estou sentindo. — Ela disse.

Suas sobrancelhas se levantaram.

— Tente descrevê-lo.

— É só isso, eu não sei. — Ela encolheu os ombros, sentindo-se inadequada. — É, não me sinto bem. É parecido com um sentimento de medo, sei que algo ruim está próximo. Você não sente isso?

— Não. — ele disse. — Você está descrevendo algo diferente do feitiço que nos prendeu. O sentimento pode ser conectado ao seu sangue Wyr.

— Onde estamos?

— A próxima grande cidade é Fayetteville. Se chegarmos lá, vamos mudar de rumo.

Se vamos chegar lá? Ele parecia tão calmo. Ela agarrou o cinto de segurança.

O que veio em seguida aconteceu tão rápido. Em uma curva cega, um grande veículo rugiu sobre eles. Dragos desviou forte, segurando o carro em um controle apertado. Mas então veio outro veículo à frente, à direita.

Ao seu lado no banco do passageiro. A luz a cegou.

Dragos deu um último puxão brusco no volante. Os pneus gritaram quando o carro começou a rodar. Tudo girou. Em seguida, o veículo que se aproximava estava prestes a impactar o lado do motorista. Ele jogou seu tronco sobre a dela, colocando a cabeça no oco de seu pescoço.

Um barulho horrível quando tudo desapareceu...

.

CAPÍTULO 07



dor a despertou. Seu corpo foi torcido num ângulo desconfortável. Ela estava cercada por metal recortado e presa sob algo pesado.

Ela gemeu.

— Shh, — Dragos sussurrou. — Está tudo bem. Você vai ficar bem. — Ela tentou respirar fundo e não podia.

— Não consigo respirar. — ela choramingou. — Eu não posso mover minhas pernas.

— Tivemos um acidente, Pia. Você está presa, mas eu vou te tirar. Por agora você tem que me escutar. Não se mexa. Você pode fazer isso por mim? Só por um tempo?

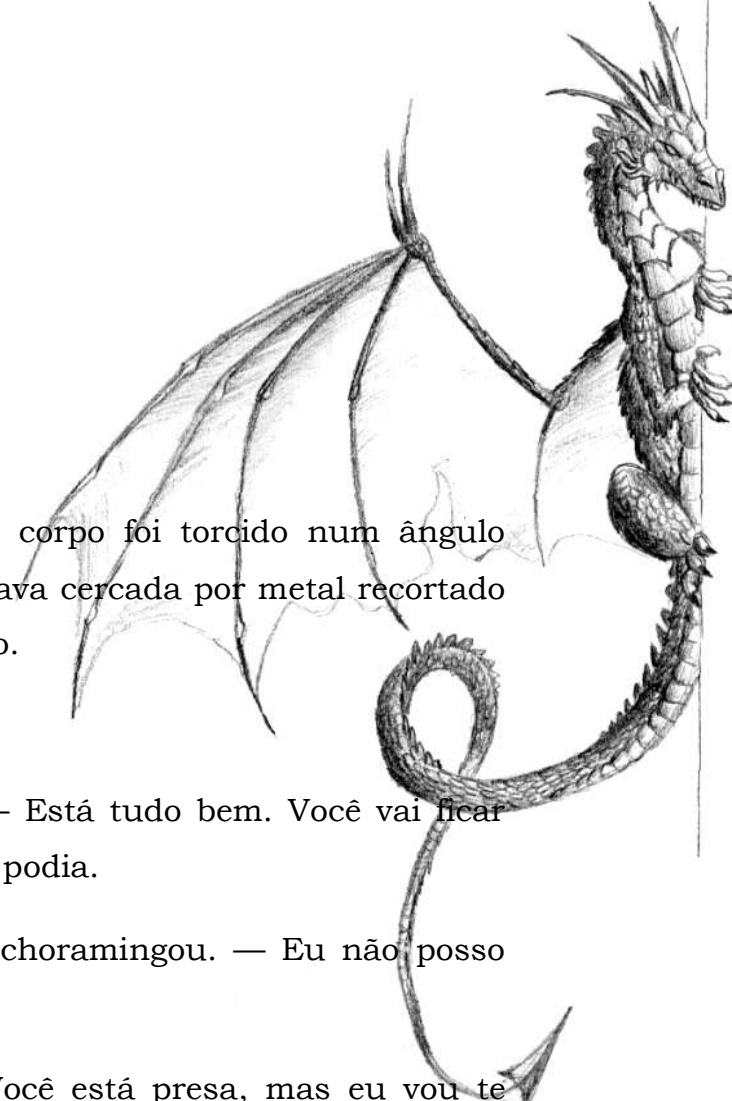
Sua voz a entreteu e afastou seu pânico. Ele estava seduzindo para acalmá-la. Um dia ela ia ter que falar com ele sobre mexer com sua cabeça. Neste momento não parecia adequado. Ela tentou respirações rasas e murmurou.

— Ok.

— É uma menina corajosa. — ele acalmou.

O peso em seu peito foi erguido brevemente. Metal gemeu. Era um som terrível. Dor queimou as pernas e costas. Ela gritou e o mundo se voltou cinza.

Dragos amaldiçoou um fluxo constante de virulência quando Pia perdeu a consciência novamente. O impacto foi tão violento que o carro estava uma pilha de metal retorcido irreconhecível. A maioria das



criaturas não poderiam ter sobrevivido ao acidente. Se ele tivesse sido menor do que era, se não tivesse se recuperado o suficiente do veneno élfico, se não tivesse se jogado sobre Pia e empurrado para fora com o seu poder para cobrir os dois, ela teria sido esmagada em um instante.

Eles foram cercados por sombras. Ele rasgou o air bag e jogou os pedaços pelo pequeno espaço que tinha sido a janela do passageiro da frente. Então tirou o cinto de segurança. Ele olhou em volta, quando as sombras se arrastaram mais perto. Ele mostrou os dentes e rosnou uma advertência, e as sombras pausaram. Ao longo dos cheiros de borracha queimada e gasolina, o fedor de Duende chegou as suas narinas. Logo, os Duendes começaram a rastejar mais perto de novo, as suas características grosseiras visíveis na madrugada.

Eles pensaram que o tinham imobilizado. Eles estavam certos.

Seu corpo tinha tomado vários danos, contusões e cortes, mas ele ignorou. Para ele, os ferimentos eram menores. Se estivesse sozinho, ele teria rasgado seu caminho para fora dos destroços e feito um Esmagamento em suas bundas feias. Mas se ele fizesse isso, poderia fazer um dano incalculável para Pia, talvez matá-la. Ele teria que ter muito cuidado em trabalhar para libertá-la dos escombros. Isso levaria tempo. Ela era muito mais frágil do que ele.

Os Duendes ficaram mais ousados. Eram criaturas disformes, de pele cinza e com força bruta sobre-humana. Eles eram uma das poucas Raças que não poderiam manter algum tipo de glamour para torná-los mais aceitáveis para a coexistência com os seres humanos. Por esse motivo, passou a maior parte de seu tempo em outras terras, onde a magia era mais forte, a humanidade era a raridade e determinadas tecnologias, quando aparelhos elétricos e armamento moderno não iriam funcionar com qualquer grau de segurança e confiabilidade.

Ele expandiu seus sentidos e encontrou uma passagem próxima, que levava a um bolsão para a Outra Terra. Grande surpresa.

Ele voltou sua atenção para Pia. Os destroços a tinha envolvido juntos como um presente macabro. Ele estava torcido na cintura, cobrindo seu tronco. Seu assento tinha quebrado. Ela estava deitada parcialmente no que havia sido o banco de trás, enquanto a frente do carro tinha caído sobre as pernas.

Ele mexeu o braço esquerdo livre e chegou por trás dele para agarrar a coluna de direção, que foi pressionado contra seu rim esquerdo. Apoiando-se com o braço direito, ele empurrou.

Metal gemeu e a coluna se afastou alguns centímetros. Ele parou antes do que queria, então poderia verificar se mover a coluna faria outra coisa do que apertar Pia para baixo. Ele não sentiu qualquer colapso. Bom o suficiente. Ele tentou o mesmo com o teto amassado sobre a sua volta e ganhou um pouco mais de espaço para eles.

Duendes conversaram entre si em sua língua gutural. Um veio muito perto. Sorrindo, ele enfiou uma espada serrilhada para ele através do buraco da janela.

Dragos pegou a espada. Ele socou o outro braço para fora do buraco. Ele fechou sua mão ao redor da garganta do Duende e esmagou-o enquanto a criatura se engasgou e chutou. Ele soltou. O Duende caiu no chão, garras segurando seu pescoço arruinado quando ele morreu. Os outros Duendes observaram quando seu companheiro perdeu sua vida, mas não fizeram nenhum movimento para tentar ajudá-lo.

Tão encantador. Ignorando seus dedos sangrando, ele puxou a espada no carro. Os outros Duendes rosnaram, mas se mantiveram bem fora de seu alcance.

Ele pôs a espada perto de sua mão e voltou sua atenção para Pia, ignorando quando o carro deu uma guinada em ruínas. Os Duendes levantaram os destroços em uma plataforma com eles lá dentro.

Pelo menos ela estava respirando mais fácil. Contusões e cortes sarapintando seu rosto. A camisa que ela usava como um casaco estava cortada e úmida com sangue em alguns lugares. Sempre pálida, ela parecia muito branca na luz da manhã. Um delicado rendilhado de veias azuis era visível sob a pele fina em sua testa.

O caminhão se pôs em movimento, saiu da estrada e atravessou o campo. Duendes armados e blindados correram ao lado e atrás, mantendo-os cercados. Eles viajaram em direção ao corredor que os levaria para a Outra Terra.

Dragos explorou seu corpo com o poder, prestando muita atenção a sua coluna e pernas. Ele deu um suspiro de alívio quando os encontrou intactos. Ele conseguiu cobri-la o suficiente para evitar grandes danos estruturais. Em seguida, ele verificou o sangramento. Ele encontrou metal enfiado em sua panturrilha direita. Não é à toa que ela tinha desmaiado quando ele tentou mover as coisas. Ele abaixou a cabeça e usou seus ombros quando ele empurrou-se contra o teto amassado, ganhando vários centímetros necessários.

Ele estudou quanto das pernas estavam presas até que ele estava satisfeito que tinha encontrado uma maneira de ampliar a área sem machucá-la ainda mais. Ele agarrou os dois lugares que ele havia escolhido e as separou. O metal protestou, mas deu lugar até que suas pernas estavam livres. Sangue jorrou quando o metal deixou sua perna. Ele bateu a palma da mão sobre isso. Apesar da necessidade urgente de parar o sangramento, ele parou e respirou fundo quando sentiu seu Poder brotando debaixo de sua mão.

Luz solar líquida, eterna magia, jovem, selvagem e livre. Ele descartou cada palavra que veio a ele. Eram todas inadequadas. O que ele agora tinha certeza era o que tinha suspeitado antes. Ele estava na presença de algo único. Na série de surpresas que havia encontrado desde que ficou consciente dela, ele descobriu outra, e essa lhe causou uma reverência.

Ele enviou um pulso muito suave de *Poder* para selar a ferida e estancar a hemorragia. Ele enviou o pulso sobre seu corpo, selando outros cortes menores. Ela iria sentir dor e estar infeliz quando acordasse, mas ela viveria. Isso é tudo o que importava.

Isso é tudo o que importava.

Ele ajustou o máximo que pôde e segurou seu queixo.

— Pia. — disse ele, chegando a suave e calma em sua mente inconsciente. — Hora de acordar. Eu quero que você abra os olhos agora.

Ela empurrou os dedos segurando o queixo. Ela estava cansada, caramba. Ela murmurou.

— Você poderia parar de falar tão alto?

— Pia, olhe para mim.

— Eu quero dormir. — ela disse seu tom petulante. Por que essa voz tem que ser tão linda?

Ele sussurrou:

— Eu sei, mas você não pode. Aguenta, bebê.

— Deus, você é tão irritante. — Ela suspirou, mas abriu os olhos.

Ela olhou para Dragos, que sorriu para ela, sua expressão escura iluminada com uma expressão estranha. Em outro caso ela chamaria isso de alívio. Ele apoiou seu peso em um cotovelo por sua cabeça enquanto se inclinou sobre ela. Um lado de seu rosto tinha um hematoma roxo escuro.

Seu olhar deixou o quebra-cabeça e foi a outros, viajando de um metal desconhecido disforme, enquanto eles se lançaram em um movimento constante e desigual. Ela levantou a cabeça para olhar para

fora e ela desejou que não se incomodasse. Monstros correram ao lado deles. A sensação de pavor bateu nela com força total. Os terrenos adjacentes brilharam com a magia que foi crescendo em força. Foi demais tomar tudo de uma vez.

— Estamos sendo sequestrados. — ela disse em uma voz calma.

— Acidente de carro. Lembra-se? Tenho certeza de que eles estão transportando-nos para uma Outra Terra. — Ele acariciava seus cabelos. — Você está bem. Você foi ferida, mas não é ruim.

Ela olhou para seu corpo golpeado e manchado de sangue. Um interruptor foi ligado em sua cabeça.

— Oh Deus, eu estou sangrando. — ela gaguejou. Ela roçou seus braços, esfregou a umidade em seu rosto.

— Uau. — ele disse. Ele agarrou as mãos. — Pare de entrar em pânico. Eu disse que está tudo bem.

— Faça-o parar. Eu não posso sangrar. — Ela lutou e começou a hiperventilar.

— Mantenha sua voz baixa. Um deles pode entender inglês. — Ele colocou a mão sobre sua boca, segurando-a. — Droga, eu acabei de fechar seus ferimentos. Você vai se cortar novamente, se não tiver cuidado.

— Dragos, eu não posso sangrar. — ela disse abafada contra sua palma. — Você entende? Eu não posso sangrar! — Ela olhou para ele com olhos selvagens. — Você pode queimá-lo?

Ele olhou para ela, seu olhar dourado derreteu.

— Pia, — ele disse, — você foi cortada por toda parte.

— Não importa. — ela ofegou. — Temos que nos livrar do sangue.

Depois de um rápido olhar assassino no que estava acontecendo do lado de fora de sua gaiola particular, ele disse por entre os dentes cerrados. Merda.

— Tudo bem, fique quieta.

Ela congelou, empurrando para fora o pânico. Em movimento rápido, ele rasgou sua calça capri acima dos joelhos despojando o pano sangrento dela. Ele a usou para enxugar as pernas e a borda de metal que a tinha cortado, e amassou-o. Ela lutou para se esquivar de sua camisa, prejudicado por seu pequeno espaço. Ele ajudou-a a rasgar os pedaços e depois usou para limpar os cortes em seus braços e seu rosto o melhor que podia. Ele acrescentou isso para o maço de material que ele apertou em um punho.

A Magia surgiu. O caminhão tossiu e parou. Duendes correram para desengatar a plataforma, chamando um ao outro enquanto eles engatavam as correntes embaixo. A dúzia de Duendes agarraram as correntes e começaram a transportá-los para a frente.

— Atravessamos. — Ele disse.

Ela nunca tinha ido a Outra Terra antes. Sua mãe se recusou a levá-la, insistindo que sua melhor chance de evitar ser descoberta era se esconder entre a humanidade. Apesar de tudo que estava acontecendo, o sentimento da terra era inebriante.

Ela olhou pela janela quebrada. Majestosas árvores antigas cobertas com vinhas se elevavam em torno deles. Havia uma simetria na terra que alimentou seu espírito cansado. Seu olhar seguiu o toque de espessura de um tronco de árvore até os galhos espalhados lá no alto com a graciosidade de um teto de catedral abobadada. Repleto com a idade, encharcado com a magia, tudo parecia mais rico, mais verde, e a luz do sol de manhã cedo brilhou mais dourado e brilhante.

Dor a obrigou a deitar-se. Ela sussurrou.

— É lindo.

— Eu tenho certeza que não vai ser onde eles estão nos levando.
— ele disse.

Ambos olharam para a camiseta de manga curta amarelo limão que usava por baixo. O ombro direito estava encharcado de vermelho, juntamente com uma área em sua cintura onde ela tinha sangrado através da camisa.

— Arranque-a. — ela disse. Ela afastou um sentimento de pânico pela exposição. Ela esperava que seu sutiã estivesse limpo.

Seus olhos estavam em lava quente quando ele olhou para os Duendes que os cercavam.

— Merda. Tudo bem, fique parada. — ele retrucou.

Ele enfiou o maço de material em seu colo e, em seguida, rasgou a camisa no ombro e na cintura até que ele teve todo o pano ensanguentado. O que sobrou da camiseta estava uma bagunça irregular que deixou sua barriga e ombro nu, mas o colar estava intacto. Ela olhou por baixo dele e suspirou de alívio. O sutiã não tinha sangue.

O último de todos, ele rasgou sua camisa, que ficou com pintinhas vermelhas. Ele amarrou o pacote nas peças de sua camisa.

Então, ele ergueu-a com uma mão perto da abertura da janela amassada. Seus olhos se estreitaram. A lava neles queimando assim quando o seu poder fez. O pacote explodiu em chamas.

— Obrigada. — ela respirava.

Ele disse:

— Estaremos falando sobre isso quando chegar em casa.

Ela se encolheu em seu peito, longe do brilho de fogo, olhando quando ele segurou a bola na mão. Ela queimou com intensidade demais, alimentada por sua magia. Ela sentiu o calor lamber de sua pele, mas não estava queimando.

Ele enviou um olhar para fora, um olhar rápido, e depois jogou o pano em chamas com força suficiente para que ele batesse num Duende perto no rosto.

— Dois pássaros, uma pedra. — Ele deu de ombros quando Pia olhou para ele. Ele observou com interesse enquanto a gritaria começou.

O Duende correu em círculos irregulares, batendo no seu rosto em chamas e gritando. O fogo se recusou a morrer. Em vez disso, alimentada pelo seu poder, a magia da terra e tudo o que estava em seu sangue, se espalhou para a armadura de couro. Pia se afastou da visão horrível. Ela cobriu os ouvidos e enterrou o rosto em seu peito. Ele segurou a parte de trás de sua cabeça e viu quando o Duende caiu e morreu.

Vingança era uma cadela linda. Ela também era um bom amigo seu, e eles estavam apenas começando.



Havia 20 Duendes deixados após os dois mortos por Dragos. Em pouco tempo eles se juntaram a outra dúzia. Os recém-chegados trocaram de lugar com os que tinham transportando a plataforma. O ritmo acelerou.

Após Dragos empurrar o carro distorcido em alguns lugares mais cuidadosamente escolhidos, eles poderiam se mover um pouco

para dentro e tornar-se mais ou menos confortável. Então, ele concentrou sua atenção sobre o que estava acontecendo lá fora.

Ela tinha visto com os olhos arregalados quando ele havia dobrado as extremidades irregulares de metal ao redor de suas pernas para que ela não se cortasse novamente quando se moveu. Que era algum tipo de força assustadora que ele tinha. Pescou em torno da área apertado, alheio aos seus pés e conseguiu encontrar uma garrafa de água maltratada que não havia sido perfurada. Eles dividiram metade de alguns goles, então ela tampou o resto para mais tarde.

Ela não tinha dúvida de que Dragos tinha salvado sua vida em mais de uma maneira. Ela estava grata por ele ter sido capaz de parar o sangramento, selando seus cortes. Ele disse a ela que era uma forma de cauterização exceto que ele era capaz de impedi-la de sentir a dor. Era muito ruim que havia uma extensão de suas habilidades de cura, porque seu corpo todo doía.

Ela olhou para fora agora e, em seguida, olhando em volta com admiração para a paisagem que era tão parecida e ainda ao contrário da parte da Terra que ela conhecia. As colinas, florescendo folhagens verde-azulado, cacos de luz solar deflagrando veias de cristal nas pedras de granito, as cenas passavam velando alguma verdade invisível que era tão essencial, tão palpável, ela poderia jurar que quase podia colher para fora do ar com as duas mãos. Alguma longa e negada fome de sua alma desfraldada lamentou com a necessidade de beber disso.

Era a magia da Outra Terra que a chamava? Era a selvageria antiga e sagaz da floresta que tinha visto nenhum machado lenhador, arado de agricultor, que lembrava sua mais profunda criatura selvagem que vivia presa dentro da inadequada gaiola de sua fraca metade híbrida?

Ela queria cortar a si mesma para que a pobre criatura se fosse. O aumento da desesperada emoção era tão violenta, tão incontida, a parte dela que era civilizada com a língua e cultura encolheu longe

disso. Um impulso a atravessou tentando-a a dizer para Dragos sobre o frenesi dentro de si, mas a civilização e língua falharam com ela no final. Ela não entendia o que sentia e assim permaneceu em silêncio.

Tão poderosa quando a terra chamava por ela, os Duendes assustaram-na, tanto que ela não olhava para fora com muita frequência. Ela preferiu deitar-se em sua cadeira quebrada e olhar para o telhado mutilado quando ela tentou explorar a paisagem misteriosa que encontrou dentro de si. Ela tornou-se convencida de que os Duendes eram a fonte do medo que se agarrava a ela. O sentimento se arrastou ao longo de sua pele como aranhas recém nascidas.

Havia outras camadas para a mescla de contraditórias, emoções complicadas. O choque do acidente permanecia. O medo se agarrou, junto com a ansiedade sobre o que iria acontecer a seguir. Emoção brotou da verdade de estar na Outra Terra.

Dragos existia no centro de tudo isso. Ele era seu único ponto de referência estável, sua bússola apontando para o norte.

Sua pele bronze escuro parecia mais intensa, o cabelo escuro mais brilhante, o ouro de seus olhos mais polido do que tinha sido antes. Ela perguntou se era um efeito da magia da terra saturada, ou se foi um efeito colateral do veneno Élfico trabalhando seu caminho para fora do seu sistema. Talvez os dois.

Ela estudou seu rosto perigoso quando ele se reclinou sobre o ombro e viu o que acontecia do lado de fora. Seus olhos dourados estavam calculando, e ele manteve a espada do Duende que ele havia capturado pronta ao seu lado.

Ela mediu as probabilidades. Por um lado, 30 ou 40 Duendes armados, mais ou menos. Por outro lado, um dragão seriamente chateado. Ela pensou na enorme força naquelas mãos quando ele moveu o metal de perto de suas pernas. Talvez ela estava sendo tendenciosa, mas os Duendes estavam torrados.

O truque seria como e quando ele estaria tostando-os.

— O problema é comigo. — ela disse, abaixando sua voz como ele tinha pedido.

— O que você está falando? — ele disse em uma voz suave, dando pouca atenção.

— Assim como foi quando os Elfos nos cercaram. Você não iria combatê-los, porque eu estava no caminho. — Isso teve toda a sua atenção. Ela se sentia calma e clara. — Eu aposto que você poderia ter saído antes de nós atravessarmos.

— Uma especulação como essa é inútil. — ele disse, franzindo a testa.

— Talvez você poderia ter ficado livre da destruição antes que os Duendes tivessem colocado o carro na plataforma, certo? — Ela insistiu. — Você não fez, no entanto, por causa de mim. Eu estou te segurando.

— Vamos ser claros sobre alguma coisa. — ele disse. — Eu não sei o que diabos você é. Estamos acrescentando para a crescente lista de coisas para conversarmos quando sair daqui. Mas você não é um problema. Vamos dizer que você é uma consideração tática.

— Consideração tática. — bufou. — O que significa isso?

— Isso significa que você é um fator nas decisões que tomo. Pare de se preocupar. — Ele deu uma batidinha em seu nariz com o dedo indicador. — Parece que estamos chegando ao nosso destino.

Ela apoiou-se nos cotovelos e olhou para fora. Eles estavam viajando por um longo tempo. Ela não tinha certeza de quanto tempo, porque tinha ouvido dizer que o tempo se movia em um ritmo diferente nas Outras Terras. O sol tinha baixado até parecer final da tarde ou início da noite, mas, se ela pensasse como o seu relógio biológico estava

dizendo a ela, parecia que tinha estado presa em um terrível acidente por um dia inteiro.

A terra tinha ficado mais rochosa e mais selvagem desde que ela tinha passado a olhar para fora. De frente contra o fundo de um penhasco estava um local de aparência sombria... era uma fortaleza? Uau, ela nunca tinha visto antes uma fortaleza. O par de Duendes rompeu e correu à frente do grupo principal. Ansiedade assumiu a liderança de todas as outras emoções em sua mistura. Seu estômago se apertou.

A mão de Dragos pousou em seu ombro em um aperto, firme e constante.

— Ouça-me. — ele sussurrou. — Você vai fazer o que eu digo. Você entende? Agora não é o momento de discutir ou me desobedecer. Eu sou o especialista aqui. Entendeu?

Ela assentiu com a cabeça. Ela se concentrou em regular sua respiração enquanto seu olhar se agarrou a ele.

— Aqui está o que você não vai fazer. — ele sussurrou, olhando profundamente em seus olhos. — Não chamar qualquer atenção para si mesma. Não lhes dê uma razão para acreditar que você não é nada, além de secundária. Não olhe nos olhos. Para um Duende, isso é um sinal de agressão. Não fale com eles. Não lute. Você entendeu?

— Acho que sim. — ela sussurrou de volta. Esse cavalo a galope estava de volta em seu peito. A forma quando as coisas tinham ido na semana passada, ela havia perdido dez anos de sua vida por causa do stress.

— Aqui está o que eu acho que vai acontecer. Eles vão nos separar. Eles podem te machucar. — Seu punho se apertou a ponto de dor. — Eles não vão te matar. Eles viram que eu estava cuidando de você, de alguma forma, por isso eles querem usá-la como influência

para me controlar. Duendes não têm interesse em humanas. Eles não vão estuprar você.

Um espasmo de tremor atingiu-a, e depois desapareceu novamente e ela estava calma.

— Está tudo bem. — ela disse a ele. — Eu estou bem. Estou feliz que você está me dizendo isso.

— Essa é a minha menina corajosa. — Ele largou seu ombro e roçou os dedos contra sua bochecha.

— Isso é muito paternalista. — ela disse, recusando-se a reconhecer que seu coração idiota havia aumentado as batidas por suas palavras. Ele parecia bastante claro agora que ela não tinha nenhum noção ou bom gosto.

Ele lhe deu um encolher de ombros impaciente.

— Então?

Assim ela riu. Seu olhar de ave de rapina se estreitaram. Ela bateu as duas mãos sobre a boca para abafar o barulho rápido.

— Isto ainda é sobre a moeda, não é? — Ela disse em suas palmas.

— Isto é sobre a moeda. — ele concordou. — Eu acho que ele foi usado para colocar um feitiço de rastreamento em mim, muito parecido com o que usamos em você. Não sinto qualquer poder real aqui ainda, mas aposto que nosso orquestrador de eventos está a caminho. É mais uma razão que você não deve chamar a atenção para si mesmo.

— Eu não vou.

Ele olhou para fora.

— Quase lá agora. Se eles estão pensando o que eu espero que eles estejam, não sabem que eu poderia ter saído. Do seu ponto de

vista, deve ter parecido como se eu estivesse tentando me libertar. Eu estou esperando que eles me subestimem.

Outra onda de adrenalina a atingiu. Seu sistema foi tão sobrecarregado que estava começando a fazer sentir-se elevado. Ela se lembrou sobre o que tinha acontecido e assentiu.

— É isso. Abaixе sua cabeça, mantenha a calma e sobreviva. — Seu olhar era feroz. — Eu irei atrás de você.

Eles começaram a desacelerar. Ela não teve coragem de olhar para fora.

— Quão perto você pensa que está em eliminar o restante do veneno? — Ela forçou a questão fora dos músculos da garganta que tinha trancado.

— Pode demorar um dia, talvez dois. Ajuda que atravessamos e a magia da terra é tão abundante aqui.

Um ou dois dias. Em alguns aspectos não era muito tempo afinal. Em outros aspectos, uma vida.

Tudo isso era sobre ela. Ela roubou a moeda, era por ela que ele veio, e ela era a pessoa que o fez ser baleado pelos elfos. Manteve-se de escapar dos destroços para ajudá-la. Ele ainda não estava indo lutar quando eles pararam, porque ela estava por perto.

Ele tem que esperar até que eu esteja fora do caminho. Só assim eu não seria morta. Talvez agora que nós viemos de tão longe ele tem que esperar até que esteja curado. Vai ser uma corrida, entre o quão rápido ele pode ficar livre e quão rápido o Poder que arranjou sua captura pode chegar aqui.

A emoção que brotou nela era indescritível.

— Eu acho que você é meu herói. — ela disse. Apenas metade era brincadeira.

Ele olhou para ela, a imagem de incredulidade.

— A maioria das pessoas, — ele disse — acham que eu sou um homem muito mau.

Ela estudou os olhos para tentar descobrir se isso o incomodava. Ele não parecia incomodado por isso. Ele parecia desconcertado por ela.

— Bem, — ela disse — talvez você seja um dragão muito bom.

A plataforma parou. É hora do show.

Ela se manteve agachada quando olhou para fora dos destroços. Um Duende havia saído de uma porta de metal preto. Ela tinha visto fotos de Duendes antes, mas os desenhos e esboços não conseguiram capturar seu vigor robusto. Os reais eram não só horríveis, mas poderosamente construídos. A língua que falavam um ao outro era agitada, gutural e áspera. Quando alguns se aproximaram, ela percebeu o quão ruim eles cheiraram.

Ainda assim, havia algo de diferente neste Duende, um ar de autoridade. Ele segurou cordas de correntes negras com algemas e caminhou mais perto deles, mas parou a uma distância prudente. Ele fedia muito.

Eles eram totalmente repugnantes, e de alguma forma ela deveria deixá-los colocar suas mãos sobre ela. Outro tremor convulsivo a atingiu. Em um movimento invisível pelos Duendes, abaixo de sua linha de visão, Dragos colocou a mão em seu joelho. Ela cobriu-a com a dela.

— Fanfarrão. — ela sussurrou para ele. — Não seja um covarde.

Sua mão apertou e os ombros estremeceram. Ela esperava que ela o fez rir de novo.

O Duende que se aproximou disse algo a eles. Chop Chop chop. Dragos lhe respondeu na mesma língua terrível. Chop Chop.

Eles foram lá e para cá mais algumas vezes. Em seguida, o Duende se aproximou e jogou as algemas. Dragos foi para o lado de fora e os pegou. Ele os puxou para os destroços. Isso fez muito mais sentido para ele do que fizeram com ela porque ele os separava com destreza.

O medo se tornou tão forte que era repugnante. Alguns se aproximava das correntes. Eles cheiravam a algum tipo de magia horrível.

Dragos inclinou-se e fechou uma algaema com um de seus tornozelos. Ela sibilou.

— Pare! O que você está fazendo? Não coloque isso em mim!

— Cale a boca. — ele disparou. Ele trancou uma algaema ao seu outro tornozelo.

Ela agarrou seu braço.

— Dragos, há algum tipo de magia ruim neles!

Ele virou e rosnou para ela, os olhos brilhando.

Ela estremeceu e se encolheu dele. Seus pensamentos morreram.

Ele terminou de colocar as outras duas algemas em seus pulsos grossos e prendeu-os de modo que o Duende podia ver. O Duende acenou e gritou para os outros que enxameavam a frente.

Quando eles começaram a erguer as portas destruídas fora do carro, ela se enrolou em posição fetal e fechou os olhos.

CAPÍTULO 08

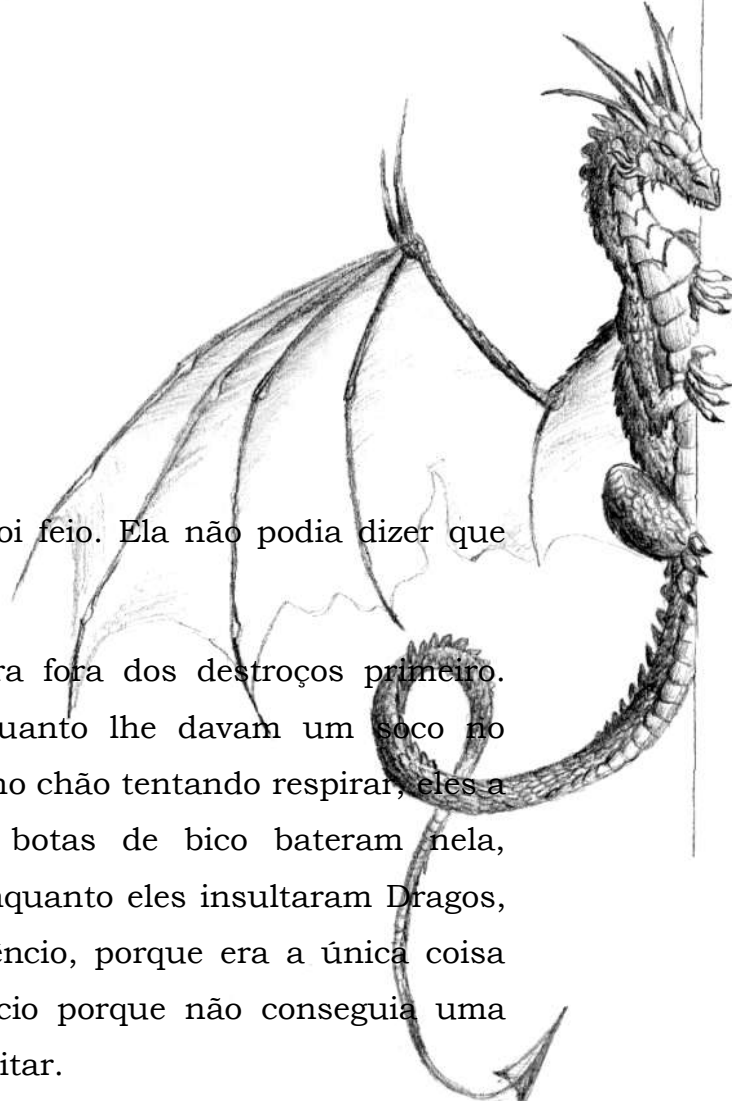
O que se seguiu depois foi feio. Ela não podia dizer que não tinha sido avisada.

Eles os arrastaram para fora dos destroços primeiro. Ela manteve seu olhar no chão, enquanto lhe davam um soco no estômago. Quando ela estava enrolada no chão tentando respirar, eles a chutaram. Uma e outra vez, duras botas de bico bateram nela, intercaladas com risadas de Duende enquanto eles insultaram Dragos, até que ela já não se manteve em silêncio, porque era a única coisa inteligente a fazer. Ela ficou em silêncio porque não conseguia uma respiração profunda o suficiente para gritar.

Ela pegou um vislumbre borrado de Dragos de pé nas garras de dois Duendes cada pedaço tão grande quanto ele. Seu rosto agressivo perigoso estava branco, olhos dourados tão reflexivos e emotivos quanto duas moedas gregas.

Uma vida mais tarde, vários Duendes com espadas desembainhadas andaram com Dragos através da fortaleza de pedra. Um Duende agarrou-a pelos cabelos e seguiu atrás deles. Outro ficou atrás, ainda chutando, embora sem muito interesse.

O grupo de Duendes guardando Dragos marcharam em uma cela. Seus Duendes passaram muito tempo, até um cruzamento no corredor e para a direita. Uma vez que eles estavam fora da vista de Dragos, a sua forma tornou-se séria e desinteressada. Eles a pegaram pelos braços e arrastaram-na para outra cela. Eles a jogaram em um monte de palha rançosa.



Um Duende disse algo. Chop Chop. O outro riu. Eles saíram e uma chave na fechadura soou na porta da cela. Os sons desapareceram do corredor.

Ela ficou deitada na palha horrível por um tempo. Então se arrastou alguns metros, em seguida, entrou em colapso e se colocou nas frias lajes sujas. Ela pode ter desmaiado. Ela não tinha certeza. A próxima coisa que percebeu foi um besouro preto azulado andando pelo chão.

Ela continuou observando seu progresso. Ele caiu de cabeça em uma fenda e ficou preso. Ela arrastou-se ao longo e assistiu-o um pouco mais. Ele conseguiu se virar para que sua pequena cabeça ficasse para fora. Antenas acenaram e suas patas dianteiras funcionaram, mas não conseguia o impulso suficiente para rastejar para fora.

Seus dedos se arrastaram pelo chão, até que encontraram um pouco de palha. Ela pegou um punhado. Ela balançou as extremidades na profunda fenda e levantou. O besouro saiu e rebolou no seu caminho.

Quando ele desapareceu, ela suspirou, rolou de costas e alavancou-se em uma posição sentada. Seu pensamento voltou a funcionar.

Faça uma coisa de cada vez. Dê um passo.

Ela rastejou à parede. Passo. Teve primeiro um pé debaixo dela, depois o outro. Passo.

Ela endireitou os ombros. Quando teve certeza que tinha seu equilíbrio de volta, abriu a porta da cela trancada e saiu.



O dragão estava de braços abertos, onde o tinham prendido. Ele foi preso duas vezes, primeiro com os grilhões mágicos negros. O segundo conjunto foi unido em quatro pontos ao chão. Ele olhava para o teto, os pensamentos percorrendo um caminho sinuoso. Em poucos minutos ele iria puxar as correntes do piso. Ele ignorou seus tornozelos e pulsos sangrando. Ele podia sentir uma debilidade crescente na cadeia em seu braço esquerdo e concentrou-se sobre isso.

Sua porta da cela abriu. Ele virou a cabeça, o caminho sinuoso transformando em letal.

A surrada e imunda Pia apoiou na sala, e Dragos se tornou são.

Ele começou a tremer a assistiu escutar na porta rachada por alguns momentos antes de ela fechar a porta. Ela se virou. Quando o avistou, seus ombros caíram.

— Oh, pelo amor de Deus. — Ela revirou os olhos. — Dois conjuntos de algemas? Agora eu acho que precisa de dois conjuntos de chaves. Este dia vai ficando melhor e melhor.

— Venha aqui. — ele disse. Ele deu a corrente de seu braço esquerdo um grande puxão. A argola gemeu, mas não quebrou. — Venha aqui. Venha aqui.

Ela inclinou a cabeça, seu olhar cansado tornando-se muito sóbrio. Ela mancava através da cela e caiu de joelhos ao lado dele.

— Eles bateram em você também, — ela disse. Ela tocou suas costelas com uma mão leve e suave.

Sua agitação aumentou. Falar com ela antes que os Duendes a levaram tinha sido fácil. Ele tinha explicado a ela com sua calma crueldade habitual como achava que as coisas poderiam ir. No geral ela parecia aceitar bem. Ele se aproximou do confronto, quando sempre fazia, pronto e focado para enfrentar qualquer desafio futuro.

Então esse primeiro Duende tinha dirigido o punho em seu estômago, e ele ficou louco. Cada chute, cada golpe que ela sofreu foi como ácido corrosivo em suas veias. Ele queria uivar e se enraivecera. O dragão se esforçou para arrancar os seus corações de seus peitos enquanto assistiam.

Ele agarrou-se a seu autocontrole por um mero fio, pela percepção do quanto pior poderia ficar para ela se eles tivessem a reação dele que estavam procurando.

Eles machucaram-na. Eles machucaram-na, e isso machucou-o dentro de algum lugar, em um lugar que ele nunca tinha sido ferido antes. Ele havia sofrido lesão física e dor muitas vezes antes. Isso significava pouco para ele. Mas este novo machucado, ele estava em choque. Ele nunca havia percebido o quão invencível ele tinha sido até que foi arrancado dele.

Ele estudou-a com um olhar faminto quando ela se ajoelhou ao lado dele. O brilho de seu cabelo estava entorpecido com a sujeira. Sua esfarrapada camiseta era agora cinza, e os jeans capri não eram mais azul. Sua pele pálida estava toda manchada com hematomas inchados tão profundos que eles eram um roxo escuro.

E por baixo de tudo, tudo isso, estava lembrando logo antes que isso aconteceu, ele a fez encolher-se dele. Ele nunca tinha odiado, mas ele pensou que fazia naquele momento.

— Venha aqui, venha aqui. — ele sussurrou. Seus belos olhos passaram de sóbrio para preocupado. Ela se inclinou e colocou sua bochecha contra a dele. Ele virou o rosto para ela e seu cabelo caiu sobre ele em um dossel de luz.

Ela estava murmurando em seu ouvido enquanto sua mão acariciava seu rosto. Ele se concentrou nela.

— Eu sinto muito. É tudo culpa minha. Eu não posso te dizer o quanto estou triste.

— O que? — Disse. — O que você está dizendo? Pare de falar assim. Cale a boca. — Ele roçou os lábios ao longo de sua pele, respirou em sua presença. Debaixo da sujeira da masmorra e o fedor de Duende, ele encontrou sua fragrância delicada, indomável. Algo apertado e ferido em sua alma expandiu-se novamente. — Eu disse para você. Eu não quis dizer isso.

— Não seja ridículo, é claro que você quis. — Ela acariciou seus cabelos e deu um beijo em sua bochecha.

— Você se encolheu de medo. Nunca tenha medo de mim de novo.

— Dragos. — ela disse em uma voz sensata. — Se você me chamar e rosnar como um animal selvagem, quando eu não estou esperando isso, acho que poderia encolher novamente. Chame-me de infantil, se quiser, mas é assim que é.

— Eu não vou fazer isso de novo. — ele sussurrou. Ele estava tão silencioso que quase não o ouviu. Ele concentrou toda a sua atenção na viagem leve como pluma dos dedos em seu rosto até que ela tocou seus lábios.

Ela suspirou e deixou mais de seu peso descansar sobre ele.

— As celas fechadas não podem me enjaular, mas isso não significa que eu posso abrir essas malditas algemas. Como diabos estarei obtendo dois conjuntos de chaves com Duendes correndo por todo o lugar?

O desgastado autocontrole em sua voz enviou-lhe um pouco de volta louco.

— Você não vai. — ele disse.

Ela levantou a cabeça e fez uma careta para ele. Ele ficou aliviado ao ver que ela não havia quebrado.

— O que mais vamos fazer? — Ela perguntou ela. — Nós não podemos simplesmente esperar até que o Rei Fae das Trevas, ou o Coringa ou Charada, ou quem infernos seja mostre-se.

Sua mente entrou em marcha novamente e tornou-se clara.

— Isto é o que está acontecendo. — ele disse. — Eu tenho um ouvido muito bom. A maioria dos Duendes foram ter a sua refeição da noite. Há alguns guardas deixados em lugares estratégicos. Eu posso ouvir onde eles estão.

— Isso é útil saber, — ela disse com alívio.

— E é isso que vamos fazer, — ele disse a ela. — Você sabe o corredor que eles te levaram para a direita?

Ela assentiu com a cabeça.

— Se você for em linha reta em vez de direita, há algum tipo de sala que eles usam por esse caminho. Eu acho que tem um guarda. Eu podia ouvi-los lá falando sobre ir para a ceia. Houve o som de metal tilintando, que espero sejam armas e o arrastar de cadeias, por isso é um lugar onde eles se reúnem. Não há ninguém lá agora. Eu quero que você vá procurar por chaves que podem caber nessas correntes do chão ou algo reto e fino para usar para abrir a fechadura. Por falta destas duas, tentar agarrar um machado. Seja rápida.

— Dragos. — ela disse, olhando-o em dúvida. — Eu não sei como abrir uma fechadura. Eu nunca tive que aprender, duh.

— Você não vai precisar. Eu sei como palitar uma fechadura. — ele disse. Ele tinha aprendido a abrir fechaduras, assim quando bloqueios foram inventados. As pessoas gostavam de travar todos os tipos de coisas bonitas que ele queria. Ele sacudiu a algema em seu pulso esquerdo. — Há uma fraqueza em um desses ligações. Eu vou quebrá-la.

Ela olhou para seu braço e sua testa enrugou. Ela disse com preocupação.

— Seu pulso está uma bagunça.

— Não seja tão infantil. — ela disse. Seu olhar encontrou o seu e acendeu com um riso relutante. — Não é nada. É melhor se apressar. Nós não sabemos quanto tempo temos, enquanto eles comem a ceia.

— Certo. — ela disse.

Um eco da dor e raiva voltou, enquanto observava sua luta para ficar em pé, sem qualquer de sua graça habitual, e ele não podia fazer nada para ajudá-la. Ele teria uma atenção especial para os que tinham batido nela. Iria ter um monte de Duendes mortos antes que ele saísse deste lugar.

Mas, por agora virou toda a sua atenção considerável para o elo enfraquecido e puxou.

Pia se arrastou pelo corredor novamente, desta vez confortada por Dragos que garantia de que ela não estava em perigo iminente de se deparar com um Duende. Ela encontrou a guarita desde que a porta estava aberta. Ela olhou para dentro e recuou.

— Ugh. — ela murmurou. — Criaturas imundas.

Ela pulou, em seguida, colocou a mão em suas costelas doloridas quando Dragos sussurrou em sua mente:

— *Você está bem?*

— *Ah, é claro que você pode me ouvir.* — ela disse. — *Sim, eu estou bem. É só restos de alimentos mofados sobre a mesa, e fede aqui. Eles são nojentos.*

— *Eles têm gosto muito ruim.* — ele disse.

— *Você já comeu um Duende!* — Ela exclamou.

— Não. — *ele disse, — Eu mordi um Duende.*

Ele parecia um pouco tenso. Ela mordeu o lábio. Ela esperava que ele não estivesse prejudicando muito o seu braço.

Relevância, Pia. Sacudiu-se e correu pela sala o mais rápido que podia. O lugar era positivamente medieval e não em uma espécie de filme de Hollywood. Era urina no canto? Ugh! Ela tentou o máximo possível evitar tocar as coisas.

Ela ficou decepcionada, não encontrou as chaves. Mas encontrou um canivete que se encaixou no bolso e uma faca estilete. As algemas não foram feitas com precisão. O estilete parecia que seria fino o suficiente para caber nas fechaduras se ele pudesse dobrar a ponta um pouco.

Ela agarrou um machado de batalha da estante de armas. Era muito pesado para ela levantar, então teve que arrastá-lo de volta para a cela. O som do machado raspando o chão do corredor a fez desconfortável, então ela correu mais rápido do que seu corpo abusado queria. Ela estava suando e com dores pelo tempo que se apoiou para abrir a porta da cela com um quadril. Ela conteve um gemido quando ela soltou o machado no interior.

Dragos olhou do machado para ela quando ela se encostou no batente da porta, ofegante. Ele levantou seu braço esquerdo, onde parte do elo quebrado pendia do assoalho. Ela ergueu o estilete.

Ele sorriu. O jogo começou.

Depois que ela deu-lhe a lâmina fina, se apoiou contra a parede mais próxima e deslizou para baixo até que estava sentada. Era reconfortante vê-lo trabalhar e deixar sua mente derivar, saber que não havia nada naquele momento que ela poderia ou deveria estar fazendo.

Ele torceu a ponta da faca, deslizando-o entre as duas lajes e puxando a alça. Ele teve que torcer a cintura e se esticar para alcançar

a algema do seu pulso direito e segurar firme quando trabalhou no bloqueio.

Ela admirava a força e a graça de seu corpo enquanto ele trabalhava. Para manter sua posição torcida teve de apertar os músculos abdominais. Eles ondularam e flexionaram quando ele tomava controladas respirações constantes. A linha de seu ombro largo deslizou ao redor de sua cintura apertada. Seus jeans estavam tão sujos quanto o dela, mas a nádega e perna masculina que eles revestiam eram apetitosos.

Pensar sobre isso, ele parecia malditamente sexy acorrentado no chão. Especialmente se este fosse o seu castelo. Ela iria enviar seus servos para lavá-lo, todos os funcionários do sexo masculino heterossexuais, e eles, naturalmente, limpariam esta cela nojenta, velas dispersas ao redor, colocaria um colchão debaixo dele com lençóis de seda, oh, e talvez deixaria uma garrafa de vinho e um par de copos, e mais tarde ela iria descer e provocá-lo à loucura montando nele e esfregando seu corpo seminu em todo seu torso escaldante.

Exceto que não havia castelo. Ela não tinha servos. Seus pulsos estavam sangrando, o que parecia doloroso e não foi divertido em tudo, e em todos os lugares, ela fedia como um Duende. Ah sim, e suas vidas estavam em perigo.

— Ainda não estou bem da cabeça. — ela murmurou.

Ele enviou-lhe um brilho de seu sorriso pelo ombro.

— Você me explicará o que quer dizer com isso muito em breve.

Ela sentiu um rubor aquecer suas bochechas.

— Não é provável.

Ele tirou a algema, sentou-se e se estendeu, então deslizou para a frente e começou a trabalhar em seus tornozelos. Ele estava realista sobre isso, mas ela teve que cobrir a boca para abafar seu grito. Ela

sentou-se e aplaudiu animadamente. Seu sorriso se aprofundou. Logo teve seus tornozelos livres, e ele levou um momento para pegar o bloqueio da algema em seu pulso esquerdo e arremessá-lo em um canto.

Em seguida, eles olharam para as outras algemas de metal preto e correntes com a magia repulsiva. Eram duas algemas, uma simples prendendo seus braços juntos, a outra em seus tornozelos, que o impediam de ser capaz de andar no seu passo normal.

— De alguma forma eu não acho que isso vai ser tão fácil. — ele disse. E estava certo. Não importa o quanto ele trabalhou, não foi capaz de abrir qualquer uma das quatro fechaduras. — Eu acho que isso não vai sair sem a chave correspondente. Aposto que é parte de sua magia.

Seu entusiasmo despencou.

— O que você acha que eles fazem além de parecerem pegajosos?

— Bem, os Duendes não sabiam que fui atingido pelos elfos, não é? — Disse. — Ou se sabiam não quiseram confiar nisso, pois isso vai passar em algum ponto. Isto parece que fazem a mesma coisa que o veneno élfico, limita a minha força e me impede de mudar. Caso contrário, não teria havido nenhuma esperança que isso, — ele empurrou o queixo para o outro conjunto de correntes. — me manteria prisioneiro.

— Então agora o que vamos fazer? — Ela levantou as mãos. Podia sentir que em algum lugar dentro havia uma rachadura que foi ficando maior. Era apenas uma questão de tempo antes que ela caísse nela, igual ao besouro, só que não tinha tanta certeza que seria capaz de rastrear o caminho de volta novamente.

— Você está indo de volta para a sua cela. — Ele agachou-se sobre ela e colocou a mão sobre sua boca quando ela começou a protestar. Ele retrucou: — Você prometeu não discutir.

— Foda-se. Você não é o meu chefe. — ela murmurou contra sua palma. Ela colocou as duas mãos em torno de seu pulso, com cuidado com a pele ferida e rasgada. — Você continua esquecendo isso.

— Deixe-me ver se eu entendi direito. — ele disse os olhos brilhando de ouro. — Você promete não discutir quando você não quer discutir. É isso?

Ele estava divertido? Louco? Ela não podia dizer. Ela disse:

— É claro.

Ele soltou uma risada, colocou as mãos sob os braços e levantou-a a seus pés. Ele se agarrou a ela até que ela se estabilizou.

— Ok, menininha. Você vai para a cela, eu estou fechando a porta atrás de você e todos os foda-se do mundo não vão mudar isso. É o lugar mais seguro para você. Se por algum motivo eles voltarem antes que eu faça, nunca vão pensar que você saiu. Vão pensar que eu fiz tudo isso. — Ele gesticulou ao redor da cela.

— Eu não quero me separar de você.

— Seja forte. — ele disse. — Eu vou caçar e você não quer estar lá.

Ele ergueu o machado de batalha em uma mão como se fosse feito de isopor e o colocou em suas costas. Apesar de seu tom insensível, ele foi cuidadoso quando a levou para o corredor. Entre suas lesões e seus grilhões, eles foram a um ritmo lento.

Ela entrou e voltou. Ela não podia olhar para ele. Preferiu se concentrar no chão enquanto seus lábios tremiam.

— Mas e se eles voltarem?

Um silêncio pesado estava entre eles.

Longos dedos deslizaram sob o queixo e levantou o rosto. Ela mordeu os lábios quando olhou para sua expressão sóbria.

— Eu não vou deixá-la sozinha por muito tempo. Eu vou ser mais rápido que eu puder. — Uma lágrima espirrou em sua mão e parecia como se tivesse o queimado. Ele xingou sob sua respiração. Então, ele inclinou a cabeça e roçou sua boca com a sua. — Eu juro para você, Pia, eles não vão te machucar novamente. Você tem que confiar em mim.

Ela assentiu com a cabeça e empurrou sua cabeça para longe, passando em seu rosto com as costas da mão.

— Vá.

Ele ficou lá olhando para ela. Por um momento, ele parecia que estava prestes a falar, mas ela virou-lhe as costas. Ela pensou que sentiu os dedos escovar a parte de trás do seu pescoço, e então ele se foi.

Toda a vitalidade que a tinha envolvido e a sustentado foi drenada em sua ausência. Ela olhou ao redor da cela, sombria e horrível e se sentiu tão solitária que poderia ter deitado e morrido.

Ela sentou-se no meio do chão e fez-se em um pequeno pacote, com os joelhos erguidos e testa descansando em seus antebraços. Quando fez esse truque antes, quando ela ficou em branco, assim quando os Duendes levaram? Ela não queria. Tinha que ter sido algum tipo de resposta de defesa ao horror quando aquelas mãos monstruosas haviam-na tocado.

Agora os minutos escorriam com uma lentidão agonizante e ela não tinha como evitar isso. Ela queria investigar, desassociar e ir para outro lugar em sua cabeça, mas não conseguia descobrir como fazê-lo novamente. Levou tudo o que ela não tinha para não entrar em pânico e sair por aquela porta da cela.

Lembrou-se de cada vez que eles tomaram. Ela sabia que poderia chegar a essa porta de fora novamente. Que estava sem dúvida guardado por um par desses indecentes morcegos com cara de loucos. Ela abafou um gemido e apertou-se.

Como eu cheguei aqui de novo? É como se eu tivesse uma lista de todas as coisas que eu não deveria fazer, e eu fui direto para baixo, verificando as coisas quando chegava a elas. Eu tenho sido muito cuidadosa com isso. *Viver tranquilamente, sua mãe tinha dito. Deixar tudo para trás em qualquer momento. Não fique muito apegada às pessoas. E não diga nada a ninguém sobre o seu verdadeiro eu. Coisas simples, simples.*

Eu tenho que me dar crédito por uma coisa. Mamãe nunca me disse para não roubar de um dragão. Sem dúvida, ela achava que era muito óbvio para se mencionar. Isso deveria ter sido adicionado a essa música Croce Jim. Você não cuspiu para o vento. Você não puxou a máscara da Lone Ranger, e você não rouba um Cuelebre.

Acho que poderia ter destruído qualquer esperança de viver de forma anônima. Idiota.

Um pequeno som a mandou em pânico.

Uma chave raspou no bloqueio.

Seu corpo gritou em protesto quando ela empurrou para seus pés e apoiou contra uma parede. Ela puxou o canivete do bolso e apertou a mola. A lâmina cerrou aberta. Ela escondeu-o ao longo do comprimento de sua coxa, olhando com a boca seca quando a porta se abriu.

Dragos escorregou, o corpo enorme de lutador se movendo com a graça de um felino. Ele carregava um pacote de couro em um ombro. Os ganchos de metal preto se foram. Faixas de couro atravessavam o peito. O punho do machado de batalha e que parecia uma espada foram amarrados às costas. Facas em bainhas foram atados em seus

antebraços, e a bainha de uma outra espada curta era afivelado na cintura e amarrado na sua coxa. Suas feições esculpidas estavam calmas. Puta merda, ele fez Conan, o Bárbaro parecer como um covarde.

Alívio quase trouxe-a de joelhos. Estrelas negras dançaram na frente dela. Em um instante ele estava em sua frente, com as mãos nos ombros, apoiando as costas contra a parede.

— Droga, você parece como se fosse desmaiar — Ele disse.

— Bem, eu não sabia que ia ser você, não é? — Ela mostrou-lhe o canivete que estava segurando contra sua coxa.

Seu rosto grave iluminou com um sorriso.

— Surpresa número 134 e contando.

— Você faz esse número subir. — acusou. Ela empurrou a lâmina contra sua perna. Ele fechou com um snif e ela deslizou de volta em seus jeans.

— Você tem certeza? — Ele disse, parecendo divertido. — Você sabe como usar essa coisa?

— Bem o suficiente. Eu não sou realmente um lutador, no entanto. — Foi triste, mas é verdade.

— Não, sua natureza é muito suave, para isso, não é? — Ele acariciou o cabelo dela e puxou-a com cuidado em seus braços.

Ela se inclinou contra ele, seu mundo recostando-se no lugar. Em um nível mais profundo que ela não teve tempo para examinar, foi uma experiência muito perturbadora. Seu calor corporal mandou o frio embora. Ela colocou os braços ao redor da cintura e abraçou-o apertado.

— Eu tive uma vida inteira de aulas, mas não tive que usar nada disso na vida real. Ainda. — Obrigou-se a respirar profundamente até

que a tontura persistente passasse. — Apenas me dê uma chance de furar uma daquelas baratas de duas pernas, e eu estarei bem.

— Eles vão ter que passar por mim primeiro. — Ele deu-lhe um aperto suave e recuou.

— Você foi mais rápido do que eu estava com medo que você poderia ser. — Ela olhou para suas novas aquisições. — Parece que você encontrou um monte.

— Eu encontrei a chave para as algemas, mas não encontrei o capitão Duende. Eu encontrei seus quartos em vez disso. Ele é um filho da puta ganancioso. Ele tinha todos os tipos de pilhagem. Metade parecia intacta. — Ele se moveu de volta para a porta, ouviu por um momento e abriu-a. — Precisamos nos apressar agora. Há Duendes chegando. Parece que a refeição da noite está acabada.

Ele abriu o caminho e desta vez se moveu muito mais rápido. Ela lutou para manter-se, mas ficou alguns passos para trás. Ele diminuiu a velocidade quando alcançou a virada final que levava para a porta do lado de fora. Ele andou até a esquina, completamente silencioso quando pegou o machado de guerra e desembainhou a espada curta em um movimento simultâneo.

Ela prendeu a respiração com a visão. Ele era um super-guerreiro, magnífico e assustador. Hey, quando ele pudesse mudar para um dragão seria o seu próprio tanque e força aérea, tudo ao mesmo tempo. Acrescente isso a capacidade mágica e ele era praticamente um exército em uma criatura. Ela sabia que ele era um dos primeiros Poderes do mundo, mas ao vê-lo em movimento, ela começou a ter um vislumbre de compreensão real do que isso significava.

Ela chegou mais perto, mas teve o cuidado de deixar bastante espaço entre eles. Ele olhou para ela, recostando-se contra a parede. Ele acenou para ela em aprovação. Ele apontou a espada para ela e murmurou:

— Fique aqui.

Ela acenou de volta. Ela queria obedecer essa ordem.

Ele entrou no corredor e torceu em um pé, trazendo seu corpo grande em torno quando ele jogou o machado de batalha como um frisbee. Continuando no mesmo turno suave, ele arremessou a espada curta com uma mão com facilidade, tanto quanto jogar um punhal. Sem parar, ele puxou a espada longa e uma das facas e pulou para a frente, fora da vista.

Ela cruzou os braços e agarrou os cotovelos, tocando os dedos dos pés e vacilando com os sons da batalha.

Não que fosse muito de uma batalha. Tudo terminou em segundos. Um momento depois, Dragos contornou a esquina e acenou para a frente.

— Nenhum desses animais têm a chaves. Agora é a sua vez de fazer suas coisas. Está feio. — ela alertou.

— Espero que sim, — ela disse, olhando para ele de olhos redondos. Ela virou a esquina.

No início, ela não poderia fazer sentido ao que viu. Quando o fez, ela desejou que não tivesse. Havia quatro Duendes mortos espalhados sobre o fim do corredor. Ou pelo menos ela contou quatro cabeças, e não todos os que ainda estavam presas a seus corpos. E nem todos os corpos tinham todos os seus membros. Sangue negro tinha pulverizado as paredes de pedra e grandes piscinas disso se espalhavam pelo chão.

Ela engasgou, seu estômago vazio se torceu. Dragos avançou.

— Se você estiver indo vomitar, faça isso rápido. — disse a ela em uma voz pragmática.

Ele arrancou o machado de batalha fora do Duende que tinha quase dividido em dois e limpou a lâmina sobre as calças do Duende.

Em um movimento rápido, ele recolheu o resto de suas armas, limpando as lâminas sobre os cadáveres e guardou-as novamente quando tinha terminado.

Ela se concentrou na grande porta de metal, não na carnificina, e ganhou o controle de seu reflexo de vômito. Ela deu um passo em torno das piscinas de sangue. Ela fez uma pausa em um local e tentou descobrir como atravessar uma grande mancha de sangue de Duende. Parecia um derramamento de óleo gorduroso que tinha se espalhado entre dois corpos espalhados. Se ela não estivesse ferida, teria pulado sobre isso sem um segundo pensamento. Seu dilema foi resolvido quando Dragos agarrou pelos cotovelos e gentilmente ergueu-a para o outro lado.

A porta tinha sido trancada, mas ele já tinha movido a espessa prancha de madeira. Ela agarrou uma alavanca espessa com ambas as mãos e puxou para baixo. Isso abriu em dobradiças silenciosas.

Eles saíram no aprofundado anoitecer. O ar parecia incrivelmente doce fora do reduto dos Duende. A mesa com o Honda ainda estava onde os Duendes tinham parado. Ela balançou a cabeça quando viu os destroços. Foi uma maravilha que ela havia sobrevivido.

— Agora, temos que transportar nossas bundas — Dragos disse.

Ela olhou para a paisagem alienígena e selvagem, e só assim, ela caiu em si.

— É isso aí. — ela resmungou. — Eu terminei.

Sua cabeça virou, estreitando os olhos. Ele disse:

— *O quê?*

— Eu disse que terminei. — Chumbo encheu seus membros ocos. Ela cambaleou e piscou, mas isso se manteve desfocado. —Eu... Eu não tenho comido bem ou dormido bem em mais de uma semana.

Em seguida, houve o acidente e os Duendes. Estou exausta. Eu não tenho mais nada. Você vai ter que ir sem mim.

— Você é uma mulher estúpida. — ele disse. Ele parecia furioso. Por que estava tão bravo com ela? O mundo inclinou quando ele varreu-a em seus braços. — Eu não terminei.

Segurando-a firme, ele começou a correr.

Ela enfiou a cabeça debaixo do queixo e caiu em um estado meio desperto. Depois disso, ela não se lembrava muito da corrida. Lembrou que durou horas. Dragos nunca vacilou, nunca diminuiu. Ele suou luz, mas sua respiração ficou profunda e regular. Seu aperto constante amorteceu-a de eventuais choques.

Ela fez notar uma coisa e murmurou uma pergunta quando percebeu que ele não estava levando-os de volta pelo mesmo lugar que passaram.

— Silêncio. — disse a ela. — Eu vou explicar mais tarde. Você apenas tem que continuar confiando em mim.

Que parecia importar muito para ele. Ele continuou elevando-a. Ela virou o rosto em seu pescoço.

— Tudo bem. — Não era como se ela tivesse escolha no momento.

— Bom, — ele disse ríspidamente. Seus braços apertados.

Essa foi a última vez que falou por um longo tempo.

Por fim, ele começou a desacelerar. Ela despertou de seu cochilo e se esforçou para levantar a cabeça e olhar em volta. Eles haviam deixado a paisagem árida e rochosa da fortaleza dos Duendes muito atrás e parou em uma pequena clareira. Ele tinha corrido o resto do dia para longe.

A lua brilhava mais do que ela já tinha visto antes. Ela se pendurava enorme e baixa sobre murmurantes árvores. As bordas delineadas de prata e intensamente sombra da clareira deslocou com uma brisa intermitente, os contornos ondulantes tão realistas, faces ocultas pareciam espreitar para eles, sussurrando notícia de sua chegada.

Água correndo escorria por perto. Dragos ajoelhou-se e colocou-a no chão, perto da água. Era um pequeno riacho. Ele colocou a mão em suas omoplatas e apoiou quando ela lutou para se sentar.

— A água é segura. — ele disse a ela. — Beba tanto quanto você acha que pode. Você está seriamente desidratada.

Ele se moveu para a beira da água a poucos metros dela, se colocou em seu estômago e abaixou a cabeça todo o caminho dentro.

Pia caiu para a frente, desesperada para proporcionar alívio para a boca seca e garganta. Ela pegou um punhado gelado e chupou-os. Quando a necessidade de beber aliviou jogou água sobre seu rosto e braços, desesperado para obter o fedor da masmorra dos Duende para fora dela. Ela pegou mais para beber e suspirou.

Dragos surgiu por ar, jogando a cabeça para trás em um jato úmido que brilhava à luz do luar.

— Isso tem que ser uma das melhores coisas que eu já provei. — ela disse.

Isso não era apenas a sede falando. A água estava nítida e viva de alguma forma, mais nutritiva e satisfatória do que qualquer outra coisa que ela conseguia se lembrar de beber. Ela podia sentir seus recursos serem absorvidos avidamente. Isso acalmou a parte apertada e faminta de sua alma em algo parecido com paz. Já se sentia mais segura do que ela tinha em um tempo, o senso de crise provocada pelas lesões, exaustão e estresse mais brandas

Ele sorriu.

— Tem de estar aqui, na Outra Terra. A magia da terra elevada torna tudo mais intenso. Se você gosta disso, é só esperar até ver o que mais eu tenho para você.

Ela empurrou de volta de joelhos e sentou-se.

— O que é isso?

— Eu encontrei alguns alimentos que você pode comer. Eu te peguei outras coisas também, mas a nutrição vem em primeiro lugar. — Ele abriu o pacote de couro e tirou um pacote envolto em folha plana e entregou a ela.

Ela o pegou com óbvia relutância.

— Dragos, eu não acho que poderia suportar qualquer coisa que você encontrasse nesse inferno.

— Não pule tão rápido para conclusões.— Ele acenou com a cabeça. — Vá em frente, abra-o.

Ela pegou as folhas repartidas e o aroma mais apetitoso escapou. Ele quebrou o fim de uma bolacha que ela segurava e persuadiu-o entre seus lábios. Quando a peça atingiu a sua língua, começou a derreter. Ela mastigou e engoliu com um gemido. Ele era indescritivelmente delicioso.

— Pão de viagem Élfico. — ela gemeu. Vegetariana, alimentando de uma forma que alimenta a alma, assim como o corpo e imbuído de propriedades curativas. — Eu ouvi sobre isso, é claro, quem não tem? É lendário. Mas eu nunca tive a oportunidade de provar antes.

Ele quebrou outro pedaço e deu a ela, assistindo quando ela fechou os olhos e gemeu de novo com prazer.

— Coma cada pedaço disso. Vai te fazer bem. — ele disse para ela. — Eu encontrei uma dúzia de bolachas. Nós temos uma abundância.

Ela olhou para ele. Uma dúzia de bolachas custavam uma fortuna no mercado negro. A maioria das pessoas não poderia mendigar pedir emprestado ou roubar o pão. Oh. Ela olhou para o que ela segurava seu prazer esmaecido.

— Você o encontrou nas salas do capitão Duende?

— Entre outras coisas. Lembra que eu disse que metade da pilhagem estava intacta? — Ele franziu a testa. — Por que você não está comendo?

— Ah, eu vou, — ela assegurou. Ela quebrou outra peça. — É muito precioso para desperdiçar, e eu preciso dele. É muito difícil desfrutar da desgraça alheia.

Ele sorriu um pouco e tocou no canto de sua boca.

— Por tudo o que você sabe, alguns Elfos sofreram um pequeno incômodo quando seu pacote foi roubado, e eles esqueceram tudo sobre isso agora. Vá em frente e saboreie cada mordida.

— Isso é verdade. — O Elfo desconhecido não tinha necessariamente sido ferido ou morto. Ela tomou uma respiração profunda. — Você não vai comer qualquer um?

— Não é o meu tipo de comida. — ele disse. — Eu vou caçar se sentir necessidade.

Certo. Carnívoro. Ela voltou para a sua refeição.

Ele se reclinou ao seu lado, apoiou a cabeça na mão e a observava apreciar o pão de viagem. Ele esperou até que ela colocou a última peça na boca. Então ele começou a puxar outras coisas fora da embalagem e colocá-las no colo. Um cobertor Élfico de lã, uma túnica e

leggings, um pacote de sabão! E uma escova de cabelo. Ela olhou para os tesouros.

— Eu sei o quanto você odiava estar lá. — ele disse.

— Ah. Meu. Deus. — Ela olhou para ele, com lágrimas. — Eu acho que isso é uma das coisas mais bonitas que alguém já fez por mim. Afora o fato de que você salvou a minha vida, eu não sei quantas vezes.

— Você me salvou também, você sabe. — ele disse. Ele parecia pensativo.

A necessidade de se lavar se tornou uma crise.

— Eu tenho que ficar limpa.

— Pia, está caindo sentada. Por que você não espera até que durma um pouco? Nós vamos descansar aqui enquanto eu vigio.

Suas mãos começaram a tremer.

— Você não entende. Eu não posso ficar mais um minuto fedendo como eles. Ela faz minha pele arrepiar.

— Tudo bem, — ele disse, franzindo a testa. — Se você precisa para ficar limpa, você precisa ficar limpa. Vai ser frio. Eu vou reunir um pouco de madeira, enquanto você se lava, e teremos uma fogueira.

Ela fez uma pausa.

— Nós não estaríamos preocupados com a luz do fogo sendo visível?

Ele balançou a cabeça.

— Eu vou ouvir alguém muito antes de chegar perto o suficiente para ser um problema.

Ela virou-se de costas para ele e ajoelhou-se no córrego, já consumiu com o pensamento de lavar o fedor de Duende fora de seu corpo. Autoconsciência tentou assumir quando ela tirou o sutiã arruinado e a camiseta suja, mas esmagou isso. Pelo menos não era plena luz do dia. Ela não tinha nenhuma dúvida de que ele viu milhares de mulheres nuas antes. *Milhares? Não, definitivamente não é a hora para ir por aí.* Nada mais importante do que tirar o fedor fora dela.

O sabão foi feito por Elfos e enviado do céu. Ele suavizou rápido, ensaboou bem na corrente fria, era suave em cortes já curando e tinha um perfume delicado que teve um suspiro de prazer.

Ela lavou e enxaguou seu torso e vestiu a túnica limpa. Ela retirou sua calça capri, meias e tênis. As meias estavam especialmente terríveis. Ela tinha sangrado em um de seus sapatos, e uma estava coberto de sangue seco. Juntaram-se a pilha de roupas que estariam indo para o fogo assim que Dragos acendeu.

Ela puxou o cobertor sobre os ombros e o deixou armar atrás dela em uma tentativa de preservar um pouco de privacidade e terminou de lavar o resto do seu corpo. O corpo dela foi torturado com tremores violentos, pelo tempo que ela puxou as calças, mas nada iria impedi-la de molhar a cabeça na água, ensaboar e enxaguar o cabelo sujo pelo menos uma vez.

Ela mergulhou a cabeça debaixo d'água, ofegando com o frio acentuado. Ela estava inclinada sobre o córrego, lutando com as mãos trêmulas para trabalhar o sabonete no cabelo molhado, quando as mãos de Dragos vieram para ela.

— Deixe-me. — ele disse.

Ela inclinou-se em suas mãos e se entregou aos seus cuidados. Seus dedos longos e duros massageava seu couro cabeludo e trabalhou o sabão com paciência pela longa corda molhada de cabelo que

arrastava no córrego. Seus dentes batiam pelo tempo que ele terminou de jogar água suficiente para lavar todo o comprimento.

Ele torceu o cabelo e passou o braço por baixo de sua cintura para levantá-la. Ela pegou as roupas sujas.

— Por aqui, — ele disse. Ele tinha colocado gravetos na fogueira, que estava esperando para ser iluminado. Assim que ela jogou as roupas em cima da pilha de lenha, ele jogou alguns dedos na pilha de lenha e ela ardeu em chamas.

— Truque legal. — Seus dentes batendo juntos.

— Vem a calhar.

Ele enrolou o cobertor em volta dela. Ele a sentou de costas para ele. Então começou a escovar seus cabelos.

Com o fogo na frente, envolto pelo cobertor e o calor de Dragos envolvendo-a por trás, ela ficou quentinha em um momento.

— Estou quebrada e esquentando rápido. — ela disse.

— Estou surpreso que você aguentou o tanto que fez. — ele respondeu colocando a escova de lado.

Ele a puxou para o seu colo, passou os braços em volta dela e persuadiu a cabeça em seu ombro.

Suas pálpebras pareciam pressas em cimento. Ela não podia mantê-los abertos. Uma pilha enorme de perguntas, dúvidas, pensamentos e questões tinham se empilhado, mas eles estavam sendo mantidos à distância pelo coma que se aproximava, que veio em sua direção como um trem preto.

Ela fez um grande esforço e abriu os olhos uma última vez para olhar Dragos. Seu rosto sombrio sempre estaria severo, sempre teria uma extremidade afiada nisso, mas quando ele observava o fogo, parecia tão calmo como ela jamais o tinha visto.

Ele era mau, de longe a mais assustadora criatura que ela já conhecera, mas enquanto ela descansava no círculo de seus braços, se sentiu mais segura do que já esteve em sua vida. Seu corpo era tão forte e estável quanto a terra. Suas pálpebras se fecharam.

— Você está certo, eu sou uma mulher estúpida. — ela murmurou. — Eu não entendo.

— Talvez algum dia, — ele disse, mesmo que podia sentir que ela já tinha mergulhado no sono. Ele traçou a curva elegante de sua testa com um dedo, seguido do arco delicado de sua orelha. Seu cabelo ainda úmido caiu sobre seu braço, uma cachoeira extravagante de ouro luar.

Talvez você irá um dia, assim que eu me entender.

O dragão a puxou mais perto. Ele baixou o rosto para a cabeça e olhou ao redor da clareira com perplexidade, como se a cena tranquila pudesse dizer-lhe quem ele era.

CAPÍTULO 09

Pia foi correndo pelo simples prazer disso.

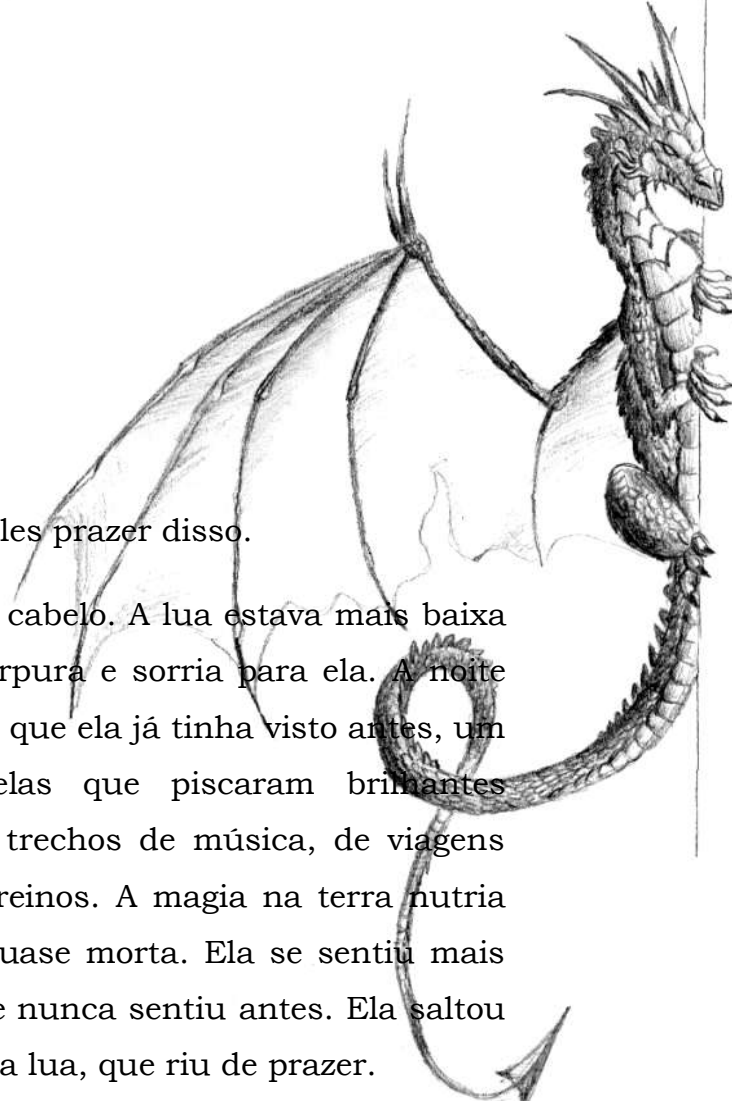
O vento brincou em seu cabelo. A lua estava mais baixa de seu trono no céu púrpura e sorria para ela. A noite estava mais brilhante do que ela já tinha visto antes, um tapete de veludo semeado de estrelas que piscaram brilhantes diamantes e cantava tênues e gélidos trechos de música, de viagens distantes e encantamentos em outros reinos. A magia na terra nutria partes dela que havia sido aleijada e quase morta. Ela se sentiu mais forte, mais livre e mais selvagem do que nunca sentiu antes. Ela saltou bem alto e quase fez cócegas na borda da lua, que riu de prazer.

Ela estava em um campo de quilômetros de largura, com todo o espaço do mundo para esticar as pernas. Árvores distantes sombreando as bordas. Um homem alto e moreno, com cabelos negros e olhos dourados de uma ave de rapina estava nas árvores e observava. Ela não se importava. Ele não podia pegá-la. Nada, nem mesmo o vento, a menos que ela deixasse.

Pia.

Ela conhecia aquela voz. Ela adorava aquela voz. Ela se virou e viu sua mãe correndo em direção a ela. Em sua verdadeira forma, sua mãe tinha uma beleza incomparável e brilhava mais do que a Lua, que se inclinou diante dela.

Mãe? Ela diminuiu e se virou. Ela se sentiu uma menina novamente. *Mamãe?*



Elas se encontraram no meio do caminho. Ela jogou os ansiosos braços em torno de sua mãe, que aninhou-a.

Minha doce menina.

Eu sinto tanto sua falta. Pia disse a ela. *Por favor, venha para casa.*

Sua mãe se afastou e olhou para ela com grandes olhos claros.

Eu não posso. Eu desapareci de seu mundo. Eu já não pertenço lá.

Então me deixe ir com você, ela implorou. *Leve-me para onde quer que esteja.*

Um rugido de negação sacudiu as árvores. Isso percorreu a terra, que tremia a seus pés. Pia voltou a olhar para o homem, apesar de sua mãe permanecer intocada pela perturbação e parecia inconsciente da figura nas árvores.

Você não pode se juntar a mim, querida. O seu lugar é entre os vivos. Olhos requintados sorriram para Pia. *Dar à luz a você foi à coisa mais egoísta que eu já fiz. Perdoe-me por ir. Eu não tive a intenção de abandoná-la.*

Lágrimas obstruídas em sua garganta. Sabia que não poderia evitar.

Eu vim para avisá-la, disse a mãe. *Pia você não deve estar neste lugar. Há muita magia aqui. É por isso que nunca me atrevi a levá-la para a Outra Terra.*

Ela olhou em volta.

Mas eu gosto daqui. É tão bom.

Você estará exposta aqui e será caçada. Volte. A luz das estrelas começaram a brilhar na figura de sua mãe. Volte a misturar-se com a humanidade.

Não, não vá ainda. Pia tentou alcançá-la.

Mas sua mãe já havia desaparecido, deixando uma mensagem final sobre o vento.

Fique segura. Saiba que você é amada.

Ela tentou alcançando sua mãe, quase agarrando uma resposta a algo importante. Ela quase podia dizer o que era, onde sua mãe tinha ido embora, quase podia segui-la, exceto pelo vento sussurrante enrolado em volta dela e segurando-a na terra.

O sussurro circulou em volta dela, acariciava ao longo de delicadas terminações nervosas, persuadindo-a, Pia devia ficar. Esse não era seu verdadeiro nome, mas o poder por trás do sussurro foi o suficiente para fazê-la hesitar. O vento tornou-se um dragão entrelaçando ao seu redor, roçando a pele como um gato. *Fique. Viva.* Ela passou os dedos pela pele quente da criatura, bonito e feral. Ele virou a cabeça. Grandes e fundidos olhos hipnóticos olharam para os dela e ela foi capturada. Ela acordou.

Ela estava deitada no chão, enrolada no cobertor Élfico, ao lado das brasas vermelhas da fogueira morrendo. Dragos estava agachado sobre ela, colocando as mãos em sua cabeça. Ele estava cochichando em um idioma que ela não reconheceu, mas isso se infiltrou em seus ossos.

— O que é isso? — Ela perguntou em voz sonolenta. Ela olhou para si mesma. Estava brilhante, com uma ligeira luminescência perolada. Ela ficou totalmente acordada. — Porra, eu perdi o controle do feitiço de amortecimento nesse sonho que tivemos. Eu nunca perdi o controle assim antes. Eu não posso continuar fazendo isso! — Ele tomou uma respiração profunda. Seu corpo estava apertado. Um tremor

correu através de seus músculos. Ele estava mais pálido do que ela já o tinha visto, os olhos dilatados.

— Qual é o problema? — Ela perguntou de novo. Ela colocou a mão marfim, contra sua bochecha. — O que aconteceu?

— Eu quase perdi você. — ele disse. Seu rosto afiado. — Eu fui me lavar no rio. Eu não tinha ido há muito tempo... Eu estava a apenas seis metros de distância.

— Está tudo bem. — ela disse. — O que aconteceu, está tudo bem agora.

Ele estava tão chateado, diferente de tudo o que tinha visto dele. Até o momento ele tinha sido calmo, arrogante, irritante, divertido, raivoso, cauteloso, absolutamente imperioso. Mas isso tinha sido quando ela o encontrou preso na cela, só que pior. Era difícil ver um macho indomável tão abalado. Ela acariciou seu rosto. Ele afundou os punhos em seu cabelo para prendê-la mais completamente.

— Virei — ele trincou. — e podia ver o fogo através de seu corpo. Você estava transparente, Pia, e você estava desaparecendo.

— Isso é impossível. — ela disse.

Ou não era? Sua mente correu de volta para o seu sonho. Se ela tivesse começado a desvanecer-se pode ser que sua mãe a visitou de verdade? Seus lábios se abriram em um sorriso amargo.

— Não sorria. Isso é algo muito fodido para sorrir. — ele rosnou para ela, os punhos apertados. — Você quase foi embora. Minhas mãos passaram através de você. Se eu não tivesse começado a chamá-la de volta, teria desaparecido para sempre.

— Talvez, eu acho, mas eu não penso assim. — ela disse em um tom ausente, passando os dedos pelos cabelos dele. Ela amava os fios pretos de seda. Não havia uma dobra ou sugestão de curvas nele. — Eu

não acho que poderia ter ido para onde eu tentei ir. Ela disse que não era o meu lugar.

— O que você está falando? — Seus olhos se estreitaram, mas a tensão apertou em seu corpo.

— Eu sonhei com minha mãe. — Seu olhar estava desfocado e ela disse. — E eu acho que, na verdade, era ela. Quando ela saiu, eu tentei segui-la.

— Você nunca fará isso de novo. — ele disse entre os dentes. — Você entendeu?

— Drago. — ela disse, falando com cuidado, pois ele ainda estava tão chateado. — Você tem que parar de me dar ordens.

Não importa o quão suavemente ela disse isso, ainda era como uma faísca em um pavio.

— Foda-se. — ele retrucou. Ele empurrou o rosto para baixo em direção ao dela, os olhos queimavam como lava em suas endurecidas características. — Você é minha. E você. Não. Pode. Me. Deixar.

— Alto lá. Eu não sei o que dizer a você. Você é um cara perseguidor tomando esteroides. — Ela jogou para trás as mãos e revirou os olhos. — Fique consciente que você não pode ter escravos por mais tempo. Você conhece a abolição. Grande guerra. Aconteceu há cento e quarenta e cinco anos atrás.

— Uma história humana, termos humanos. — ele rosnou. — Eles não significam nada para mim.

Ela já sabia que não deveria atribuir motivos humanos ou emoções a ele. Aqui estava o lembrete. O dragão estava muito perto da superfície. O grande corpo agachado sobre ela estava tenso com ameaça. Toda lenda que sempre tinha ouvido falar da natureza de um dragão, possessivo territorial veio à mente. Porra, foi o suficiente para

fazê-la engolir em seco, mas não, ela percebeu, com medo. Músculo por músculo, ela relaxou.

— Ok, então, garotão. — ela disse, suave e fácil. — Você me diz o que você quer dizer.

— Eu não sei. — Essa cara feroz e orgulhosa ficou intrigada. — Tudo o que sei é que você é minha para manter e proteger. Você não pode desaparecer, e não pode morrer. Eu não vou deixar você.

Ela pensou que não era o momento para ressaltar que ela iria morrer em algum momento. Ela tinha muito de humana nela.

— Então, eu sou sua por quanto tempo? — Ela perguntou curiosa, agora que decidiu explorar esse caminho. — Até se cansar de mim, ou você ficar entediado de novo?

— Eu não sei. — ele disse novamente. — Eu não pensei nisso ainda.

Uma súbita onda de afeição a surpreendeu. Ele não estava fingindo a sua perplexidade. Ele não estava se colocando em um ato.

— Isso faz dois de nós. — ela disse. Ela pensou no pão Élfico, a escova e o sabão e sua consideração a surpreendeu mais uma vez. Ela estendeu a mão para passar um dedo na garganta. — Assim, por uma questão de argumento, se eu sou sua, como você disse, para manter e proteger, me parece que você quer que eu o obedeça. Certo?

— É claro. — ele disse. Ele olhou para a mão dela quando ela desenhou círculos em seu peito, e a ameaça que ele exalava virou mais sombria e sexy.

— Dragos, — ela murmurou. — Eu não respondo bem a gritos diferente de quando alguém pede algo para mim.

Ela olhou para ele para ver como ele reagiu à sua lógica. Ele estava franzindo a testa.

— É como eu falo com as pessoas. — ele disse.

— É como você fala com seus funcionários e agentes, você quer dizer? — Ela respondeu.

Sua carranca se aprofundou. Ela mordeu os lábios para segurar um sorriso. Como ele poderia ser tão encantador com tal comportamento tão primitivo? Ela teria estabelecer uma base diferente com ele ou seria cortada pela força de sua personalidade.

— Veja, aqui está à coisa. — Ela manteve sua voz suave, enquanto começou a esfregar seu peito em círculos suaves. — Alguém gritando ordens para mim faz-me sentir presa e sufocada. Eu entendo que você tem esse hábito, mas talvez, — ela sugeriu. — você poderia tentar não fazer isso ao meu redor, você sabe, só até se cansar e me deixar ir.

Ele estava com as pálpebras pesadas enquanto ela acariciava-o, mas o seu olhar se estreitou agarrados ao seu rosto. Ela sorriu para ele, não ameaçador e sim relaxado.

— E se eu não ficar entediado? — Disse. — E se eu não deixar você ir?

Ela foi sacudida por um sentimento de desejo que passou sobre ela. Ela perdeu o sorriso e olhou para longe.

— Nós nem sequer sabemos o que estamos falando, de qualquer maneira. — ela disse.

Ele afrouxou o aperto em seu cabelo, jogou o peso sobre um cotovelo e pegou sua mão luminescente. Ele inclinou-lhe o braço e olhou para ela.

— Você é notável. Não, não! — Disse, ao perceber que ela começou a diminuir o brilho. — Deixe-me ver você como realmente é, por enquanto, pelo menos. Olhe o quão rápido você está curando.

Ela olhou. As contusões feias e negras que tinham manchado sua pele estavam quase desbotadas.

— Eu me sinto bem. — Ela confessou. — Diferente, de alguma forma. Melhor. Ei, eu sou a Mulher Biônica?

Ele sorriu.

— Às vezes acontece com halflings quando eles vêm para a Outra Terra. — Ele disse a ela. — A magia elevada pode ajudá-los a acessar habilidades e traços que poderiam ter ficado latentes.

Ela tentou manter um controle apertado sobre a esperança que surgiu com suas palavras, mas várias questões ainda estavam em seus pensamentos. Era essa a explicação para tudo o que ela sentia, uma vez que tinha atravessado? Se o que ele disse era verdade sobre ela, poderia ser capaz de mudar? E se ela pudesse acabar com essa sensação de viver uma meia-vida, o sentimento de estar presa entre duas identidades incompletas, humanos e Wyr?

— Eu não tinha ideia. — Ela disse. —Minha mãe sempre se recusou a levar-me para um outro lugar. Eu nunca tive energia suficiente para atravessar sozinha. Eu mal tenho o suficiente para a telepatia.

No sonho, a mãe disse que era perigoso para ela estar aqui. Ela olhou ao redor da clareira, o carvão acesso fracamente. Isso significava que eles deveriam sair em breve. O pensamento carecia de urgência.

— Ah sim, a sua mãe. — ele respondeu, parecendo distraído enquanto inspecionava seus dedos finos, a inclinação graciosa de seu pulso. — Muito em breve vamos ter uma conversa sobre sua mãe, quem ela era e sobre o Elfo idiota que a amava muito. Nós também vamos falar sobre por que você não está bem da cabeça e se tem identificações ou esconderijos de dinheiro em qualquer lugar.

Ela pegou a mão dele e bateu-lhe no braço.

— Nada disso é da sua conta! E só porque ele gostava de mim e não gostava de você não quer dizer que ele é um Elfo idiota!

Ele lhe deu um preguiçoso sorriso predatório quando moveu seu tronco sobre a dela.

— Você não tem medo de mim, não é?

Ela ficou séria. Ele poderia chamá-la de louca, mas ela pensou que ele preferia cortar as mãos ao invés de machucá-la.

— Então, o que se eu não tenho medo de você? — ela murmurou.

Sua boca, bonita e cruel estava puxada em um sorriso.

— Eu acho que se você não tem, é uma coisa muito boa. — ele disse. Ele se moveu, e antes que percebesse o que ele pretendia, ela tinha as mãos sobre a cabeça. — Isso me dá todos os tipos de licença para fazer coisas más para você. Com você. Em você. Dentro de você.

Ela pulou e seu coração batia rápido. Ele olhou para ela espalmada e impotente debaixo dele e insinuou uma coxa pesada entre as dela. Ele empurrou a perna quando mordeu o pescoço no exato lugar em que ele tinha feito em seu sonho. Ele bebeu em seu suspiro e segurou-a com facilidade, ela tentou puxar as mãos. Não que ela tenha tentado duramente.

Emoção atravessou seu corpo. Ela se esticou pelo puro prazer de sentir-se deslizar contra seu torso nu, e seu olhar brilhante observando todo movimento que ela fazia. Ela estava se sentindo menos humano a cada minuto. Ela lambeu os lábios.

— Dragos, eu não acho...

— Você não acha que o que? — Seu olhar ardente engoliu-a.

— Eu não acho que sou tão boa quanto eu pensei que era. — ela sussurrou. Suas pálpebras caíram e ela sorriu.

— Essa é minha garota. — ele sussurrou.

Ele empurrou suas pernas mais separadas, estabeleceu-se entre elas e começou um assalto sensual nela, mordiscando e lambendo. Ele puxou o lábio inferior entre os dentes e sugou a carne gorda, em seguida, enfiou a língua profundamente em sua boca.

Ambos gemeram. Ele cavou mais fundo dentro dela, empurrando cada vez mais forte. Ela inclinou a cabeça para abrir mais para ele. Ele mudou seus pulsos para uma mão para que pudesse empurrar a outra sob a túnica, correndo os dedos calejados até o inchaço suave de seu peito. Ele agarrou o monte com cuidado ganancioso, encontrou seu mamilo e começou a rolá-lo entre o polegar e o indicador. Ele puxou a carne sensível e deu-lhe um leve beliscão.

Prazer sacudiu por ela enquanto ele brincava com seu seio. Sua respiração tornou-se irregular. Ela puxou com mais força, mas ele se recusou a deixar seus pulsos irem, seu corpo endureceu. Ela levantou as pernas ao berço de seu longo corpo, passando por baixo dele até sua pesada ereção aninhar contra sua pélvis. Ele sussurrou, o rosto escurecido com a luxúria, e levantou para agarrar a túnica.

— Não! — ela gritou, endurecendo.

Ele congelou. Deus! O dragão nem sequer respirou.

— Eu não tenho nada para vestir. — ela explicou. Ela lhe deu um sorriso trêmulo, quando seus olhos brilharam nos dela.

O olhar aflito deixou seu rosto. Ele soltou-lhe os pulsos e se sentou em seus calcanhares quando ela se sentou e puxou a túnica pela cabeça. Ela jogou-a ao chão. Ele colocou as mãos em sua caixa torácica e correu até seus seios.

— Porra! — ele disse. Sua voz normalmente profunda estava rouca. — Que coisa linda de se olhar.

Ela olhou para ele. As linhas e curvatura de seu torso e olhou seus seios contra os músculos e suas grandes mãos e braços musculosos. Seu brilho e tonalidade escura de sua pele parecia alimentar um ao outro. A palidez de sua pele era mais cremosa, o corar de seus rosados mamilos. Os nervos das suas mãos e pulsos moveu sob a pele, que era um de rico bronze, mais profundo.

Ela colocou as mãos em seu tronco e viu quando ela correu-lhes o peito. Músculos ondulavam debaixo de suas palmas quando ele respirou tremendo. Ela passou em seus mamilos com unhas suaves. Parte dela estava em êxtase com o choque. Eu estou tocando. Ele está me tocando.

Ele assobiou e agarrou seus dedos, aproximando-a quando ele levou-a de volta para baixo. Ele colocou as mãos na sua cintura e, entendendo o que ele queria, ela levantou os quadris para ele puxar as leggings fora. Ele deslocou-se para arrancar seus jeans e arremessá-los de lado. Então ele deslizou sobre ela, pesado, duro e nu, e eles estavam pele a pele.

Se ele parecia quente antes, agora estava vulcânico. Ela podia sentir seu coração batendo contra o peito. Ela perdeu-se no gozo de esfregar-se contra ele, passando as mãos na musculatura poderosa de suas costas.

Ele deslizou para baixo de seu corpo, balançando a boca ao longo do comprimento do pescoço, abaixo da clavícula, até que pudesse fazer a festa em seus seios. Ele chupou e mordeu a carne suculenta, segurando seus mamilos entre os dentes e sacudindo-os com a língua, um após o outro, até que ela se arqueou e gritou incoerente com prazer afiado.

Então ele deslizou mais longe, lambendo e mordendo seu caminho ao longo da curva de sua cintura. Ele agarrou o interior dos joelhos e segurou-a espalmada enquanto chupava a carne macia de

suas coxas. Ela se contorcia em sua retenção, gritando novamente quando ergueu os quadris para cima dele.

Ele parou para olhar ela toda. Estrutura óssea elegante, creme radiante e rosa escuro, ela estava deitada em um travesseiro extravagante de cabelos emaranhados de ouro pálido. Ele poderia seguir sua jornada através de seu corpo nos deliciosos hematomas que ele causou e estavam florescendo no lado inferior dos seios, o interior de suas coxas. Seus olhos escuros violeta enormes e brilhantes de desejo, assim como quando eles estiveram no sonho.

Assim como ele desejava desde então. Desejo por ele, o monstro, a Grande Besta. Mas este não era um sonho, e ele estava tão duro e cheio de querer a ela que estava com uma dor soberba. Ele olhou para as cheias pregas rosa de seus lábios cobertos com um emaranhado de cachos ouro branco. Ela estava escorregadia com a umidade, encharcada com ele, e seu pau pesado saltou com as provas generosas de sua excitação. Ele sussurrou.

— Eu vou comer você até você gritar.

Seus pés delgados enrolaram e um gemido profundo explodiu dela. Ele baixou a cabeça e continuou seu ataque, lambendo, mordendo e sugando com ganância. Ele chupou seu clitóris em sua boca e chupou quando ela resistiu e sacudiu com a força do prazer em espiral através dela.

Ela levantou-se nos cotovelos, ofegante, e olhou para o que ele estava fazendo com ela. A cabeça escura e os ombros largos entre suas coxas trementes, seu rosto encharcado com a excitação enquanto ele a trabalhava era uma visão tão erótica que foi arremessando-a em um clímax. Ela abaixou a cabeça para trás e gritou quando gozou com uma intensidade que nunca havia conhecido antes.

Ele nunca parou. Continuou a lambar e sugar, sua boca absorvendo as ondulações que iam em cascata através dela. Ele colocou

a mão em seu abdômen inferior quando ela apertou, sentindo o ritmo de seu clímax. Isso torceu-a e ainda assim ele continuou a chupar.

A sensibilidade tornou-se muita. Ela afundou os dedos trêmulos em seu cabelo, tentou puxar a cabeça para trás.

— Pare, eu não posso... Eu não posso...

Ele fez um som gutural, seu olhar de ouro quente piscando quando se concentrou em seu rosto suado, atordado e chupou mais forte. Ele mergulhou dois dedos profundamente dentro dela, e só assim, ele empurrou-a para outro clímax, este mais longo e mais intenso do que o primeiro.

Seu torso arqueado do chão e os tendões em seu pescoço distendidos quando um grito fino, sem fôlego quebrou fora dela. Ela estava completamente tomada pelo o que ele estava fazendo com ela. O céu noturno cheio de estrelas brilhantes desapareceu enquanto seus olhos se encheram e transbordaram.

Por fim, ele se afastou e se arrastou até ela, respirando forte com forte intenção. Ela não tinha palavras enquanto olhava para ele. Ele era um homem de uma esplêndida beleza agressiva, os músculos grandes em seu peito e braços tremendo, seu grande pênis ereto pendurado longo e pesado entre as coxas. Ela olhou em seus olhos quando curvou a mão ao redor da ampla cabeça e acariciou.

Com isso, ele foi levado a loucura pela terceira vez em três dias. Ele se lançou para ela, seus pulmões trabalhando para levar ar aos pulmões. Ele pegou um braço sob seus quadris para puxá-la para a sua entrada. Ela guiou e ele bateu até o interior.

Ela gritou pela invasão e cravou as unhas em suas costas. Ele não era um amante delicado, tímido. Ele não era como nada que ela já tinha experimentado, um tsunami caindo sobre a cabeça e destruindo sua antiga identidade, reformulando sua vida.

Ele passou o outro braço ao redor dela, segurando-a pelo pescoço e quadris quando começou a mergulhar nela em pesados golpes poderosos. Ele estava gemendo em seu ouvido a cada estocada quando eles acasalaram como os animais que eram. O aumento da pressão, o som de sua carne se unindo, sua total falta de controle, teve suas unhas cravando em suas costas. Ela se esticou e choramingou perdida no ritmo inexorável de seu corpo, e gozou novamente.

Ele jogou a cabeça para trás, o rosto contorcido de selvageria, espanto. Com um último impulso convulsivo ele fez um som abafado e se juntou a ela no clímax. Ela sentiu-o pulsar dentro dela e apertou tudo o que tinha em torno do comprimento delicioso dele, segurando a sensação, para ele. Ele balançou para ela, ofegante, os olhos fechados enquanto jorrou dentro dela. Ela colocou a mão na parte de trás de sua cabeça, um braço em volta de sua cintura, segurando-o enquanto ele a abraçou, murmurando em seu ouvido.

Ele virou o rosto, encontrou sua boca e a beijou quando a segurou tão apertado juntos na pélvis e quadril, por um tempo, sentido como eles estavam fundidos em uma criatura, claro e sombrio, yin e yang.

Foi então que sua consciência despedaçada percebeu o que ele rosnou em seu ouvido enquanto a fodia. *Minha*, ele tinha dito. *Você é minha. Você é minha.* Ela estava à deriva, olhando para a silhueta da parte de trás de sua cabeça contra o céu enquanto esfregava sua bochecha contra a dele, quando seu peso levou-a para baixo. Algo nela cintilou e tentou mudar em reação ao que aconteceu. Era demais. Ela não conseguia pensar.

Ele começou a mover os quadris novamente, puxando, empurrando, sua respiração profunda. Oh Deus, ele ainda era enorme e duro. Não humano. Ela fez um ruído surpreso em seu pescoço, apertando-o, enquanto ele trabalhava em seu interior. Era muito lindo. Ela empurrou com os quadris, igualando o seu ritmo.

Desta vez, um gemido rasgou seu peito e ele tremia todo quando começou a pulsar. Ela trabalhou os músculos internos e balançou-o através do clímax, murmurando em seu ouvido.

Ele virou o rosto em seu pescoço. Ele puxou seu rosto. Ela gritou surpresa quando ele virou-a para seu estômago e puxou seus quadris para cima, de modo que ela estava de joelhos. Seu cabelo emaranhado estabeleceu-se em uma nuvem sobre o rosto.

— Não tem profundidade suficiente. — ele gemeu. — Tenho que chegar mais profundo.

Mais do que disposta, ela abriu os joelhos e arqueou a pélvis para trás. Ela alcançou entre suas pernas para ajudar a guiá-lo quando ele empurrou dentro dela por trás. O quente e comprido veludo de seu pênis se sentiu ainda mais desta maneira. Ela murmurou um incentivo gutural quando ele enterrou-se ao máximo. Ela foi tomada não apenas por sua sexualidade esmagadora, mas por esta estranha criatura que vivia dentro de seu corpo e que se sentia mais sensual, mais mulher, e mais desejada do que ela nunca foi antes.

Ele a cobriu, com um braço em volta da cintura para segurá-la em suas estocadas frenéticas, por outro lado plantados no chão, ao lado dela, de modo que ele carregava mais de seu peso. Desta vez, o ritmo de seus quadris era implacável. Ele dirigiu forte e firme quando enterrou o rosto na parte de trás do seu pescoço, sua respiração estremecendo contra sua pele. A pressão construído de novo, mas desta vez ela não tinha certeza se poderia levá-la. Ela soluçou e agarrou o terreno com força. Grama rasgou sob suas unhas.

Ele cravou os dentes na parte de trás do pescoço dela quando seu Poder enrolou em volta dela. *Venha comigo.* Ele deslocou-se para colocar a mão entre as pernas dela, esfregou os dedos longos ao longo do lugar onde ele entrou nela e apertou seu clitóris. Ele empurrou duro a mantendo tensa. Seu Poder ondulava sobre ela, através dela, com o seu clímax.

Sua mente ficou incandescente. Ela voou em pedaços.

Dragos investiu tudo o que tinha para ela. Ele veio rugindo a partir da base de sua espinha quando trancou-se na luva apertada de sua vagina. Isto não era sexo. Ele teve momentos de sexo incontáveis. O sexo era um simples acoplamento e liberação. Frequentemente meia hora depois ele já teria esquecido o nome da fêmea. Isso era algo que nunca tinha feito antes.

Isso era algo muito mais elementar e necessário do que o sexo. Banqueteando-se com ela não diminuiu sua fome, mas alimentou sua necessidade. Trabalhando dentro dela não era suficiente. Clímax não aplacava a luxúria. Ele construiu o frenesi. Ela absorveu tudo o que ele fez com ela e amplificou de volta, e floresceu ainda mais brilhante e intoxicante. Ele teve que dirigir profundamente e achou que nunca voltaria.

Ele voltou à consciência. Ele ainda a cobria por trás, ainda estava dentro dela, com a mão cobrindo a sua graciosa pélvis. Tremores por seu corpo. Os músculos delgados em suas coxas tremeram contra o seu. Ela ofegou em soluços silenciosos.

O que ele fez? Ele apertou os lábios para seu pescoço e ao longo do ângulo elegante de seu ombro. Ele retirou a mão de sua pélvis para acariciar a nuvem emaranhada de seu cabelo para fora do caminho enquanto ele tentava ver seu rosto.

— Ssh. — ele murmurou. — Calma.

Ela estava muito fraca para ficar em suas mãos e joelhos, sem a sua ajuda apoiando-a. Seu pênis saiu dela quando ela caiu no chão. Ela apoiou a cabeça em seus braços. Ele mudou de posição para ficar ao seu lado, uma coxa apoiada sobre as costas dela. Ele alisou o cabelo, esfregou suas costas tremendo.

Seu rosto parecia molhado. Ela estava chorando? Teria ele a machucado? As perguntas o enlouqueceram. Ele podia jurar que ela estava com ele todo o caminho.

Ele parou de respirar. Passou os dedos sob o queixo para persuadir a cabeça dela e virá-la em direção a ele. Seu rosto e os olhos brilhantes estavam devastados e totalmente abertos. Ela parecia tão bonita e frágil quanto um cristal lapidado. Seu intestino apertou.

— Eu perdi o controle. — ele sussurrou.

Isso, junto com a preocupação escurecendo seus olhos, ancorou-a de volta em seu corpo. Ele estava tentando se desculpar?

— Assim como eu. — Ela sussurrou de volta.

— Eu nunca fiz isso antes. — Ele tocou a pele delicada no canto dos olhos, esfregou seu polegar ao longo de seu lábio inferior.

— Nem eu. — ela confessou. Um sorriso apareceu em seu rosto.

Seus dedos caíram para traçar a curva de seus lábios.

— Você está bem?

Ela estava uma bagunça. Estava eufórica, um desastre emocional. Ela precisava ir para um quarto calmo e escuro em algum lugar e tentar fazer sentido a tudo o que tinha acontecido e o que ele tinha feito para ela. Mas primeiro ela tinha que limpar a incerteza de seu rosto. O sorriso dela aumentou e disse-lhe a verdade.

— Não. — ela disse. Ela se inclinou e deu um beijo naqueles lábios incríveis e sedutores. — Você me demoliu. Eu não tinha ideia que alguém poderia fazer as coisas que você fez. E eu quero saber quando podemos fazê-lo de novo.

A preocupação desapareceu e um sorriso de resposta iluminou seus olhos. Ele olhou para sua boca.

— Eu quero um monte de coisas.

— O que você faz com a sua língua é um pecado. — ela brincou.

Essa vulnerabilidade que ele viu nela ainda se escondia em torno das bordas, mas ele escolheu ir com sua tentativa de clarear as coisas. Ele lhe disse.

— Há muitas vantagens em ser um homem mau.

— Tais como?

Ele sentou-se e puxou-a para o seu colo, virando-a para que ela o encarasse tronco a tronco, virilha com virilha, as pernas esguias entenderam-se de cada lado dele. Era uma posição íntima, ainda mais por sua nudez, uma posição perfeita para fazer amor. Ele passou os braços em volta dela e ela enrolou no pescoço dele.

Mesmo sentada em seu colo como ela estava, seu corpo era muito maior e mais longo do que o dela, ele teve de inclinar a cabeça para baixo ficar ir cara a cara com ela.

— A falta de consciência confortável, — ele disse. — O prazer de sono ininterrupto. Um desejo simples de descobrir todo o prazer possível carnal com a bela mulher em seus braços.

Seus olhos brilharam com o elogio. Ele sorriu de volta e beijou-a, uma exploração, muito vagarosa que enrolou os dedos dos pés.

— Bem, eu acho que você mantinha um segredo muito bem escondido. — ela disse quando pode respirar novamente.

Ele levantou uma sobrancelha. Ela bateu um dedo contra seu peito.

— Há uma criatura muito charmosa enterrada lá dentro. Você deve deixá-la sair com mais frequência. — Ele riu alto, mas o olhar em seu rosto era calculado. Ela riu mais quando percebeu que achou isso

charmoso. Deus, ela era um caso perdido. Ela advertiu. — Não faça eu me arrepender de dizer isso.

— Eu vou tentar não tirar vantagem demais. — ele disse.

— Oh, muito obrigada. — Ela revirou os olhos. Que provavelmente significava que ele iria arrancar tudo o que podia disso. Seu estômago roncou. — Eu estou com fome de novo.

Sentaram-se ao alcance do pacote. Ele deu-lhe um pão que ela desembrulhou. Ela comeu enquanto ele tentava correr os dedos através de seus cabelos emaranhados.

— Nós fizemos um número em seu cabelo. — ele disse. Ele enviou um suave pulso de energia através de suas mãos e em seu cabelo, alisando-o.

Ela engoliu um pedaço do pão delicioso.

— Se você já está cansado de ser um homem de negócios multimilionário, você poderia fazer fortuna como cabeleireiro.

— Eu vou ter a certeza de mantê-lo em mente. — ele disse. Ele não disse a ela que não tinha interesse no cabelo de ninguém só no dela. Ele olhou ao redor da clareira.

— Nós demoramos muito tempo aqui. Devemos deixar assim que terminar.

— Certo. — ela disse, olhando ao redor também. — E por que nós vimos por esse caminho, em vez de ir pelo caminho que nos trouxe?

— Você nunca foi a uma Outra Terra antes, certo? — Ela assentiu com a cabeça, e ele continuou. — Esta não é a melhor analogia, mas vai funcionar por agora. Tempo e espaço se dobraram quando a Terra foi formada, e isso criou bolsas dimensionais onde a magia é mais concentrada. Imagine-os como lagos ou grandes massas de água. Há lagos de diferentes tamanhos. Alguns são muito pequenos,

mais como lagoas, e alguns se mantêm por si mesmo. Outros são quase tão grandes quanto os oceanos e estão ligados entre si, com córregos ou rios. Eu posso sentir isso. — Ele fez um gesto em torno deles, — é uma área muito grande ligada a outras grandes áreas de terra.

— Como você faz isso? — Ela perguntou.

Ele franziu o cenho, não por irritação em sua pergunta, mas mais um esforço para descobrir como explicar o que ele fazia. Deve ser algo que ele fazia por tanto tempo que vinha automaticamente a ele, como respirar.

— Eu coloco minha mão sobre a terra e envio minha consciência. Não é preciso ser um pulso intenso de energia. É mais como um saber que vem a mim.

Ela tentou imaginar o que ele deve sentir. Talvez fosse o mesmo tipo de saber que ela tinha quando sentia que a magia estava por perto, ou um feitiço tinha sido lançado, apenas mais focada na terra. Ela queria experimentá-lo por si mesmo algum dia.

— Então há diferentes maneiras de entrar e sair de um lugar.

— Correto. Temos uma melhor chance de fugir ao pegar uma direção imprevisível do que ir pelo mesmo caminho que tínhamos atravessado. Podemos até ser capazes de ir tão ao norte que podemos ir para Nova Iorque ou pelo menos próximo.

— Já que estamos falando, por que não faz trabalho de tecnologia em outras terras?

— Isso é um pouco equívoco. Algumas tecnologias funcionam se eles possuem um design passivo, se eles utilizam as forças naturais que já estão presentes, como o fluxo de água, e se eles não envolvem combustão mais complicada do que um fogão a lenha ou uma caldeira. Projetos de designer modernos não são exatamente passivos, mas eles estão ok para se usar porque não explodem. Você também pode trazer

coisas como janelas de vidro fabricadas, arte, aparelhos diversos, cafeteiras e até mesmo banheiros, desde que o que você traga não seja dependente de eletricidade e você possa transportá-lo com segurança através de uma passagem dimensional.

Ela riu.

— Você parece tão doméstico.

Ele sorriu.

— Eu tenho uma casa muito confortável em uma terra que está conectada ao norte de Nova Iorque, onde fizemos um monte de experimentos para ver o que funciona e o que não funciona. Ela é projetada para aproveitar ao máximo o sol, que aquece a água para um sistema hipocausto⁸ sob o chão que mantém a casa aquecida. Muito Romano.

— Por que certas tecnologias não funcionam?

Ele deu de ombros quando correu os dedos pelos cabelos.

— Há um par de teorias, mas a resposta curta é que ninguém sabe com certeza.

Ela inclinou a cabeça para trás para ele a acariciar.

— Um revólver de ação simples não é um dispositivo muito complicado, nem uma espingarda é, mas ouvi dizer que até mesmo simples armas são muito perigosas para usar.

— Você está certa. Simples armas são apenas uma aplicação de fogo, pólvora e chumbo, com um barril. Curiosamente, quanto mais primitivo é a arma, mais você poderia usá-la em uma Outra Terra. Armas automáticas podem falhar tão logo eles as tragam. Você pode obter alguns tiros a partir de um modelo mais simples, mais histórico.

⁸ A hipocausto era um sistema romano antigo de aquecimento do piso, usado para aquecer casas com ar quente

Você pode, possivelmente, obter tantas quantas umas meia dúzia de rodadas disparadas, mas a quantidade não é previsível e, no final, a arma irá sempre falhar.

Ela franziu o cenho.

— Boa maneira de perder a visão ou a sua mão.

— Ou a sua vida, — ele disse. — Uma explicação possível é a Teoria da Terra Viva. E se o mundo fosse uma entidade gigantesca? Quando você usa uma criatura viva como um modelo conceitual, a terra teria peças discretas, órgãos, membros, veias, músculos, uma estrutura esquelética e artérias e assim por diante. E se as outras terras são mais essenciais para o sistema geral deste organismo do que outros lugares são, mais como uma artéria do que uma veia periférica, ou um órgão vital, em oposição a uma que você pode sobreviver sem? E se a magia que é tão forte por aqui e que abafa, mesmo sabota, certas tecnologias é o mecanismo de defesa da Terra?

— Assim como as células brancas do sangue. — ela disse. — Se você usar essa analogia, talvez você poderia disparar armas mais simples, algumas vezes mais, porque levaria o sistema imunológico mais tempo para reconhecê-los.

— Exatamente. A teoria é mais poesia do que a ciência, mas eu gosto. Há também uma Teoria da Terra Viva modificada que derruba o conceito do mundo como uma entidade. Ele foca em vez disso em bolsos individuais de Outras terras como coletivas ‘mentes’ que são criados a partir da mágica encharcada na terra e fauna regional, embora estas mentes não são necessariamente conscientes como nós atualmente entendemos a consciência. Nesta teoria, o conceito de magia age como um mecanismo de defesa e dificultando a tecnologia ainda é o mesmo.

Ela sorriu, intrigada e encantada com esta visão nova dele e sua mente ativa e curiosa.

— Você é um pensador científico, não é? — Ela disse.

Suas sobrancelhas se ergueram e ele concordou.

— Eu gosto de olhar por trás dos padrões e significados para o mundo. Eu leio um monte de revistas científicas.

Ela terminou a refeição e lambeu os dedos por qualquer doçura persistente. Seu olhar caiu para a sua boca, e ela sentiu-o endurecer contra sua coxa. Sua respiração engatou.

Mas ele moveu-a, levantou-se e ofereceu-lhe a mão para puxá-la de pé. Ela estava muito dolorida para estar decepcionada. Ela disse a si mesma quando ela pegou a túnica amassada, leggings e o cobertor. Ela foi para a corrente para enxaguar a evidência de sua. . . o que quer que seja.

Qual era a palavra para o que tinham feito? Fazer amor era muito bonito. Sexo parecia muito simples e básico. Acasalamento parecia que poderia ser muito permanente. Ela mordeu o lábio quando ansiedade ameaçou bater em seu lado.

É demais para pensar. É muito grande. Ele realmente fez uma demolição em mim. Eu não sei quem era essa vagabunda que rasgou a grama e fodeu seus miolos. Eu não sei mais quem eu sou.

Ela fechou os pensamentos antes que ficasse fora de controle. Ela reafirmou o feitiço de amortecimento. Ela suspirou com resignação quando virou as mãos e olhou para elas. Combustão foi iluminando a clareira com um tom de cinza, e eles eram apenas normais e sombrias mãos de aparência humana.

Uma verdadeira refeição quente, uma cama, uma programação estável. Ir para a cama à noite. Levantar-se de manhã. As coisas que você toma como certo até que você não os tenha mais.

Ela vestiu a túnica, leggings e sentou-se no chão para puxar seus tênis. Ela reprimiu uma careta por seu estado sujo e acrescentou a

sua lista de queixas. Cem mil dólares jogados no vaso sanitário. Três identificações perdidas. Nenhum carro. Sem meias. Sem calcinha.

E o que ela fez? Ela foi e fez sexo como a causa de todos os seus problemas. Claro, não era o bocejar-e-faz-uma-lista-de-compra-até-ele-acabar tipo de sexo. Era um tipo que nunca tinha sequer imaginado ser possível, um que-o-diabo-é-meu-novo-nome tipo de sexo, mas o sexo era tudo o que tinha. Ela seria pior do que uma tola se tentasse transformá-lo em qualquer outra coisa. Ela era uma Wyr cabeça-dura, e não era um conceito horrível de pena para uma criatura.

Ela arrancou seus cadarços amarrados enquanto reclamava para si mesma, então olhou para o objeto de sua obsessão.

Ele tinha se lavado no córrego e também vestiu calça jeans e botas. Ele estava em seus joelhos perto do fogo morrendo. Colocou a mão sobre as brasas vermelhas e com um último pulso elas ficaram pretas. Ela chupou em uma respiração. Então, tudo bem, talvez ele era um o-diabo-é-meu-nome novo tipo de cara.

Sua cabeça levantou e seu corpo ficou tenso. Ele torceu para olhar na direção de uma leve brisa que soprava através das árvores próximas. O que é isso? Ela respirou fundo, sentindo a brisa. Ela pegou uma pitada de mau cheiro.

Ele saltou de pé.

— Corra.

CAPÍTULO 10

Ela saltou para seus pés e agarrou o cobertor e escova de cabelo com as mãos trêmulas. Ela começou a colocá-los dentro do saco. Não mais Duendes. Por favor, Deus. Eu vou ser boa e comer todas as minhas ervilhas.

— Esqueça tudo isso. Solte. — Ele se lançou para suas armas.
— Vá.

Essa era uma coisa que poderia fazer bem. Ela largou tudo, virou-se e correu.

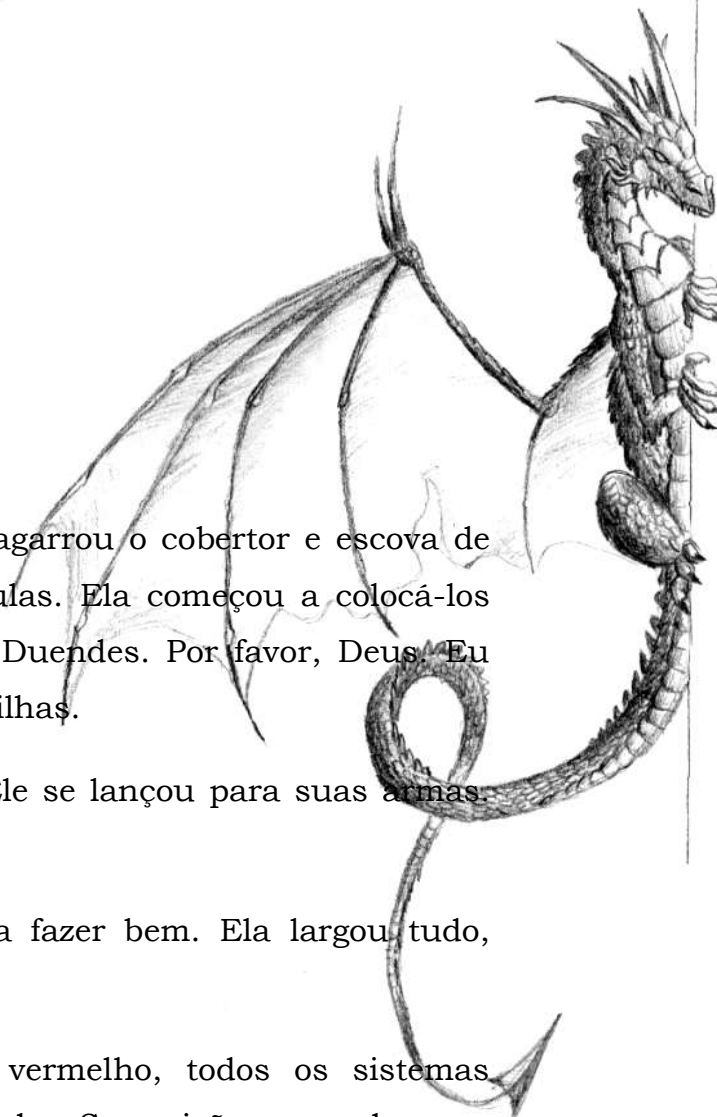
Tudo dentro entrou em alerta vermelho, todos os sistemas piscando. Adrenalina chutou sua bunda. Sua visão aguçada, seu sentido de olfato aumentou e a audição tornou-se mais aguda. Ela traçou para fora o melhor caminho à sua frente, ao mesmo tempo em que se esforçou para ouvir qualquer sinal de perseguição.

Não havia nada, nenhum som. Havia apenas o vento por entre as árvores, o som de sua própria respiração ficando irregular pelo medo e Dragos correndo atrás dela. Mas ela pegou outra lufada de fedor de Duende. Seu coração deu uma guinada. Dragos disse em uma voz calma atrás dela.

— O mais rápido quanto você possa, Pia.

Certo. Ela ergueu o queixo, procurando e encontrou seu passo, em seguida, aumentou a velocidade.

Dragos correu atrás dela quando o céu tornou-se brilhante com o nascer do sol. Pia parecia ter ficado rápida. Porra, ela corria como um guepardo. Talvez mais rápido. O inferno de uma coisa a se observar. Ela



passou por cima de obstáculos como troncos de árvores caídas e pedras, fazendo com que os saltos parecessem fácil, como se simplesmente escolhesse levantar os pés e voar. Ele encontrou espaço em si mesmo para mais uma surpresa quando descobriu que estava ficando para trás.

Boa menina. Se ela tivesse resistência tanto como velocidade, eles poderiam ficar bem.

Pia deixou a mente em branco e viveu no momento. Nada existia além do ritmo de sua profunda respiração, o movimento atlético de músculo e osso, o som de Dragos correndo atrás dela. Eles tinham mergulhado profundamente na floresta, de modo que o infinito do céu ficou obscurecido com pesados galhos verdes, mas a luz da manhã iluminou e o dia esquentou até que sua pele estava coberta de suor.

A floresta estava em silêncio em torno deles, troncos de árvores antigas torcidas com segredos e presos por trepadeiras. Ela percebeu que desde que os Duendes apareceram durante o dia, ela não tinha ouvido outra criatura nas proximidades, nenhum farfalhar, pio, ou chilrear. Talvez fosse porque ela estava na presença do predador mais poderoso de todos eles. Ou talvez fosse porque Duendes cercavam a floresta como uma doença terminal. Ou os dois.

Eu não culpo nenhum de vocês, ela pensou. Eu não iria farfalhar, piar, ou chilrear se eu fosse você.

Então, como uma névoa fria saindo do chão, uma sensação de poder frio rastejou sobre ela. Isso lambeu ao longo de sua pele superaquecida e apertou sobre seu corpo, apertando como uma jiboia envolvendo em torno de sua presa. Repulsa e pânico fechando os músculos de sua garganta, ou talvez a constrição do Poder fez. Ela tropeçou em uma parada instintiva, conduzindo-a a agarrar seu pescoço.

Dragos virou-se para enfrentar o caminho que tinham vindo. Quando Pia olhou por cima do ombro, ele rugiu. Tendões se destacaram em seu pescoço, e os músculos maciços de seu peito e braços apertados com a força de sua fúria. A memória do que tinha acontecido em Nova Iorque desapareceu à trivialidade ao lado deste ruído apocalíptico. Em pé, quando ela estava tão perto dele, mesmo em sua forma humana o poder em seu rugido rasgou o tecido do mundo.

O cabelo na parte de trás do pescoço dela levantou-se. Terror fugiu por ela a partir de um lugar mais profundo do que uma escolha consciente.

O som rasgou a constrição em torno de sua garganta. A constrição fria do Poder recuou. De repente ela pode respirar novamente. Ela engoliu em seco o ar. Dragos virou-se, os ossos selvagens de seu rosto sombrio transformado com raiva e ódio. O ouro quente de seus olhos eram sóis gêmeos, e suas pupilas tinham mudado para fendas.

— Agora sabemos com certeza. — ele rosnou. — Urien está aqui e tentando nos atrasar. Corra.

Ela deu uns passos para trás, ainda olhando para ele. Ele estreitou o olhar suave e alienígena sobre ela e inclinou a cabeça, a própria imagem da exasperação do sexo masculino. Tudo bem. Ela levantou as mãos em um gesto *Estou-into-agora*. Girou e correu por sua vida.

Não muito tempo depois, ela surgiu da borda da floresta e vacilou quando olhou para a frente em uma planície, larga e plana. Não havia cobertura para criaturas de seu tamanho. Ela olhou para trás, inquieta, quando ele encontrou-se com ela. Ele tinha o machado de guerra e espada amarrada às costas de novo. A raiva em seu rosto aquilino havia diminuído, mas seus olhos ainda estavam em lava quente.

— Você pode mudar? — Ela perguntou a ele.

— Não é bem assim. Eu tentei na floresta. — Ele acenou para a planície. — Não é como se eles não soubessem que estamos aqui.

Ela olhou para a frente, e ele teve a oportunidade de admirar o quão rápido ela poderia funcionar sem restrições por árvores e arbustos. Para evitar o desperdício de fôlego, ela perguntou-lhe telepaticamente;

Eu ainda não consigo ouvi-los; você pode?

Não, acho que Urien está disfarçado, ele disse a ela. Caso contrário, eu teria ouvido muito mais cedo. Eles nunca teria chegado tão perto.

Isso, e ele permitindo-se ser distraído por sua sensualidade. Droga, ele sabia que tinham demorado muito tempo, mas teria feito isso de qualquer maneira. Isso tudo foi culpa dele. Ela estava em perigo novamente por causa dele. Ela mexeu com sua cabeça e seus velhos e bem afiados instintos entraram em curto-circuito. Ele nunca ia ficar tão impaciente com seus homens de novo quando eles se apaixonassem por um belo rosto.

Eles estão atrás de nós enquanto acreditam que você pode mudar em um dragão? Mesmo telepaticamente seu tom mental, indicava quão suicida ela pensava que isso era.

A menos que eles sabem de outra forma, disse ele. Pode ser por isso que eles são tão agressivos. Talvez eles saibam sobre o veneno Élfico e que isso deve sumir em breve.

Ela tropeçou e quase caiu. Ele saltou para a frente para agarrar-lhe o braço. Ela virou um olhar cheio de horror em sua direção.

Mas isso significaria que o Elfos – Ferion - sabia que seríamos atacado.

Ou isso significa, no mínimo, que um dos Elfos passou algumas informações úteis para a parte interessada, ele concordou. Ele pediu-a para volta a correr. E, para ser justo, pelo que Ferion sabia, você fez o que disse que faria e me levou ao longo da fronteira Élfica e me deixou.

Justo, ela estalou. Se eu ver o Elfo de novo, eu vou rasgá-lo.

Ele não pôde deixar de sorrir.

Eu quero estar lá quando você fizer.

Ela voltou a manter o ritmo ao seu lado. Quando ele franziu a testa em uma pergunta para ela, ela disse:

Não se preocupe comigo, gostosão. Posso vencer qualquer ritmo que você definir.

Ele riu alto.

Eu aposto que você pode amor.

Ela sacudiu a cabeça.

Eu só estou entediada com o esfregar do seu nariz.

Apesar de suas brincadeiras, ambos sabiam que a situação estava ficando cada vez mais desesperada. Ele manteve a vista para trás e logo viu uma horda de Duendes correndo para fora da floresta. Junto com eles apareceu uma horda de cavaleiros armados a cavalo.

Pia olhou para trás também.

Duendes não cavalgam, disse ela. Até eu ouvi isso. Os cavalos não os toleram.

Isso deve ser seus aliados, o Fae das Trevas, ele disse a ela. Ele percebeu que sua visão de ave de rapina era muito melhor do que a dela. Ele podia ver os cavaleiros Fae perfeitamente.

Pela primeira vez seu rosto mostrava tensão.

Eles têm bestas.

Anime-se, menininha. Ele deu-lhe seu sorriso. *As coisas estão começando a ficar interessantes.*

Ele aumentou a velocidade, e fiel ao seu orgulho, ela manteve o ritmo, sua juba de cabelos loiros voando atrás e pernas longas de gazela. Droga, ele estava orgulhoso dela.

A terra terminou à frente deles, um penhasco rochoso subindo ao longo do horizonte, com mais uma dúzia de cavaleiros Fae das Trevas aparecendo ao longo do topo do penhasco.

Os cavaleiros no penhasco não estavam montando cavalos.

Eles estavam montando criaturas Fae que pareciam como libélulas gigantes. Enormes, em preto, asas transparentes brilhavam com matizes do arco-íris.

Pia reduziu a velocidade e parou quando os viu. Ao lado dela, Dragos fez o mesmo. Ela pressionou uma mão ao seu lado e se virou em um círculo. Eles estavam presos.

Ela sentou-se no chão e colocou a cabeça entre as mãos. Ele se ajoelhou ao lado dela e colocou um braço ao redor de seus ombros. Ele não disse nada, e nem ela.

Não havia nada a dizer.

Uma vez que tinha parado de correr, seus perseguidores desaceleraram e aproximaram-se com mais cautela. Os Duendes se espalharam em uma formação de semicírculo, os cavaleiros Fae das Trevas intercalados entre eles os que estavam no topo do penhasco permaneceram onde lá, montados em gigantes libélulas enquanto assistiam a cena se desenrolar abaixo.

Pia protegeu os olhos enquanto olhava para eles. O terceiro da esquerda irradiada um frio Poder diferente de qualquer um dos outros. Ela engoliu em seco, tentando aliviar a garganta seca.

— Lá, — ela disse. — O Rei Fae está na formação, não está?

Dragos sentou-se atrás dela e puxou-a contra seu peito.

— Sim. Ele está esperando para ver se ele é necessário.

— Ainda não pode mudar. — ela disse. Não era uma pergunta.

Ele balançou a cabeça.

— Eu preciso de um pouco mais de tempo.

Ele precisava de tempo que não tinham. Ela virou o rosto em sua pele aquecida pelo sol. Sua respiração era lenta e fácil. Ela ficou maravilhada com sua calma. Ela não estava calma.

Estava correndo dentro de sua cabeça como uma pessoa louca, seu coração ainda está fazendo a dança do coelho. Ela pensou na surra que os Duendes lhe dera. Pensou em Keith e seu agenciador, ambos mortos. Ela pensou no canivete no bolso de suas calças.

Dragos a soltou, levantou-se de joelhos e retirou o cinto de armas. Ele colocou o machado de guerra e espada de lado. Em seguida, ele tirou a espada curta que tinha afivelado na cintura e o colocou no chão, com as outras armas. Ele olhou para o anfitrião que se aproximava os olhos apertados, quando ele disse

— Talvez se eu não lutar, posso negociar com eles para deixá-la ir.

— Você não pode simplesmente se render. — ela disse. — Eles vão te matar!

— Provavelmente, não imediatamente. — Sua expressão era toda brutalidade e ângulos agressivos. — Se eu me render, posso ganhar

algum tempo. Se eu puder te afastar, você pode tentar voltar ao meu povo em Nova Iorque e dizer-lhes o que aconteceu. Eles a manterão segura.

Ele quis dizer que talvez não o matasse imediatamente, porque eles iriam torturá-lo. Ela sentiu o aumento da bile. Ela estudou o Rei Fae na formação. Ela nunca tinha odiado tanto alguém, especialmente alguém que não tinha encontrado antes.

Ele era outro dos primeiros Poderes do mundo, uma das mais antigas das Raças dos Elders. Seu conhecimento e memória da tradição e da história da Terra seria extensa. Como Dragos tinha apontado, não há como dizer o que Keith poderia ter dito antes que ela o parasse com o feitiço. E Urien tinha conexões Élficas, se não Ferion, então talvez um dos outros elfos que testemunharam sua discussão com Ferion e tinha ouvido o suficiente para especular.

— Não vai funcionar de qualquer maneira. — ela disse em uma voz plana. — Eles não vão me deixar ir.

Ele olhou para ela, não se preocupando em discutir.

— Então, nós lutamos.

— Eu não vou ser capturada. — disse a ele. Ela cavou em seu bolso e retirou o canivete. Apertou a alavanca e a lâmina se abriu.

Mais rápido do que a visão, ele agarrou seu pulso. Seus olhos brilharam.

— Que porra você está fazendo? — Ele estalou. — Você não vai ser capturada? Então, nós *lutamos*. Nós não desistimos.

Ela olhou para os Duendes e Fae das Trevas. Havia tantos deles, eles eram um pequeno exército. Eles estavam quase em alcance de disparar. Ela colocou a mão sobre a dele.

— Dragos, desta vez você vai confiar em mim? Você vai me deixar tentar mais uma coisa e não me perguntar e ter qualquer dúvida sobre isso? — Sua mão e rosto eram como pedra, seu corpo se apertou. Ela lutou contra um sentimento de pânico crescente e manteve sua voz suave. — Por favor. — ela disse. — Não há muito tempo.

Seus dedos a soltaram. Ele a deixou ir. Ela levantou-se de joelhos e olhou para ele. Ele se manteve ainda e viu seu rosto enquanto ela colocou a ponta da lâmina contra a cicatriz branca em seu ombro. Ela concentrou-se no bronze escuro de sua pele nua. Ela mordeu o lábio e tentou fazer seu movimento de mão, mas tudo o que ela fez foi começar a tremer. Seu controle sobre o canivete deixou o nós dos dedos brancos.

— Droga. — ela apertou. — Eu não posso cortar você.

A mão dele sobre a dela novamente. Desta vez, ele deu um puxão rápido e a lâmina entrou na sua pele, bem em cima da cicatriz. Quente, brilhante sangue começou a fluir a partir do corte. Ela tomou uma respiração entrecortada e acenou para ele. Ele soltou-a de novo.

O segundo corte foi muito mais fácil. Ela deslizou a lâmina em sua palma. Foi um bom corte profundo. Dor floresceu e seu próprio sangue começou a escorrer pelo pulso.

O exército avançando cruzou em disparada, perto o suficiente, ela podia ouvir o riso dos Duendes chamando um ao outro. Fale sobre um último esforço. Gostaria de saber se isso iria funcionar. Acho que nós vamos descobrir em breve.

— Aqui vai, gostosão. — ela murmurou. Ela encontrou seus penetrantes olhos de falcão e bateu o corte aberto contra o seu.

Por alguns segundos, parecia que nada aconteceu. Então algo queimou e fluíu para fora dela, passando por sua palma e entrando na nele. Sua cabeça caiu para trás. Ele engasgou quando balançou em seus joelhos. Seu Poder rugiu em resposta.

Ela cambaleou, tonta com a transferência. Então Dragos brilhou e expandiu tão rápido que ela caiu de costas.

Ela lutou para sustentar-se sobre os cotovelos, olhando com a boca aberta o aparecimento do enorme dragão que estava sobre ela.

Oh. Meu. Deus. Ela tinha imaginado como ele se parecia.

Ela pegou um vislumbre da sua sombra fluindo sobre a praia. Nada poderia tê-la preparado para o impacto da coisa real. Ele tinha que ser do tamanho de um jato particular.

Ele era vários tons de bronze que tinham um brilho iridescente na luz do sol. Seu largo e pesado peito musculoso estava acima de sua cabeça. Sua cabeça balançava para frente e para trás enquanto ela olhava as longas pernas plantadas em cada lado dela. A cor bronze escurecida para negra nas extremidades de suas pernas. Seus pés tinham garras curvas que tinha que ser do comprimento de seu antebraço. Seu corpo diminuiu para ancas poderosas e cauda longa.

Ela olhou por um momento congelada na fenda da grossa bainha de couro bronze entre as patas traseiras, que abrangia a região de seus órgãos genitais. Não parecia haver qualquer parte dele que era vulnerável.

Sombras enormes desfraldada pelo chão. Ele abriu suas asas e manteve como uma águia. Seu corpo redescobriu como se mover. Ela arrastou-se para trás com as mãos e pés, rastejando como um caranguejo.

Ele arqueou seu pescoço longo. Inclinou uma cabeça com chifres triangular que era do comprimento do seu corpo para que pudesse olhar para ela com olhos que eram grandes piscinas de lava derretida. Com um som que cortou o ar, ele sacudiu a cauda para trás.

— Esse é a minha comprida e escamosa cauda de réptil. E é maior do que qualquer outra pessoa. — Dragos disse com uma voz que

era mais profunda, maior, mas ainda reconhecível como sua. Uma pálpebra enorme caiu em um piscar de olhos inconfundível.

Ela caiu em uma risada histérica.

— Fique abaixada. — o dragão lhe disse. Ele abaixou a cabeça quando se virou para o exercito, um gigante, elegante e sinuoso. Ele mostrou os dentes em um desafio vicioso.

— Venha com tudo, seu filho da puta.

Um por um, os Fae das Trevas subiram no ar em seus corcéis de libélula. Eles se viraram e voaram para longe. Era impossível de se ver, mas sentiu o predador nele vibrando com o instinto de ir a caça. Manteve-se para trás, embora, e ela sabia o por que. Ele não iria deixá-la desprotegida com os Duende e Fae tão perto.

Ela empurrou-se sobre um cotovelo para olhar na direção de seus perseguidores. Os Duendes e cavaleiros Fae tinham se afastado. Eles estavam em plena retirada. O som do solo rasgado a teve olhando para o dragão. Ele estava cavando suas garras no chão enquanto rosnava para a sua retirada.

— Dragos. — ela disse. Ele olhou para ela. Ela virou a cabeça para o exército em retirada. — Vá.

Ele não precisava de mais encorajamento. Ele agachou-se e saltou para o ar. Um rugido dividiu o céu como um trovão. Os Duendes começaram a gritar quando a matança começou. Ela estava ferozmente, vingativamente contente.

Não foi tanto uma batalha era como um extermínio. Após primeiro mergulho espetacular de Dragos, quando ele voou baixo sobre suas cabeças e fogo jorrou, ela não podia assistir mais. Ela virou-se de bruços, colocou os braços sobre a cabeça e esperou que acabasse.

O fedor de Duende foi superado pelo cheiro de fumaça oleosa. Não demorou muito antes do silêncio cair sobre a planície. Não havia

ninguém para fazer uma contagem de corpos. Nenhum de seus inimigos estavam vivos.



Ela aninhou o nariz mais profundo no alto capim cheiroso. O sol estava alto no céu. Estava quente em suas costas e ombros. Um farfalhar tranquilo na grama cresceu mais perto. Uma sombra caiu sobre ela. Algo muito leve fez cócegas em seus braços que cobriam a parte de trás de sua cabeça. Baforadas em seu cabelo.

Ela arranhou o braço.

— Você matou os cavalos Fae?

A respiração parou. Dragos disse numa voz cautelosa.

— Eu... não era suposto que o faria?

Ela encolheu os ombros.

— Isso só não foi sua culpa.

— Se isso ajuda eu estava com fome e comi um. — Outra respiração.

Ela não podia deixar de rir.

— Eu acho que não ajuda nem um pouco.

Ela rolou. Ele havia se estendido ao seu lado, seu grande corpo entre ela e os restos do exército Duende e Fae. Suas asas, uma varredura dramática de bronze escurecimento para preto nas pontas, foram dobradas para trás. Sua pele brilhava ao sol. Ela levantou a cabeça e olhou na direção da fumaça. Sua cabeça triangular desceu na frente seus olhos dourados afiados.

— Você não precisa olhar para lá. — ele disse em uma voz suave.

Ela sentou-se e inclinou-se contra o seu focinho. Ela encostou o rosto contra ele. Olhando acima, ela podia ver um padrão fraco como escamas em sua pele. Ela acariciou a curva de uma narina. Parecia um pouco mais suave do que o resto do corpo. Ele se manteve muito quieto, respirando suave e superficial.

— Como isso se sente? — Ela perguntou a ele.

— É uma sensação boa. — Ele suspirou, uma grande rajada de vento, e ele pareceu relaxar. — Obrigado por salvar minha vida de novo, Pia Alessandra Giovanni. — Ele falou as sílabas do seu nome humano em um som musical.

— Volta para você, gostosão. — ela sussurrou.

Depois de mais alguns momentos ele se retirou, dando-lhe tempo de sobra para endireitar. Ela olhou para cima, formava-se em sua cabeça muito triangular uma silhueta contra o sol da tarde.

— Você tem, — ele disse. — duas escolhas.

— As opções são boas. — Ela empurrou para seus pés, tudo de uma súbita sensação cansada e com dores novamente. — As escolhas são melhores do que as ordens.

— Você pode andar, — ela disse. — ou eu posso levá-la.

— Montar? Maldição. — Ela protegeu os olhos e olhou para seu volume enorme. — Isso pode ser mais emoção do que eu posso lidar agora. Eu não estou vendo nenhum cinto de segurança lá em cima.

— É isso aí. — Dando-lhe tempo de sobra para se ajustar, ele envolveu as longas garras de um pé ao seu redor com tal precisão que ele não causou nenhum arranhão ou picada. Quando ele inclinou o pé,

ela descobriu que tinha um oco confortável para sentar. Ele levantou-a para que pudesse olhar para ela. — Tudo bem?

— Estou me sentindo um pouco fada aqui, mas por outro lado é ótimo. — ela disse. — Você sabe, se você não fosse um multibilionário, você poderia fazer uma boa vida como um elevador.

Ele bufou uma risada. Então, o mundo caiu quando ele saltou no ar. Qualquer outra coisa que ela poderia ter dito se perdeu na batida de suas asas enormes, no seu grito ensurdecedor.

Eu retiro o que eu disse! ela gritou com ele telepaticamente. Ela não tinha fôlego para tentar gritar em voz alta. *Esqueça sobre a produção de Valium, ou elevador e carreira de cabeleireiro. Você pode ser uma montanha russa. Ei, eu aposto que os parques de diversão pagariam uma fortuna.*

Eu vejo o lunático que habita o seu corpo está vivo e bem. ele respondeu.

Ele inclinou e mudou a direção quando sentiu uma passagem de volta para o reino humano. Ela conseguiu sugar mais fôlego para gritar novamente.

Estou falando sério agora, eu não acho que posso lidar com isso!

Difícilmente, ele disse a ela. *Eu não estou arriscando a chance de qualquer outra coisa acontecendo de errado. Este é um voo sem escalas para Nova Iorque. Obrigado por voar com a Cuelebre Airlines.*

— Você não é engraçado. — ela gritou em voz alta. O riso de Dragos encheu sua cabeça.

Ela estava encolhida em seu aperto inquebrável, com as mãos sobre os olhos. Ela descobriu que não era um voo suave e sem problemas, mas que tinha um ritmo da batida de suas asas. Ela também achava ela seria congelada. Ela teve uma outra surpresa

quando ele manteve um cobertor de veludo de Poder em volta dela. Isso a protegia do frio da altitude e do vento.

Ela podia sentir a magia que marcava uma passagem de volta para a dimensão humana quando eles se aproximaram. Ela espiou por entre os dedos. Seguindo um senso de direção que não compartilhava, ele estendeu suas asas e deslizou ao longo de apenas uma centena de metros acima um pequeno canyon.

Você é capaz de abrir os olhos ainda? Ele perguntou.

Ela disse a ele.

Eu estou olhando.

Um monte de passagens para Outras Terras são como esta. Eles estão expressas em algum tipo de ruptura na paisagem física, ele disse a ela. *Se voarmos apenas 10 ou 15 pés mais elevados, não estaríamos na passagem.*

Então nós estamos em Outra Terra? Ela perguntou, quando se interessou, apesar do medo.

Correto. Do ar, é como seguir uma corrente de ar específico. A passagem que os Duende nos trouxe através era algo incomum, explicou. *Houve uma quebra na terra, mas era um velho desgastado pelo tempo. Isso era pouco visível até mesmo para os meus olhos.*

Em algum lugar ao longo do caminho o sol mudou e se tornou mais pálida. O cânion encolheu até ser uma ravina com vegetação rasteira. A qualidade do ar também mudou. Eles haviam atravessado.

Pode dizer onde estamos? Ela perguntou. Ela havia esquecido o medo no fascínio de ver a terra se desenrolando em baixo.

Ao norte de onde estávamos antes. Estou mais familiarizado com a paisagem ao longo da costa. Vou saber mais, quando chegar ao Atlântico. Ele deu o equivalente a um encolher de ombros mental. *Estou*

mais interessado em saber como estamos e quanto tempo se passou enquanto estávamos em Outra Terra.

Ela havia esquecido disso. Ela observou a mudança de paisagem quando Dragos virou para leste. Depois de cerca de meia hora ou mais, a linha azul do mar apareceu na frente deles. Ele virou para voar ao norte ao lado da borda da terra, subindo em altitude até o ar parecer rarefeito para ela. As cidades e vilas que sobrevoaram pareciam brinquedos de uma criança.

Lá, ele disse. Ela olhou para cima para vê-lo acenar à sua esquerda. Isso é Virginia Beach. Nós temos um par de boas horas de voo à frente de nós.

Ah, certo. Ela se curvou ao pensamento. E aqui estou sem minhas revistas ou livro de bolso, e sem dinheiro para um filme em voo.

Eles ficaram em silêncio. Depois de um tempo, observando a passagem pela costa entre seus pés pendurados tornou-se tão comum que era chato. Ela inspecionou o corte na palma da mão, que havia selado em algum momento durante a cicatrização de Dragos.

A crosta já parecia com uma semana de idade. Ela pegou-o sem muito interesse, então voltou sua atenção para as longas e curvas garras negras que a rodeavam. Ela esfregou uma, então bateu nele com uma unha. Isso brilhava como uma obsidiana e sem dúvida era mais forte do que diamantes.

Depois disso, não havia mais nada a fazer a não ser chutar seus pés e se obcecar com o desastre que sua vida se tornou.

Depois de tudo, agora ela estava voltando para Nova Iorque no aperto da criatura que estava fugindo. Com quem, aliás, ela também teve um fantástico sexo alucinante.

Isso foi uma farra em sua própria cabeça, sem considerar todas as outras desastres que ocorreram. Ela olhou para cima para Dragos e desviou o olhar rápido.

As memórias do que eles tinham feito juntos foram tão intensas que ela perdia o fôlego cada vez que pensava nelas. No entanto, elas pareciam surreal, ao mesmo tempo, quase como se tivesse acontecido com outra pessoa. E ela não conseguia ligar o homem que tinha sido seu amante com esta criatura esplêndida e exótico que carregava-a com cuidado, enquanto voava.

Ela apoiou os cotovelos sobre uma garra e escondeu o rosto com as mãos. Imagens dos últimos dias atravessaram seu olho interior. O confronto com os Elfos. Dragos sendo ferido. O acidente de carro. A fortaleza Duende, o espancamento. O lindo sonho de sua mãe. O impasse na planície.

Ela não sabia o que fazer com tudo isso. Ela queria um quarto escuro para esconder até que descobrisse tudo. Como em talvez 10 anos ou mais.

E não era muito bom que tinha ganhado a atenção do Rei Fae, com certeza neste momento. Frente e no centro. Ele não podia saber tudo o que aconteceu entre ela e Dragos. Mas eles tinham escapado juntos. Agora, o rei Fae tinha que ter algumas dúvidas sobre se ela tinha algo significativo a ver com a transformação de Dragos, as perguntas que ele gostaria de ter as respostas, juntamente com todas as perguntas que ele tem agora.

Boa maneira de ficar sob o radar e evitar o escrutínio, cabeça-dura. Se ele poderia ter sabido de algo e se interessou por ela antes, ele com certeza fez agora. Ela não tinha dúvida de que ela tinha acabado de entrar na lista dos 10 mais procurados do Rei Fae. Por tudo o que ela sabia eles iriam estar postando fotos dela nos correios, postos policiais e enviar fax para o FBI.

Ela poderia sempre fazer uma cirurgia plástica e fugir para viver fora do radar em uma aldeia remota do México. Se ela pudesse recolher o material de seus três esconderijos restantes e sair da cidade novamente. Isso não pararia a detecção de mágica, no entanto. Dragos já tinha avisado a ela que ele iria encontrá-la se ela tentasse fugir.

O que isso a fazia? Ela não sabia. Ela era sua prisioneira quando eles voltassem para Nova Iorque? Ele estava falando sério sobre a considerar sua propriedade agora ou tinha sido uma piada? Ele tinha um senso de humor estranho, às vezes, por isso era difícil de dizer.

Apenas me diga o que eu quero saber e eu vou deixar você ir. Ha. Ela revirou os olhos. Ela não podia acreditar que caiu nessa.

Ela acreditava que ele a tinha perdoado pelo roubo. Ela supunha que era um milagre por si mesmo, já que não há muito tinha estado convencida de que ele iria rasgá-la em pedaços. E ela tinha prometido a ele que ela não tentaria fugir. Ela quis dizer isso na época.

Ela se perguntou se iria cumprir essa promessa. A vida tinha virado tão imprevisível que não estava disposta a apostar em alguém ou alguma coisa neste momento, muito menos em si mesma.

Tudo que ela sabia era que ainda iria enfrentar um futuro perigoso e incerto.

E que ela estaria... solitária novamente. Pior do que nunca.

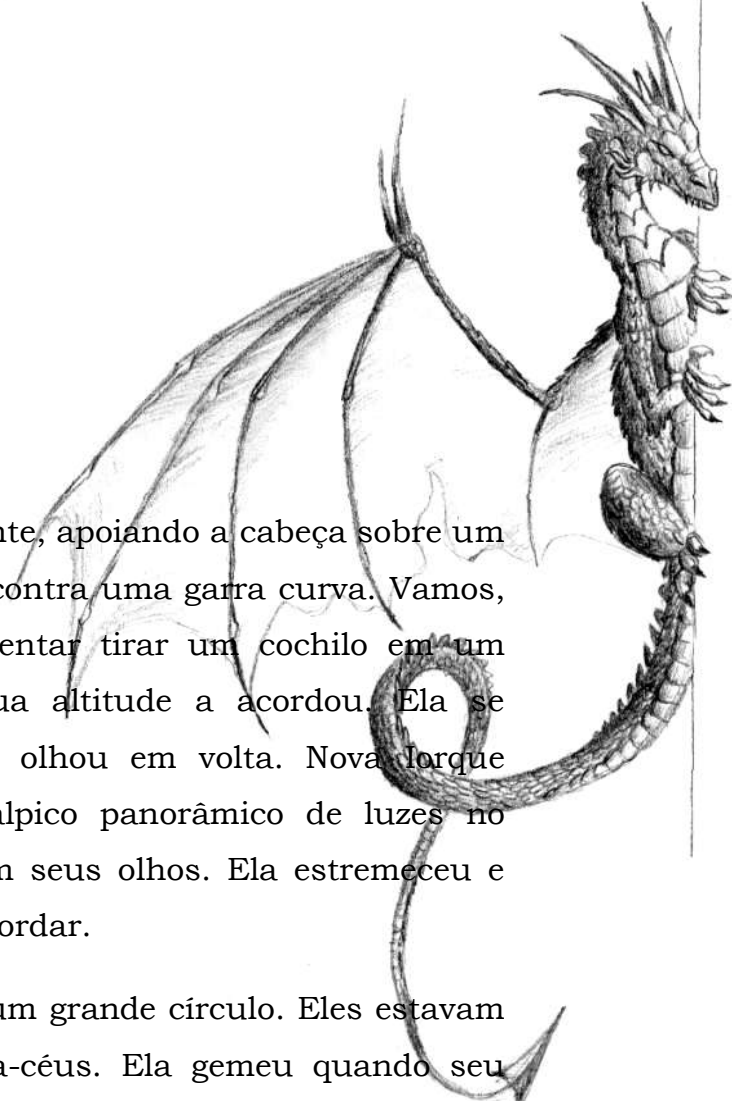
CAPÍTULO 11

Ela tirou um cochilo, vacilante, apoiando a cabeça sobre um braço quanto se inclinou contra uma garra curva. Vamos, pense sobre isso, como tentar tirar um cochilo em um assento de avião. A mudança em sua altitude a acordou. Ela se endireitou com um estremelecimento e olhou em volta. Nova York estava espalhada ao seu redor. O salpico panorâmico de luzes no crepúsculo era um aprofundamento em seus olhos. Ela estremeceu e esfregou o rosto em uma tentativa de acordar.

Dragos girava dando voltas em um grande círculo. Eles estavam indo para um dos mais altos arranha-céus. Ela gemeu quando seu estômago embrulhou. Em seguida, eles caíram para a área de pouso no telhado da Torre Cuelebre.

Ela olhou em volta, atordoada, e tentou ficar de pé sem cambalear quando Dragos colocou-se sobre seus pés. O teto era enorme em espaço, mais do que suficiente para lidar com alguém do tamanho de Dragos, com espaço para os pousos e decolagens de outras criaturas ao mesmo tempo.

Um grupo de pessoas estava esperando em um conjunto de portas duplas. Na frente deles, um homem de cabelos escuros estava com os pés afastados e os braços cruzados. Uma bela mulher de aparência feroz estava ao lado dele, com as mãos nos quadris. Um homem com aspecto nativo americano ficou um pouco além dos outros com um colete de couro preto sem mangas e calça jeans negra, com cabelo preto cortado curto com turbilhões raspando o padrão, ele era todo tatuado, com braços musculosos.



Cada um deles estava com armas. Todos estavam a seis metros ou mais. Nenhum deles parecia alguém que ela estaria confortável em um beco.

O ar atrás dela brilhava com poder. Ela olhou por cima do ombro enquanto Dragos mudava cada grama de força do dragão e energia, compactado na forma, alta e musculosa de um homem. Por algum truque mágico na mudança, ele ainda usava calça jeans, botas velhas e sujas e nada mais. Ela olhou de seu peito nu para aquele rosto esculpido e olhos de caçador e perdeu o fôlego novamente.

Ele pegou-a pelo braço e caminhou com ela para o grupo que esperava nas portas. Seu rosto aqueceu quando olhares curiosos e hostis a avaliaram.

— Já era hora de você aparecer. — disse o homem de cabelos escuros. Ele empurrou o queixo para o nativo americano. — Eu o mandei para a América do Sul para Tiago e alguns da cavalaria. Você está bem?

— Eu estou bem. — Dragos disse. Dois dos homens seguraram as portas abertas. Dragos ignorou as portas abertas do elevador e tomou as escadas. Ela não tinha escolha a não ser andar ao seu lado. Os outros o seguiram. — Conferência em dez minutos. O quarto está pronto?

O quarto? O quarto dela? Pia olhou de soslaio quando atingiu o patamar para a cobertura.

— Tudo pronto. — disse o homem moreno logo atrás dela. Os outros tinham ido para longe deles, para a sala de conferências.

Eles andaram por um grande corredor, viraram e desceram por outro. As salas tinham luzes no luxuoso piso de mármore. Obras de

arte originais colocadas em recessão nas iluminadas paredes. Esticou o pescoço. Isso era uma pintura de Chagall?

Dragos parou em frente a uma porta de madeira clara. Ele empurrou-a e levou-a para dentro. O macho moreno e dois outros ficaram no corredor perto da porta.

Pia olhou em volta. Ela teve uma impressão borrada de uma sala que era maior do que uma pequena casa. Os tênis sujos afundaram no tapete branco de pelúcia. Uma lareira independente e área de estar rebaixada com sofás de couro e poltronas pálidas no fim. Uma cama de ferro negra forjada e emoldurada do tamanho de um barco estava do outro lado, empilhada com almofadas e colchas. Uma imensa Tv de plasma com tela plana pendurada em uma parede, e um bar estava escondido em uma alcova. Na outra parede não havia nada, do chão ao teto, era uma placa de vidro com portas francesas. As portas abertas conduziam para um closet e um banheiro imenso.

Ele virou-a de frente para ele e inclinou-lhe o queixo. Ela olhou para ele, de olhos redondos e cautelosos.

— Eu sei quando você está cansada. — ele disse em uma voz calma. — Eu quero que você fique aqui, tome um banho quente e descanse. Tudo que precisa está aqui, roupas, bebidas, e eu vou enviar uma refeição quente para você. Tudo bem?

Em alguns aspectos essa paisagem era mais estranha do que a Outra Terra tinha sido. A bagunça dentro dela ficou ainda pior. Ela estava meio com medo dele de novo, mas ao mesmo tempo ela não queria que ele saísse. Ela mordeu os lábios, cerrou os punhos para não alcançá-lo ou parecer que precisava de cuidados. Ela deu-lhe um aceno espasmódico.

Ele colocou a mão na parte de trás do seu pescoço, um peso quente contra seu rosto. Ele disse, com se ela tivesse argumentado.

— Eu tenho falado com Rune enquanto nos aproximávamos da cidade. Nós estivemos fora por uma semana. Eu tenho que informá-los sobre o que aconteceu.

— Deve haver um milhão de coisas que você tem que fazer. — ela disse. Ela saiu de seu controle, cruzou os braços em seu peito e se afastou dele. — Eu posso imaginar.

Ele ficou com a mão suspensa no ar, franzindo a testa para ela. Ela teve um vislumbre do corredor onde o macho moreno que devia ser Rune estava junto com outros dois homens gigantescos. Todos os três estavam olhando para Dragos como se não o reconhecessem.

Ele virou as costas e saiu. Ele disse.

— Bayne, Con, fiquem aqui. Consigam qualquer coisa que ela quiser.

— Certo. — disse um dos homens. Ele trocou um olhar com o outro. — Qualquer coisa que ela quiser.

Dragos desapareceu com Rune, deixando-a sozinha no grande e lindo quarto com dois homens na porta.

Guardas armados. Acho que ela tinha uma pergunta respondida. Era uma prisioneira.

Um deles pegou a maçaneta da porta e acenou para ela, seu rosto castigado pelo tempo inexpressivo.

— Nós vamos bater quando a sua refeição chegar. — disse a ela. — Você precisa de alguma coisa agora?

— Não, obrigada. — ela disse com a garganta seca. — Eu estou bem.

Seu guarda fechou a porta e deixou-a sozinha.

Ela virou em um círculo, vendo que tudo dentro da sala vazia estava envolto em sombras que se aprofundavam com o início da noite. O luxo parecia estranho, frio e vazio sem a vitalidade da presença de Dragos. Ela esfregou os braços e estremeceu.

Tirou os tênis repugnantes e os colocou no chão ladrilhado dentro de um banheiro maior que todo o seu apartamento. Então ela foi para o nicho que escondia o bar.

Apesar de pequeno, estava abastecido com uma grande variedade de bebidas, tudo top de linha, é claro. Ela fez uma pausa, distraída pela coleção. Ela sempre quis experimentar um copo de Johnnie Walker Blue. Havia uma máquina de café no balcão e uma pia. Por baixo do balcão estava um refrigerador com metade do seu tamanho. Ela verificou o conteúdo. Garrafas de água Evian e Perrier, cerveja e mais cerveja, sucos diversos, vinho branco e champanhe.

Ela tirou duas garrafas de água. Ela engoliu o Evian. Depois, com sua sede um pouco aliviada, ela abriu a Perrier e bebeu mais lentamente.

A lareira era real, e não a gás. Ele era impecável e descontraído com uma pilha limpa de madeira, pronto para começar. Uma caixa de fósforos longos estava perto do controle remoto da TV na mesa de café na frente de dois dos sofás. Ela cedeu à tentação e acendeu o fogo. A cintilação amarela das chamas ajudou a dissipar o frio e vazio do quarto.

Em seguida, ela foi a um passeio pelo closet e quarto de vestir. Um lado estava cheio de roupas masculinas. O outro lado estava cheio de roupas femininas.

De seu apartamento.

Ela empurrou os cabides e abriu as gavetas da cômoda. Sua roupa de baixo, meias, camisetas e shorts, todos impecáveis, tudo passado e dobrado.

Ela ergueu um pequeno embrulho elegante que havia um par de calcinhas brancas. Algum estranho tinha lavado sua roupa íntima?

O mesmo era verdade para as roupas sobre os cabides. Seus sapatos já não estavam em uma pilha, mas polidos e armazenados em ordem. Suas joias pequenas de cedro estavam em um dos armários. Ela abriu e ficou com lágrimas com a visão do antigo colar de sua mãe. Ela acariciou o colar, em seguida, fechou a caixa com cuidado e encostou-se à cômoda.

Isso era assustador e... Reflexivo. Encontrar coisas familiares era reconfortante ao mesmo tempo em que a assustava até a morte.

Quando ele tinha dado a ordem para recolherem suas coisas? Teria sido na casa de praia quando ele ligou para Rune? Ele tinha dito a Rune para conseguir uma cozinheira vegetariana. Quando ele tinha decidido tirar suas coisas do seu quarto?

Ela pegou uma T-shirt, calcinha e sutiã e um par de pijamas de flanela. Ela foi para o banheiro. Ela poderia passar uma semana de férias apenas no banheiro. Havia uma banheira do tamanho de uma pequena piscina com os degraus e os bancos de mármore, e havia garrafas de espuma Chanelscented. Seus produtos de higiene pessoal e maquiagem foram dispostos sobre o balcão de mármore da pia. Novas garrafas das marcas de xampu e condicionador que ela gostava estavam no chuveiro.

Alguém tinha, aparentemente, pensado em tudo, cada maldita coisa, exceto perguntar sua opinião sobre qualquer coisa. Era uma gaiola dourada.

Mesmo que Dragos tivesse lhe pedido para tomar um banho quente, ela se sentia muito vulnerável e instável para relaxar. Assim como ela tinha na casa de praia, ela trancou a porta do banheiro antes de se despir.

O chuveiro estava a vários metros, com um banco. Depois que ela descobriu como ligá-lo, ela ficou sob os múltiplos fluxos de água com os olhos fechados até que o calor embebido longe toda a força nas pernas. Ela se sentou no banco enquanto se ensaboava e lavava seu cabelo, esfregando seu corpo até que sentiu que tinha tirado uma camada de sua pele. Após a lavagem, ela envolveu seu cabelo em uma toalha, o secou e se vestiu. Racional ou não, ela se sentiu melhor assim que tinha roupas limpas.

Quando ela saiu do banheiro, descobriu que um serviço com uma mesa de jantar portátil e uma cadeira tinha sido colocado perto das janelas. Havia uma toalha de linho branco e de mesa simples, mas elegante e pratos com tampas de prata. Uma pequena garrafa de vinho branco em um balde de gelo. Consumida pela fome, ela descobriu todos os pratos.

Ela encontrou um delicado risoto de aspargo de limão salpicado com amêndoas, uma salada de verduras, peras em fatias e cranberries secas, pão fresco em pacotes individuais, margarina de soja e de sobremesa blueberry crumble. Ela caiu sobre a comida e devorou até a última mordida deliciosa.

Depois de ficar limpa, confortável e de estômago cheio, ela não tinha espaço para alarme ou ofensa. Ela não conseguia nem manter os olhos abertos. Ela conseguiu escovar os dentes antes de se arrastar entre os lençóis da cama enorme. Depois de tantas prisões, esta seria poderosamente difícil de vencer. Ela bocejou, desistiu de tentar pensar e adormeceu.



No andar de baixo, Dragos entrou na sala de conferências, seguido por Rune. Localizado a uma distância curta e conveniente no

corredor de seu escritório, que era uma grande sala executiva, com bancos de couro preto, uma grande mesa de carvalho polido e equipamentos de teleconferência.

Todos os seus sentinelas estavam presentes com exceção dos dois grifos Bayne e Constantino, que ficaram de guarda na porta de Pia. Rune tomou um assento ao lado do quarto grifo, Graydon, e inclinou a cadeira para trás. Tiago encostou-se à parede oposta, uma presença escura. Aryal esparramou-se e bateu os dedos sobre a mesa. Ela nunca conseguiu um estado imóvel, a menos que estivesse caçando suas presas. O gárgula Grym inclinou a cadeira para que ele pudesse assistir Aryal.

Tricks, a fada conhecida como Thistle Periwinkle, chefe de RP de Cuelebre, sentou-se com os braços e pernas cruzados na outra ponta da mesa. Sua nuvem de cabelos lavanda ostentando um corte de cabelo de 4.100 dólares, estava desgrenhado. Ela sacudia um pé pequeno e fumava.

Dragos, como Tiago, não tinha um assento. Em vez disso ele foi encostar-se ao balcão de carvalho na cabeça da sala. Ele chutou um pé sobre o outro e cruzou os braços, enfiou o queixo e olhou o chão.

Ele não gostava de como se sentia. Ele não gostava nem um pouco dessa merda. Ele sentia-se nervoso e inquieto por deixar Pia sozinha. A sensação aumentava com cada passo que dava para longe dela e, a cada minuto que passava era pior. Ela parecia muito perdida e sozinha em pé no meio da sala grande e vazia.

Ele não gostou de como ela tinha olhado para ele também, como se fosse um quebra-cabeça imprevisível que ela não podia decifrar. Ou uma bomba que podia explodir em seu rosto. Ela olhou para ele com desconfiança, incerteza. Com algo muito próximo do medo novamente.

Ela afastou-se dele.

Era inaceitável. Mas antes que ele pudesse ir e cuidar de tudo o que estava se formando em sua cabeça, ele tinha que fazer isso primeiro.

Ele ergueu o olhar e olhou em volta os ocupantes do quarto. Eles estavam todos olhando para ele e esperando.

— Hey, Tricks, — ele disse para a fada fumando. — Seu tio Urien disse oi.

Tricks começou a praguejar, seus traços como ouriço se contorcendo. Ela apunhalou um cigarro meio fumado no cinzeiro.

— O que o desgraçado fez desta vez?

Rune disse:

— Todo mundo sabe o que aconteceu no momento em que você ligou da Carolina do Sul. Nós estamos lidando com as consequências dos Élficos. Eles invocaram um embargo comercial e de negócios com qualquer coisa a ver com Empresas Cuelebre, juntamente com todos os outros negócios Wyr conhecidos. Eles também juraram escoltar você e a mulher até a fronteira Élfico. Eles estão insistindo em saber o que aconteceu com ela.

— Você quer dizer, além de abrigar a criminosa em uma suíte de cobertura e contratar um chef privado para ela? Sim, estamos falando de punição cruel e incomum. — Grym sussurrou, mas a audição afiada de Dragos pegou de qualquer jeito. Ele optou por ignorá-la por agora.

— Eles fizeram nossa escolta até a fronteira. Isso é verdade. — ele disse. Ele disse-lhes o resto, omitindo o que aconteceu em privado entre ele e Pia, e discorrer sobre qualquer coisa a ver com seus segredos. Pia era seu mistério. De ninguém mais. Ele pretendia resolver sozinho.

O clima na sala ficou feio quando ele descreveu o confronto na planície da Outra Terra.

Quando ele terminou, Tiago estava agitado. Em sua forma natural ele era tão grande quanto qualquer um dos grifos.

— Então, é guerra. Já era tempo. — ele disse. Satisfação brilhava dos olhos de obsidiana.

Dragos assentiu.

— É guerra. Nós não paramos até que Urien esteja morto. — Ele olhou para Tricks. — Isso significa que você começa a ser a Rainha Fae das Trevas afinal.

— Oh Deus, não. — a fada gemeu. — Eu odeio a Corte Fae das Trevas.

— Bem, engula isso, Tricks. Você manda a partir de agora. E desta vez Urien foi longe demais.

Mais de 200 anos atrás, ao tempo da humanidade, Urien tinha tomado a coroa Fae em um golpe sangrento. Urien havia matado a seu irmão, o rei, a esposa do rei e quem mais fizesse qualquer reclamação direta ao trono, exceto que ele esqueceu uma pequena pessoa, sua filha mais velha, Tricks.

Com apenas 17 anos de idade, Tricks tinha sido considerada pouco mais que um bebê no momento em que conseguiu escapar. Ela tinha corrido direto para Dragos, a entidade que ela tinha certeza de que poderia se levantar contra seu tio, sem medo, e pediu santuário. Ela tinha estado com ele desde então.

— Tem sido um divertido jogo de Foda-se, não é? Conseguimos mantê-lo ir por um bom tempo, mas você sabia que ia acabar em algum momento. — ele disse para ela.

Ela deu-lhe um aceno de cabeça miserável.

— Ok, aqui está o que vamos fazer. — ele disse. — Tiago, envie algumas das tropas que você trouxe de volta para vasculhar essa

fortaleza Duende. Eles sabem o que fazer com qualquer um estúpido o suficiente para ainda estar lá.

Tiago sorriu.

— É isso aí.

— Aryal, — ele continuou, — Investigue a conexão Élfica. Eu quero saber quem pode ter vazado informações para Urien. — A harpia deu-lhe um aceno de cabeça. Ele voltou sua atenção para a gárgula. — Grym, eu quero que você trabalhe com Tricks para desenhar o layout do palácio Fae e fundamentos para possíveis planos de ataque. Eu tenho algumas ideias, mas também quero saber o que vocês têm. Tricks, eu sei que você vai ficar muito ocupada, mas eu agradeceria se você conseguisse uma substituta para si mesma antes de ir, ou pelo menos chegar a uma pequena lista de sugestões. Nós vamos precisar de uma nova pessoa RP.

— Claro que eu vou. — Tricks disse. — É menos do que eu devo a você.

— Isso nunca vai ser o mesmo. — Graydon disse em uma voz triste. — Observando o rosto bonitinho quando ela aparecia na televisão para saber quando Urien deveria rangeu os dentes toda vez que a viu. — Todo mundo riu. Mesmo Tricks conseguiu sorrir.

Rune e Graydon estavam olhando para ele. Ele lhes disse:

— Até nova ordem, vocês dois, e Bayne e Con, estão no detalhe especial. Obter tenentes, intervir com seus deveres regulares. Você está indo para guarda de Pia sempre que eu não estou com ela. Dois, com dois fora, 24 horas, 7 dias por semana. Ela nunca deve ser deixada sozinha. Entendido?

A cadeira de Rune caiu sobre as quatro patas. O macho bonito parecia muito alerta. Graydon era a imagem de incredulidade. Isso mais

ou menos ecoou em todo o quarto. As sobrancelhas rosa de Tricks e os lábios franzidos.

— Você está colocando quatro de seus guerreiros mais poderosos de babá para uma ladra? — Disse Aryal. — Em um momento como este?

Dragos olhou para ela sob as sobrancelhas abaixadas. Grym colocou uma mão em seu braço. A gárgula lhe disse:

— A menos que não há qualquer outra coisa, nós vamos direito ao trabalho, meu senhor. Acho que todos nós temos muito a fazer.

Ele considerou a harpia por mais alguns momentos, o dragão despertou e se moveu no fundo de seus pensamentos. Aryal baixou o olhar e inclinou a cabeça em uma postura submissa.

— Vá. — ele disse.

Os outros dispersaram. Rune e Graydon seguiram-no quando voltou para cima. Ele andou pelo corredor, ainda pensando, enquanto acompanhavam um a cada lado. Ele veio à porta de Pia, onde Bayne e Constantino descansavam contra a parede, conversando. Os dois homens se endireitaram com a sua abordagem.

— Atualize-os. — Disse a Rune que assentiu. O dragão ainda desperto, considerava todos. Os grifos observavam-no com rostos atentos, tranquilos.

Ele disse:

— Deixe-me fazer isso perfeitamente claro. Só para não haver erro. Nós trabalhamos bem juntos por quase mil anos. Todos vocês passaram a significar muito para mim. Eu valorizo o seu serviço e prezo sua lealdade acima de todos os outros. — Ele olhou para Rune. — Considero-o como meu melhor amigo.

Todos ficaram mais altos enquanto ele falava. Ele apontou para a porta.

— Ladra ou não, ela é minha e eu vou ficar com ela. Se um único fio de cabelo da sua cabeça for prejudicado, vocês quatro bastardos vão estar abatidos e em pedaços quando eu os encontrar.

O olhar firme de Rune encontrou o seu.

— Você não precisa se preocupar meu senhor. — o Grifo disse.
— Vamos guardá-la com nossas vidas. Eu juro.



Cansada como estava e, apesar do conforto da cama, Pia moveu-se e virou-se, incapaz de entrar em um sono profundo. Ela sonhava sendo perseguida. As cenas ficavam mudando. Primeiro ela estava rastejando através dos caminhos secretos de uma casa enorme, tentando encontrar algum lugar para se esconder. Em seguida, ela estava tecendo dentro e fora de uma aglomerada rua da cidade, enquanto alguém desconhecido e ameaçador a seguia atrás dela. Ela nunca conseguia ver o rosto de seu perseguidor, mas ele aterrorizava o inferno nela.

Então, alguém levantou as cobertas. Um grande homem, nu e úmido deslizou na cama ao lado dela. Ela assustou, acordando com um puxão violento.

— Shh, sou eu. — Dragos sussurrou. — Eu não queria te acordar.

— Certo. — ela murmurou. — Não gostei do sonho de qualquer maneira.

Havia uma razão pela qual não era uma boa ideia ele estar em sua cama. Ou ela estava nua? Ela não estava acordada o suficiente para entender nada. Ela estava apenas desperta o suficiente para sentir uma onda de prazer e alívio.

Seus braços vieram ao seu redor. Ela fez um barulho e se enterrou no seu lado. Seu calor e sua energia a envolveram. Ela colocou o rosto em seu ombro, contra a umidade, a pele limpa que cobria cada músculo duro e volumoso, macio como seda, e descansou a mão em seu peito.

— Você gostou do jantar? — Perguntou.

— Estava adorável.

— Bom. — Ele deu um beijo na testa. — Libere o feitiço.

— Sonolenta. — ela reclamou.

Ele acariciou seus cabelos.

— Por favor?

Ela murmurou, se atrapalhando para se apossar do feitiço de amortecimento e liberá-lo.

Seu peito largo moveu em um profundo suspiro.

— Assim está melhor.

— Shh, — ela repreendeu. Ela virou de lado. Ele envolveu seu corpo ao seu redor. Seu cabelo repousava sobre um bíceps protuberante, enquanto ele enrolou seu outro braço em torno de seu peito. Ele prendeu as pernas dela com uma coxa pesada. Ela lançou um olhar de sono para baixo, em seus corpos entrelaçados. O brilho pálido de sua forma foi enjaulada no possessivo macho escuro. Isso era um sufocante e ciumento abraço. Ela devia querer se libertar dele. Ela suspirou. Algo dentro revolvía no lugar e fechou os olhos.

Desta vez, quando ela adormeceu não havia sonhos.



Um tempo depois algo a tirou de inconsciência profunda. Ela ficou a deriva por um tempo em um estado crepuscular. Uma grande mão na frente de seu peito. Dedos suaves arrastavam por seu estômago plano acima de sua caixa torácica para um mamilo e depois o outro.

Ela suspirou e se espreguiçou. Ela se virou de costas quanto se arqueou para um toque agradável. Lábios roçaram seu ombro nu, acariciou a curva graciosa para seu pescoço. Dentes raspou a pele sensível e beliscaram sua orelha.

Ombro nu? Ela abriu os olhos. Isso era chocante e novo, estar deitada nua com ele. Ela esfregou um pé na perna, cabelos nítidos agradaram seus dedos dos pés. Madrugada floresceu e deixou o espaço para um cinza claro. Dragos descansou seu peso em um braço quando se inclinou sobre ela. Seu rosto grave tinha intenção quando ele estudou-a com um olhar de pálpebras pesadas. A linha gravada de sua boca estava curvada em um sorriso preguiçoso, sensual.

Ele era tão lindo e todo o seu corpo latejava. Ela sabia que ele tinha percebido isso.

Ela lambeu os lábios. Seu olhar caiu e ele observou o movimento.

— Eu tenho certeza que eu fui para a cama com roupas. — ela murmurou.

— Você fez, — ele disse, seu tom lânguido. Ele circulou a auréola de um seio. Ela observou-o engolir seu mamilo enrugado. — Eu as tirei do caminho.

— Você me despiu enquanto eu estava dormindo? — Ela estremeceu quando ele circulou a auréola do outro seio. — Eu devo ter estado apagada.

— Eu posso ter ajudado nisso. — Ela arqueou uma sobrancelha para ele. Ele disse a ela: — Foi apenas uma pequena sedução. Você precisava descansar.

— Sem a minha roupa. — Lá, ele foi mexendo com a cabeça de novo. Fazendo nota para si mesma: eles têm que discutir que ela não era sua boneca Barbie pessoal para vestir e despir sempre que sentia vontade.

— Eu precisava descansar também. — ele disse em uma voz suave. — E elas estavam me incomodando.

Ela bufou uma risada. Quem diria que este macho, exótico e terrível seria tão engraçado? Ela amou, amou essa surpresa nele.

Ele traçou seus lábios. Ela teve a sensação de que estava sendo perseguido, sem nunca ter saído da cama.

Ela levou o dedo em sua boca e chupou-o, e colocou no fogo.

Ele puxou seu dedo. Olhos dourados brilhavam com calor voraz. Sua cabeça caiu. Ele a pegou no travesseiro quando mergulhou em sua boca com uma língua forte e com fome. Ao mesmo tempo, ele segurou-a entre as pernas, sondou seu sexo úmido e empurrou dois dedos profundamente dentro dela.

Ela gemeu e agarrou seu braço. Sua agressão puxou uma resposta impotente fora dela. Ela cresceu molhada e inchada sobre seus dedos. Ele rosnou e empurrou sua língua e dedos em uma penetração simultânea. Seus quadris balançavam contra sua mão.

Ela arrastou-se para longe de sua boca e engasgou.

— Espere... Eu não quero...

Ele pairou centímetros acima dela, o raptor esperando, enquanto seu polegar encontrou e esfregou seu clitóris. Ela gemeu e puxou sua mão com mais força contra ela.

— Você não quer? — Ele murmurou, dando-lhe um sorriso cruel.

Ela encontrou seu pênis duro e o agarrou. Ele assobiou e empurrou em sua mão, pulsando contra sua palma.

— Quero explorar você também antes de destruir-me outra vez. — Ela olhou em seus olhos, incerto. Ele era tão dominante. Ela não tinha ideia do que ele gostaria. — Você gosta disso?

Ele fez uma pausa e ela o viu lutar com impulsos contrastantes. Então, ele puxou a mão dela e prendeu-a sobre sua cabeça.

— Eu adoraria. — ele sussurrou em seu ouvido. — Depois que você chegar ao clímax primeiro.

Ele empurrou profundamente com os dedos longos e esfregou a palma de sua mão contra ela, encontrando o ponto certo. Ela empurrou e lutou contra a sua espera, empurrando contra a pressão, esforçando-se para encontrar a liberação.

— Vem dentro de mim. — ela persuadiu.

— Não. — ele sussurrou em seu ouvido, bebendo para baixo a cada resposta. — Ainda não. Goze agora, amada.

— Droga! — Ele foi diabólico. A pressão construída, e seus dedos sentiam-se tão bem quando eles acariciaram dentro de... Deus! Mas ela o queria grosso e duro e enterrado dentro dela. Ela se virou e mordeu seu ombro.

Ele riu um som sexy e rouco. Ele se abaixou para chupar um de seus mamilos na boca, desenhando sobre ele e sacudindo-o com sua língua enquanto trabalhava nela.

Lá estava ele, um clímax crescente como um fósforo aceso queimando. Ela arqueou e deu-lhe seus sons de prazer. Ele deixou seu mamilo escovar a boca sobre a dela enquanto ela gemia e seus músculos internos se contraíam.

— É isso, é isso. – ele sussurrou contra seus lábios. Ele aliviou, esfregando a palma da sua mão contra ela, trazendo-a novamente com cuidado. — Linda.

Ele ficou quieto um momento, respirando juntos.

Em seguida, ela se mexeu e deu-lhe um sorriso malicioso.

— Você queria saber por que eu disse que eu não estava bem da cabeça.

Um canto de sua boca se elevou.

— Sim, eu quero.

Ela caminhou com os dedos sobre o peito.

— Continuei a ter fantasias sexuais com você em momentos muito inapropriados.

— Quando? — Ele perguntou, acariciando seu quadril e para baixo de sua coxa. Ele correu os dedos através do emaranhado de cachos dourados entre suas coxas, seu toque delicado e quente. Ele parecia muito interessado.

Ela suspirou de prazer. Quando ele ficou tão sábio em todas as formas de excitá-la?

— Quando você caiu do céu e sentou-se em cima de mim. Você parecia ter a ira de um Deus, e isso me assustou até a morte. Então, tudo que eu conseguia pensar era no maldito sonho e quão quente que foi. Não é apenas o certo ficar com medo e excitada, tudo ao mesmo tempo.

— Isso é tudo o que eu podia pensar. — Ele ergueu a mão e beijou sua palma. — Eu quis preparar uma armadilha para você com esse sonho. Eu me preendi em seu lugar.

— E então, — ela sussurrou os olhos brilhando — Lembra quando você foi acorrentado no reduto Duende?

— Essa memória em breve vai desaparecer. — ele respondeu em tom seco.

— Foi terrível. — Ela disse. — Eu me senti horrível, a cela era suja e eu estava com medo de novo. E lá estava você acorrentado e espalhado como uma festa gourmet. Apesar de tudo, por um momento, a sua visão me deu água na boca.

Seu interesse aguçou, tornando-se elétrico.

— Eu tenho que lembrar de adicionar algemas a todos os quartos.

Ela riu e ficou mais perto.

— Foi apenas uma fantasia. A coisa real era muito perturbadora.

— Então, vamos fingir. — Ele rolou de costas e pegou os trilhos da cama acima de sua cabeça. A postura esticou os músculos de seus braços e peito, acentuou sua caixa torácica e escavou seu abdômen.

Ela olhou para ele com as pálpebras pesadas, seu corpo formigando. Sensualidade fundida em seu olhar. Seu corpo despertou e seu rosto era a mais sexy coisa que ela tinha visto. Foi ainda mais excitante quando ele se ofereceu para colocar-se suplicante diante dela, este grande e perigoso macho.

Ela deslizou sobre ele até que estavam tronco a tronco, os seios pressionados contra o peito. Ela inclinou a cabeça e esfregou os lábios abertos junto dele. Ela lambeu, beijou e mordiscou. Sua respiração

áspera. Ele beliscou-a, tentando persuadi-la para baixo para mais um beijo, mas ela se afastou e deslizou para baixo dele.

Ela deslizou a boca aberta ao longo das protuberâncias e reentrâncias de seu peito, beijando seu peito e esfregando o nariz na pitada de cabelo escuro que ia para baixo de seu corpo para sua virilha. Ele se mexeu debaixo dela, estendendo-se como um gato. Ela brincava com seus mamilos escuros e planos, fazendo-os endurecer.

Ela foi despertada, tanto quanto ele. Ela se abaixou e pegou seu pênis. Ele assobiou e empurrou seus quadris para cima. Ela olhou para a mão dela, pálida e brilhante agarrando-o, com a respiração irregular. Ele era muito bem construído, sua ereção grande e espessa, a pele do eixo e cabeça como veludo macio. Seus testículos estavam apertados. Ela passou por eles. Eles eram pesados, voluptuosos globos redondos.

Ele levantou a cabeça para vê-la acariciá-lo, os olhos brilhando. Ele era todos ângulos e arestas duras. Os músculos de seus braços balançaram. Ela olhou para suas mãos cerradas nos trilhos da cama. Os nós dos dedos estavam brancos.

— Este é o meu jogo agora. Não deixa de ser. — ele alertou. Ela sustentou com o olhar feroz quando ela deslizou para baixo em seu corpo. O que quer que sejam as principais questões ou perguntas que estava por resolver entre eles, quando ele veio para isso, eles geravam magia juntos.

Ela se agachou sobre ele, levantou a ereção, tomou a cabeça na boca e sugou. Ele deu um grito curto e agudo, sua cabeça batendo de volta sobre os travesseiros. Seus quadris deixaram a cama quando ele empurrou em sua boca.

Ela agarrou seu pênis na raiz com uma mão, segurou seu saco com a outra e festejou. O sabor e a sensação dele eram inebriantes. Ela gemia enquanto trabalhava para toma-lo mais profundamente, abrindo seus músculos da garganta tão grande quando pôde, puxando para trás

lento e apertado e em seguida, empurrando para levá-lo profundamente de novo. Fome fora de controle, selvagem e quente.

Seu jogo esquecido, ele reuniu os cabelos em um punho e bombeou em sua boca. Ele colocou a outra mão entre as pernas dela sondou e acariciou as molhadas dobras.

Então, ele puxou seu cabelo, forçando a cabeça. Ela fez um barulho de decepção quando seu pau saiu de sua boca. Ele a puxou para um beijo devorador, de boca aberta. Ele estava todo tremendo, e isso a deixou louca. Ele a puxou para cima dele e ela abriu as pernas para montá-lo, enrolando sobre ele e esfregando seu sexo em sua ereção enquanto ele continuava a segurá-la pelos cabelos, presos por seu ataque.

Superando a ganância, ela levantou-se e posicionou-o de modo que sua cabeça grossa roçava sua entrada. Em seguida, ele assumiu, agarrou pelos quadris e empurrou todo o caminho para dentro. Todo o seu corpo se apertou e ele deu um grito.

Ela estava fazendo muito barulho, sons urgentes de animais, tremendo quando seu corpo se ajustava no comprimento invasor. Ele encontrou um ritmo, se movendo com urgência, os dedos cavando em sua carne branca e macia.

Ela tentou preparar-se da forma que podia com os cotovelos apoiados no peito. Sua cabeça foi erguida de modo que ficou cara a cara com ele, o rosto gravado com agressão sexual, os olhos ferozes fixos nos dela. Ele mostrou os dentes para ela.

Sua beleza selvagem enviou-a para um colapso líquido. Ela estendeu os braços e empurrou a mão aberta nos travesseiros, os lábios entreabertos, chegando, chegando, e então ela estava sobrecarregada com um choque de prazer tão intenso quando ele a empalou, que ela se contorcia no orgasmo.

Ele se juntou a ela com um gemido áspero, empurrando para cima e para cima, quando seu clímax jorrou dentro dela. Eles ficaram tensos por longos momentos. Seus pulmões trabalhavam enquanto tentava sugar um pouco de ar. Seu cabelo estava por todo o lugar. Ela empurrou-o para fora de seus olhos a tempo de pegar um vislumbre de seu rosto. Ele parecia desesperado, fora de controle.

Ele balançou a cabeça, murmurando:

— Não é o suficiente.

Segurando seus quadris com um braço para mantê-los unidos, ele virou-os para que ela ficasse de costas no colchão com ele em cima. Ele ainda estava duro. Ele começou a se mover novamente, deslizando para dentro e para fora de sua fenda apertada.

— Oh, Deus, você vai me matar. — ela gemeu.

Ele parou e procurou seus olhos. Ela colocou os braços em volta do pescoço e sussurrou:

— É melhor você não parar até que esteja satisfeito. Lembre-se, eu posso aguentar qualquer velocidade que você possa definir gostoso.

Seu rosto se iluminou com um sorriso selvagem. Então ele perdeu o sorriso, perdeu as palavras, quando a paixão incontrolável varreu-a junto com ele. Ele não parou até que tinha gasto tudo o que tinha.

Arruinado. Ele estava destruído novamente. Ele a levou até agora para fora de si mesma, ela voltou de forma fundamental que não entendia. Ela fez barulho com ele e fez coisas que nunca fizera antes, coisas que ela nunca tinha pensado em fazer. Ela nunca tinha percebido quanto o ato sexual pode ser uma perda total de todo o comportamento civilizado. Ele a trouxe cara-a-cara com o animal que vivia dentro dela. Ela não tinha mais nada para se agarrar dentro de si mesma ou no exterior, as rápidas mudanças que tinha superado em

sua vida. Havia apenas ele, o destruidor de seu mundo, e ela foi a ele com tudo o que tinha.

Eles estavam deitados em um emaranhado de pernas, a cabeça em seu ombro, quando a luz da manhã avançava através do teto. Ela podia ter cochilado. Ela havia perdido a conta de seus orgasmos, e dos dele. Ele apertou um beijo em seu seio e disse:

— Eu te marquei de novo.

Ela bocejou e tentou descobrir como ele soava. Complexo, era a palavra, a voz cheia de tanto arrependimento e satisfação.

— Você tem uma mordida e marcas de arranhões que você não tinha antes, garotão.

Ele sorriu contra sua pele. Arrependimento fugiu e deixou pura satisfação masculina vencer no campo.

— Isso eu faço.

Bateram na porta, e ela se abriu para uma fada empurrando um carrinho de comida no quarto.

— Bom dia. — ela estava encantada.

Mais rápido do que se pensava, Dragos arrancou o lençol e atirou-se para cobri-la. Ele rugiu por cima do ombro.

— O que você está fazendo?

Ela jogou o feitiço de amortecimento em si mesma o mais rápido que pode. Dragos tinha um olhar assassino. Ela colocou a mão no rosto dele, beijou-o e olhou por cima do ombro.

A fada virou branca como um morto e parecia que ela estava prestes a desmaiar. Ela gaguejou.

— Eu sempre... ele nunca se importou.

Pia disse em uma voz suave:

— O que ele quis dizer foi: “Muito obrigado pelo café da manhã”. E você não fez nada de errado. Ele não está bravo com você.

Ele ficou surpreso. Debaixo das cobertas, ela beliscou-o com força. Ele agarrou a mão dela, mas não a contradisse.

— As coisas são um pouco diferentes agora, então talvez seja uma boa ideia bater e esperar até que alguém diga que você pode entrar da próxima vez.

A fada fez várias reverências frenéticas.

— Claro! É claro! Obrigada, minha senhora. Eu vou.

Ela apontou para a porta e saiu correndo.

A porta se fechou. Pia olhou para Dragos em estupefação. Havia tantas coisas que tinham acontecido. Ela não sabia o que fazer com tudo isso ou o que dizer. Ela acariciou seu rosto e esperou até que ele se acalmasse.

— Ela me chamou de 'minha senhora', — ela disse em uma voz melancólica. — Eu não sei quem é. Eu não sou senhora.

O último de sua fúria desapareceu para ser substituído com um brilho rápido. Ele olhou debaixo do lençol.

— Eu posso atestar isso.

— Ooh! — Ela bateu seu ombro.

Eles olharam um para o outro, então começaram a rir.

Ele empilhou os travesseiros, recostou-se contra eles e a puxou contra seu lado. Ela colocou a cabeça em seu ombro e tentou alcançar o sentimento anterior de paz. Ele provou ser um sentimento fugaz e começou a escapar.

Ele acariciou seus dedos através de seu cabelo.

— Você me deve uma mecha de cabelo. — ele disse.

Ela fechou os olhos e tentou ignorar as realidades da manhã.
Ela perguntou:

— Quanto você quer?

— Muitos. — ele disse, segurando-se alguns fios para que eles brilhassem na luz. Em seguida, ele franziu a testa. — Não muito.

Ela começou a sorrir.

— Decida-se. Eu posso cortá-lo curto e você pode ter tudo isso, se você quiser.

— Não se atreva. Eu quero apenas o suficiente.

— Oh, quanto diz faz algum sentido. — Ela levantou a cabeça para dar-lhe um olhar interrogativo. Ele estava carrancudo. Ela suspirou. — Espere.

Ela caminhou nua no guarda roupa, tirou o roupão rosa curto de um cabide e colocou-o. Ela vasculhou as gavetas que guardavam suas coisas, encontrou seu kit de costura portátil e caminhou de volta para o quarto. Ela se sentou de pernas cruzadas, Dragos a enfrentava na cama. Ele entrelaçou as mãos atrás da cabeça, com interesse.

Ela pegou a tesoura do kit, isolando algum cabelo próximo ao couro cabeludo na parte de trás de sua cabeça, onde o corte seria escondido e cortou-o. Ela segurou a mecha para sua inspeção. Era um pedaço de bom tamanho, a largura de seu dedo mínimo e todo o comprimento de seu cabelo.

— Perfeito. — ele disse, os olhos brilhando de satisfação.

— Dívida paga. — ela perguntou.

— Dívida paga. — Ele esfregou as extremidades entre os dedos.

— O que você vai fazer com isso? — Ela perguntou.

Ele franziu a testa novamente.

— Eu não sei.

— Aqui, eu vou trançá-lo para você. Caso contrário, você o terá por tudo o lugar.

Ele assistiu em fascinação quando ela cortou dois pedaços de fio dourados quase exatamente da mesma da cor de seus cabelos. Quase, mas não completamente. Foi o mais próximo que pôde encontrar em seu kit de costura e não seria notado a distância, mas a fita não tinha a qualidade brilhante de seu cabelo.

Ela colocou um pedaço de fio entre os dentes. Ela girou várias vezes em torno das extremidades dos cabelos e atou. Ela usou um pino de segurança como um travesseiro e com rápida competência o trançou. Ela disse entre dentes:

— Você não vai fazer algum tipo de magia negra com isso, não é?

— Oh, não. — ele disse, olhando seus dedos. — Eu só gosto da cor.

Ela sorriu para si mesma, tanto aquecida e estranha pela forma como eles estavam agindo com o outro. Sentia-se tão natural, tão certo. Havia tantas razões que não deveria. Ela tomou o segundo comprimento de fio para amarrar a extremidade da trança.

Em algum impulso tolo fez sua oferta.

— Eu poderia amarrá-lo em torno de seu pulso, se quiser.

Ela esperou por ele para dizer-lhe para não ser estúpida. Em vez disso, para sua surpresa, ele levantou as sobrancelhas e disse:

— Eu gostaria disso.

Ele estendeu seu pulso direito. Ela enrolou a trança em torno dele. Apesar da espessura seu pulso, a trança foi o suficiente para dar a volta quase duas vezes. Ela levou mais linha e trabalhou em prender a trança. Depois que ela tinha certeza que estava no lugar, amarrou-a e cortou as pontas do fio.

Ele levantou seu punho e admirava o brilho de ouro pálido. Ele correu um dedo em seu pulso, sentindo os solavancos suaves da trança. O bronze escuro de sua pele parecia fazer mais brilhante o cabelo.

— Dragos, eu sou uma prisioneira? — ela perguntou. Depois de pensar sobre isso desde a noite passada, a pergunta saiu com bastante facilidade depois de tudo.

Seus olhos se estreitaram quando ele olhou para cima. Ela manteve sua atenção em colocar as coisas de volta em seu kit de costura e desejou que seus dedos parassem de tremer.

— Não. — ele disse depois de um momento de reflexão. — Por que você pergunta?

— Os guardas na noite passada. — Ela havia lhe oferecido um sorriso instável.

— Os guardas são para sua segurança. Quando não estou com você, eles vão estar. — Quando ela abriu a boca, ele disse — Isso é inegociável.

— Mas...

Seu rosto endureceu.

— Não vamos discutir, Pia. — ele disse. — Estou em guerra agora. Até eu enterrar Urien, ele vai continuar a ser um sério perigo. Se ele sabia sobre você antes ou não, é um ponto discutível. Depois do que aconteceu na planície, você se tornou um alvo importante.

— Mas os guardas ficam aqui? — Ela sentiu qualquer esperança de seque uma ilusão de liberdade escorregar entre os dedos.

— Alguns milhares de pessoas trabalham aqui todos os dias. Vários milhares mais visitam. Sim, há segurança e há áreas restritas, mas nenhum lugar é cem por cento seguro, não quando Energia está envolvida. Você se lembra de quando eu a tive no sonho. E se algum ataque mágico ocorre? Você terá guardas até tudo isso acabar. Fim da discussão.

Seus lábios apertaram. Sua lógica era irrefutável e sua atitude autocrática, mas intolerável. Quando ela pensava que tinha seu temperamento sob controle, ela lhe deu um aceno curto. Ela não estava necessariamente de acordo com ele, uma vez que ele havia explicado as coisas. Ela só deverá ter uma palavra a dizer no que aconteceu em sua vida.

Ele se recostou contra os travesseiros e entrelaçou as mãos atrás da cabeça. Ele deu um sorriso descontraído, implacável.

— Agora que isso está resolvido, nós podemos ter essa conversa muito necessária, por que você não me conta tudo sobre sua mãe e quando você me curou?

CAPÍTULO 12

Ela paralisou durante um momento, depois se atirou para fora da cama. Agarrou seu kit de costura e entrou a passos largos no closet.

— Eu não acredito que você esteja me fazendo esta pergunta.

Ele a seguiu e apoiou um ombro contra o batente da porta. Havia colocado uma calça de seda negra. Seus olhos dourados brilhavam.

— É evidente que você me curou com seu sangue. Por isso estava tão desesperada para destruí-lo. Seu sangue diz algo importante sobre você, então não podia deixar nenhum para trás.

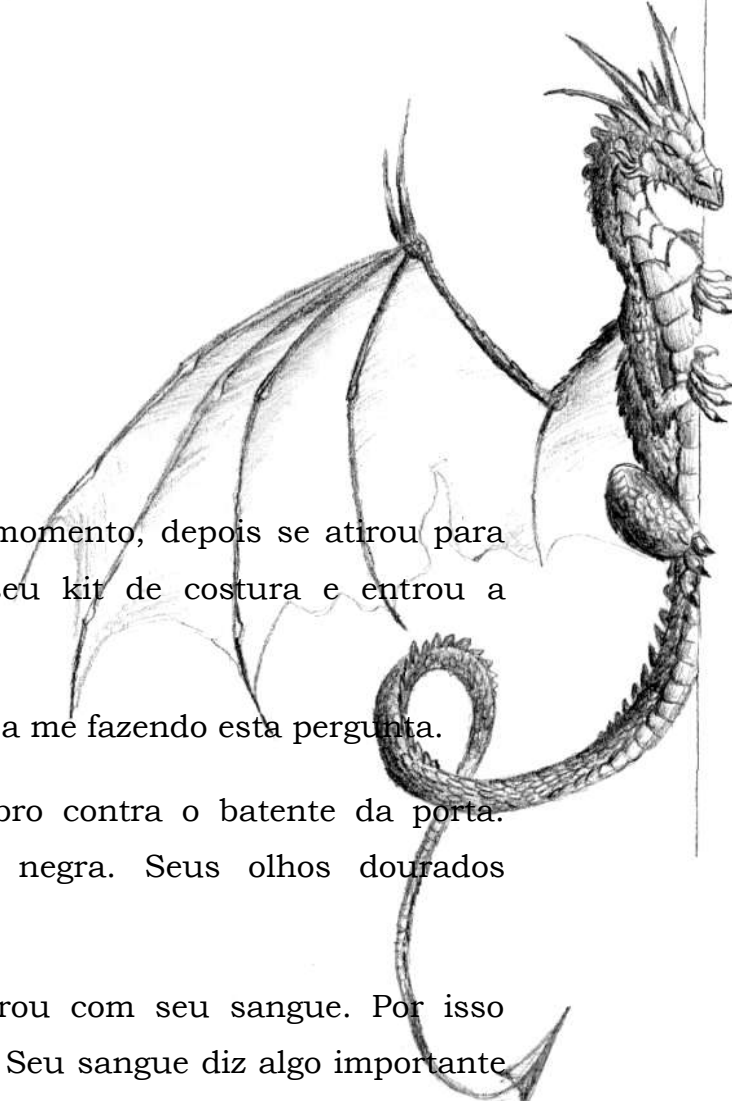
Ela devorou sua escura figura recostada e desviou o olhar com determinação. Sim, ele era demasiado sexy para palavras. Também era totalmente insuportável e não tinha um pinga de vergonha ou embaraço dentro de si.

— Suponho que ao prometer não me perguntar sobre isso, você queria dizer que não o faria se não quisesse, — ela disse tom sombrio. Empurrou seu kit de costura em uma gaveta e passou por ele.

— É claro. — virou para segui-la. — Apreendi com alguém que conheço. Você sabe, aquela que prometeu não discutir só quando ela não quer. — ele disse erguendo as sobrancelhas para ela. — Agora, quem poderia ser?

Ela se aproximou furiosa e meteu o dedo sob o nariz dele.

— Isso foi diferente.



— Como você sabe?

— Estávamos em uma situação ruim. Reservo-me o direito de, por vezes, saber melhor do que você o que deve fazer. Então, vou discutir com você sempre que tiver vontade, garotão.

Sua boca relaxou. Ele cruzou os braços. Era óbvio que ele estava impressionado com o dedo ou sua postura.

— Da mesma forma que você o fez quando estávamos no carro com os Duendes nos observando?

Ela franziu o cenho.

— Isso foi um erro. Eu admiti e pedi desculpas. Gostaria também de frisar que, se eu tivesse sido uma boa menina e seguido cada coisa que me disse para fazer, quando você estava lançando ordens por todos os lados, eu ainda poderia estar sentada na minha cela. Minha iniciativa salvou sua bunda.

— Eu também já disse isso. — ele disse os olhos entrecerrados. Estava cara a cara com ela. — Você está desviando. Realmente não quer falar sobre isso, não é?

Ela se afastou dele, com os olhos arregalados.

— Qual parte do “não me pergunte qualquer coisa sobre isso” lhe deu essa ideia?

Ele seguiu, à espreita, seu corpo movendo-se com graça fluída.

— Então, vamos ver: O que eu sei? Não há fechadura que possa detê-la, você é herbívora, tem que usar um feitiço de amortecimento para parecer humana, e sua mãe era reverenciada pelos Elfos.

— Já basta. — sussurrou. Sentia-se como se ele a estivesse esfolando viva, deixando tudo ao descoberto.

Não havia misericórdia nesse olhar de predador.

— Senti o Poder no seu sangue quando a limpei no carro. Em seguida na planície, quando colocou sua mão sobre mim, pensei que você ia me jogar no chão. Mas você não tinha certeza de que ia funcionar. Isso porque você é uma mestiça, não? Todas essas habilidades são de seu sangue de sua espécie Wyr. As quais recebeu de sua mãe.

Ela virou e olhou em torno do quarto. Parecia muito menor do que antes. Foi até as portas francesas, abriu-as com força e correu para fora, desesperada por ar fresco.

Isso foi pouco antes de perceber que não havia grades ou mureta, apenas um beiral reto e em plano ar livre. Rajadas cortantes de vento, assobiando, brincaram com seu cabelo. Tudo girou ao seu redor e começou a se inclinar. Rapidamente braços rígidos a capturaram e a sustentaram

— Merda. — ela disse, tremendo. Ela agarrou-se a seu braço. — Não há grade.

— Você se saiu muito bem no voo. Pensei que não tinha medo de altura. — Ele disse. Ele a puxou para traz e colocou-a para dentro, com o braço rodeando a cintura dela enquanto fechava e trancava as portas. Ele franziu a testa para ela. — Você está branca como uma folha de papel.

— Não tenho um problema com alturas, quando há uma grade! Uma parede, ou algum tipo de barreira! — Ela apontou para a janela. — Isso é uma queda desde o 80 ° andar, em linha reta. Não é uma coisa pequena para alguém sem paraquedas ou asas.

— Pia, a beirada está a aproximadamente 6 metros de distância. — Sua mão era gentil enquanto lhe roçava o braço.

— Eu sei disso. Falei que estava sendo racional? — disse. A vergonha e o medo a deixaram ainda mais irritada. Ela encontrou o

equilíbrio e saiu de seu agarre. Houve uma forte batida na porta. Rune e Graydon entraram. Ela levantou as mãos e comentou:

— Ninguém neste lugar espera por uma resposta quando bate?

Os dois homens congelaram. Eles olharam para Pia, com seu cabelo loiro e despenteado e rosto furioso, o roupão rosa até as coxas, as pernas delicadas e bem torneadas e as unhas vermelho brilhantes dos dedos. Então eles olharam para Dragos, em suas calças de pijama de seda negras, peito nu e trança loira de cabelo presa em um pulso escuro.

Dragos a seguiu enquanto invadia o banheiro. Ela bateu a porta. Ele colocou as mãos nos quadris e levantou a sua voz quando ele disse a ela.

— Ainda não terminamos essa discussão.

A porta do banheiro abriu em um golpe. Ela retrucou:

— E minha mãe não é da sua conta! — bateu a porta com força, novamente.

Dragos virou para olhar para os dois homens. Graydon, o mais forte dos grifos, começou a abanar a cabeça e a sair da sala de costas. Rune apenas olhou.

Dragos disse:

— O quê?

— Quem é você? — disse Rune, — O que você fez com Dragos?

Ele lhes deu seu sorriso cortante.

— Eu não tinha ideia de que isso poderia ser tão divertido.

Rune disse:

— Apenas pensamos que você estaria disposto a dar continuidade ao seu dia. Há um acúmulo de assuntos pendentes esperando sua atenção.

Graydon disse:

— Nós vamos agora e voltaremos mais tarde, muito mais tarde.

— Não, não se incomodem. — Ele caminhou até o carrinho de servir e começou a inspecionar o conteúdo coberto sob a prataria. Um ocultava mingau de aveia com nozes e maçãs. Ele voltou a cobri-lo. O outro tinha meio quilo de bacon frito e meia dúzia de ovos mexidos. Ele pegou o prato e um garfo.

Ele disse Graydon:

— Faça-nos café. — Ele fez uma pausa e olhou pensativo. — Por favor.

Graydon virou a cabeça para o lado e arregalou os olhos para Rune, enquanto dizia:

— Sim, meu senhor.

Dragos acomodou-se em um sofá, pegou o controle remoto e sintonizou a CNN. Ele tomou seu desjejum em mordidas rápidas e eficientes. Rune esparramou-se no outro sofá. Graydon trouxe três xícaras de café do balcão da cozinha.

Com os olhos nas manchetes da manhã, Dragos disse:

— Sem mais interrupções.

— Nunca mais. — Graydon disse. O grifo tinha a voz ansiosa. — Passaremos o aviso.

— A fada do desjejum, sem dúvidas, já o fez. — Dragos comentou com a boca cheia de bacon. — Vocês, dois palhaços, perderam o memorando.

— A fada do desjejum. — Rune beliscou seu nariz e tossiu. Olhos dourados divertidos encontraram os seus, então voltaram para a fita de teletipo que corria na tela plana da TV.

— Quais são as coisas que precisam ser tratadas?

Ele terminou sua refeição, enquanto ouvia. Eles apresentaram uma relação de coisas, uma variedade de produtos nacionais, assuntos administrativos e militares. Ele respondeu com a sua habitual determinação. Os dois grifos começaram a transmitir suas ordens ao pessoal apropriado.

A porta do banheiro se abriu e o aroma de Chanel flutuou pela sala. Os homens ficaram em silêncio. Pia saiu vestindo seu robe curto rosa. Ela entrou no closet e fechou a porta.

Dragos fez uma careta.

— Arrumem um comprador pessoal para Pia. Certifiquem-se de que um roupão longo esteja na lista.

— Certo. — Graydon parecia como se estivesse sendo torturado.

— Os empreiteiros já fizeram os reparos do outro quarto?

— Quase. — disse Rune. — Houve alguns danos estruturais quando você, uh, golpeou a parede. Eles estão se esforçando que seja o mais silencioso possível. Uma vez que é do outro lado do edifício, o ruído não deve ser muito mau. Eles já sabem que podem ter de parar às vezes, e eles estão preparados para trabalhar em função de sua programação, se necessário.

Ele olhou para fora das janelas e coçou o queixo.

— Quando terminarem faça-os erguer uma mureta na varanda. Diga-lhes que circule o edifício ao meio e que ponham barreiras fechadas em cada extremo. Isso ainda vai deixar muita borda da varanda aberta.

Pia surgiu vestindo jeans de cintura baixa e uma camiseta apertada de tricô azul com mangas compridas que deixava seu estômago descoberto. Ela carregava um nécessaire de pano com zíper sob o braço. Ela fez uma pausa, olhando dos três homens para o carrinho de comida e à cama desfeita, com expressão indecisa. Parecia muito mais calma.

Dragos saiu do sofá e caminhou em direção ao carrinho.

— Venha tomar seu desjejum conosco. — ele disse. Ele colocou o prato vazio sobre o carro e pegou a tigela de mingau de aveia e uma colher. — Você gostaria de um café?

Ela assentiu com a cabeça, indo atrás dele para os sofás. Graydon levantou.

Dragos colocou o mingau de aveia e a colher em uma mesa junto ao sofá onde estava sentado.

— Eu vou pegar uma xícara. — ele disse a ela. Graydon parou a meio caminho de seu assento.

Ela olhou a Dragos com o cenho franzido.

— Você está querendo me agradar?

— É claro. — Ele se inclinou para lhe dar um beijo rápido. Ela enrubesceu. Ele tocou uma maçã de seu rosto delicada.

Ela olhou de soslaio para os outros dois homens. Estavam vestidos de jeans e camisetas. Jaquetas de couro estavam jogadas nas costas do sofá e cada homem carregava um coldre de ombro e uma arma. Ela suspeitava que ambos tinham várias outras armas escondidas.

Graydon parecia estar assistindo a um acidente de trem. Rune recostado com as longas pernas esticadas, mantinha sua expressão indecifrável. Ela enrolou-se em uma extremidade do sofá, agradeceu a

Dragos pelo o café quando ele o pôs ao seu lado e se concentrou em manter a cabeça baixa e comer seu café da manhã, enquanto os homens conversavam. Ela estava com tanta fome que quase devorou o mingau.

Ela tirou da bolsa um frasco de removedor de esmalte, bolas de algodão e um vidro de esmalte rosa escuro. Limpou o esmalte vermelho lascado, colocou bolas de algodão entre os dedos delgados e começou a pintar as unhas dos pés.

Pelo que Dragos tinha descrito, a Torre Cuelebre era uma pequena cidade. Só de ouvir os homens, ela conseguiu uma ideia mínima de quão vastas e complexas eram as empresas Cuelebre. Realmente era uma corporação global.

Houve uma pausa na conversa. Ela olhou para cima. Dragos havia se voltado em sua direção, com uma das longas pernas apoiada nas almofadas do sofá e um braço no encosto. Sua cabeça estava inclinada, enquanto observava seu trabalho. Ela olhou para os outros dois homens. Ainda não havia muita cordialidade vinda deles. Ela olhou para seus pés meio-pintados e suas bochechas arderam.

— Eu vou para o banheiro. — Ela disse.

— Não. — disse Dragos. — Você deve ficar confortável aqui.

Ela suspirou e murmurou:

— Simplesmente você não pode ditar que essas coisas aconteçam, garotão.

— Eu posso mandar o que eu quiser. — ele disse a ela.

Ela revirou os olhos. Resolveu tentar ignorar os outros dois homens e voltou a pintar as unhas. Ela terminou um pé e começou no outro.

— Algo mais? — Dragos perguntou aos grifos.

— Uma última coisa. — Rune disse. — O Grande senhor dos Elfos exige uma teleconferência e uma prova do bem-estar de Pia. Ela tornou-se um assunto problemático. — O olhar leonino do grifo voltou em sua direção, então se desviou.

A raiva repentina ardeu.

— Eu não sou um problema. — anunciou. Ela terminou de pintar o seu dedo mínimo. — Sou uma “consideração tática”.

Dragos baixou a mão em seu ombro e apertou-o. Ela olhou de viés e ele lhe sorriu, dizendo a Rune.

— O Grande Senhor dos Elfos pode ir à merda. Você pode me citar.

— Srta. Giovanni, — Rune disse. — Perdoe-me. Eu não quis dizer que você é um problema. Queria dizer que os elfos estão transformando o tema de que esteja aqui um problema.

Queixo apoiado nos joelhos erguidos, ela olhou para o grifo. O pedido de desculpas parecia ter sido oferecido com muita facilidade, seu belo rosto demasiadamente suave.

Eu não acho que você quis dizer isso, safado. Ela olhou-o com rigidez e teve certeza de que ele o visse.

Mas agora não era o momento de escolher um novo confronto. Em vez disso, ela disse:

— Se eles estão transformando o assunto da minha presença um problema, porque simplesmente não faz com que acabe? — Ela virou para Dragos. — Você poderia fazer a teleconferência e me deixar estar nela.

Seus dentes brancos mostraram em excesso quando ele anunciou:

— Não tenho intenção de atender às demandas deste cretino.

Ela colocou de lado o esmalte e pôs a mão sobre a dele.

— Isso é importante? — Ela lhe perguntou. Ele olhou para ela por baixo da linha de suas sobrancelhas escuras, os olhos dourados obstinados. Ela esfregou o polegar sobre a palma de sua mão. — Não seria melhor se os Elfos se calassem e fossem embora? Ei, e se eles deixam de fazer birra por você ter atravessado o seu quintal? Não é como se você tivesse comido suas tulipas ou cavado buracos em seu gramado. Você não mijou nas as árvores quando eu não estava olhando, não é?

A nuvem de tempestade que havia escurecido seu rosto se rompeu, ele riu.

— Eu teria feito se tivesse pensado nisso.

Rune sorriu. Um bufo explodiu de Graydon, que cobriu seu sorriso com uma mão tão grande quando um prato de jantar.

Ela abaixou a cabeça e removeu as bolas de algodão entre os dedos dos pés. Não estava bom, mas pelo menos era alguma coisa.

Enquanto Dragos se banhava e vestia, Pia cedeu ao impulso que a estava tentando desde que Rune e Graydon entraram no quarto, ela fez a cama com rápida eficiência. Sentiu-se melhor, ao terminar, menos exposta, apesar de ter sido muito claro que ela e Dragos tinham compartilhado a cama na noite anterior. Ela manteve o rosto afastado dos olhares disfarçados dos grifos, enquanto a CNN continuava ao fundo.

Dragos saiu com botas, calças de trabalho e uma camisa preta que moldava a seu torso musculoso. O simbolismo de seu traje era claro, ele ainda estava com um humor combativo. Ela abaixou-se próximo a ele para recolher um par de sandálias gastas. Ela escolheu sapatos pretos com tiras de lantejoulas prateadas e saltos baixos. Lamentou seus tênis, eles tinham sido um grande esbanjamento de dinheiro, eram feitos sob medida e ela duvidava que o sangue seco e

sujeira pudessem ser limpos o suficiente para que ela se sentisse confortável para usá-los novamente.

Dragos liderou o caminho para o andar de baixo. Pia teve que correr para segui-lo. Rune e Graydon iam logo atrás. Ela olhou em volta, assimilando tudo o que podia enquanto se movimentava. Sentia-se à deriva. Ela não sabia o layout da cobertura, e não tinha ideia da planta deste andar pelo caminho que tomou. Passaram por um enorme ginásio com equipamento de aeróbica, pesos e uma área de treinamento com armas. Ela olhou pelas janelas para quatro Wyr envolvidos em um exercício de treinamento com espadas e quase bateu em uma parede. A mão de Dragos disparou e corrigiu seu curso.

Sua presença era um ariete que limpava seu caminho. As pessoas davam espaço quando eles se aproximavam, saudando-o com uma variedade de ações, medidas e outros gestos de respeito. Ela evitou centrar em qualquer rosto no mar de desconhecidos olhares curiosos.

Eles chegaram a uma sala de conferências, decorada com excelência e construído na mesma grande escala de todo o resto. Um par de pessoas já estava presentes. A fada Thistle Periwinkle, relações públicas da Empresas Cuelebre, estava em uma pose formal, as mãos na cintura. Ela vestia uma pantalone de seda azul clara e sandálias estilo gladiador. Em pé não media mais do que 1,52 metros, mas parecia ainda menor quando estava rodeada pelos enormes Wyr. A fada encarava uma parede e estava falando élfico. A teleconferência já tinha começado.

Dragos pegou a mão de Pia e caminhou para frente. Olhando-a com curiosidade, a fada saiu do caminho. Dragos virou-se para a grande tela plana na parede oposta. Rune e Graydon assumiram lugares atrás deles.

Três Elfos esbeltos e altos enchiam a tela. Eles estavam em um escritório iluminado pelo sol, muito parecido com a sala de conferências. Ferion estava à direita. Uma mulher élfica, graciosa, com

longos cabelos negros e olhar brilhante, à esquerda. O Elfo do meio tinha a mesma beleza atemporal dos outros, mas o Poder em seus olhos era palpável, mesmo através da distância da teleconferência.

Todos mostravam expressões frias enquanto contemplavam Dragos. O olhar do Grande Senhor dos Elfos brilhava. Dragos não parecia impressionado, sua postura corporal era agressiva. Seu rosto havia se tornado perigoso e perverso.

Tudo bem. Talvez não fosse tão boa ideia.

O Grande Senhor Lorde dos Elfos olhou para ela e a primavera chegou ao elegante rosto frio do inverno.

— Vemos que Ferion não exagerou. — ele disse em uma voz profunda e musical. Ele inclinou a cabeça para ela. — Minha senhora. É um grande prazer conhecê-la. Meu nome é Calondir e esta é a minha consorte, a dama Beluviel.

Um leve tremor instalou-se sob sua pele. O sentido da exposição estava de volta e, desta vez, era quase insuportável. De uma grande série de más ideias, fazer esta teleconferência na presença de testemunhas chegava perto de superar todas. Os dedos de Dragos apertaram os dela ao ponto de dor.

Ela tomou uma respiração profunda. Era tarde demais para voltar atrás. Bem, poderia ver o que seria possível fazer a partir do erro anterior.

— Estou honrada em conhecê-lo. — disse. — Por favor, me perdoe. Eu não tenho qualquer formação formal.

A mulher élfica lhe sorriu.

— Essas coisas não contam em comparação a um bom coração.

Dragos disse:

— Você queria ver se ela estava bem. Ela está, por isso terminamos.

— Espere. Queremos ouvir isso dela. — Calondir disse friamente. O Grande Senhor dos Elfos olhou para Pia. — Senhora, você está bem?

Ela olhou para o perfil de pedra de Dragos e depois para os Elfos. Ela disse em um impulso.

— Estou sendo tratada com extrema gentileza, meu senhor. Ainda que não o quisesse, na realidade cometi um crime. Dragos ouviu as circunstâncias do que aconteceu e do que me obrigou a fazê-lo e escolheu perdoar-me. Peço respeitosamente que considerem fazer o mesmo por ele. Nenhum mal aconteceu a partir de suas ações. Mas um grande prejuízo ocorreu pelas minhas, o que eu lamento profundamente.

Houve agitação na sala de conferências e um suspiro. Dragos virou-se para olhar para ela. O Senhor Supremo considerou-a por um momento, muito grave.

— Vamos pensar em suas palavras. — ele disse finalmente. — Se a Grande Besta é capaz de perdoar, talvez não possamos fazer menos.

Sentindo-se incomodada, ela se curvou para o Grande senhor dos Elfos.

— Obrigada. Eu lhe agradeço.

— Entretanto, pedimos que venha nos visitar. — Beluviel disse. Seus olhos sorridentes eram cálidos. — Sua presença nos traria muito prazer. Gostaríamos de falar com você... bem, de coisas de há muito tempo.

Pia entendeu que Beluviel tinha conhecido e amado sua mãe. Seus olhos embaçaram e ela assentiu.

Dragos adiantou-se e puxou-a para trás. O gesto foi inequivocamente possessivo. Mesmo a partir de sua visão limitada atrás de seu ombro, ela podia dizer que os Elfos tinham endurecido.

— Pare com isso. Qual é o problema com você? — ela sussurrou para ele. Ele ia desfazer todo o bem que ela tentou fazer por ele. Ela empurrou seu braço. Era como tentar mover uma pedra. Ele virou furioso para olhar para ela. Ela inclinou-se de lado para olhar em volta e prometeu os Elfos. — Vou falar com ele.

O Grande Senhor dos Elfos levantou as sobrancelhas. O rosto de Ferion era a imagem da ofensa. Beluviel olhou assustada. A mulher Elfo tinha apenas começado a sorrir quando a tela ficou em branco.

Dragos movimentou-se até ela, parecia furioso.

— Você não vai visitar com os elfos!

— Eu disse que iria visita-los? — Ela retrucou. — Estava sendo educada! Você poderia procurar essa palavra em um dicionário algum momento?

Ele olhou ao redor.

— Fora.

A sala esvaziou. Thistle deu a Pia um sorriso alegre, de orelha a orelha, os olhos brilhando. A fada manteve sua mão na bochecha, polegar e mindinho, imitando um telefone.

— Nós vamos conversar. — murmurou quando ela saltava porta a fora.

Pia puxou com força, mas Dragos recusou-se a deixar ir seu braço. Ela suspirou e colocou a mão sobre os olhos enquanto seus ombros caíram. Ela murmurou para si mesma:

— Como eu cheguei até aqui e que diabos estou fazendo?

Ao lado dela, Dragos respirou fundo várias vezes. Ela podia sentir o ar em torno dele queimando com Poder. Ele estava muito zangado com ela, talvez pela primeira vez desde a praia. Ele soltou seu braço e começou a andar em volta dela.

— Os Elfos sabem mais sobre você do que eu. — ele rosnou em seu ouvido enquanto ele passava. — Inaceitável. Eles sabem quem é sua mãe. Também inaceitável. Querem que você vá morar com eles. São meus inimigos.

A exposição, o estresse constante, as incertezas da sua situação atual, tudo se tornou demasiado.

— Tudo que eu queria era tentar ajudá-lo. — ela explodiu. Ela jogou os braços sobre a cabeça e começou a chorar.

Ele começou a xingar, um fluxo constante de mordacidade. Suas mãos colocaram-se sobre seus ombros, mas ela se afastou bruscamente e virou as costas para ele. Seus braços a rodearam por trás. Ele a puxou-a contra ele, curvando-se ao seu redor e colocou sua cabeça junto à dela.

— Shh, — ele disse, ainda parecendo irritado. — Pare agora. Acalme-se.

Ela chorou mais forte e encolheu os ombros, resistindo ao seu abraço.

Seu corpo enrijeceu. Ele disse:

— Pia, por favor, não se afaste de mim. — Ele parecia tenso.

Isso chamou sua atenção e ela deixou que ele a virasse. Ele encostou-se à mesa de conferência, puxou os braços para baixo e abraçou-a firmemente. Ela inclinou seu corpo contra o dele e descansou a cabeça em seu ombro.

— Eu não deveria dizer qualquer coisa sobre mim. — ela disse. As lágrimas escorriam pelo seu rosto e encharcavam sua camiseta. — Era para eu viver a minha vida em segredo. Mas eu não queria ficar sozinha. Tudo o que eu disse foi um maldito segredo e vem crescendo sobre mim. Primeiro Keith, em seguida os elfos, depois os duendes, o rei Fada e depois mais Elfos e todas as pessoas nessa sala de observando e você continua cavando e mandando-me indiretas não irá parar até que eu sinta que vou gritar.

Ele descansou sua bochecha contra sua cabeça e esfregou suas costas.

— Estou amaldiçoado com um caso terminal de curiosidade. — ele disse. — Sou ciumento, egoísta, ganancioso, territorial e possessivo. Tenho um temperamento terrível e sei que posso ser um filho da puta cruel. — Ele ergueu a cabeça. — Eu costumava comer pessoas, você sabe.

Se ele queria chocá-la para parar de chorar, ele conseguiu. Um bufo explodiu dela.

— Isso é horrível, — ela disse, seu nariz estava entupido. — Seriamente, isso é horrível. Não é engraçado. Eu não estou rindo.

Ele suspirou.

— Foi há muito tempo atrás. Milhares de anos. Eu realmente era a Besta de que os Elfos me chamaram.

Ela fechou os olhos, respirou profundo, estremeceu e esfregou os dedos ao longo da costura de sua camiseta.

— O que fez você parar?

— Tive uma conversa com alguém. Foi uma epifania. — Sua voz era triste. Ele a balançou. — A partir desse momento jurei que nunca iria comer algo que pudesse falar.

— Hey, esse é o seu tipo de sua versão de virar vegetariano, não é?

Ele riu.

— Eu acho que talvez seja. Tudo isso é uma forma longa e disfarçada de dizer que sinto muito. Nem sempre conheço as nuances emocionais de uma situação e eu não tive a intenção de fazê-la chorar.

— É tudo, não só você. — Ela virou a cabeça e colocou o rosto em seu pescoço.

Ele segurou-a mais perto.

— Eu quero que você confie em mim mais do que confiava nesse seu namorado idiota.

Ela suspirou.

— Quando é que você vai deixar isso para trás? Ex-namorado. Ex. E de qualquer maneira, ele está morto.

— Eu quero que você me diga o que e quem você é, não só porque eu quero saber, mas porque você quer me dizer.

— Por quê? — Ela sussurrou.

— Porque você é minha. — Ele disparou.

— Eu não sou apenas uma posse, como se você tivesse uma lâmpada. — Ela se afastou e olhou para ele. Ele simplesmente devolveu seu olhar, o rosto duro e olhos sem remorso. Ela suspirou. — Eu acho que essa é o pedacinho possessivo e territorial, não é? Você sabe, eu não quero brigar com você.

Como qualquer predador eficiente, percebeu sua fraqueza e agiu sobre ela.

— Então, não o faça. — Deu-lhe um sorriso persuasivo e falou: — Apenas me dê tudo que eu quero.

Ela gemeu e deixou cair a cabeça para trás, ficou olhando para o teto. Ela teve que conceder-lhe muito respeito, pelo menos era sincero, não escondia nada. Ele foi direto desde o princípio, quem era e o que queria, e não tinha vergonha disso. Não como ela.

— Eu acho que eu tenho muito que pensar. — ela disse.

Apesar de que gostasse de olhar para a linha definida e limpa de sua garganta, ele franziu a testa. Isso não era o que ele queria ouvir. Ele segurou a parte de trás de sua cabeça e puxou-a de pé para que pudesse olhar em seus olhos. Eles eram uma mistura úmida de azul e violeta, maiores e mais belos do que nunca. Ela olhou para ele, esperando para ver o que ele faria em seguida. Isso também não era o que ele queria.

Lá estava ela, dentro de sua pele, e era um mistério maior do que nunca. Ele estava ficando louco. A curiosidade tomou conta dele, e sem perceber que estava dando um passo importante, ele perguntou:

— O que você quer?

Surpresa iluminou seu rosto. Ela inclinou a cabeça e sorriu para ele. Será que ela se atreveria a ter tanta coragem quanto ele e dizer o que queria em voz alta?

— Eu acho que eu quero o que muitas pessoas querem. Quero me sentir segura. — ela disse levantando um ombro. — Eu quero ter voz em minha própria vida, ser amada. Não quero viver essa meia vida, de não ser humana ou Wyr. Gostaria de ser uma coisa ou outra, quero pertencer a algum lugar.

Ele tinha uma expressão estranha e atenta em seu rosto enquanto a ouvia. Seus olhos estavam abertos e mostravam aceitação de uma maneira que não se lembrava de ter experimentado antes com qualquer outra pessoa.

— Não sei o que significa amor. — ele disse. — Mas você pertence a algum lugar. Seu lugar é aqui comigo. Eu vou mantê-la segura e creio que você possa ser mais Wyr que imagina.

Ela franziu o cenho.

— O que você quer dizer?

— Você está mais forte, desde que estivemos na Outra Terra. Eu posso senti-lo. — Seus olhos se estreitaram. — Você não notou?

— Bem, sim, agora que você mencionou. — Ela deu uma meia risada. — Quer dizer, tenho estado muito ocupada para processar tudo o que aconteceu, mas eu ainda me sinto como quando eu estava lá, não sei, mais viva. Minha audição, visão, tudo é... mais.

— Você não estava certa de que poderia me curar, — disse, como havia feito anteriormente. — E talvez você não pudesse há um par de semanas. Lembre-se, eu disse que poderia melhorar alguns mestiços dessa forma quando se viam imersos magia da Outra Terra. Às vezes a magia provoca uma reação e eles são capazes de chegar à plenitude de sua natureza Wyr.

Ela agarrou sua camiseta com os punhos. Poderia o que ele estava dizendo ser verdade?

Ele cobriu suas mãos com as dele, olhando para ela.

— Quanto tempo se passou desde a última vez que tentou mudar?

— Faz anos. — sussurrou. Seus olhos desfocaram ao pensar. — Após a puberdade, foi antes da morte de minha mãe. Acho que tinha dezesseis anos. Nós tentávamos aproximadamente a cada seis meses. Uma vez que me tornei adulta, clinicamente falando, decidimos que não havia qualquer razão para voltarmos a tentar. Ela estava bem, me amava, não importa o que acontecesse. Mas eu continuei a ficar muito decepcionado quando não podia mudar.

Ele tocou seu nariz.

— Dezesseis é uma idade muito jovem para desistir. A maioria dos Wyr tem expectativa de vida muito maior do que a dos seres humanos, mesmo os Wyr mortais, e amadurecem em idade mais avançada.

Ela mal se atrevia a respirar.

— Eu não sei o que pensar.

— Eu não posso fazer qualquer promessa. — disse a ela. — Mas com o passar do tempo tenho ajudado uma boa quantidade de espécies de Wyr a atravessar uma primeira transformação difícil. Se você quiser tentar de novo e confiar em mim, farei tudo que puder para ajudá-la.

CAPÍTULO 13

Ela jogou os braços ao redor dele, abraçando-o com força. Em seguida, afastou-se e começou a andar em círculos, sua mente disparando. Atirou-se para ele e abraçou-o novamente. Ele riu e agarrou-a pelos quadris para segurá-la em um só lugar.

— Você me ouviu quando eu disse que não posso prometer quaisquer coisas? — Ele exigiu.

— Sim, claro que sim, — Ela disse distraída. Ela se concentrou sobre ele, com o rosto grave. Se funcionasse, seria caçada para o resto de sua existência, mas da forma que sua vida estava fora de controle, ela ia ser caçada de qualquer modo.

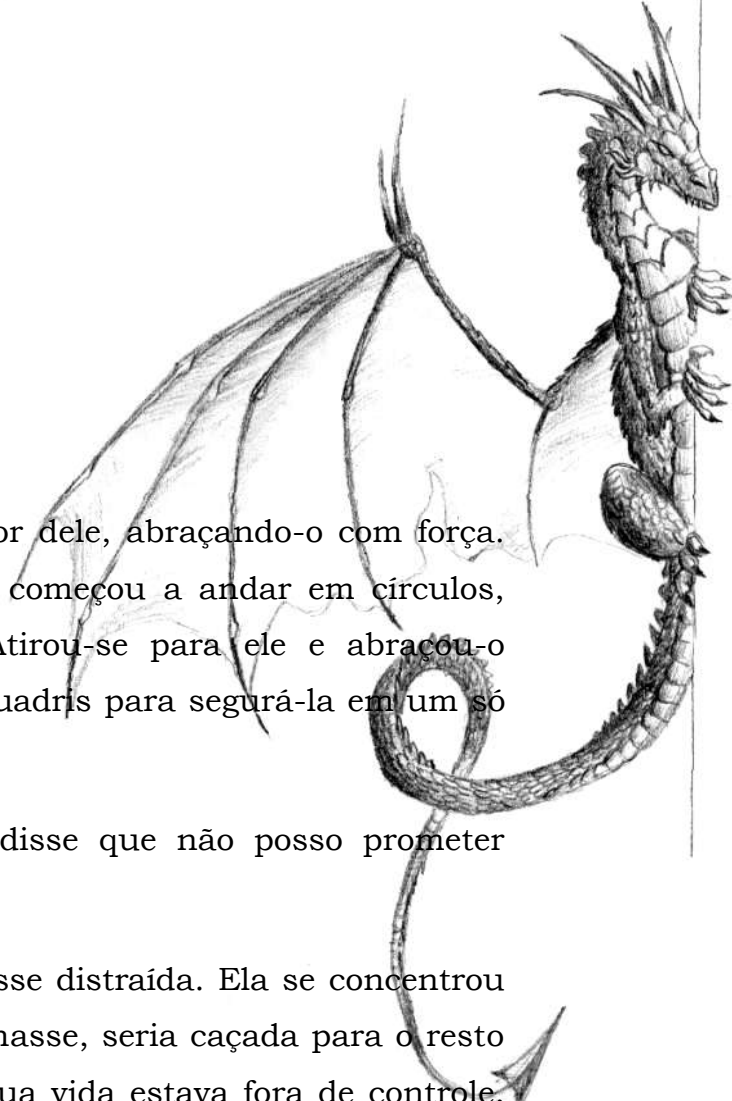
— Então, tudo bem. — Ele fez uma pausa. — Pense sobre isso. Deixe-me saber o que você decidir.

Ela assentiu com a cabeça. Ele a beijou, acariciando seu rosto. Então, ele caminhou até a porta e abriu-a. Vários grupos de pessoas conversando no corredor passaram a prestar atenção.

— Quem precisa estar aqui? — questionou. A maioria dispersou rapidamente. Algumas de suas sentinelas, incluindo Rune e Graydon, permaneceram. Pia limpou o rosto em suas mangas em uma vã tentativa de tornar-se mais apresentável.

A fada relações públicas das Empresas Cuelebre deslizou ao redor de Dragos e entrou na sala de conferências, enquanto ele falava para os outros. Radiante, ela saltou até Pia.

— Oi! Uau, eu estou encantada em conhecê-la.



Desconcertada, Pia pegou a pequena mão que a fada estendeu sob seu nariz.

— Olá, obrigada. Você é Thistle Periwinkle, certo?

— Oh, por favor, — a fada gemeu. — Esse é o meu estúpido nome da TV. Não me chame assim. Chame-me Tricks, todo mundo o faz.

— Tudo bem... Tricks. Sou Pia. — Ela sorriu. Por mais que nunca houvesse se importado com as aparições da Fada na mídia, era difícil não sorrir para este pacote compacto de entusiasmo.

— Olha, eu sei que não temos muito tempo. — Tricks agitou as mãos. — Estou ocupada, você está ocupada, todo mundo está ocupado. No entanto há muitas coisas que eu quero lhe falar.

— Tudo bem, — Pia disse. — Vamos com isso.

— Primeiro, sinto muito sobre o que meu tio Urien fez a você. Eu o odeio, ele matou a minha família, e nós vamos cortar sua cabeça, e então eu tenho que ser rainha, mas antes que isso aconteça nós vamos almoçar, de acordo?

Pia sentiu como se a fada houvesse saltado sobre sua cabeça e começasse a sapatear sobre ela.

— Você está falando sério? — perguntou.

— Como em um ataque cardíaco. — disse-lhe Tricks. — E eu queria dizer que você fez um ótimo trabalho com o Sr. e Sra. “Mantenho minha dignidade metida em meu traseiro”. Realmente impressionante.

Pia rompeu em risos.

— Você está falando sobre os Elfos.

Tricks piscou e franziu o nariz sardento.

— É claro. Você quer um emprego?

— O que?

— Eu preciso contratar alguém para levar a cargo o meu trabalho de relações públicas, com o próximo assassinato, assumir o trono e tudo o mais, e eu acho que você seria ótima. Oh, não importa, nós não temos tempo para falar sobre isso neste momento. Vamos falar sobre isso durante o almoço. — A fada olhou por cima do ombro. Ela fez um V com os dedos indicador e médio de ambas as mãos e as agitou como o presidente Nixon. — Duas coisas, rapidamente. Uma, para que você saiba, nem todo mundo está feliz por você estar aqui. Muitas pessoas são geniais, quero dizer, você sabe do modo Wyr, mas também há algumas pessoas que eu acho que são desagradáveis e perigosas. Não que eu esteja falando especificamente sobre alguém, simplesmente... Há uma grande quantidade de predadores que trabalham aqui. Isso significa que há algumas cabeças muito quentes e, por vezes, as coisas explodem sem muito aviso, pelo que você tem que se cuidar.

— Predadores, cabeças quentes. — Pia disse, observando a fada com fascínio. — Certo. Acho que eu quero almoçar com você.

— Claro que sim! — Tricks disse e baixou a voz em um sussurro. — E por último, mas não menos importante. Dragos? Oh meu Deus, ele está tão louco por você! — Ela riu. — Eu vivi na corte Wyr por 200 anos e eu nunca o vi desta forma. Todo mundo está assustado porque ninguém o viu desta forma, nem mesmo os que são muito mais velhos que eu. Então, você sabe, ele é um homem e um dragão e tudo isso, e sei que isso significa que ele tem problemas de comunicação, mas, uh, querida, ele está tão quente que fuma sem ter que acender um cigarro, se você sabe o que quero dizer, tão... maneira de ser, minha mãe! — A fada riu de novo e estendeu a mão para bater o punho. — Bem, é isso que eu queria dizer. — Ela sorriu para Pia. — O almoço é hoje, uma hora, entendeu?

— Entendi. — Pia disse em uma voz atordoada quando ela bateu seu punho na mãozinha estendida. Dragos estava louco por ela? Realmente louco por ela? Não somente tendo uma aventura sexual? Não apenas tendo um ataque possessivo?

Oh Deus, eu espero que sim. Não? Verdade? Ela mordeu o lábio.

— Tenho que ir. — Tricks piscou para ela e saiu saltando exatamente quando Dragos, Rune e Graydon entravam. A fada bateu Rune no braço. — Certifique-se de que Pia esteja em meu escritório à uma hora, ouviu?

— Eu pareço uma secretária para assuntos sociais? — disse Rune.

Tricks entreceitou seus olhos, o bom humor que ela tinha mostrado a Pia desapareceu como se nunca houvesse existido. Ela apontou para seu próprio rosto.

— Pareço me importar nesse momento? Tenho um milhão de coisas para fazer antes de ir, por isso não me preocupo o mínimo.

Rune riu e deu-lhe um abraço de um braço só.

— Eu sinto muito, pirralha. Sei que você está tendo uma semana difícil.

Tricks mudou a direção de seu dedo e apontou para Rune.

— Sim, bem, não me faça vir busca-lo também. — Ela se afastou, os pequenos saltos repicando no corredor.

— Querida, você parece menos abalada. — Dragos disse a Pia com um sorriso preguiçoso. Ele atravessou a sala para beijá-la. — Tricks tende a ter esse efeito nas pessoas.

— Acredito. — o sorriso Pia foi inseguro.

— Quando ela está em sua fase maníaca, é quase como provar crack pela primeira vez, — disse Rune. Ele piscou para eles, com expressão suave. — Não que eu gostasse de saber o que se sente.

— Certo. — Dragos disse com voz enérgica. — Tenho coisas para fazer, conversar com Tiago, uma decapitação a planejar. — olhou para ela. — Você está bem?

Ela sorriu para ele de novo com mais segurança.

— Sim.

— Bem, — Ele fez uma pausa. — Obrigado pelo que você fez na teleconferência.

— Por nada.

Ele olhou para Rune e Graydon.

— Ela pode fazer o que quiser. Entendido?

Graydon olhou para os seus pés com uma expressão resignada e esfregou a nuca. Rune franziu os lábios e disse:

— Dragos, isto poderia requerer... muita consideração tática. Você não pensa que seria mais sábio restringir seus movimentos?

— Por que estão falando dela na terceira pessoa enquanto ela está bem aqui na sala? — Ela disse em um murmúrio ressentido. Os olhos dourados aquecidos encontraram os dela. Era sua imaginação ou ele estava apertando os lábios com algum tipo de emoção reprimida? Então ele se virou para dar um sorriso afiado para Rune.

— Foda-se. — Dragos disse. — Eu não sou o chefe dela.

Ele caminhou para fora. A sala de conferências parecia escurecer e aumentar na ausência de sua presença nuclear. Então Pia ficou de pé, olhando para seus dois enormes e impassíveis guardas. *Oh céus.*

— Srta. Giovanni, — Rune disse em uma voz suave, enquanto olhava para um ponto além do seu ombro esquerdo. — Para sua conveniência e prazer, Dragos enviou um *personal shopper* para auxiliá-la hoje. O comprador deve chegar a qualquer momento.

Pia olhou para o grifo, virou-se, puxou a cadeira no final da mesa de conferência e atirou-se nela. Apoiou a palma das suas mãos sobre a superfície polida. Escutou o farfalhar de roupas quando alguém passou atrás dela.

Muito bom. Ela assentiu com a cabeça. *Muito bom.*

— Será que vocês poderiam sentar? — ela perguntou.

Depois de um momento, Rune tomou o assento à sua direita e estendeu suas pernas longas. Graydon tomou o assento à sua esquerda. Os dois homens trocaram um olhar. Ela apostou que estavam se perguntando o que ela ia fazer a seguir. Fazia essa pergunta a si mesma. Suas unhas haviam se tornado irregulares. Ela esfregou a borda irregular de seu dedo indicador direito. Não havia tempo suficiente em um dia.

— Então, — ela disse em uma voz calma quando ela olhou para suas mãos, — esta atitude bajuladora passivo-agressiva funciona para vocês, safados? Porque eu tenho que dizer a vocês, não está funcionando para mim. Na última semana e meia, mais ou menos, fui chantageada, perseguida, ameaçada, sofri um acidente de carro que teria me transformado em hambúrguer, se não fosse por seu chefe, sequestrada, espancada e perseguida novamente. Estive em um confronto com um exército Duende e o Rei das Fadas com 40 ou 50 de seus caras favoritos, e a vida que eu tive foi destruída.

Ela ouviu Rune inspirar e disse:

— Ainda não terminei. Também estou até a tampa com o comportamento machista autocrático de Dragos. Só para vocês entenderem quando eu digo que estou ficando sem paciência neste

momento. Sei que não querem ser minhas babás. Vocês deixaram isso bem claro. Eu não os quero, da mesma forma, mas é a realidade. Então, podemos fazer isso fácil ou temos que fazer difícil? Estou tentando ser gentil, mas eu não tenho qualquer problema em fazer isso difícil, se isso for o que realmente vocês queiram.

Ela olhou para os dois homens. Graydon colocou os cotovelos sobre a mesa. Ele estava olhando para ela. Pela primeira vez, ela notou que ele tinha bonitos olhos cinza. Ela não viu a aceitação em seu rosto enrugado, mas pelo menos não havia rejeição categórica.

Rune tinha cruzou os braços sobre o peito e estreitou seu olhar sobre ela.

— Safado. — Graydon disse. — Ela te pegou com isso, amigo.

— Dane-se – Rune disse.

— Acredite ou não. — Graydon disse a ela — Ele é o diplomático do grupo. Dragos lhe envia para fazer todo o tipo de merda bajuladora passivo-agressiva.

Rune inclinou-se e plantou os cotovelos sobre a mesa.

— Cale-se, idiota.

Ela mordeu o lábio e se recusou a sorrir.

Rune olhou para ela.

— Muito bem, Srta. Giovanni, vamos nos dar uma segunda oportunidade. Veremos como será.

— Chame-me Pia.

Ele acenou com a cabeça.

— Só para você saber, no entanto, se fizer qualquer coisa para trair Dragos, vou estripá-la.

Ela arredondou os olhos.

— Uau, safado, isso nos faz praticamente melhores amigos, não é?

Graydon explodiu, Depois de um momento, Rune também sorriu.

— Tudo bem, Pia. — Ele disse. — O que você gostaria de fazer hoje?

Ela pensou.

— Sabemos que devo encontrar Tricks para almoço. O que você acha que eu deveria fazer?

Isso deve ter sido a coisa certa a dizer, porque ambos relaxaram.

— Bem, agora que perguntou. — disse — O mais seguro seria que passasse o tempo na cobertura. — Ela suspirou, ele continuou, — Mas posso ver que não seria de seu agrado. Próxima melhor alternativa, ficar na Torre. Vamos seguir as ordens e levá-la para fora se você realmente quiser ir, mas não acho que seja uma boa ideia nesse momento, e para ser franco, acho que Dragos também pensa dessa forma.

Ela tornou-se pensativa. A breve luta de Dragos com algo não tinha sido apenas sua imaginação. Ele refreou seus próprios impulsos e opiniões para permitir a ela alguma liberdade de escolha.

Rune continuou:

— Além disso, ainda hoje eu gostaria de ir para a academia e repassar algumas dicas de segurança com você.

Ela voltou a centrar sua atenção nele e balançou a cabeça.

—Tudo bem. Tenho tido aulas que devem ajudar com isso.

— Eu sei sobre elas. *Cardio Kickboxing* — Graydon disse. — *Turbo Dance*. Eu assisto as propagandas.

— Você não está ajudando, Gilligan⁹ — Rune disse.

Ela sorriu.

— Que tal isso? Se vocês não se importam, eu gostaria de uma visita à Torre. — Os dois concordaram. — Eu também mataria por um café com leite de soja da *Starbucks*, sabor baunilha, se não for muito incômodo. Deve haver uma cafeteria por perto e tenho que comprar tênis novos porque os meus ficaram destruídos. Tenho cerca de 1.200 dólares na minha conta poupança, se puder acessá-la. Então, talvez depois de almoçar com Tricks, possamos ir à academia.

Rune enfiou a mão no bolso e tirou um cartão de crédito. Ele o colocou sobre a mesa e empurrou para ela, sem dizer uma palavra.

Ela ficou olhando. E olhou.

Um cartão American Express Centurion Preto. Com o nome dela.

Meia dúzia de emoções a atravessaram em alta velocidade, começando com ofensa. Ele estava tentando pagar por ela, como se fosse algum tipo de prostituta? Era para mantê-la entretida enquanto ele estava ocupado, até que se cansasse dela e decidisse se livrar dela? Ela agarrou as mãos trêmulas juntas e tomou respirações profundas, até que encontrou um pouco de autocontrole.

Quando se acalmou, ela se lembrou do que Tricks havia dito. Dragos era um homem e um dragão, o que significava que ele tinha problemas de comunicação.

Diversão foi a última emoção do “lançamento do momento”. Deu uma freada e parou. Dragos não estava tratando-a como a uma prostituta. Ele estava tentando dar-lhe um prazer.

⁹ personagem de série dos anos 60, desajeitado, estúpido e propenso a acidentes

Os grifos a estavam vigiando com expressão de blefe.

— Esse cartão de crédito é um equívoco tão grande que não quero falar dele. É uma espécie de diversão para se olhar, mas é errado. — Movendo-o como se o cartão pudesse explodir em cima dela, ela colocou seu dedo em um canto e empurrou-o de volta para Rune. — Olha, tudo o que quero são algumas centenas de dólares de meu próprio dinheiro, café com leite e um calçado novo. Ok?

Rune mostrou um sorriso verdadeiro quando ele e Graydon relaxaram ainda mais.

— E se eu lhe emprestar algum dinheiro até que possamos ter acesso a sua conta bancária? Há uma *Starbucks* no piso térreo, junto com algumas outras lojas, uma CVS¹⁰ e um restaurante decente.

— Tudo bem, obrigada.

Nesse momento um homem magro de cabelos escuros entrou na sala de conferência, tagarelando. Ele era o *personal shopper*, um Wyrvisom chamado Stanford.

— Oi, amiga, é bom lhe conhecer. Olha o que eu tenho para você! Yoo-hoo. Um robe de cetim negro, *Dolce & Gabbana*, oh, vai ficar deslumbrante com sua cor e seus cabelos! — Ele colocou uma caixa da *Saks Fifth Avenue*, em frente dela, abriu-a e com um movimento dramático de seu pulso, sacudiu o robe. — Vá em frente e sintá-o, querida. É divino.

Pia ouviu a tagarelice incessante do Wyr. Ela olhou para o roupão. De *Saks*. Ela pressionou os dedos na pele sobre a sobrancelha direita, onde uma dor de cabeça estava começando a pulsar. Ela falou:

— Olá, prazer em conhecê-lo também. Stanford, quanto custou isso?

¹⁰ farmácia e loja de conveniência

O comprador olhou para ela como se lhe tivessem brotado chifres.

— Custou?

— E por que você o comprou para mim? Eu já tenho um robe.

Graydon limpou a garganta e tocou seu braço. Ela se inclinou e ele sussurrou:

— Eu acho que o chefe quer que você tenha algo que é mais do que uma coisinha pequena cor rosa que mal cobre o seu traseiro. Não me interprete mal, é um traseiro lindo.

Ela afastou-se e ficou olhando para o grifo.

— Desculpe-me?

As bochechas do homem enorme avermelharam. Ele levantou um dedo.

— Não que eu quisesse dizer ou que prestasse atenção. Droga. Quero dizer, eu entendo sobre o cartão, mas se eu fosse você, eu pensaria em deixar o patrão dar-lhe um robe. Sabe, porque às vezes as coisas acontecem e nós, homens estamos ao redor sem advertência. E eu não acho que ele fique bem conosco vendo você envolvida nesse lindo e pequeno lenço rosa.

Ela apertou os dentes. Depois de um momento ela disse para Stanford. — Obrigada por me trazer o robe. É muito bonito.

O Wyr-visom sorriu radiante.

— Bravo! Agora estamos conversando. Vamos fazer compras significativas. Você e eu, querida. Vou ajudá-la a brilhar como uma rainha!

— Stanford, — ela disse ao pequeno homem. — Você recebe por comissão ou por hora?

Suas narinas se apertaram e ele balançou a cabeça.

— Oh, não o faço por comissão, querida. Unh-unh.

Ela se virou para Rune.

— Tem algum dinheiro para me emprestar agora? — Ele cavou a carteira e entregou-lhe uma nota de cem dólares. — Posso ter o cartão de crédito novamente? — Ele levantou uma sobrancelha leonina e entregou-lhe o cartão *Centurion*.

Ela se virou para Stanford e deu-lhe o dinheiro e o cartão.

— Eu quero duas coisas, por favor. Primeiro quero que você pegue o dinheiro e me compre um tênis *New Balance* para corridas, tamanho 39, e o traga aqui com o troco. Depois de fazer isso, eu quero pegue o cartão de crédito e provisione todos os bancos de alimentos de Nova Iorque.

O pequeno homem empalideceu.

— Cada banco de alimentos? Na cidade ou no estado?

Sua boca se abriu.

— Não tinha pensado nisso. Vamos provisionar a todos do estado. Quão rápido você pode estar de volta com os tênis?

— Nesta tarde, — Stanford disse. Seu rosto se mostrou sombrio.

— Obrigada, — Olhou para Rune, a língua entre os dentes. — Ele disse que eu conseguiria tudo o que eu quisesse.

O grifo sorriu.

— Ele disse, não foi?

Eles permaneceram quando Stanford escapuliu, e os dois grifos a levaram em uma excursão pela Torre, conforme haviam prometido. Eles tinham relaxado o suficiente para conversar, o que tornou tudo

mais suportável. Ela teve uma ideia do layout geral com rapidez suficiente.

O andar de cobertura alojava os aposentos privados de Dragos. A pintura que tinha chamado sua atenção na noite anterior era de fato um *Chagall*, e ela estava pendurada frente a um *Kandinsky* no corredor. Além da suíte que ocuparam na noite passada, havia outras duas, uma das quais estava envolta em plástico espesso de construção, em reforma, sob estreita supervisão de guardas de segurança. A cozinha da cobertura parecia algo saído de uma revista de cozinha profissional. Ficava ao lado de uma sala de jantar que poderia acolher uma dúzia de grandes Wyr com conforto. Havia uma grande biblioteca com duas claraboias, mobiliário de couro surrado e mais de 20 mil volumes sobre ampla variedade de assuntos. A biblioteca também tinha uma estante de vidro que guardava livros antigos, os mais frágeis.

A sala de estar era como sua suíte, com uma parede que envolvia as janelas do chão ao teto, intercaladas com portas francesas. Tinha dois televisores de plasma com 50 polegadas em cada extremidade da sala, várias áreas de estar com sofás e cadeiras e um bar comparável em tamanho com o de *Elfie's*. Somente sentinelas, seguranças e o pessoal doméstico e de cozinha tinham acesso ao andar da cobertura.

O andar abaixo tinha grandes áreas comuns para o pessoal-chave, como sala de jantar executivo, sala de teleconferência, a academia e a área de treinamento, os escritórios de pessoal de Dragos e uma sala de reunião. Abaixo dele estavam os quartos das sentinelas e de alguns executivos, funcionários da Corte e dos convidados de outras herdades antigas.

O restante da Torre era ocupado por escritórios de negócios, assuntos corporativos internacionais ou domésticos, espécies de Wyr e de Raças Elders. Dois andares eram ocupados por escritórios de advocacia. Uma banca inteira de advogados trabalhava para Empresas

Cuelebre atuando em áreas desde direito empresarial internacional até nas relações Elders - humanos, e sobre questões que surgiam entre as comunidades Elders, como as sanções comerciais impostas pelos Elfos no Domínio da espécie Wyr. A banca de advogados trabalhava nos casos frente a um tribunal de Elders, composto de representantes dos sete Domínios, algo semelhante às *Nações Unidas* humanas, que ouvia e resolvia as disputas legais.

A riqueza, a extravagância da Torre, com pisos de mármore turco com veios de ouro, lustres brilhantes de cristal lapidado e acessórios de latão polido, era uma proclamação arquitetônica maciça de dinheiro e poder do Cuelebre. Ela pensou na Cidade Proibida, Versalhes, templos de deuses egípcios. Não tão alto quanto os 102 andares do *Empire State*, este edifício não era menos que um palácio em uma cidade que adorava ao deus do comércio.

No centro do vestíbulo do piso térreo da Torre havia uma escultura do século III que se elevava sobre as cabeças dos transeuntes. Uma irmã intacta da danificada *Vitória alada de Samotrácia* exposta no Museu do Louvre. A escultura mostrava uma deusa formosa, poderosa com expressão severa. Vestia túnica, com suas asas abertas no ar. Ela segurava uma espada em uma das mãos, enquanto a outra envolvia a boca, como se conclamasse tropas invisíveis com um grito para a guerra. A estátua era da Grécia antiga, mas a inscrição no pedestal moderno era em latim e muito simples.

REGNARE.

Para reinar.

Ela se sentia sobrecarregada ao extremo quando chegaram ao térreo e ficou extremamente agradecida por obter seu café com leite de soja e esse pouco de cafeína. Graydon pediu um mocha grande, e Rune teve um café preto gelado. Os homens pediram uma dúzia de docinhos e vários salgadinhos. Escolheram uma mesa de canto. Embora a seu comportamento fosse descontraído e casual, Rune e Graydon

dispuseram suas cadeiras para que pudessem manter um olho sobre o resto do *Starbucks*. Também podiam ver o movimento no piso térreo através das janelas.

Pia bateu um pé enquanto bebia seu café com leite. Ela tentou não prestar muita atenção na rápida velocidade com que a montanha de alimentos desaparecia entre os dois homens. Ela disse:

— As pessoas usam palavras como “império”, mas é impossível entender a menos que você tenha a oportunidade de ver tudo isso pessoalmente.

— Dragos é quem o fez, — Rune disse quando destruiu um pedaço de bolo de cenoura. — Cerca de 1.500 anos atrás, ele percebeu que os Wyr deveriam se unir e formar nossa própria sociedade. Era a única maneira de proteger nossa identidade e interesses das sociedades humanas e das outras raças Elders desenvolvidas.

— Sim, esse dragão é um bastardo desagradável. — Graydon riu. — Não creio que alguém mais poderia tê-lo feito. Ele uniu imortais com mortais, nos enfiou suas leis goela abaixo e arrebentou os traseiros dos predadores de forma dura e por tempo suficiente, até que todos nós começamos a nos comportar. Tínhamos que fazê-lo ou morrer. Aqueles foram anos iniciais sangrentos.

— Parece muito feudal. — Ela disse. Esfregou os dedos ao redor da tampa do café.

— Não apenas parece feudal, — Rune disse. — É feudal. Eu não acho que há alguma outra maneira de executar as coisas. Grande quantidade dos Wyr são criaturas pacíficas, como Stanford, que não tem qualquer problema misturando-se com a sociedade humana. Muitos outros necessitam saber precisam saber que serão moídos a pauladas se não seguirem as regras. O mundo tornou-se pequeno demais para qualquer outra coisa.

— Isso é o que vocês fazem, não é? Quero dizer, quando vocês não estão de babás.

— Cada um dos quatro grifos Wyr comanda as forças que patrulham um quadrante do Domínio Wyr, — Graydon disse. — Nós somos uma espécie de chefes de polícia. Mas temos sido afastados de vez em quando para constituir um destacamento de babás. — Ele bateu nela com o ombro. — Você não é tão especial, garotinha.

Ela encostou com um sorriso.

— Obrigada, eu me sinto muito melhor agora.

Nesse momento soou o relógio de Rune. Ele apertou um botão para silenciá-lo.

— É seu horário para almoçar. Agora é hora de ir ao escritório de Tricks, — disse enquanto se levantava.

Quando eles subiram no elevador, os homens conversaram entre si, com a facilidade da longa amizade. Pia ficou em silêncio enquanto ela considerava sua reunião de almoço com Tricks. Ela virou o rosto para o espelho na parede do fundo do elevador. Da mesma forma que seu robe cor de rosa, sua calça jeans era da Target e ela tinha cortado o próprio cabelo.

O terninho de seda da Tricks tinha as linhas clássicas de um designer famoso, como *Ralph Lauren* ou *Dior* e suas elegantes sandálias estilo gladiador provavelmente custavam tanto quanto um bom carro usado. Quão louco era falar com a fada sobre uma oferta de trabalho tão voltado ao público? Mesmo que a posição lhe fosse oferecida, ela não poderia aceitá-la. Curioso, como não se havia dado conta dessas coisas anteriormente, quando havia conversado com Tricks. Consciente de si mesma, puxou a cintura da calça jeans e alisou o cabelo para trás enquanto tentava pensar em formas elegantes de sair fora dessa conversa.

Ela virou-se novamente para frente, junto aos dois grifos quando se aproximaram do septuagésimo nono andar. As portas se abriram para revelar Tricks correndo em direção a eles, com os pequenos punhos cerrados e o doce rosto de duende transformado pela fúria. A fada saltou em uma esquina e pressionou suas costas contra a parede, sua atenção claramente focada no corredor atrás dela.

Pia deslizou um olhar inseguro de Rune para Graydon. Os dois grifos trocaram um olhar. Em um movimento aparentemente casual Rune pegou o braço dela, em silêncio, colocando-a em um canto enquanto apertava o botão de porta aberta para segurar o elevador. Graydon colocou a mão em sua arma.

Pisando os calcanhares da fada apareceu o gigantesco índio americano que Pia tinha notado no grupo de sentinelas que saudara Dragos em seu retorno a Nova Iorque. Tinha 1,95 metros e 113 quilos, com tatuagens de arame farpado circulando seu grosso e musculoso bíceps e redemoinhos raspados no cabelo preto curto, o macho Wyr não era uma visão menos assustadora, em plena luz do dia do que tinha sido à noite. Seu rosto parecia ter sido talhado com um machado.

Um trovão ressoou na distância. As sobrancelhas de Graydon subiram. Sem notar ou se preocupar com sua presença, o macho virou a esquina. Tricks saiu atrás dele e bateu-lhe na parte de trás da cabeça.

O índio americano girou sobre os calcanhares com velocidade estonteante. Ele agarrou Tricks pelos ombros e puxou-a até que esteve cara a cara com ela.

Pia fez um barulho involuntário. Seu instinto assumiu e ela tentou avançar para fazer algo para ajudar a fada delicada. A mão de Rune apertou seu braço, ancorando-a no lugar. Ele sussurrou:

— Não quando há trovões no ar.

Que diabos isso significava?

Tricks gritou à queima roupa no rosto irritado do macho Wyr,

— Eu tive suficiente do seu lixo. Tiago teimoso, mal-humorado! Vou agradecer se você lembrar que meu nome não é “Tricks, maldita seja” ou Deus de amaldiçoe, Tricks. De agora em diante essas frases são contra a lei... Quando você gritar comigo novamente é melhor que saia da sua boca “Maldita seja, senhora”!

Por um momento palpitante eles olharam um para o outro. Então a raiva no rosto de Tiago estilhou.

— “A partir de agora?” — disse e começou a rir. — Você está brincando, certo?

Ela chutou sua canela.

— Não se atreva a rir de mim!

Ele riu mais forte, e o assassino cruel, com cara talhada a machadadas se transformou em um homem bonito.

— Mas você é tão malditamente linda quando se zanga. Olhe para você. As pontas de suas orelhas ficaram rosa.

Enquanto a raiva do homem Wyr se dissipou a fada pareceu comprimir, até mesmo vibrar com mais fúria.

— Coisa errada a dizer, idiota, — ela disparou. Ela recuou o punho e plantou em seu olho.

Tiago soluçava de rir.

— Ai! — Ele colocou a mão sobre o olho e a fulminou com o olhar. — Tenha todos os ataques que queira... nem assim você vai deixar Nova Iorque sem um destacamento de segurança Wyr.

Com algum sinal tácito que ela não pegou, Rune e Graydon relaxaram. A mão de Graydon caiu de sua arma enquanto Rune soltava o braço de Pia. Ela olhou para ele e esfregou o local, apesar de que

tivesse tomado bastante cuidado para não causar-lhe desconforto. Ela seguiu os grifos que já saíam do elevador.

— Tiago, — Tricks disse, soando severamente incomodada. — Em primeiro lugar Urien ainda não está morto.

— Dou a ele uma semana. — disse Tiago.

— Em segundo lugar, — a fada continuou — depois que ele estiver morto, Dragos e eu já decidimos que não levarei qualquer Wyr quando eu sair. As fadas das Trevas nunca aceitariam a presença de uma força Wyr, e se qualquer um dos outros Domínios suspeitar que a Wyr esteja tentando controlar a sucessão das Fadas das Trevas, se armarão.

— Isso é suicídio. — Tiago disse categoricamente. Cruzou seus braços, flexionando os grandes músculos — E isso não acontecerá.

— Em terceiro lugar, — Tricks continuou com os dentes cerrados — Vou ser a rainha. É o jogo de tesoura-papel-pedra. Rainha derrota o caudilho Wyr idiota. Entendo que você está acostumado a comandar seu próprio exército, correndo e matando coisas e fazer o que diabos você quiser. Isso não acontece em Nova Iorque, e isso não ocorre ao meu redor. Supere isso ou vá para casa. Se você tem uma casa. Se você sequer mora em uma casa.

Tiago fez uma careta.

— Eu moro em uma casa quando tenho tempo.

Rune se adiantou, exigindo.

— Quando você e Dragos decidiram que deixaria Nova Iorque sem guarda-costas Wyr?

A fada lhe lançou um olhar incomodado.

— Nós discutimos sobre isso esta manhã.

Graydon juntou-se ao triângulo.

— Céu, creio que deveríamos rever essa decisão. Vai ser um inferno de um choque quando você tornar pública a sua verdadeira identidade. A maioria das pessoas acha que toda a sua família está morta. Vai haver algumas fadas escuras que irão se sentir muito deslocadas quando descobrirem que você é a verdadeira herdeira de seu trono.

Tricks bateu os punhos sobre as orelhas.

— Nós não estamos falando sobre isso. Não estou falando.

Ainda de pé junto ao elevador, Pia assistiu ao zangado quarteto com fascinação. Ela não entendia tudo o que tinha acontecido, mas estava claro que os quatro estavam vinculados por muito mais do que a política dos antigos. Estavam no meio de uma grande e longa briga familiar.

Ela olhou em volta, sentindo-se desajeitada e muito fora de seu lugar. Ela percebeu onde estavam por causa da turnê anterior. No fim do corredor havia grandes portas duplas de carvalho, no momento, entreabertas. Elas levavam aos escritórios de Dragos.

Cheia de curiosidade, ela avançou pelo corredor e acessou o santuário interior para encontrar ainda mais detalhes luxuosos e uma exibição desenfreada de riqueza. Ela conteve a respiração. Não reconheceu um monte das obras de arte que havia visto na cobertura, mas ela tinha certeza que estava olhando para uma pintura de *Jackson Pollock*, pendurada em frente às portas abertas.

Dragos estava nas proximidades. Ele estava concentrado em uma conversa com um grande jovem cabeludo que parecia mostrar-se meio amarrotado e esfarrapado, apesar de usar um terno caro. Dragos a viu e sorriu. O calor de seu sorriso se espalhou por ela, e ela sorriu de volta.

Um momento depois, seu rosto escureceu com raiva, a rápida transformação tão inexplicável e inesperada, fez com que recuasse. Ele caminhou na direção dela e puxou-a contra seu lado.

— Ela não está sozinha. Estamos aqui. A temos. — Graydon disse da esquina atrás dela. O grifo a tinha seguido. Ele não estava cinco metros de distância, relaxado, mas alerta com as costas contra a parede.

Ela olhou em volta quando Dragos olhava furioso para o corredor. Rune plantou-se vários metros mais longe. Ainda estava discutindo com Tiago e Tricks, mas havia se posicionado entre eles e Graydon e Pia.

A rigidez deixou o corpo de Dragos e sua expressão aliviou. Foi então que Pia o entendeu. Ela beliscou o lábio inferior entre o polegar e o indicador. Seu olhar de raiva não era por ela. Tinha sido por seus guarda-costas. Ela lhe disse:

— Se alguma vez eu fizer com que você se zangue dessa forma, novamente, você me dará a oportunidade de pedir desculpas, não é?

Ele puxou a mão da boca dela e beijou-a rapidamente.

— Você não vai me fazer eu me zangar dessa forma novamente.

Ela era muito consciente do olhar fascinado do jovem cabeludo olhando-os fascinado. Ela enrubesceu, afagou o braço de Dragos e murmurou:

— Sempre e enquanto acredite nisso, garotão.

Ele se virou, puxando-a com ele.

— Pia, este é um dos meus assistentes, Kristoff.

Ela encontrou o olhar do Wyr cabeludo, que estava iluminado com apreciação. Ele deu um sorriso tímido.

— Oi.

O dia de Pia brilhou. Nem todo mundo desgostava dela à primeira vista. Ela disse:

— É um prazer conhecer você.

— Dez minutos de intervalo, — Dragos disse para Kristoff. Ele levou Pia a seu escritório.

As persianas verticais estavam recolhidas desde as paredes externas. O grande escritório estava cheio de luz solar brilhante e quente do início da tarde. Ela piscou deslumbrada. Ela apontou para a porta e disse:

— Não era minha intenção interrompê-lo. Todos estavam fora, ocupados conversando e eu pensei que poderia dar uma rápida espiada...

— Eles foram os que interromperam. Estão fazendo barulho suficiente para acordar os mortos. — Dragos disse. Apertou um botão na parede. Com um leve ronronar de motor quase silencioso, as persianas se fecharam parcialmente sobre as janelas, oferecendo um pouco de sombra ao brilho ofuscante. — Sua chegada foi um bônus bem-vindo.

Sua atenção voltou para as janelas e para o céu sem nuvens, azul brilhante.

— Ouvimos um trovão?

Ele suspirou.

— A forma Wyr de Tiago é o pássaro trovão. Relâmpagos e trovões aparecem quando ele realmente perde os estribos. É algo para ver em batalha. Normalmente o seu temperamento é muito mais controlado, mas agora todo mundo está com os nervos no limite.

Pia avistou as duas paisagens penduradas nas paredes internas.

— Oh, estes são magníficos, — sussurrou. Ela caminhou em direção a eles. O efeito paisagem aérea tinha sido criada por uma combinação de tinta, tecido, glitter e miçangas. A paisagem dia mostrava um rio cortando a tela. A paisagem noturna transmitia a impressão de cidades espalhadas em um mosaico de terras. Elas não poderiam ser mais perfeitas para ele. Ela podia vê-lo sentado em seu escritório, olhando para elas enquanto se imaginava sobrevoando-as e observando todas as partes que compunham o todo. Ela voltou a sorrir, satisfeita por Dragos. — Mais padrões.

Sua expressão se mostrou aliviada, iluminada com surpresa e prazer. Ele disse simplesmente:

— Sim.

A batida à porta fez os dois se virarem. Tricks estava em pé, com um sorriso tímido na porta aberta. Ela disse para Pia.

— Sinto muito que você tenha testemunhado o que aconteceu no corredor.

Sorrindo, Dragos disse para a fada.

— Maldita seja, senhora.

As bochechas da fada avermelharam. Ela disse:

— O quê? Você nunca disse algo estúpido em um acesso de raiva?

— Nunca, — Dragos disse. Ele agarrou o pulso Pia e puxou-a com ele quando ele se apoiou contra a mesa. Quando ela se colocou ao seu lado, desenhou leves círculos em suas costas.

Pia tossiu. Ele olhou para ela. Ela murmurou atrás de sua mão,

— O grande rugido, na semana passada?

Seus dedos deslizaram sob a bainha de sua camisa, e ele beliscou. Pia se empurrou em pé e bufou para ele.

Preocupada por sua própria sensação de injustiça, Tricks não se deu conta de sua brincadeira e disse.

— Dragos, você tem que fazer alguma coisa. Tiago está me provocando um desmaio.

— É evidente, — Dragos disse.

Tricks fez uma careta e disse a Pia.

— Sou muito amiga das outras sentinelas, mas mal conheço esse cara. Ele está sempre fora em algum lugar combatendo coisas. Ao longo dos últimos 200 anos tivemos, talvez uma dúzia de conversas, sempre que ele foi chamado de volta para Nova Iorque. De repente ele está fervendo e rosnando em torno do lugar, pensando que pode me dizer o que fazer? — A fada virou-se para Dragos. — Ele é um cão de guarda e não deveria lhe ser permitido entrar na casa. Poderia, por favor, enviá-lo de volta à América do Sul?

— O contrato da América do Sul não é importante. Eu cancelei há meia hora, — Dragos disse. — Nós estamos trazendo o resto das tropas para casa.

Os ombros delgados de Tricks caíram. Ela tinha a expressão de alguém observando sua vida pular em pedaços ao seu redor. A boca de Pia deslizou em um beicinho simpático. Ela sabia exatamente como a fada se sentia.

Tricks lhe deu um sorriso triste.

— Que tal um pouco de álcool com o almoço?

— Parece bom para mim, — Pia disse.

CAPÍTULO 14

Pia e Tricks disseram adeus a Dragos e deixaram seu escritório. No corredor, Graydon e Rune estavam conversando com Tiago. Tricks ignorou o trio quando passou por eles. Tiago olhou atrás dela. O homem bonito rindo que Pia tinha vislumbrado tão brevemente mais uma vez foi suplantado pelo assassino com cara de machadinha. Pia igualou o passo mais curto de fada e manteve sua expressão escrupulosamente neutra.

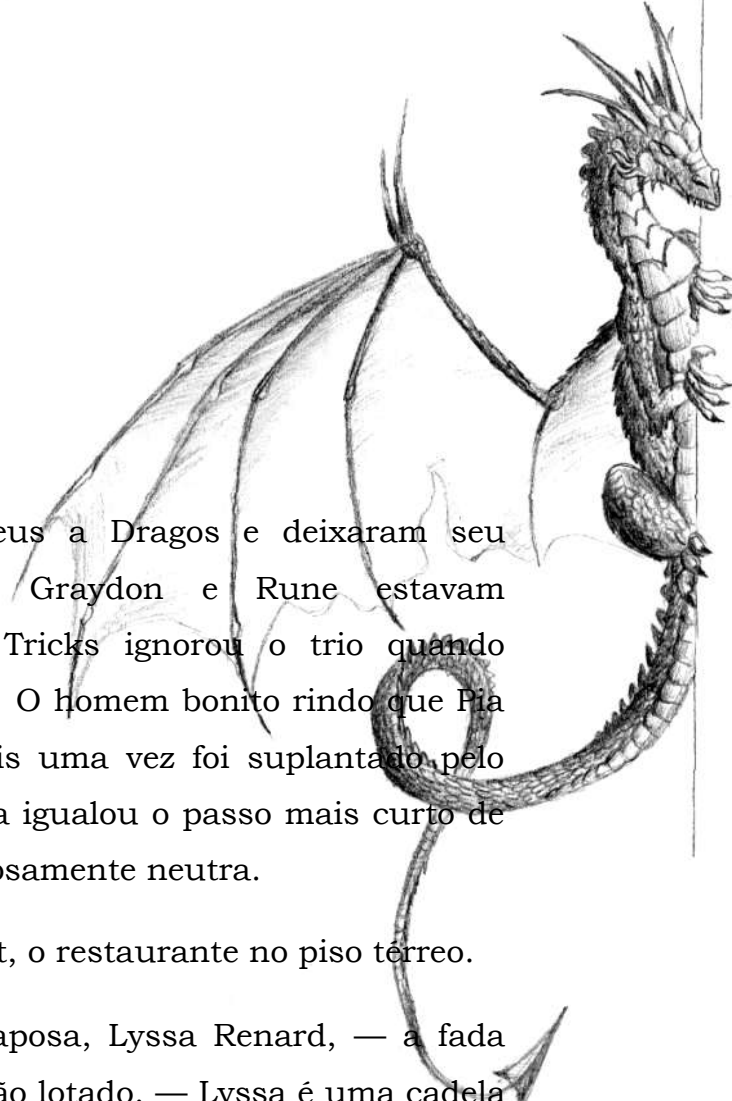
Tricks a levou até Manhattan Cat, o restaurante no piso térreo.

— É propriedade de um Wyr raposa, Lyssa Renard, — a fada disse, enquanto caminhavam pelo saguão lotado. — Lyssa é uma cadela um pouco esnobe, mas sabe de sua comida.

— Eu tenho ouvido falar do restaurante, — Pia disse. Ela teve um vislumbre de Rune e Graydon mantendo o ritmo a poucos metros de distância, os olhos constantemente itinerante sobre a multidão. — Ele tem algumas críticas decentes.

— Você é uma vegetariana, certo? — Tricks empurrou a porta do restaurante aberto. — É claro que há uma grande quantidade de animais mortos e peixes no cardápio, mas há também algumas boas saladas e alguns pratos de tofu que eu gosto. O melhor de tudo, eles tem este Piesporter 2004 que me deixa louca. Você gosta de vinho branco?

— Absolutamente.



— Uma das minhas. — Tricks virou quando a maîtresse, uma escura, jovem e esbelta Wyr gato com olhos oblíquos, aproximou-se com menus e um sorriso. — Oi Elise, me desculpe estamos atrasadas.

— Não tem problema, Tricks, — a maîtresse disse.

A decoração do restaurante era simples e elegante, com madeira escura, toalhas de mesa brancas e flores frescas. Cada mesa estava ocupada, e ao mesmo tempo uma ou duas pessoas cumprimentou Tricks, mas a maioria dos ocupantes não deu atenção a eles. Os sons de conversação e talheres os acompanhou quando a Wyr gato as levou a uma pequena sala privada na parte de trás que era, Tricks explicou, reserva permanente para executivos Cuelebre.

Havia três mesas na sala vazia. Depois de deixar Pia precedê-las, Tricks parou na porta. Ela disse a Elise.

— Vamos fazer dois pedidos de tofu salteados, uma garrafa de Piesporter e nenhum homem é permitido. — Isto foi jogado nos dois grifos que estavam duros em seus calcanhares. Elise assentiu com um sorriso e foi embora.

— Ah, Tricks, vamos lá, — Graydon disse.

— Não, — disse a fada. — Você conhece esta sala. Você sabe que há apenas uma maneira de entrar ou sair. E você sabe que ela está comigo. Lide com isso.

Tricks bateu a porta na cara deles. Pia começou a rir.

— Não há lugar para sentar lá. — Ela disse.

— Eu sei. Eu ainda estou brava com eles. Além disso, essas paredes são à prova de som. Você sabe, a audição supersensível Wyr, segredos corporativos, almoços de negócios confidenciais e tudo isso. — Tricks sorriu. — Isso significa que você e eu vamos ter algumas conversas de meninas.

Pia não tinha nenhuma ilusão sobre o que ela tinha testemunhado. Confiança destemida da fada em torno dos sentinelas Wyr foi baseado em 200 anos de residência com eles. Eles eram perigosos, homens poderosos e Pia ia ter de forjar seu próprio caminho com eles. Ainda assim, foi gratificante ver que tinha um lado macio.

O almoço veio rapidamente. O garçom apoiou a porta aberta enquanto ele servia. Mesmo fora, Rune encostou em uma partição em frente à porta. Ele mordeu os lábios e considerava-os com os olhos apertados até que o garçom saiu e fechou a porta atrás deles.

Algum impulso fez Pia dizer:

— Eles estão preocupados com você. É claro que eles vão sentir sua falta quando você sair.

O sorriso de Tricks escorregou.

— Eu vou sentir falta deles também.

Havia um brilho molhado nos bonitos, volumosos olhos cinzentos Fae? Pia desviou o olhar quando se sentava.

— Sinto muito, — ela disse. — Isso foi muito pessoal. Eu não tinha o direito de dizer nada.

Tricks escorregou em uma cadeira ao lado dela.

— Está tudo bem. Você está certa. — O olhar de Pia deslizou lateralmente. Ela observou quando a fada flexionou as delicadas mãos e olhou para elas. — Eles são tão bons, Pia. Mesmo que Tiago seja uma montanha ranzinza. Até o último deles levaria uma chuva de balas por você.

— Bem, — Pia disse com uma voz suave, — eles poderiam tomar uma chuva de balas por você.

— Oh, não. — Tricks olhou para ela, os olhos arregalados. — Quero dizer, sim, que iria levá-los para mim. Sem dúvida. Mas eles levariam para você também, só porque Dragos quer você segura.

Porra, a tristeza das fadas estava fazendo seus próprios olhos formigar de lágrimas.

— Eu acho que sei um pouco do que você está passando agora, — Pia disse. — Não é a coisa de Rainha iminente. Isso está fora da minha estratosfera. Mas as outras coisas.

— Você quer dizer o fim da vida que você conhece?

— Sim, isso.

Tricks deu uma risadinha súbita.

— Quando ficamos tão deprimidas? Nós ainda não terminamos nosso primeiro copo de vinho. — Ela pegou o copo e colidiu contra o de Pia. — Salut, nova amiga.

Pia pegou seu copo.

— Salut.

Tricks bebeu de um trago seu vinho.

— Agora, para as coisas boas. Fofoca! Você precisa saber quem está mentindo, enganando, traindo, à procura de vingança, “quem faz mal” e que é simplesmente difícil de conviver neste lugar. Estou aqui para dar-lhe o roteiro que toda garota deve ter antes de começar a trabalhar neste hospício.

Faminta, Pia espetou com um garfo alguns salteados e enfiou-os em sua boca.

Ela comentou:

— Parece que eu preciso de um gráfico.

A fada engasgou.

— Formosa. Vou precisar de uma caneta.

Pia a observou procurar nos bolsos de seu terno de seda, em seguida, correr para a porta e acenar para uma garçonete que passava. Tricks voltou triunfante. Ela começou a rabiscar sobre a toalha branca, desenhando círculos e flechas entre nomes durante a conversa. Elas terminaram o almoço. O garçom veio e saiu com seus pratos. Mais vinho fluiu.

Alguns tempos depois Pia esfregou seu nariz. Ela olhou para a taça de vinho vazia, então as garrafas vazias sobre a mesa vizinha. Ela olhou para sua nova melhor amiga, que empurrou para um lado na cadeira.

— Qual é seu nome?

A fada riu.

— Tem que estar no gráfico. Tenho certeza que eu escrevi em algum lugar.

Pia olhou para os rabiscos densos e negros que cobriam a toalha.

— Nós estávamos indo para falar sobre algo. Não é assim?

— Claro que íamos. Você vai assumir meu trabalho de relações públicas.

— Tudo bem. — Ela assentiu com a cabeça. Era a solução perfeita. É claro que era.

Mas espere. Havia algo que ela precisava se lembrar sobre isso. Dúvidas, outras considerações, boas razões mortais para que eu não devia aceitar. Havia algo...

Algo que brilharam no ar, um poder feminino tão leve, delicado e efervescente ela apenas percebeu que, depois de horas de sessão saturada em sua presença.

Sua melhor amiga estava escrevendo alguma coisa. T-r-i-c-k-s. A fada desenhou corações e flores em torno da palavra quando ela cantarolava para si mesma.

— Trick, — Pia disse.

Tricks levantou a vista dos rabiscos, a língua entre os dentes.

Pia pôs um cotovelo na mesa, o queixo na mão, e sorriu para a outra mulher.

— O seu poder por acaso está relacionado com charme ou carisma?

Tricks arranhou a ponta de uma orelha.

— Então, o que se está?

— Eu não acho que eu deveria dizer sim a qualquer coisa que você me perguntar enquanto estamos na mesma sala juntos e eu estou bêbada, isso é tudo, — Pia disse.

Uma das pálpebras Tricks baixou a metade, um olhar astuto, não arrependido. Então, a fada sorriu e luz do sol e a felicidade eclodiu na sala.

— Oh, pfft! — Disse.



A tarde desceu ao início da noite. Dragos, Kristoff e Tiago assistiam ao noticiário da noite no escritório de Dragos. Kristoff estava

com um braço em volta cintura, uma mão cobrindo a parte de trás do seu pescoço. Tiago estava com os pés plantados à parte, os braços cruzados. A tatuagem de arame farpado flexionava quando seus bíceps contraíam.

Dragos sentou em sua mesa. Ele bateu os dedos entrelaçados contra sua boca enquanto observava como as Empresas Cuelebre lhes davam uma sonora bofetada na televisão nacional.

Duas pessoas bonitas estavam na tela. Um deles era uma repórter fêmea humana. O outro era o Rei Fae das Trevas.

Pela primeira vez em muitas décadas, Dragos olhou no rosto de seu inimigo. Urien tinha a típica coloração e traços escuro dos Fae, com volumosos olhos cinzentos, maçãs do rosto salientes, pele branca e cabelos pretos, que iam até os ombros. Seu cabelo estava puxado para trás, revelando elegantes, longas orelhas pontudas.

— ... claro, descartar o projeto é um duro golpe financeiro para as pessoas desta comunidade e para o estado de Illinois, — Urien disse, com um sorriso encantador e arrependido. — E não só potenciais empregos que foram perdidos. Perdemos uma valiosa fonte de energia limpa e econômica que teria sido produzido por uma nova usina de energia elétrica de geração nuclear, e temos que agradecer por isso as Empresas Cuelebre. Como você sabe, o país enfrenta o desafio de reduzir as nossas emissões de carbono. A única maneira de conseguir reduzir as emissões é a de desenvolver a eficiência energética e tecnologias limpas, como a energia eólica e solar. A energia nuclear tem de ser parte dessa mistura...

Dragos socou o botão mudo. Ele olhou para Tiago e seu assistente triste.

Tiago disse:

— Urien parece bem para um homem morto.

— Muito bem, — Dragos rosnou.

— Eu não posso acreditar no fodido hipócrita que ele é, — Kristoff disse amargamente. — Ele está falando de energia limpa e reduzir as emissões quando ele está explodindo montanhas e tem uma das empresas mais poluidoras do planeta. Você sabe que nosso contato do Departamento de Energia, Peter Hines, rejeitou o pedido de subvenção RYVN como pedimos. Ele foi demitido hoje. E o ataque surpresa da mídia de Urien foi um golpe esta tarde. As ações caíram em seis das nossas empresas.

— Aquelas com sede em Illinois — disse Dragos.

— Sim.

— Oh, anime-se, Kris, — Tiago disse, impaciente. — Você acha que Urien perderia seu projeto sem protestar? É claro que ele estava indo para contra-atacar. Pelo menos você tem a satisfação de saber que você realmente o irritou. Normalmente, ele não tem nada a ver com os meios de comunicação humanos.

Kris mordeu uma unha.

— Eu sei o que vai acontecer a seguir. RYVN vai recandidatar-se para liberação com a substituição da Hines. Depois disso, o sentimento público vai estar do seu lado.

— Eles estão indo para essa concessão sobre o meu cadáver, — Dragos estalou. — Eu disse para fazer o que é preciso para quebrar a aliança com RYVN e eu quis dizer isso. — Ele se levantou e bateu as mãos sobre a mesa. Tiago ficou em silêncio e Kris olhou para os seus pés, enquanto Dragos lutava com sua raiva. Depois de um momento, ele continuou, com uma aparência de calma, — Coloque-se em contato com Hines, ofereça-lhe um emprego. Ele é um burocrata, ele deve ser capaz de fazer algo que gostamos.

Kris disse:

— Talvez ele possa se juntar a nossa equipe lobista em Washington.

— Vá, — Kris fugiu. Dragos voltou seu olhar quente em Tiago. — E pelo amor de Deus, você vai encontrar esse escorregadio filho da puta para que eu possa destruí-lo em pedaços?

— Estou trabalhando nisso, — Tiago disse. — Ele pode correr de mim, mas ele não pode se esconder para sempre. Nós vamos pegá-lo, Dragos.

Ele olhou enquanto seu sentinela saia. A localização de Urien não estava acontecendo rápido o suficiente. Ele rosnou baixo em sua mesa e fez-se levantar as mãos e começar obter um controle sobre seu temperamento. *Tenho que parar de despedaçar os móveis. Há muitas malditas coisas para fazer. Não há tempo para outra reparação e remodelação.*

Seus pensamentos deslocaram para Pia. Ele olhou pela janela e franziu a testa para a luz do entardecer precoce. Ele saiu do escritório e correu pelas escadas até o apartamento em silêncio. Ele caminhou pelas salas. Ecoou com o vazio.

Ele não gostou. Sua expressão se transformou em uma carranca. Mas o que mais que ele esperava? Será que pensou que Pia estaria aqui esperando por ele quando decidisse a procurar, assim como a um empregado ou um servo? Merda.

Rune, ele disse telepaticamente.

Rune respondeu:

Elas ainda estão no almoço.

Ainda no almoço? Dragos inverteu a direção e foi em direção ao elevador. Minutos depois, ele entrou no Manhattan Cat e fez o seu caminho através do restaurante para a sala Executiva.

Rune e Graydon estavam de cada lado da porta fechada. Graydon saltou sobre seus pés. Rune encostou-se à parede com os braços e os tornozelos cruzados. Dragos pôs as mãos nos quadris e olhou para eles.

Rune disse:

— Almoçaram tofu salteado a uma e meia. Quatro garrafas de vinho. O garçom trouxe uma bandeja de sobremesas de chocolate e uma garrafa de conhaque a cerca de quarenta e cinco minutos. Última vez que a porta se abriu, elas estavam cantando “I Will Survive”.

— O que é isso? — Dragos disse.

Graydon sorriu.

— É um sucesso dos anos setenta de Gloria Gaynor. Eu acho que elas estavam cantando como uma espécie de “união feminina contra ex-namorados do mal”.

Sua cabeça ergueu. Ele tinha um dos pensamentos mais surpreendentes e indesejáveis do século passado.

Eu sou um namorado?

Ele rosnou e empurrou bruscamente a porta aberta.

Pia e Tricks estavam em suas mãos e joelhos no chão, rindo aos trancos e roncoss. As mesas e cadeiras foram atirados contra a parede. Pia estava dobrando uma toalha de mesa branca, que estava coberto com escrita preta.

— Dê-me um minuto, — Pia estava dizendo. — Eu juro que vi isso. Se você dobrar o gráfico justo assim... olha, os nomes coincidem. Todas essas pessoas também dormiram juntas.

Tricks riu.

— Quando você percebeu? Isso é como algo saído de “Tesouro Nacional” ou “O Código Da Vinci”. Precisamos obter alguns óculos estranhos antigos com lentes especiais e, talvez, vamos ver outra coisa. Espere. Aqui vamos nós. — Ela soltou um longo e alto arroteo.

Pia contava através do arroteo.

— ...dez mil e dois, dez mil e três, dez... oops, você ganha. — Ela olhou para a pequena fada com um pouco em espanto. — Onde você colocou todo o esse ar?

— É um dom, — Tricks disse.

O mau humor de Dragos estourou como uma bolha de sabão, e ele sorriu. O rabo de cavalo loiro de Pia tinha afrouxado e deslizou sobre uma orelha. Tricks tinha chutado suas sandálias e dobrou as calças de seda de grife até os joelhos. Ela parecia uma refugiada da Pucci na Quinta Avenida. Ele se encostou na porta e esperou para ver qual delas o notaria primeiro.

Foi Pia. Ela se sentou sobre os calcanhares quando surpresa e alegria iluminou seu rosto.

— Oi.

Surpresa e alegria, um presente embrulhado todo para ele. Ele sorriu para ela.

— Você está totalmente bêbada.

Em câmera lenta pela embriaguez, Tricks reparou nele e os dois grifos em suas costas. Ela gritou e abriu os braços sobre a toalha de mesa.

— Ninguém pode ver isso!

Rune deslizou em torno de Dragos, com a cabeça inclinada em curiosidade.

— Ora, o que é, segredos de Estado?

— Muito bonito! — Tricks começou a enrolar o pano. Rune pegou um canto e puxou. Ela se jogou em cima dela. — Nãoooo.

Dragos os ignorou. Ele se agachou na frente de Pia e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha com uma mão suave. Sua pele pálida estava vermelha, e os olhos brilhantes não conseguiam se concentrar.

— Você vai passar mal pela manhã.

— Nós apenas pensamos... — Disse. A sentença sumiu. Ela olhou para ele com espanto. — Você é o homem mais bonito que eu já vi. Eu também te diria isso se estivesse sóbria. — Então ela lhe deu um sorriso desleixado quando ela balançou a cabeça. Seu rabo de cavalo deslizou mais longe. — Não, eu não o faria. Eu ficaria muito envergonhada.

Sua fúria e frustração de mais cedo deslizou para o passado, como se nunca tivesse existido, uma transmutação alquímica provocada por esta feiticeira embriagada. Rindo alto, ele deslizou as mãos sob os cotovelos e levantou-a com cuidado para seus pés.

— O que mais você está bêbada o suficiente para me dizer?

Ela se inclinou para frente e cambaleou enquanto confessava em um sussurro:

— Você é o homem mais sexy que eu já vi também. Você sabe, sua larga e escamosa cauda réptil é maior do que de qualquer outra pessoa. Não que eu estive com muitos caras. Ou estava fazendo perguntas comparativas ou nada. — Ela soluçou e observou-o preocupada quando ele deu uma gargalhada. — Acabei de cair por um penhasco de conversação?

— Quase. — Ele disse. Ele colocou um braço ao redor dela e guiou-a em torno de Rune e Tricks que lutavam sobre a toalha de mesa.

— Isso está bem, querida. Eu estou aqui para te pegar. Então, com quantos homens já esteve?

Ela levantou dois dedos e olhou para eles com um olho fechado.

— Um deles não conta mais, porque ele está morto. — Ela cutucou-se no rosto com os dois dedos. — Eu não posso sentir meu rosto. Como foi seu dia?

— Bem, — ele disse. Ele capturou a mão dela, recuou um dedo e apertou um beijo contra seu dedo indicador enquanto ele a levava para fora do restaurante. — Foi muito bom.



Na tarde seguinte Pia pôs roupas de ginástica, juntamente com seus sapatos novos. Ela puxou o cabelo para cima e amarrado em um rabo apertado na nuca.

Sua memória da noite anterior era confusa. Lembrou-se de falar e flertar, sentindo-se brilhante, bonita e espirituosa, enquanto Dragos brincava com ela, seu rosto escuro enrugava de tanto rir. Lembrou-se de cair na cama gritando e chutando-o enquanto ele fazia cócegas sem piedade. Lembrou-se de adormecer, enrolado em volta dele, com as mãos em punhos na cascata de seus cabelos.

Ela estava sozinha na cama quando uma ressaca finalmente bateu em sua consciência tarde na manhã seguinte. Ela tinha rolado longe das janelas com um gemido para descobrir um frasco descansando em seu travesseiro. Que tilintava com magia. A nota estava amarrada. Dizia, “Beba-me”.

Essa poção tinha salvado sua vida. Ela esperava que alguém tivesse a amabilidade de obter um para Tricks também. Mesmo com a

ajuda da poção, passou algum tempo antes que pudesse enfrentar colocar outra coisa no estômago. Agora, depois de uma refeição leve, que tinha comido com cautela, ela, Rune e Graydon finalmente iam para a academia como fora originalmente planejado.

Ela abriu a porta. Os dois grifos no salão interromperam a conversa. Suas expressões eram totalmente suaves demais. Ela franziu o cenho.

— Eu fiz ou disse algo ontem pelo qual eu deveria me desculpar?

— Você não, docinho. — Graydon disse. — Mas, aparentemente, um monte de outras pessoas na Torre sim. Rune acha que devemos mudar o nome “Melrose Place”. Eu acho que “Peyton Place” tem um toque mais clássico para ele, não é?

— Oh, não. — Ela disse. — Você pegou a toalha da mesa de Tricks.

Rune sorriu.

— Não antes da merdinha me morder.

Eles pegaram as escadas. Talvez vinte pessoas estavam no ginásio. Alguns trabalhavam em equipamentos e outros brigavam entre si nas duas grandes áreas de treino. Uma área tinha piso de madeira usado, mas bem conservado e a outra foi coberta com colchonetes.

Rune desocupou o espaço coberto com colchonetes enquanto Graydon foi para o vestiário trocar-se. Então Rune foi trocar-se também. Quando ele voltou acenou para ela e Graydon para se colocarem ao centro do colchonete. Ambos os homens usavam camisetas apertadas sem mangas e calças pretas de algodão. Eles pareciam maiores do que nunca quando ela ficou entre eles, totalizando 220 quilos de sólidos músculos Wyr.

Aqueles que Rune havia desalojado ficaram vadiando na borda da área, observando. Pia respirou fundo, tentando dissipar o

nervosismo que tomou conta do seu estômago, muito consciente dos olhares curiosos, e não inteiramente amigáveis, em sua direção. Ela saltou nas pontas dos pés, balançou os braços e as pernas e esticou o pescoço.

Rune disse:

— Bem, vamos por em pratica algumas técnicas básicas de autodefesa. Pia, o principal ponto importante é que nós somos os guarda-costas e nós sabemos o que é melhor. Tem que fazer o que mandamos, quando mandamos. Se eu disser para você abaixar, será muito melhor que se abaixe. Se Gray diz-lhe para cair no chão, você planta o seu rosto. A coisa mais difícil é que um ataque muito provavelmente irá acontecer sem aviso, por isso seguir as ordens sem hesitação ou argumento é essencial.

— Em outras palavras, — Graydon disse, — se dizemos que se abaixar, não erga a cabeça, olhe em volta e diga: 'Hein?' Isso é o que o seu instinto podem lhe dizer para fazer, mas se você está dizendo 'hein', isso provavelmente significa que você está recebendo um tiro na cabeça.

— Certo. — ela disse, olhando de um para o outro. — Nada de “heins”.

Rune disse:

— Gray, fique atrás Pia. Você vai ser o seu atacante. Pia, Gray vai vir atrás de você e agarrá-la como se ele fosse arrastá-la. Eu quero que você preste atenção em quando ele se apodera de você e da posição de seus corpos. Nós vamos trabalhar em maneiras que você pode sair de seu agarre, ok?

— Tudo bem, — ela disse.

Graydon moveu-se atrás dela. Para um homem tão grande ele era bem silencioso com seus pés. Ela se concentrou no chão na frente

dela e continuou a respirar profundamente enquanto afundava em seu treinamento.

Mantenha-se firme, mas flexível, imóvel, mas ainda suave.

Ela chegou por trás com sua consciência e lá estava ele. Ela jogou um bloqueio sobre ele, mais forte do que ela jamais teve em ninguém antes. Ela podia ouvi-lo respirar, sentir sua mudança de peso com a sua intenção. Sua audição, visão, seu senso de todo o ambiente ao seu redor era... mais do que nunca tinha sido antes.

Ele se aproximou dela, desumanamente rápido.

Fluiu como água.

Ela deslizou para o lado, dobrando a cintura, e sentiu a mão roçar ao longo de seu braço. Um giro, e se balançou em um pé, o sentiu estender-se, e essa foi a sua alavanca.

Graydon caiu de costas em um impacto que sacudiu o chão. O silêncio encheu o ginásio, quando as máquinas de exercício diminuíram a velocidade e se detiveram. Ambos os grifos cravaram os olhos nela.

Graydon xingou, deixando a cabeça cair para o tapete.

— Que inferno você fez? Isso não é nenhum movimento Dança Turbo.

Rune pôs as mãos nos quadris e começou a rir.

— Ela te derrubou, foi o que ela fez.

— Eu sinto muito, eu fiz algo de errado? — Ela disse, ficando cada vez mais ansiosa quando eles continuaram a olhar para ela. — Eu não segui ordens, não é? Eu deveria deixá-lo me agarrar?

— Não. Não, eu acho que você fez isso muito bem, — Rune disse. Ele ofereceu a mão para Graydon e ergueu o grifo em pé.

Graydon olhou para ela.

— Tudo bem. Eu estava sonâmbulo foi por isso. A culpa é minha. Você disse que teve aulas, e deveríamos ter escutado. Mas nós vamos fazer isso de novo, docinho, e você não vão conseguir me surpreender desta vez.

Ela assentiu com a cabeça.

— Muito bem.

Eles assumiram suas posições anteriores, ela se equilibrou novamente sobre as pontas dos pés, a cabeça inclinada, enquanto se concentrou no chão. Desta vez, intrigada com seus sentidos aguçados, ela se concentrou em ambos Graydon e Rune. Seu poder e sua energia física fez suas posições fácil de segurar em sua mente.

Graydon se moveu para o ataque, seu corpo letal afinado por séculos incontáveis de combate. Ela correu e deslizou para longe dele. Desta vez, ele tocou nela, serpenteando um poderoso braço para envolver em torno de sua cintura.

Mas ela não estava lá. Ela se moveu, contra o seu ponto, sentindo a força da energia que ele colocou em seu braço e como jogar seu corpo para frente, criar a sua alavanca. O piso trovejou quando ele bateu no tatame.

Ele bateu no chão com o punho.

— Não, porra!

Rune gritou em risadas.

Graydon voltou a seus pés. Foi um show surpreendente de força, agilidade e velocidade para um homem tão grande, e ela recuou. Ele rosnou para Rune.

— Pode rir, idiota. É a sua vez de tentar.

— Pare de ser tão chorão, — Rune disse. Ele mudou de posição em torno de Pia, o predador nele despertado e cheio de sorridente ameaça. — Você está pronta?

Com uma injeção de adrenalina, ela ergueu os ombros em um gesto rápido agitado.

— Dê-me o que você tem, esperto.

Lançou-se, usando tanto astúcia e velocidade, e ela podia dizer que ele realmente não estava se contendo. Ela caiu de costas em uma curva graciosa quando ele a alcançou, e o poder em seu impulso era a sua alavanca. Ela bateu na esteira, e quando ela foi para trás, usou seus pés e uma mão para impulsioná-lo sobre a cabeça. Por um breve momento ele estava no ar. Em seguida, ele bateu no tapete, mesmo quando ela terminou seu salto mortal e parou em seus pés.

Rune tossiu forte, sua expressão congelada. Alguém assobiou e gritou. Distraída, ela olhou na direção do barulho. Seu público batia palmas.

— Isso foi um maldito balé! — Graydon rugiu. Ele bateu-lhe no ombro e jogou-a de lado. Ela gemeu e tropeçou, e ele a agarrou. — Ah, merda, docinho, eu sinto muito. Foi sem intenção. Eu machuquei você?

Ele parecia tão preocupado enquanto ela se estabilizava que não teve coragem de reclamar. Ela esfregou o local onde ele havia batido nela, e ele empurrou a mão para girar o braço e sondar os músculos de seu ombro com dedos cuidadosos.

— Eu estou bem, — Ela disse. — Tudo bem.

Rune rolou a seus pés.

— Vá pegar Bayne e Com, — disse a um de seus observadores, que saiu correndo. Ele andou até ela, os olhos apertados. — O que você estudou?

— Wing Chun, jiu-jitsu, algumas armas, — Ela disse. — Coisas básicas, trabalho com espada e faca. Eu posso carregar e disparar uma arma ou besta. Eu não sou tão boa com um arco longo.

Ele a estudou como se ela fosse um Cubo de Rubik, que ele realmente não tinha entendido.

— Dragos disse que não era uma lutadora.

— Eu não sou. — Graydon se recusou a ser enxotado. Ela desistiu de tentar afastá-lo e deixou-o massagear os músculos de seu ombro. — Não como vocês são. Eu não escolheria uma briga se eu puder evitar, eu não tenho um instinto assassino e eu não gosto das armas.

— Poderia matar se tivesse que fazer?

— Se eu não tiver outra escolha, — ela respondeu sem hesitar. — Acho que eu poderia fazer para sobreviver. Mas caso contrário, todo o meu foco e formação é em ficar longe.

— Excelente. Podemos trabalhar com isso. Qual das disciplinas com as quais você trabalhou você prefere?

Ela considerou.

— Eu teria que dizer que o Wing Chun. Gosto dos princípios da eficiência, praticidade e economia de movimento, e a detecção da energia dos movimentos de seu oponente. É elegante. Eu tive um professor que me disse uma vez que o melhor tipo de lutador era como o haiku, muito livre e simples, uma luta muito curta. Wing Chun parece ter algo dessa filosofia.

Ele acenou com a cabeça.

— O que você diria que é a sua força?

— Isso tem que ser a velocidade. Vamos enfrentá-lo, se vocês estivessem realmente em busca de sangue e tivesse em suas mãos em mim, eu seria história.

— Muito bom. E a sua fraqueza?

Ela inclinou a cabeça, esfregou a parte de trás do seu pescoço e confessou:

— Seguir ordens. Eu não fiz nada disso antes. Vou tentar o meu melhor, mas se um de vocês gritar abaixo, eu poderia acabar por ser aquela idiota que ergue a cabeça acima e diz: “Hein?”

— Bem, isso pode não importar se você fosse o bastante lenta para imobilizar, — Graydon disse. — Temos que gritar abaixo, porque você pode ficar surpresa e tentar saltar abaixo de nós, mesmo que seja para o seu próprio bem.

Ela fez uma careta para ele.

Os outros dois grifos, Bayne e Constantino, se juntaram a eles, enquanto eles conversavam, Pia foi cercada por uma enorme parede de músculos sólidos e atenção masculina. Rune disse-lhes:

— Caras vocês tem que ver isso. Pia, você aguenta mais?

— O que quer dizer, com aguentar mais? — Ela bufou e sacudiu a cabeça. — Eu ainda não comecei a suar, esperto.

— Isso é uma provocação, docinho. — Graydon disse com alegria. Ele estalou os dedos.

Bayne e Constantino se revezaram na tentativa de pará-la. Cada grifo bateu no tapete. Eles tiveram mais sorte quando foram atrás dela em pares. A regata de Pia ficou úmida de suor. Não só eles eram guerreiros formidáveis com séculos de experiência, eles também estavam motivados e aprendem rápido. Muito em breve, ela teria que inflar seu esforço.

Ela mudou para uma velocidade maior, sabendo que precisava aprender ainda mais com eles do que eles aprendiam com ela. Toda a sua atenção estava voltada para os quatro Wyr que estavam determinados a derrubá-la. Enquanto eles riam e faziam um monte de brincadeiras, ela já sabia que o que eles estavam todos trabalhando com uma aula não era um mero exercício, mas poderia ser uma questão de vida ou morte.



Dragos tinha desfrutado de uma noite completamente cativante com Pia. Esta manhã, ele havia sustentado sua suave forma adormecida e viu o sol nascer, e ele tinha descoberto outra experiência nova e estranha, um sentimento de absoluto contentamento e paz no silêncio, um certo conhecimento de que estava tudo certo com o seu mundo.

Isso era tudo no passado. Seu estado de humor dede então já tinha se tornado de cão.

A fortaleza Duende tinha sido abandonada. Não havia ninguém para interrogar. As algemas encantadas tinha desaparecido sem deixar vestígios. O bombardeio de Urien nos meios de comunicação haviam sido pré-gravado. Havia muito tempo que tinha sumido no momento em que teve alguém para investigar o local da entrevista, e ninguém podia identificar o paradeiro do filho da puta. Aqueles investigavam a pista do ex-namorado de Pia e seu corretor de apostas chegaram a um beco sem saída. E o valor das ações das empresas em Illinois continuava a caindo.

Houve também a consideração não tão pequena que se o Rei Fae tinha sido capaz de conjurar um feitiço que tinha encontrado o seu tesouro, então, o local foi comprometido. Não importa se o encanto só

tinha funcionado uma vez e Pia era a única que sabia da localização atual do tesouro. Urien poderia fazer outro encanto, não podia? E talvez Pia fosse a única agora mesmo que poderia navegar através dos bloqueios e defesas de Dragos, mas uma vez que algo é violado era apenas uma questão de tempo até que alguém descubra uma maneira de fazê-lo novamente.

Tão pouco se sabia quem mais poderia fazer um encanto de busca com essa força. Ele pensou em alertar seus aliados Elder sobre o que tinha acontecido, mas se fizesse isso teria que admitir a sua própria vulnerabilidade. Não estava disposto a ir tão longe ainda.

Em cima de tudo isso, a tortura chinesa sobre a água começou logo que ele entrou no seu escritório.

O prefeito de Nova Iorque estava exigindo falar com ele. Ninguém mais poderia fazer. Seus eleitores estavam insistindo que chegaram a um acordo sobre o controle de ruído, de modo que o da semana passada não voltaria a acontecer nunca. Perdedor.

O governador de Illinois o chamou pessoalmente para discutir sua perseguição da sociedade RYVN. Perdedor.

O tribunal Elder tinha emitido uma intimação para ele para discutir seu –ato de agressão– em domínio Elfico, e alegações de outro assassinato em massa de terra Fae. Aparentemente, eles tinham decidido ignorar o fato de que ele não respondia a convocação de ninguém, nunca. Perdedor.

Um mensageiro pessoal já tinha chegado do Alto Senhor Elfico, com um convite escrito para Pia para visitá-los no solstício de verão. Apenas Pia, ninguém mais. Certamente não ele. O Alto Senhor teria o prazer de levantar o embargo comercial com o Wyrkind tão logo recebesse sua aceitação. Por escrito. Perdedor, fodido Perdedor.

Depois, houve as decisões de negócios intermináveis sobre todo o resto. Seus assistentes administrativos e equipes de gestão foram

excelentes. Tudo o que chegou a seu escritório realmente não precisava de sua atenção direta. Como regra geral, gostava de trabalhar com todas as operações internacionais realizadas pelas empresas Cuelebre. Era como jogar vários jogos de xadrez de uma só vez. Mas hoje sentia como usar roupas apertadas sobre a pele esfolada. Ele queria arrancar tudo e arranhar as paredes.

Ele andou. Ele não conseguia parar de pensar em Pia. Lá estava ela, na frente e no centro, não importa o que ele tentava transformar em sua mente. Ele não queria estar trabalhando em toda essa merda. O negócio era chato. Quem da à mínima se as ações das seis empresas de Illinois desmoronaram por um tempo? Não é como se necessitasse de dinheiro. Todas as entidades que procuravam atenção eram como uma matilha de chihuahuas latindo e mordendo os calcanhares. A ideia de procurar outro lugar secreto e mover todo o seu tesouro era uma grave dor na bunda.

E por que não poderia alguém lhe enviar a cabeça de Urien por FedEx?

Ele plantou as mãos na janela e inclinou-se sobre elas, enquanto ele olhava para fora sobre sua cidade. Quando ele perguntou a ela na noite passada se ela estava interessada no trabalho de Tricks de Relações Públicas, a prudência como um ladrão tinha roubado o brilho de seus olhos bonitos.

Ela tinha dito, “Eu vou ter que pensar sobre isso”. Novamente. Como fez ontem, quando ela disse a ele, “Eu acho que eu tenho muito em que pensar”.

O que diabos tinha tanto para pensar?

Ela olhou para ele com o desejo naqueles lindos olhos cor de meia-noite. Ele poderia jurar quando ela o abraçou, foi com sincero afeto. Ela era generosa, se entregava e não guardava nada fisicamente. Ele poderia ficar um pouco louco só de pensar o quão apertado ele

sentia quando estava dentro dela, como ela era bonita quando gozava. Ele endureceu quando lembrava os sons que ela fazia quando eles fizeram amor.

Ele ficou surpreso quando foi falar com ela, o quanto ele queria falar com ela, e lutar com ela era a maior diversão que já teve. Ele a tinha visto apenas algumas horas atrás, droga, e ele não podia esperar para lutar com ela de novo, para falar com ela e ouvir que coisa ridícula ela diria a seguir, abraçar e rir com ela, detê-la e conduzir dentro dela novamente até que não aja mais nada dentro dele, nada dentro dela, exceto seu nome.

Ela era sua. Por que não podia admiti-lo?

Sempre que chegava a esse ponto, sempre que ele achava que tinha um bom aperto sobre ela, era como o encantamento do sonho, quando ela tinha se transformado em fumaça e derretido por entre os dedos.

Os feitiços de proteção em sua mente. Foi aí que ela desapareceu. Ele iria voltar para aquela cidadela elegante. Não podia chegar a ela, a menos que derrubasse a barreira e quebrassem a mente.

Ele franziu o cenho. De alguma forma ele iria descobrir uma maneira de entrar naquela cidadela. Ele faria. O jurava, embora levasse o resto de sua considerável vida, teria tudo dela.

Todo o resto era inaceitável.

Determinado a tentar sacudir a poeira e focar em algo útil, ele abriu a porta e saiu de seu escritório para ver se Kris tinha uma atualização para ele.

Ninguém estava nos escritórios externos. Foi quando ele percebeu o tumulto. Seu ritmo aumentou à medida que ele caminhava pelo corredor. Ele dobrou a esquina.

As pessoas se reuniram no corredor do lado de fora do ginásio. Eles estavam olhando pelas janelas. Quando ele se aproximou um grito subiu, e as pessoas dentro comemoraram e aplaudiram.

Ele afastou as pessoas do caminho enquanto entrava na academia, avistou Graydon e Bayne na borda das esteiras. Os grifos estava com os braços cruzados. Eles estavam assistindo algo no chão e rindo.

Quando Dragos se aproximou, Graydon avistou sobre as cabeças dos espectadores e sorriu.

— Ei, patrão. Obrigado pelo novo brinquedo.

Dragos perguntou:

— Do que você está falando?

Graydon lhe disse:

— Estamos jogando imobilize a herbívora. Nenhum de nós pode descobrir o que diabos ela é, mas caramba, ela é rápida. Até agora é Equipe Grifo está 2 para 10. Engraxe-a e aposto que não poderia imobilizá-la em absoluto.

Ele chegou à borda do tapete e olhou para baixo.

Constantino estava agachado, com os braços estendido, focado no desenvolvimento da luta diante dele.

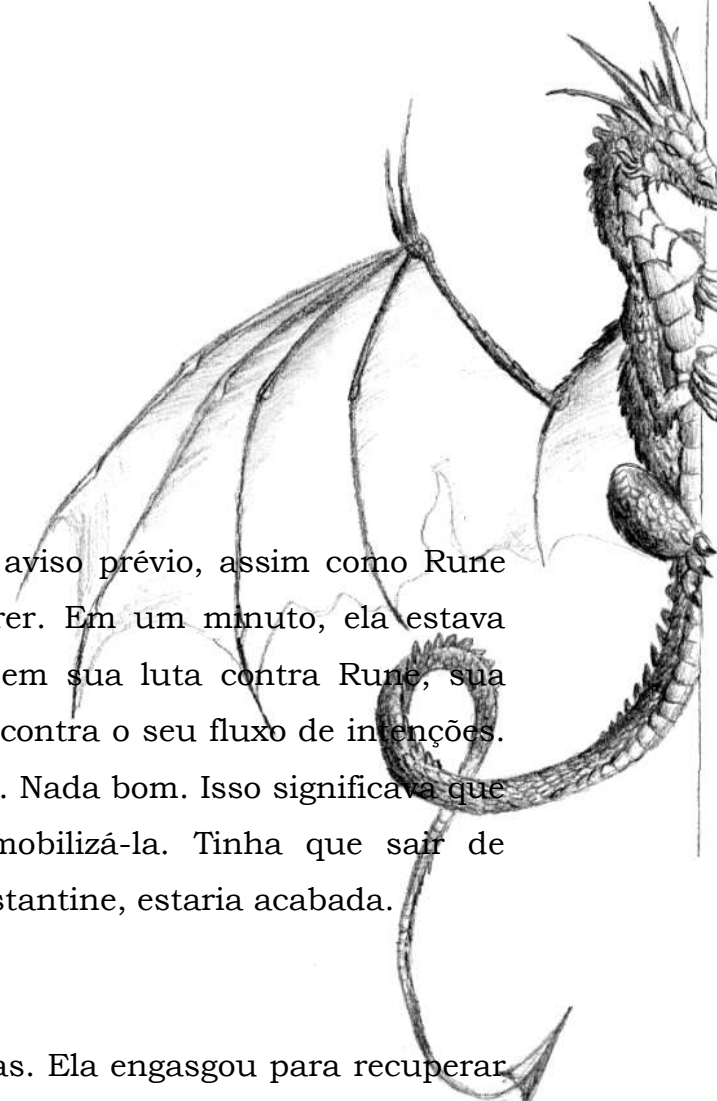
— Agarre-a... Agarre-a...

Rune e Pia estavam em um emaranhado de membros sobre o tapete. O corpo poderoso de Rune tenso enquanto lutava para cobrir o dela. A figura menor de Pia se contorcia e fluía abaixo dele, com o rosto feroz e vermelho. Ambos estavam ofegantes e escorregadios com suor. Pálidos, delgados músculos flexionados quando ela evitou seu alcance. O grifo xingou quando ele trocou com ela, em uma posição que

lembrava muito a que Dragos tinha usado na manhã de ontem, quando a tomou por trás.

O dragão explodiu.

CAPÍTULO 5



O ataque aconteceu sem aviso prévio, assim como Rune disse que poderia ocorrer. Em um minuto, ela estava imersa em um ataque em sua luta contra Rune, sua mente correndo para traçar estratégias contra o seu fluxo de intenções. Ele conseguiu derrubá-la sobre o tapete. Nada bom. Isso significava que ele tinha melhor possibilidades de imobilizá-la. Tinha que sair de debaixo dele rápido, ou, entre ele e Constantine, estaria acabada.

Então, seu peso desapareceu.

Desequilibrada, ela caiu de costas. Ela engasgou para recuperar o fôlego e tentou entender o que estava acontecendo.

Constantine estava esparramado contra uma parede. Ele cuspiu sangue, rolou e conseguiu um joelho debaixo dele.

Bayne empurrava as pessoas para a porta.

— Fora. Todos para fora.

Graydon ajoelhou-se, deslizou um braço ao redor dela e a levantou para uma posição sentada. Ele havia ficado pálido.

— Você está bem, docinho?

Ela disse:

— O que aconteceu?

Ele não estava prestando atenção. Ela seguiu a direção de seu olhar.

Dragos tinha Rune preso à parede, uma mão em sua garganta. Rune estava imóvel sob as grandes garras do homem, braços relaxados e as mãos abertas. Seu olhar alerta estava fixo em Dragos, enquanto seu rosto se escurecia.

Constantine chegou engatinhando e tossiu.

— Ele está matando-o.

Pia encontrou seus pés, evitou Graydon, que tentou agarrá-la, e saltou para a frente.

Não havia nada de racional em Dragos. O dragão olhou por seus olhos. Ele havia mudado parcialmente. As linhas de seu corpo e rosto eram monstruosas, tudo errado. As garras cravavam no pescoço de Rune. O sangue escorria das perfurações.

Ela não parou, não pensou. Ela caminhou até Dragos e tocou em seu ombro para sinalizar sua presença. Ela acariciou seu braço enquanto deslizava sob ele, insinuando seu corpo entre os dois homens. Ela colocou as mãos no rosto estranho e mortal e acariciou suas bochechas.

Seu poder era um inferno. Ela tentou algo que nunca fizera e roçou sua própria energia, mais fria e mais suave, contra a dele.

— Ei você aí. — Ela disse. Gentil, suave. Ela tomou uma respiração profunda, lenta e controlada. — Dragos, eu quero que você olhe para mim agora, por favor. Esqueci de dizer sobre a primeira parte do meu dia de ontem. Mandeí meu personal shopper para alimentar Nova Iorque. O estado, você sabe. Então, teremos uma conta do supermercado muito grande em breve. Desculpe por isso, exceto, bem, acho que eu não me arrependo.

O dragão piscou. Ele olhou para ela. Ela nunca vira algo tão magnífico.

Ela sorriu para ele e alisou o cabelo preto como tinta, enquanto continuava a suave conversa.

— Agora que penso sobre isso, eu aposto que você terá um monte de faturas de compra. Eu não posso imaginar Stanford seja capaz de obter tanta comida a partir de um único fornecedor. Stanford é o comprador. Ele é um Wyr visom. E meu roupão novo é bonito. É de cetim preto, muito elegante e suave. Eu a coloquei, esta manhã, e pensei em você, quando tomei um banho. — Ela colocou a mão sobre os músculos rígidos de seu braço, enquanto se inclinava contra seu peito. — Desça da borda agora. Solte o seu amigo. Você gosta dele. Você se lembrará disso em breve e, então, ficará chateado, se machucá-lo. Além disso, quero que você me dê um beijo, para que eu possa agradecer adequadamente pelo roupão e pela poção que você deixou em seu travesseiro esta manhã. Foi muito gentil de sua parte

Os olhos do dragão se estreitaram. Seu poder mudou para envolver um manto invisível de calor ao redor dela.

— Eu ainda não estou bem da cabeça. — ela sussurrou para ele. Sexualidade brilhou nos ávidos olhos dourados. Ela colocou a ponta de seu dedo entre os lábios e esfregou o interior de uma coxa ao longo da perna dele. — Vamos lá, garotão, você sabe que você quer.

Ele deslizou um braço ao redor dela, segurou seu queixo com as longas garras sangrentas e inclinou a cabeça dela para cima com cuidado primoroso. Ela levantou-se na ponta dos pés, fechou os olhos e ergueu o rosto para ele com total confiança. Sua boca dura roçou a dela.

Ela podia sentir o movimento rápido às costas quando Graydon afastou Rune deles. O grifo engasgou e tossiu. Em seguida, o resto do mundo caiu, quando Dragos aprofundou o beijo. Ela deslizou os braços ao redor de seu pescoço. Ela sentiu a mudança de corpo e fluxo de volta para contornos mais familiares.

Ele deslizou sua boca ao longo da curva de sua bochecha, até sua clavícula, e enterrou o rosto em seu pescoço.

Seu olhar deslizou para o lado. Os grifos haviam se organizado em torno da área. Bayne recostou-se contra uma parede perto de Constantine, que se sentou no chão com uma garrafa de água. Rune foi mais longe, perto dos pesos, limpando o pescoço com uma toalha. As feridas já estavam se curando.

Graydon estava a menos de um metro deles, de braços cruzados, olhando para ela com uma expressão de ansiedade. Bom, talvez fosse um pouco perto demais quando ela estava ocupada em se perder no beijo de Dragos. Ela enxotou-o com os dedos.

Ele balançou a cabeça. Em seguida, ele murmurou,

— Que porra é essa?

Ela revirou os olhos, respondeu articulando

— Eu não sei. — Ela enxotou-o novamente.

O grifo era teimoso quando uma mula. Ele limpou a garganta e disse em voz alta:

— Chefe, você tem que saber que nunca lhe faríamos mal. Nós estávamos apenas praticando algumas manobras de autodefesa. Estava tão bom, começamos a nos divertir, isso é tudo.

Dragos levantou a cabeça. Ele segurou a parte de trás de sua cabeça e puxou-a mais perto, conforme se afastava dos grifos, colocando seu corpo entre ela e eles.

De repente, entendeu. Ele não estava sendo protetor. Ele quase matou seu Primeiro porque estava com ciúmes.

Ela colocou as mãos em seu peito e o empurrou. Ele afrouxou seu aperto. Ela olhou para ele, mas, quando viu a tensão em seu rosto

sombrio, seu reflexo rápido de raiva morreu. Talvez ela não entendesse o que estava acontecendo. Talvez ela nunca entenderia.

Ela se curvou.

— Há algo mais que eu posso fazer?

— Eu preciso falar com meus homens. — ele disse.

Ela inclinou a cabeça e assentiu. Ela olhou em torno do ginásio vazio.

— Tudo bem. Eu gostaria de tomar um banho.

Ele a soltou.

— Vamos todos para o andar de cima.

Enquanto ele falava a seus homens, ela se virou para as portas.

Uma mulher alta poderosa estava no corredor, olhando-os. Armada e vestida de couro, tinha uma beleza estranha, com os músculos magros, cabelos pretos emaranhados e tempestuosos olhos cinzentos. Pia demorou um momento para reconhecê-la. Ela era um dos sentinelas do terraço da torre. Aryal, a harpia.

A mulher se virou, enquanto ela observava, mas não antes que Pia contemplasse o olhar impiedoso e o frio e branco rosto da resolução.



Pia, Dragos e os quatro grifos subiram para o sótão. Pia pegou a caixa Saks da cama e desapareceu no banheiro sem dizer uma palavra. Alguns momentos depois ligou o chuveiro.

Os grifos assaltaram do bar as garrafas de Heineken. Dragos abriu as portas francesas. Ficou na porta enquanto uma forte brisa entrava. O ar fresco era estimulante e calmante.

Rune se juntou a ele e adotou uma postura casual e descontraída, as mãos na cintura, enquanto também olhava em direção à cidade.

Ele disse ao seu Primeiro em voz baixa:

— Eu lhe devo um pedido de desculpas.

O grifo procurou seu rosto.

— Está tudo bem, meu senhor. Eu posso imaginar como as coisas devem ter parecido. Você já nos alertou para tomar cuidado com ela.

— Não, — ele disse. — Não está bem. Está claro que eu não estou no controle. Estou bem ciente que eu não estou agindo ou pensando normalmente, ou mesmo racionalmente.

O olhar de Rune era penetrante, talvez mais penetrante do que ele estava confortável.

— Dragos, — ele disse. — Todos nós já vimos um Wyr agindo desta forma antes, você sabe. Nós apenas nunca vimos você agindo desta forma.

Ele inclinou a cabeça.

— O que você quer dizer?

— Vamos lá, pense nisso. — O grifo disse, um sorriso vincando seu rosto bronzeado. — Quando se vê um Wyr agir de modo muito ciumento, possessivo e obsessivo? Quando têm o temperamento muito volátil? Muito irracional?

Sua boca se torceu.

— Eu sempre fui mal-humorado.

— Bem, sim, você pode ser um filho da puta mal humorado, especialmente quando as coisas não saem do seu jeito. Mas sabe, quando você perde a paciência, tem uma razão. Há uma razão para tudo isso também.

Seus pensamentos retorciam e giravam. Ele considerou o drama que representava quando as paixões Wyr corriam quentes.

— Você acha que eu estou acasalando.

Seu Primeiro encolheu os ombros.

— A possibilidade me ocorreu. Há também muita coisa acontecendo agora. Você está sob considerável pressão. É raro quando você já esteve em perigo real de ser morto.

Ele respirou fundo e assentiu.

Acasalamento. Mmm.

Ele era uma criatura solitária por natureza. Ele pode interagir com os outros, mas, por dentro, ele sempre foi sozinho. Ele respondia ao estresse da constante socialização na vida moderna, escapando para longos voos regulares onde ele poderia perder-se no vento e na luz do sol.

Essa foi a justaposição que o intrigava. Em vez de sentir alívio por escapar da presença Pia hoje cedo, quando a deixara dormindo em sua cama, ele havia sentido sua ausência como uma perda.

Ele sentiu... falta dela.

— Eu acho que tenho muito em que pensar. — Ele disse. A ironia dessa declaração lhe ocorreu, vindo assim que a fez, depois do seu aborrecimento pelo refrão favorito Pia. Ele esfregou o queixo e começou a andar pelo grande quarto. — Apenas... Que ninguém a toque em nenhum momento. Não até eu descobrir isso.

Rune caminhou para se juntar aos outros nos sofás ao redor da lareira e aceitou a garrafa de cerveja que Bayne ofereceu. Ele disse:

— Entendido. A menos, claro, que sua vida dependa disso.

Ele explorou o estranho panorama dentro de si por um momento e concordou com a cabeça. Ele mudou de assunto.

— Ainda não há um cerco sobre a localização de Urien — ele disse. — Não obstante, os Duendes que poderiam ter sobrevivido se espalharam. O prefeito está se lamentando, o governador de Illinois está tentando abrir um túnel pela minha bunda, os elfos estão sendo manipuladores, e... — Ele parou e balançou a cabeça. — Ela não disse que havia alimentado o estado, não é?

Graydon esfregou o rosto, cobriu a boca com a mão e disse abafado.

— Sim.

Rune e os outros não eram tão circunspectos. Eles gritaram de rir com sua expressão. Rune explicou:

– Ela pediu que o comprador abastecesse todos os bancos de alimentos no estado. Para ser honesto, eu acho que o cartão de crédito à assustou um pouco. Talvez ela seja mais o tipo de mulher de flores e doces.

Quando ele fez uma careta, Graydon acrescentou:

— Ela gostou do robe, no entanto. Disse que era muito bonito.

— Tanto faz, — ele disse, descartando o assunto com um aceno de sua mão. — Eu acho que é bastante claro para todos que eu não posso estar perto de muitas pessoas agora ou eu realmente posso rasgar a garganta de alguém.

Bayne resmungou.

— É muito difícil pedir desculpas após a conversa degenerar a esse ponto.

Ele lhes deu um sorriso triste. Ele terminou uma volta em torno da habitação e começou outra.

— Outro dia como o de hoje não vai acontecer. Nós vamos começar a vender alguns dos negócios e conseguir uma vida mais simples.

— Talvez seja uma boa ideia ir para Cartago no norte do estado por algumas semanas, em vez disso, — Constantin disse e, em uma voz cautelosa. Estava se referindo à fazenda de Dragos de um quilômetro quadrado no norte de Nova Iorque. — Você sabe, tirar algumas tardes e voar sobre as Adirondacks, descobrir o que você realmente quer fazer, deixar as coisas na sua cabeça se esclareçam?

— Ir ao Norte do estado por um tempo não é uma má ideia, — ele disse. — Mas tenho algumas coisas agora. Além do fato de que Urien tem que morrer, quero reduzir o tamanho de minha vida e enquanto estamos no assunto, quero que vocês me ajudem a descobrir o que fazer com todo o lixo que eu tenho amontado debaixo do metrô.



Debaixo do chuveiro, Pia sentou-se no banco com a cabeça entre as mãos. Uma violenta reação de medo e adrenalina a golpeou, e ela chorou até sua garganta doer e seu nariz entupir, e não pôde chorar mais.

O último par de dias foi tão cheia de extremos, que sentia como se estivesse sofrendo algum tipo de chicotada psíquica. Tudo era estranho, cheio de correntes ocultas e nuances, com episódios de intensa alegria e, de repente, um brusco aumento na ansiedade e no

isolamento. A realidade tornou-se um caleidoscópio que se quebrava-se e se reconstruía.

Por um tempo, quando a merda tinha batido o ventilador, Dragos foi o seu centro, seu ponto um estável. Estranho, mas ela estava bem com todo o perigo e incerteza que os rodeava. Aqui Dragos era parte de tudo o mais, imprevisível e desconhecido.

Teve momentos de lucidez quando sentiu que estava ligada a ele de uma forma mais profunda do que qualquer um deles compreendia. Ela sentia como se entendia melhor do que ele mesmo.

Então, toda a certeza se deslizava e se agarrava no ar. Quando isso acontecia, ela se sentia quebrada por dentro. Talvez ela fosse o caleidoscópio, quebrando-se e reconstruindo-se. Talvez ela fosse parte de tudo o que era imprevisível e desconhecido.

Ele estava além do esplêndido. Fazia com que sua respiração se prendesse e seu coração disparasse, que seu temperamento queimasse e seu senso de humor se afiasse. Tinha sua sexualidade dançando de alegria.

Ele queria que ela confiasse nele, mas quando poderia confiar em alguém que ela não entendia?

Como poderia amar alguém que admitiu que nem sabia o que era amor, que reivindicou como sua posse e era capaz de quase matar seu aliado mais antigo, mais confiável e amigo?

Espere um minuto. Ela não tinha pensado nisso, não é?

Bem, não era verdade. Ela estava sofrendo de exagerado efeito da síndrome de Estocolmo. Ela admitia ter uma deliciosa loucura por ele. É, não é como se, nesse momento, ela pudesse negar. Mas ela não iria admitir a palavra que começa com A.

Oh Deus.

Ela queria ir para casa, mas não tem um lar. Seu apartamento já não era dela. Outra pessoa pode tê-lo alugado. Mesmo que não estivesse, ela tinha medo de que, se fosse capaz de voltar a esse espaço, iria encontrá-lo apertado, muito pequeno e tão estranho como tudo em que se converteu em sua vida.

O box do chuveiro se abriu. Ela se assustou e se recuou, cobrindo os seios em um gesto reflexivo, quando Dragos entrou completamente vestido.

Ele se ajoelhou na frente dela, segurando o banco em ambos os lados de suas coxas. As linhas graves de seu rosto e corpo musculoso se encharcaram em alguns momentos, o ouro de seus olhos se escureceu. Ela puxou a gola da camiseta encharcada e suspirou.

— O que você está fazendo?

— Você estava chorando de novo. — ele disse. — Por quê?

Ela riu, um som pequeno, oco.

— Dia difícil, eu acho.

— Não desvie. — disse ele. — Diga-me por que.

— E se eu não quiser? — ela retrucou.

— Falta de sorte. —disse. Ele pegou seus ombros e a puxou em seus braços. — Você tem que me dizer para que eu possa aprender a não fazer o que foi que eu fiz.

Maldito. Como ele poderia acabar dizendo exatamente o que ela mais precisava?

— Quem disse que foi você? Eu já disse, tudo me afeta. — Ela colocou o rosto em seu pescoço e o acariciou com o nariz, deleitando-se em sua pele quente e úmida.

— Ainda desviando. — ele disse. Ele pegou a garrafa de sabonete líquido a base ervas perfumadas, esguichou um pouco em uma palma e começou a massagear o pescoço e os ombros dela. — Você estava passando um bom tempo com os grifos. Fui eu.

— Nem sempre estávamos passando um bom tempo, — ela resmungou. Ela engoliu um gemido pelo quão boas suas mãos estavam enquanto ele pressionava os músculos cansados. — Eu tive de exercer uma grande parte do meu charme sobre eles, nos últimos dias.

Seu peito se moveu em uma risada silenciosa. Seus dedos percorriam a pálida forma de violino de suas costas, arrastando a espuma. Ele fez uma pausa e disse em um tom sóbrio:

— Você tem um inferno de uma contusão em seu ombro.

— Não tente isso comigo, — ela disse. Ela esfregou suas costas. — Depois de todo o meu trabalho duro, terminamos nos entendendo muito bem hoje. Eu quero que você saiba que eu estava tendo um tempo perfeitamente esplêndido limpando o chão com eles, quando você interrompeu a festa.

Ele se afastou e levantou-se para retirar as roupas encharcadas e arremessá-las em um canto. Ela olhou para as elegantes e fortes linhas de seu corpo nu, e seu coração começou a bater com força. Não podia lidar com a força de sua reação a ele agora. Desviou o olhar.

Ele sentou-se no banco e a pegou. Ela tentou se afastar.

— Dragos, não. Eu não posso.

— Silêncio. Confie em mim.

Ele a colocou em seu colo e puxou-a em torno de modo que ela estava de frente para ele. Então, ele se inclinou para trás contra a parede, passou os braços em volta dela, deitou sua cabeça em seu ombro e apenas a abraçou. Ela deitou a cabeça no ombro dele também, e ele balançou a ela.

Ele disse:

— Tire isso.

— Você é uma dor na bunda. — Ela suspirou, removendo o feitiço de amortecimento.

— Eu sei. — Ele apertou um beijo em sua clavícula.

Sua ereção pressionada entre eles, mas nenhum deles fez qualquer movimento sexual. Ela soluçou conforme calor e conforto se introduziam através de seus membros.

— E eu sou tão covarde.

— Assim fala a jovem que Rune disse que jogou quatro dos meus lutadores mais duros como se fossem almofadas, — ele disse. Ele esguichou xampu em cima de sua cabeça e ensaboou o cabelo dela. — Eu assustei você de novo, não foi?

— Não. Sim. Ah, eu não sei. — Ela se endireitou e olhou para ele. A água escorria pelos planos duros de seu rosto e pelas pontas de seus cílios negros. — Como você pôde fazer isso com ele? Ele é o seu segundo em comando. Você já o conhece há... por muito mais tempo do que eu posso compreender. Se você pode fazer isso com ele, a quem mais você poderia fazer?

— Neste momento, eu poderia fazer para qualquer um, exceto você. — Ele a levantou de seus joelhos, ficou de pé e se ensaboou. Ele lavou sua virilha e genitais. Ele segurou seu pênis ereto com praticidade, mas ela ainda teve de afastar os olhos de como delicioso ele parecia. Ela terminou de enxaguar o cabelo enquanto ele se enxaguava. Ele desligou o chuveiro.

Ela enrolou os cabelos em uma toalha e se secou com o outra, enquanto Dragos esfregou uma toalha sobre sua cabeça e corpo. A domesticidade da cena era tanto bizarra e quanto sedutora. Ela lutou contra a ceder a um sentimento de pertença. Era uma ilusão. Ela

escorregou no roupão preto Dolce & Gabbana e viu seus olhos se iluminarem com aprovação.

— Por que qualquer um além de mim, — Ela perguntou. — Por que eu sou a única que está segura?

Por que eu posso confiar em você? Queria perguntar. Mas a tensão havia diminuído em seus traços, e ela não queria perturbar a paz que surgiu em seu lugar. Tirou a toalha do cabelo e começou a passar uma escova através do comprimento molhado.

Ele estava atrás dela, uma toalha pendurada ao redor de seus quadris, e tomou a escova dela. Ele penteou o cabelo dela, enquanto o olhava no espelho. A trança molhada no seu pulso era o mesmo tom escuro de mel.

Depois de vários momentos de olhar pensativo, ele disse:

— Você não sabe muito sobre a vida na sociedade Wyr, não é?

Ela balançou a cabeça.

— Eu esqueci como você estava isolada. — Ele beijou sua nuca. — Tudo se esclarece no tempo. Eu prometo. Apenas acredite em mim quando digo que não só eu nunca machucarei você, eu vou protegê-la de qualquer outra pessoa que tente machucá-la.

Ela acreditou. Ela se encaixa com a forma como ele respondeu a ela quando trabalhou para acalmá-lo, com tudo o que ele dissera a ela e com todas as suas ações. Coisas se acomodaram em seus devidos lugares.

— Muito bem, — ela disse. — Mas quando podemos ter certeza de que você não vai ferir os outros, então? Eles são leais a você, Dragos.

— Eu sei que eles são. Eles são homens de bem. Você vai ter que aceitar minha palavra de que eles entendem o que aconteceu antes,

talvez até melhor do que eu. Estávamos todos um pouco descuidados demais hoje. Isso não vai acontecer de novo.

— Pode ser um pouco mais enigmático? — ela perguntou. A irritação trazia o sarcasmo nela como nenhuma outra coisa. — Algumas dessas sentenças fazem sentido, você sabe. O que não vai acontecer de novo?

Ele sorriu.

— Você está com fome? Vamos jantar. Deve estar posto na sala de jantar a essa hora.

Uma vez que ele mencionou a comida, ela percebeu o quanto estava faminta. De repente, se sentia oca e frágil.

— Eu estou morrendo de fome. Tudo que eu tive para o almoço foi uma salada.

Ele franziu o cenho enquanto caminhava para o vestiário.

— Você deve comer mais do que isso. Deve custar um monte de alface e cenoura para acompanhar qualquer tipo de peso normal.

— Muito engraçado.

Ele inclinou a cabeça para ela.

— Eu não sabia que estava fazendo uma piada.

Ela o seguiu e escolheu um top sem mangas vermelha e uma saia branca combinando, salpicada com grandes flores vermelhas. Ela vestiu na calcinha de renda, mas não se preocupou com um sutiã ou sapatos. Os olhos de Dragos brilharam com aprovação quando a viu. Ele se vestira com simplicidade, outra camisa branca de seda Armani com as mangas enroladas e calças pretas.

Eles caminharam até a sala de jantar. Seu estômago roncou com o cheiro apetitoso de carne assada, pão fresco e alho.

Cheiro apetitoso... carne assada...

Uma vertiginosa onda de náusea a golpeou. Mas que diabos? Ela parou abruptamente, apoiou uma das mãos na parede e apertou a outra contra seu estômago quando saliva inundou sua boca.

Dragos se virou. Ele deslizou um braço ao redor de sua cintura.

— O que há de errado?

Ela levantou uma mão enquanto se concentrava em respirar profundamente. A náusea e tontura passou, depois de um momento. Ela se endireitou.

— Eu estou bem.

— Você vai voltar para o quarto, — ele disse. Seu rosto definido em linhas duras. — Eu vou enviar nosso médico Wyr.

— Não, não voltarei, e você não chamará ninguém, — ela disse. Ela puxou contra seu aperto. Ele se recusou a deixá-la ir. — Dragos, por favor. Pare com isso. Eu estou bem. Eu não comi muito antes hoje e apenas... estou com muito mais fome do que eu percebi. Todos os cheiros são bons por aquele caminho, e você quer que eu vá em outra direção? Não é tão mau.

Ele concordou e a soltou com óbvia relutância. Ela levantou as mãos e deu de ombros para ele. Ele continuou a observá-la quando eles foram para a sala de jantar.

Dois lugares estavam colocados numa extremidade da mesa de mogno polido, perto da janela, rodeado por diversos pratos cobertos. Velas brancas foram acesas, e havia um buquê de rosas brancas grandes em um vaso de cristal estriado. O horizonte da cidade era o plano de fundo para o ambiente.

O prazer a inundou.

— Que lindo. Eu adoro rosas.

Ele sorriu.

— Ótimo. Eu esperava que você gostasse. — Ele puxou a cadeira para ela e sentou também.

Um prato de algum tipo de carne assada fatiada estava perto do cotovelo de Dragos, juntamente com batatas e molho. Enjoada e confusa com a visão, desviou o olhar. Perto dela estava um prato de macarrão gravata borboleta com pimentão vermelho e brócolis em molho de alho coberto com “queijo” vegano ralado e uma salada de espinafre coberto com fatias de manga e nozes. Entre eles estava uma cesta de pães de grãos brancos. Uma garrafa de Pinot Noir estava colocada próxima.

Seu estômago deu outra guinada instável, mas ela estava com tanta fome, que, apesar disso, ela se forçou a dar uma mordida da massa. A náusea desapareceu como se nunca tivesse existido. Ela disse:

— Isto é delicioso.

— Se você for gulosa, pode querer sobremesa — ele disse. — Há morangos mergulhados no chocolate.

Ela suspirou.

— Eu morri e fui para o céu.

O silêncio caiu quando eles se concentraram em sua comida. Ela sentiu novamente aquela sensação de estranheza, partilhar uma simples cena tão doméstica jantar com ele. Presa nas garras da fome compulsiva, ela comeu como se não houvesse amanhã. Em seguida, relaxou e foi capaz de pensar novamente.

Sentindo-se hesitante, perguntou a ele sobre seu dia e ficou surpresa e lisonjeada quando ele respondeu com toda a aparência de franqueza imediata. Contou-lhe sobre o desaparecimento de Urien, o

seu conflito corporativo, o prefeito, e os Elfos. Ela mordeu o lábio enquanto inquietação se intrometeu.

— Isso não vai ter uma resolução rápida ou fácil, não é?

Ele a olhou sob as sobrancelhas abaixadas enquanto tomava um gole de vinho.

— Não parece dessa maneira. Pode ser uma boa ideia para nós passarmos algum tempo em minha propriedade rural. Não só é mais sereno e particular, é bem defensável.

Nós. Nós. Suas roupas em seu quarto. Dormindo em sua cama. Ela pensou em seu confronto com o Rei Fae na planície e quando Dragos tinha negado seu instinto de perseguir para que ele pudesse protegê-la.

— Dragos, o que está acontecendo aqui?

— O que você quer dizer?

Ela largou o garfo. Ele olhou para ela, os pensamentos mutáveis em seu sombrio olhar dourado. Depois de alguns momentos, disse:

— Eu gostaria de lhe fazer uma série de perguntas, se me permitir.

Ele deixou o garfo e faca e apoiou os cotovelos sobre a mesa, as mãos frouxamente entrelaçadas, dedos indicadores pressionados contra sua boca.

— Vá em frente.

Ela começou a dobrar a borda do guardanapo de linho.

— Você estaria caçando Urien se eu não estivesse aqui?

— Sim, — ele respondeu sem hesitação.

Por um momento, ela perdeu o fôlego. Uma multidão de implicações tentou abarrotar sua mente. Ela a evitou e se focou em outra pergunta.

— O que aconteceu ao meu apartamento?

— Eu presumo que esta onde você deixou, — ele disse. — Por quê? Você quer alguma coisa dele?

Ela apertou suas mãos.

— E se eu quiser ir embora? E se eu quiser voltar para lá?

— Você prometeu que não faria isso. — Sua voz era firme, implacável.

Justo. Ela começou a plissar o guardanapo novamente.

— E se eu quiser o meu próprio quarto?

Silêncio.

Ela se forçou a continuar.

— E se eu quiser ir ver os meus amigos? E se eu quiser começar a trabalhar no meu trabalho de novo?

Silêncio. Ela olhou para cima e encontrou o olhar do dragão. Ele não tinha mudado de posição, mas suas mãos estavam cerradas. Seus dedos eram mais longas e com pontas afiadas em garras.

Ela não tinha certeza do que mudou em sua emoção com a visão. Ele era uma criatura muito perigosa para ter piedade. Ela se sentia preocupada. Inclinou-se para o outro lado da mesa, estendeu a mão para ele, e disse em uma voz suave:

— São apenas perguntas, garotão.

Ele considerou a mão que jazia sobre a mesa, seus dedos se enroscaram sobre uma palma vazia. Por um momento, que se tornou

mais terrível do que ela poderia ter imaginado, pensou que ele ia ignorar a mão estendida até ele. Em seguida, os dedos longos com garras envolviam com a maior delicadeza em torno dos dela.

Ele disse sem expressão:

— O que você quer?

Havia algo perigoso nesse lugar onde estavam. Ela escolheu suas palavras com muito cuidado.

— Eu não tenho certeza, só que gostaria de saber que meus desejos contam. Eu não quero ser falada na terceira pessoa, enquanto eu estou em pé à direita ou que minha vida seja arranjada sem o meu consentimento. Eu gostaria de entender o que estamos fazendo.

— Isso ajudaria a ambos, — ele disse. Sua boca enquadrada numa linha.

Ela estudou-o.

— Cinco dias atrás, mais ou menos, pelo menos para nós, eu estava em perigo e fugindo de você. Agora minhas roupas estão em seu quarto, nós estamos compartilhando uma cama e eu estou preocupada sobre como eu posso me encaixar aqui. Isso além de tudo o resto quanto a Urien, os Duendes e as relações Élficas. Meu passado parece que está desaparecido. Eu não tenho amigos aqui. Tricks não conta já que ela não vai ficar. O futuro não tem definição, e parece que tudo o que estamos fazendo não tem qualquer contexto ou base para isso.

— Você está certa, o passado já se foi, — ele disse. — Você vai fazer amigos aqui, se quiser. No que diz respeito ao futuro ou qualquer contexto possível ou fundação que possamos ter, você tem que tomar algumas decisões. Eu acho que é melhor fazê-las bem rápido.

Ele falou de forma incisiva como quando lhe dissera como tratar os perigos de sua captura pelos Duendes. Em vez de desanimar por sua

atitude, uma calma profunda se estabeleceu em seu interior. Ela apertou sua mão, e seus dedos devolveram a pressão.

— Muito bem, que tipo de decisões que você acha que eu tenho que fazer?

— Rune acha que posso estar acasalando com você, — ele disse, o dragão ainda à procura de seus olhos. — Eu acho que ele pode estar certo.

Acasalar com ela. Todo o ar saiu do quarto, e suas tonturas anteriores voltaram com força total.

Ela não sabia muito sobre as complexidades da vida em sociedade Wyr, mas sabia que os Wyr nem sempre tinham companheiros. Quando o faziam, era para a vida toda. Foi o que aconteceu com sua mãe, que havia se ligado com um homem mortal. Depois que ele morreu, ela se agarrara à vida por causa de sua filha, mas, quando Pia já não era tão dependente dela, perdeu a vontade de viver e desapareceu do mundo.

— Oh Deus. — Seu rosto estava sem sangue. — Você não pode estar se acasalando comigo. Eu sou um mortal mestiço. Isso vai te matar.

— Isso não parece ser um fator relevante. — soou sereno como sempre, mas ele agarrou-lhe a mão com tanta força que ela não podia sentir seus dedos. — Além disso, o que você é parece estar em questão. Sua mãe era mortal?

— Não até que ela acasalou com o meu pai e ele morreu. — Ela esfregou a testa. — Ela se segurou por um longo tempo. Ele morreu antes que eu tivesse idade suficiente para me lembrar dele. Quando era pequena, eu não sabia de nada. Mas, quando cheguei em idade suficiente para cuidar de mim, eu podia senti-la escapando. Ela não estava interessada mais na vida. Foi uma coisa terrível de se ver.

— Se você é capaz de chegar plenamente em suas habilidades de Wyr, você vai ser o que a sua mãe era.

— Mas e se eu não posso? — Ela sussurrou, olhando para ele com horror escurecendo seus olhos.

— Você é o que é, Pia. — Ele parecia tão destemido como sempre. — Tudo tem um fim. Mesmo eu vou terminar de uma maneira ou de outra. No momento, não vem ao caso. Se você quiser deixar o meu quarto ou minha vida, é melhor você decidir agora. Eu vou fazer o meu melhor para tentar deixar você ir. Se isso é realmente o que você precisa. Eu não posso garantir nada. Isso vai contra todos os meus instintos, porque você é minha.

Seu rugido sacudiu o chão.

Isso a sacudiu também. Ela puxou sua mão, e, depois de um momento, ele a deixou ir. Ela colocou os braços em volta de sua cintura e ficou olhando para o azeite e os pedacinhos de alho coalhado no prato. O silêncio entre eles tornou-se pesado e sulfuroso.

O ritmo rápido de saltos de botas soou no corredor. Graydon virou no canto da sala de jantar em jeans e uma jaqueta de Harley Davidson.

— Ei, chefe, eu tenho o que você queria. — Ele parou e olhou do rosto aflito de Pia à sombria expressão de Dragos. — Eu vou voltar.

— Não. — Dragos ficou de pé em um movimento rápido. — Dê e fique com ela. Eu estou indo para um voo.

Um voo, em um momento como este? Ela olhou para cima e disse:

— Dragos, não.

Sua reação foi imediata. Parou imediatamente e olhou para ela.

— O Rei Fae, — ela disse. — Ele ainda pode segui-lo. Não é seguro.

Ela poderia dizer que não era o que ele queria ouvir dela. A escuridão voltou a seu rosto. Ele disse com brutalidade deliberada.

— Eu estou muito mais seguro por conta própria.

Ela se encolheu e desviou o olhar.

Dragos olhou Graydon.

— Eu vou estar no alcance telepático. — Ele saiu.

— O que isso significa? — Disse. — Alcance telepático. Alguém que eu conheça com a habilidade só pode falar se eles estão a poucos metros um do outro.

— Dragos tem um alcance que é mais quando uma centena de quilômetros, — Gray disse a ela.

Ela empurrou o prato para longe e colocou a cabeça entre as mãos.

Graydon suspirou e veio sentar-se ao lado dela.

— Sinto muito, — ela disse em suas mãos. — Eu sei que você não me quer estar aqui.

— Cale a boca, — ele disse a ela. — Eu estou bem com estar aqui. Eu só acho que seria melhor se Dragos estivesse aqui em meu lugar.

Ela olhou para o grifo sobre seus dedos. Ele pegou a garrafa de vinho e estava olhando para o líquido deixado no interior, seus curtos traços contemplativos. A garrafa estava com um terço completo. Ele inclinou a cabeça para trás e bebeu tudo.

Ela disse:

— Sente-se melhor?

— Não, — ele disse. — Isso levaria uma garrafa de uísque. Ou dois. Foi um daqueles dias, sabe o que eu quero dizer?

Ela assentiu com a cabeça. Sim, amigo, ela sabia.

Ele enfiou a mão no casaco e tirou um pacote envolto em ouro. Dando-lhe uma careta, ele a colocou na frente dela.

— Eu tenho certeza que não era para ir assim, mas tudo bem. Isto é do chefe.

Ela olhou para o pacote elegante.

— Será que vai explodir na minha cara, como tudo hoje?

— Eu não sei. Pode, a julgar pelo que acabo de me intrometer, — Graydon aplanou suas mãos sobre a mesa e se levantou. — Volto já.

Ela pegou o pacote e rasgou o papel. Na caixa preta estava escrito Tiffany & Company. O sentido do bizarro voltou mais forte do que nunca, ela abriu a tampa.

Um colar aninhado em veludo marfim e um anel de pérolas de opala fixado em ouro. As opalas eram maiores do que o tamanho da unha de seu polegar e tinha um brilho diferente de qualquer multicolorido de qualquer outra opala que já vira. As lágrimas formigaram na parte de trás do nariz, ela baixou a caixa e tirou o colar. Ela estendeu os dedos, as pedras piscando com cores intensas na luz de velas.

Graydon apareceu com uma garrafa de uísque debaixo do braço. Ele carregava uma garrafa aberta em sua mão. Ele acenou com a cabeça quando viu a expressão em seu rosto e tomou um gole. Então, ele deu a volta no canto da mesa e sentou-se ao seu lado novamente. Ele deslizou a garrafa aberta para ela.

Johnnie Walker Blue. Tudo bem. Ela tomou um gole saudável e olhou para a garrafa. Porra, era suave. Cortá-lo com gelo seria apenas errado.

— Um dragão me deu uma joia. — ela disse. Ela tomou outro gole e passou a garrafa de volta para Graydon. — Fui adicionada ao seu tesouro?

Ele balançou a cabeça e bebeu mais.

— Não, docinho — ele disse. — Eu tenho certeza que você o substituiu.

CAPÍTULO 16



Ela olhou para o grifo.

— O que você quer dizer?

— Ele está reduzindo o tamanho. Decidiu vender alguns negócios, e está fazendo planos para querer reduzir consideravelmente o tamanho de seu tesouro e movê-lo, ou merda! Eu não sei talvez ele vá abandonar completamente. Diz que quer se livrar do “ruído branco”. — Graydon esfregou a testa. — Eu acho que talvez o inferno realmente tenha um dia frio de vez em quando. Não parece que ele está muito bem da cabeça, não é?

Seus olhos brilhavam molhados. Olhando alarmado, ele estendeu a mão para acariciar a mão dela, então pareceu repensar o gesto.

Ele disse:

— Eu sei que ele não é um cara romântico. Quero dizer ter apenas entregue a mim o seu presente e tudo o mais. Até eu sei que foi fraco, mas eu acho que ele está tentando. Há até lindas flores sobre a mesa e...

Merda!

Sua voz sumiu quando ela apenas olhou para ele. Ele ofereceu-lhe a garrafa. Seu estômago deu outro choque inexplicável. Ela balançou a cabeça. Dobrou o guardanapo e sussurrou:

— Eu preciso de um amigo para conversar.

A voz rouca do grifo tornou-se suave.

— O que eu sou, fígado picado? Você me deu uma surra esta tarde. O que praticamente nos faz amigos em meu livro.

Ela pegou o colar de novo, girando-o de modo que brilhou na luz.

— Eu não dei uma surra em você!

— Se você tivesse uma pitada de maldade em seu corpo, você poderia fazê-lo. — Graydon disse a ela. — Agora Rune está vasculhando a cidade em busca de um especialista em “Wing Ding” para nos treinar. Vamos todos aprender a usar a corrente ou qualquer porra que você disse que utilizava. Acha que nós vamos parecer tão bonito quanto você ao utilizá-la?

— Sem chance. — Ela disse, sorrindo, enquanto olhava para ele de esguelha.

Seus olhos cinzentos determinados sorriram de volta.

— Isso é o que eu disse também. O cara gasta uma hora todas as manhãs arrumando seu cabelo com cuidado. Eu estou te dizendo. Produtos de cabelo para os homens? Isso não está certo!

Ela riu. Um silêncio amigável caiu entre eles. Ela brincava com o colar enquanto ele esparramado em sua cadeira bebia o uísque.

— Então... — Disse o grifo finalmente. — Conte ao tio Gray tudo. Dragos feriu seus sentimentos ou algo assim?

— Uau, isso seria simples. — Ela disse. — Lembra-se, fizemos isso, vamos fazer isso de novo em breve, eu imagino. Ele disse que pode estar acasalando comigo.

— Oh! — Graydon disse. — Isso.

— Sim, isso. — As palavras começaram a brotar dela. — Nós nos conhecemos há alguns dias, e ele tomou conta da minha vida. Exige

que eu confie nele, diz que sou sua, como se fosse sua propriedade. Ele ainda não sabe o que eu sou e isso o está deixando louco.

— Bem, nenhum de nós sabe isso, docinho. Nós não podemos entender você e você não está disposta a falar sobre isso. — Graydon bebeu um pouco mais.

— Eu tenho meus motivos. — Ela estremeceu. — E eu sou uma híbrida. E isso vai matá-lo se eu não fizer uma mudança completa.

— Então vocês dois falaram sobre isso e ele partiu? — Graydon disse. — Não soa muito bem.

— Bem, não. Ele disse que eu tinha que decidir rápido sobre o que eu queria, para que ele pudesse tentar me deixar ir. Em seguida, disse que não tinha certeza de que poderia. Depois, saiu. Por outro lado, há o Rei das Fadas para me preocupar, e isso é tudo tão estranho. — Ela agitou as mãos em um gesto destinado a incluir tudo. — Eu mal conheço alguém aqui, e parece que eu já despertei ressentimentos. Tudo o que minha mãe me ensinou foi a correr e esconder-me. Isto não é correr e esconder-se. Isso é loucura.

— Ei, não seja o tipo *motivo para viver comigo*. — Graydon disse. — Vamos deixar de frescurinha por um minuto e desvendar as coisas. Preocupe-se com Urien, ele é um fato perigoso na sua vida no momento, mas ele não é parte do problema real, não é mesmo?

Depois de um tempo ela negou com a cabeça.

— Tudo bem. Agora, quem te odeia? Nenhum de nós o faz. Você é com certeza uma virada de jogo, e eu admito que nos pegou de surpresa. Não aceitamos bem a ideia a princípio e alguns das sentinelas continuam mal-humorados sobre isso. Mas vamos nos adaptar. Mudanças acontecem. Isso não quer dizer que não haverá outros com quem terá problemas com o acasalamento de Dragos. Ele é muito poderoso, financeiramente, politicamente e magicamente, eu não vou

mentir para você. A Política do Tribunal pode ser muito espinhosa. Você tem que saber que é parte do pacote.

Ela estreitou seus olhos sobre ele, lembrando-se da mulher fora do ginásio. E descreveu a mulher para ele.

— Essa é uma das sentinelas, não é? Parecia que ela tem um verdadeiro ódio por mim.

Ele bateu as pontas de seus dedos contundentes contra a garrafa, franzindo a testa.

— Essa é Aryal, e sim, ela é uma de nós. Não é que ela te odeie exatamente. Harpias só não são conhecidas por serem compreensivas. Dê-lhe tempo. Ela encontrará a razão.

Ela assentiu com a cabeça.

— Tricks mencionou alguns predadores impetuosos.

Ele sorriu.

— Sim, há um rebanho magro e com fome de leão Wyr na divisão de direito societário. Eles trazem um significado novo e abrangente para a palavra “mal-intencionado”, mas eles têm o seu lugar. Se alguém lhe der algum problema, tudo que você precisa fazer é deixar-me saber e eu vou cuidar disso.

— Obrigada. — Ela deu-lhe um olhar irônico. Não lhe disse, mas se ela iria viver aqui, teria que lutar suas próprias batalhas e esculpir sua própria imagem.

Ele disse:

— Isso pode ser difícil, mas tudo é simples ao mesmo tempo. Você sabe ao que se reduz. Você quer Dragos ou não? Você o quer o suficiente para superar o que sua mãe lhe ensinou e baixar guarda, para aguentar toda a merda dele, o Tribunal Wyr, e lidar com o que o

futuro reserva? Ou você quer fugir e deixar tudo isso para trás? Isso é tudo que você tem que descobrir. O resto vai se resolver com o tempo.

Ela tentou imaginar fugir e começar de novo. Poderia ir para o sul. Estaria sozinha. Ela sabia, sem nunca discutir que se dissesse adeus a Dragos, não haveria segunda chance. Ela disse:

— Está tudo acontecendo muito rápido.

— Muitas vezes, o vínculo de acasalamento Wyr faz isso. Eu conheço situações em que isso aconteceu no instante em que dois Wyr colocaram os olhos sobre o outro. Porém, há alguns obstáculos.

— Você conheceu alguma vez em que o vínculo de acasalamento aconteceu com uma pessoa e não com a outra?

Ele soltou um suspiro.

— Essa é uma pergunta difícil. É mais complicado se um Wyr se vincula a um não-Wyr, como um ser humano, uma vez que os não Wyr não passam pela mesma experiência que nós. Quanto ao acasalamento Wyr, lembro-me que uma vez há uns duzentos anos atrás, não deu certo. Pelo menos eu acho. Eles estavam passando pelo processo de ligação ou estavam apenas tendo relações sexuais. Ela se matou quando ele não a possuiu.

Sua testa franziu.

— Isso é terrível.

— Fale-me sobre isso.

— E se eu permanecer mortal?

Ele deu de ombros.

— Dragos não parece estar fugindo por causa disso. Você vai negar a si mesmo um companheiro e a chance de felicidade só porque você vai morrer algum dia?

— Isso é diferente. Eu vou morrer de uma forma ou outra, isso eu não posso mudar. Parece apenas terrível pensar que Dragos morreria por minha causa.

Ele encolheu os ombros e olhou as mãos, quando ele virou a garrafa de uísque em círculos.

— Não existem garantias na vida. Só porque alguns de nós possuímos excepcionalmente longa duração e nos chamamos de “*imortal*” não significa que não podemos morrer. Apressar-me-ia em aproveitar a chance de ter uma companheira, mortal ou não. A maioria de nós, você sabe. Nós nunca esperamos que acontecesse com Dragos, mas eu aposto com você que até o último de nós está pensando que sortudo filho da puta ele é.

Eles ficaram em silêncio novamente. Então ela deslizou a mão para tocar a parte das costas dele.

— Obrigada, Gray. Você é um bom ouvinte e um homem sábio.

Ele pegou sua mão e depositou um beijo contra seus dedos.

—Shh! — ele sussurrou sobre sua mão, franzido os olhos. — Não diga a ninguém.

Ela sorriu para ele.

— Seu segredo está seguro comigo.

Ela foi tentada a mudar para roupas de ginástica e passar uma hora em uma esteira, mas depois o cansaço tomou conta dela. Tinha sido um dia longo e os grifos já tinham dado a ela um bom entretenimento antes que Dragos os parassem.

Sob os protestos de Graydon, ela colocou o colar de volta à caixa, limpou a mesa de jantar, colocou as sobras na geladeira grande de aço inoxidável e os pratos lavados e empilhados na máquina de lavar

louças. Então, ela decidiu esperar pelo retorno de Dragos na biblioteca. Rune veio a se juntar a eles enquanto ela folheava os volumes.

Ela cumprimentou-o, pegou um livro de história antiga dos Wyr e se enrolou para ler em uma poltrona de couro grande. A cadeira era a parte mais maltratada do mobiliário na sala, o couro marrom escuro amanteigado suave e tendo um fraco, mas inconfundível cheiro familiar masculino. Ela podia imaginar Dragos relaxando neste lugar enquanto lia suas revistas científicas. Rune e Graydon respeitaram seu desejo tácito de privacidade se estabeleceram no outro lado da sala para jogar xadrez.

Depois de um tempo ela deixou o livro descansar sobre seu peito enquanto fechava os olhos.

Um toque suave em seu ombro a acordou. Rune estava agachado perto de sua poltrona, com olhos amáveis. Ela espreguiçou-se na cadeira e bocejou.

— Que horas são?

— Passam das duas. — Ele disse. — Você parece abatida. Por que não vai para a cama? Melhor ainda, Dragos disse que ia ficar na faixa telepática. Você poderia chamá-lo de volta, se quiser.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não quero fazer isso. Ele precisava de espaço. Teve um dia difícil. E eu não quero ir para a cama sem ele. — Os olhos dela começaram a se fechar e ela os obrigou a abrir. — A menos que vocês rapazes precisam ir para a cama?

Ele sorriu.

— Ficaremos de pé até ele voltar. Não se preocupe conosco, estamos bem.

Ela assentiu com a cabeça e sentiu um calor suave quando ele colocou um cobertor de cashmere jogado ao seu redor.

— Obrigada.

— Obrigado, Pia.

Ele caminhou de volta para a mesa de xadrez e Graydon.

Ela fechou os olhos novamente. Logo ela estava caminhando em uma floresta muito antiga, respirando seu perfume de barro fresco. Um pequeno, perolado, luminoso dragão estava envolto ao redor de seus ombros como uma estola. Ela acariciou uma graciosa perna sinuosa, e o dragão levantou a cabeça para olhar para ela com belos olhos azul violeta escuro. Ela estava cheia de emoção, quando olhou em seus olhos inocentes bem abertos.

Eu te amo, disse o pequeno dragão.

Ela beijou seu focinho delicado.

Eu também te amo, amendoim.

Ela acordou totalmente em um sobressalto e sentou-se, olhando ao redor. Por um momento, ela se sentiu desorientada e abandonada quando colocou a mão no pescoço e nos ombros vazios.

Graydon e Rune observavam do outro lado da sala. Os dois homens estavam bem acordados e alerta. Graydon disse.

— O que aconteceu?

Ela balançou a cabeça.

— Apenas um sonho.

Eles ficaram esperando.

— Que tipo de sonho? — Rune perguntou, com olhos penetrantes.

Ela franziu a testa para eles, não queria compartilhar. – Não aconteceu nada. Foi apenas um sonho.

Ambos olharam para o teto.

— Dragos está de volta. – Graydon disse a ela. — Está vindo até aqui.

— Tudo bem. — Ela disse, magoada por que Dragos não tinha contatado com ela telepaticamente e determinada a não deixar que isso tivesse importância. Agora não era o momento para sensibilidades. Na verdade, enquanto permanecesse na Torre ela devia abandonar completamente qualquer delicadeza que pudesse ter.

Dragos entrou e a atmosfera na sala ficou elétrica. Ele parecia revigorado. Olhou para os grifos e movimentou o queixo em direção à porta, e eles saíram enquanto ele andou a passos largos e se agachou na frente da poltrona. Ela deu-lhe um sorriso hesitante quando ele apoiou os braços sobre os braços da cadeira e a olhou. Seu olhar era mal-humorado, com a boca apertada.

— São quase quatro da manhã. — Ele disse. — Se você queria muito evitar minha cama, deveria ter dormido em um dos outros quartos.

Seu sorriso desapareceu. Ela se esforçou para sentar-se direito e puxou a caixa de joias para fora sob o livro aberto. Em seguida jogou a caixa para ele. Golpeando seu peito.

— Eu estava esperando para agradecer o presente. — Ela retrucou. — Que você mesmo, oh, a propósito, não me deu. Mexa-se.

Ele ficou agachado à sua frente, com os olhos apertados.

Aproximou o rosto do seu, dando-lhe um olhar intenso. Ela mostrou os dentes.

— Você disse que sairia do meu caminho.

Ele agarrou-a contra seu peito e baixou a boca sobre a dela. Ela lutou, conseguiu livrar um braço e bater-lhe no ombro. Ele agarrou-a pela parte de trás da cabeça para mantê-la imóvel enquanto a devorava. Ela rosnou contra sua boca e lhe deu outro tapa mais fraco. Obrigando a abrir seus lábios e introduziu sua língua mais profundamente.

Maldito seja! Ela lançou o braço livre ao redor de seu pescoço e beijou-o de volta furiosamente. Toda a eletricidade na sala disparou em seu corpo em um ataque estrondoso.

Depois de um momento ele relaxou, virou-se mais suave. Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes e o mordeu com força.

Ele afastou-se, com os olhos dourados queimando. Tocou os lábios, olhou para a mancha de sangue em seus dedos, e contraiu o rosto de tanto rir. Disse:

— Você gosta de meus beijos.

Ela não tentou negar.

— Bem, há muitas coisas acontecendo por aqui, além disso. Ainda continuo irritada. Não é o que quer. Veio aqui procurando comprar uma briga? Como espera que eu confie em você quando age como um porco?

Ele não gostou disso e a fulminou com o olhar. Impressionado com a força e ferocidade da expressão, ela olhou para ele fixamente. Se fosse encontrá-lo pela primeira vez e ele olhasse para ela assim, ela viraria e fugiria antes que se pudesse dizer *Kentucky Derby*. Como as coisas tinham mudado.

Afrouxou o aperto sobre ela. Recuou sobre os calcanhares. Ela se endireitou e inspecionou o livro aberto que tinha ficado esmagado entre eles. Algumas das páginas haviam se dobrado. Ela alisou-as e,

em seguida, colocou o livro em uma mesa próxima. O tempo todo estava focada nele agachado perto demais na frente dela.

— Sinto muito. — Ele disse.

Sua raiva não morreu tão rápida só porque ele sabia quando dizer a palavra “desculpa”. Mas ela não quis começar a aumentar as coisas novamente, então apenas balançou a cabeça. Talvez supondo que falar com ele havia sido um erro. Ela evitou seu olhar quando dobrou a manta e colocou-a sobre o braço da cadeira.

— Pia. — Ela olhou para ele. Ele segurou a caixa de joias para ela. — Eu tenho um presente para você.

Manteve a coluna ereta, mas derreteu como amido. *Maldito novamente.*

— Você tem?

Ele abriu a caixa e tirou o colar. Ouro e o fogo do arco-íris brilhavam em seus dedos escuros e foi refletido no brilho de seus olhos.

— É um belo presente. — Disse a ele. — Obrigada.

— Eu gostaria de colocá-lo em você.

— Tudo bem. — Ela disse.

Ela puxou o cabelo com uma mão e segurou-o de lado, quando ela virou na cadeira. Seus dedos trabalharam em sua nuca, garantindo o fecho. Então o peso do colar repousou no lugar em torno de seu pescoço, muito mais pesado do que as finas correntes a que ela estava acostumada. Foi mais do que uma gargantilha e caiu para o topo de seus seios. Ela olhou para ele e tocou uma das pedras.

Seus dedos acariciaram o espaço na base do pescoço e arrastaram ao longo de sua pele.

— Encantador. — Ele sussurrou. Inclinou-se e baixou a cabeça para depositar um beijo na sua garganta. Ela acariciou o cabelo preto, com os olhos semicerrados.

Ele recuou. As linhas de tensão circulavam sua boca novamente.

— Você quer ficar ou não?

— Eu vou ser honesta com você. — Ela disse a ele. — É difícil querer ficar quando está sendo impossível. Mas eu não quero ir.

Seu olhar brilhou com o triunfo de algo, ou alívio, ou talvez ambos. Ele começou a puxá-la de volta a seus braços.

— Espere. — Ela apoiou as duas mãos sobre seu peito. — Eu não terminei. Não vejo como podemos terminar esta conversa até que algo mais esteja concluído.

— E o que é isso? — Seus olhos se estreitaram.

— Eu preciso saber com certeza quem e o que eu sou. Nós dois precisamos saber. Isso tem que vir antes de qualquer outra coisa. Você pensa que quer que eu fique, mas e se você mudar de ideia? — Ela colocou os dedos sobre sua boca quando ele começou a falar e disse: — Não importa o que você diga agora, uma vez que isto é realmente sobre mim. Eu não vou ser capaz de confiar nas coisas entre nós, até que eu acredite que você sabe quem eu sou. Inferno! Até que eu saiba quem sou. Eu quero que você me ajude a tentar mudar, por favor.

Ele segurou a mão dela e tirou os dedos de sua boca.

— Posso falar agora? — Ele exigiu.

Ele parecia louco novamente. Ela se perguntou se alguém já tinha dito antes que não importava o que ele dissesse ou pensasse. Ela umedeceu os lábios e disse:

— Sim.

— Tudo bem. Você quer fazer isso, vamos fazer isso agora. — Ele levantou-se e puxou-a para si.

— Agora? — Ela olhou para um relógio na parede próxima. — São quatro e meia da manhã.

— Qual é a maldita diferença que isso faz? Eu não vou dar-lhe tempo de sobra para analisar as coisas e se acovardar. Você cochilou, não foi? — Ele pegou-a pelo pulso e saiu pela porta.

— Bem, sim. — Ela correu para acompanhá-lo. — Maldito seja! Isso é outra coisa. Você tem que parar de me arrastar por aí como um saco de batatas. — Sempre era algum tipo problema com ele por ser super macho.

Ele diminuiu para unir seus dedos aos dela.

— Melhor?

— Talvez. — Ela resmungou.

Ele a levou para o quarto e para o armário.

— Você vai querer colocar um jeans e alguns sapatos, talvez pegar um casaco ou uma jaqueta. Há Outra Terra próxima num voo de quinze minutos a oeste da cidade. Eu usei-o antes para esse tipo de coisa. Não é muito grande, mas lá magia é forte e constante.

— Tudo bem. — Ela entrou em seu closet e parou. Nervos começaram a dar nós em seu interior.

Ela iria deixá-lo conduzir a fazer isso agora?

Sim. Porque ele estava certo, ela analisava demasiado e já estava tentado se acovardar. Foi difícil o suficiente tentar por conta própria e não mudar. Tanto que parecia estar em risco com isto.

Não se dando a chance de pensar, ela arrancou sua saia e pulou em uma calça jeans. Sentou-se no chão para dar um puxão nas meias e

em seus novos tênis, em seguida, pegou um moletom com zíper preto. Depois, ela retirou o colar de opalas com cuidado e colocou-o sobre a cômoda ao lado de seu pequeno porta joias. Ela entrou no banheiro para escovar os cabelos duas vezes, e prendeu o comprimento de volta em um elástico de cabelo.

Dragos apareceu na porta do banheiro. Ele mantinha os jeans e havia trocado a camisa Armani, por outra camiseta preta que moldava o seu peito musculoso. Usava botas pretas e tinha uma arma no coldre em sua cintura e uma espada amarrada às costas.

Ela parou de repente com a visão.

— Ok.

— É apenas uma precaução, Pia. Estamos deixando a cidade. — Ele falou. — Nós não vamos longe, os grifos estão indo conosco, e nós ainda vamos estar bem dentro do meu domínio, mas você tem que se acostumar com isso. Sair armado é um fato da vida agora.

— É claro. É apenas outra coisa para me acostumar. — Ela olhou para o coldre. — Uma arma?

— É para qualquer problema que possa acontecer neste lado da passagem. Eles são seguros o suficiente para carregar, se você não atirar do outro lado.

Ela fez uma careta.

— Acho que vou me adaptar.

— Você está fazendo mais do que bem com tudo isso. — Disse a ela. — Eu estou orgulhoso de você.

Ela sorriu para ele enquanto o prazer brotava. Ela achou que era uma medida de quão longe ela foi e de como seu elogio poderia afetar a ela. Mas ela também suspeitava de que ele não oferecesse rápidos elogios livremente ou com frequência.

— Tudo pronto? —Questionou.

— Sim. — Desta vez, quando ele tentou agarrá-la, estava pronta para ele e segurou sua mão.

Bayne, Constantino, Graydon e Rune estavam armados e esperando por eles quando subiram para o telhado. Ela olhou de um para outro. Eles estavam relaxados e alertas e não davam indícios de que serem chamados antes do amanhecer era algo incomum. Graydon piscou para ela e ela deu um sorriso incerto.

Ela não tinha imaginado ter bastante audiência, quando tentou mudar novamente. Ela se esforçou para não deixar que isso importasse, mas a terrível sensação de exposição mais cedo naquele mesmo dia voltou, transformando seu nervosismo em medo.

Dragos caminhou com ela até o centro do telhado. Algum sinal passou entre os homens que ela não entendeu. Os quatro sentinelas mudaram para grifos. Ela perdeu todo o sentimento de medo quando a admiração a invadiu e ela os admirava. Eles tinham o corpo de um leão e cabeça e asas de águia. Nenhum desenho de algum grifo que ela já tinha visto antes conseguiu capturar sua majestade estranha ou dignidade feroz. Eles eram menores do que Dragos em sua forma de dragão, mas ainda enorme para os olhos, elegante cada um com o corpo musculoso do tamanho de um SUV.

O *Poder* de Dragos brilhou em sua volta. Ela se virou e olhou para o dragão de bronze e preto e esqueceu tudo sobre os grifos. Ele abaixou a imensa cabeça triangular, com chifres para ela. Ela estendeu as mãos sobre o focinho, os olhos brilhantes.

Ele deu-lhe uma cutucada com muito cuidado e baforou. Ela apertou um beijo para a pele quente entre os dedos. Ele a pegou, se lançou sobre as poderosas pernas e saiu da Torre.

Assim como Dragos havia prometido, o voo foi curto, o que foi bom, já que foi tão desagradável. Ela manteve os olhos fechados, para

não ter que olhar para a paisagem urbana movendo-se abaixo. Ela respirava pela boca, em um esforço para controlar a náusea que brotava quando eles levantaram voo.

Depois de cinco minutos ou mais as náuseas violentas desapareceram e ela sentiu-se acostumar ao voo. Eles já tinham passado sobre o rio *Hudson* e cruzaram sobre *Nova Jersey*, os grifos voavam em uma formação de proteção em torno deles. Não demorou muito até que se inclinaram e começaram a descer.

Ela tentou dar sentido ao que estava vendo. Um orvalho de luzes elétricas que cobriam a terra apareceu à frente deles, e uma massa mais escura se levantou na frente deles contra o céu noturno. Ela perguntou:

O que é isso?

A Primeira Montanha Watchung, disse Dragos. *Esta é uma passagem curta, apertada ao longo de um desfiladeiro profundo. Segure-se.*

A sensação da magia terrestre veio rápida. Os grifos caíram para trás quando entraram em uma descida íngreme e desceram muito baixo. Eles passaram por entre as árvores que circundavam as bordas de um barranco. Ela poderia ter jurado que as pontas das asas de Dragos roçaram as bordas rochosas de ambos os lados.

As luzes na distância atrás deles vacilaram e desapareceram, e ela percebeu que haviam atravessado para outra terra. Dragos subiu na altitude, mas apenas por mais alguns minutos. Logo desceram em uma grande clareira.

Ela encontrou terra sob seus pés quando Dragos colocou suas pernas no chão. Ela olhou ao redor, deleitando-se com o vento e o silêncio. O céu da noite deste lado da passagem estava cheio de nuvens transparentes. O brilho da terra mágica era mais forte como ela nunca havia sentido antes. Chamou-a em uma maré de lua prateada,

despertando a criatura que vivia enjaulada dentro de si gemeu e se lançou contra o interior de sua pele, lutando para sair. Ela olhou para a silhueta registrando as árvores que ondulavam e balançava ao vento, querendo saber como esta pequena joia de lugar seria à luz do dia.

Dragos mudou, mas os grifos não. Eles começaram a vigiar os quatro pontos ao redor da clareira. Dragos ficou atrás dela. Colocou os braços em volta dela, puxando-a de volta contra ele. Ela respirou fundo, cruzou os braços sobre ele e encostou a cabeça contra seu peito. O sangue correu muito rápido em suas veias. Ela disse:

— Sinto que estou em casa e no exílio, ao mesmo tempo. Eu gostaria de poder me acalmar.

— Nós temos tempo. Nós não vamos apressar isso. E isto não é uma situação de tudo ou nada. Se não funcionar na primeira vez, vamos aprender com ela e tentar novamente. — Sua voz era tranquila e pacífica. Ele deu um beijo em sua testa. — Eu vou dizer-lhe algumas coisas agora. Algumas delas são coisas que eu sei, e outras são apenas minhas opiniões. Eu quero que você me escute: Eu não estou pedindo para você fazer nada. Se você quiser virar agora e voltar para Nova Iorque sem tentar, nós vamos fazer isso. Tudo bem?

Eu te amo, ela quase disse. Porém pegou as palavras de volta a tempo e em vez disso deu-lhe um aceno brusco.

— Você terá mais chance de mudar, se me der o seu verdadeiro *nome*. — Seus braços a apertaram, embora ela não houvesse se movido. — Eu não estou pedindo para você me dar o seu *nome*. Podemos tentar isso sem ele. Eu só estou dizendo a você que eu possa ajudá-la melhor se souber. Às vezes os híbridos são pego no meio da transição e eles são incapazes de completar a mudança. Se isso acontecer eu posso trazê-la de volta com o seu nome.

— Tudo bem. — Ela disse, com a respiração entrecortada. — O que mais?

— Eu estive pensando nisso. Eu sei que sua mãe colocou magias de proteção em você. Eu pude senti-los imediatamente quando eu tentei prender você. Há quanto tempo você possui eles?

— Desde quando eu me lembro. — Ela respondeu. Ela inclinou a cabeça para trás para olhar para ele. Sua cabeça estava escura contra o céu da noite, mas ela podia ver as linhas tênues de seu rosto e o brilho escuro de seus olhos. — Mamãe estava sempre preocupada que algo pudesse acontecer com ela antes que eu crescesse. Ela também estava preocupada sobre eu ser uma híbrida, já que eu não era tão forte quando ela era e eu não poderia fazer metade das coisas que ela podia. Eu acho que ela se sentia culpada por eu ter nascido.

Sua mão rodeou sua garganta embaixo de seu queixo. Ele beijou sua boca. — É claro que a amava muito e tudo o que ela queria fazer era mantê-la segura. Ela nunca quis te machucar de modo algum.

— Ela o fez. — Disse Pia.

Dragos continuou:

— Eu não sei ao certo, mas eu estou supondo que a magia de proteção está impedindo a sua alteração. Eles estão muito bem tecidos em torno de seu núcleo. Assim, da maneira que eu vejo você tem duas escolhas. Você pode tentar mudar do jeito que você é, e por tudo que eu sei você será capaz. Mas se você quiser dar este tiro mais forte, eu acho que você deveria, pelo menos, remover as magias de proteção enquanto você tenta mudar. Compartilhar seu nome é outra questão. É um passo muito radical. Mas quero que saiba que está sobre a mesa também.

Pânico tomou conta dela novamente. Ela lutou contra um impulso irresistível de fugir. Que diabos ela estava fazendo? Estava indo na direção oposta de tudo que havia aprendido. Ela apertou os dentes.

— Dê-me um minuto.

— Não tenha pressa. — Ele disse, sua voz calma e tranquilizadora. Ele esfregou os braços.

Poderia sua mãe tê-la aprisionado com as magias que foram feitas para mantê-la segura? Como ela poderia confiar tanto em Dragos?

Eles estavam ao ar livre, mas ainda se sentia dentro da gaiola. Ela sempre achou que nunca era forte ou boa o suficiente. Ao lado da sua brilhante mãe, de beleza radiante, ela se sentia tão sem graça e inadequada quanto uma poeira.

Ela sabia que sua mãe a amava e teria odiado descobrir que fazia ela se sentir desta forma. Mas sua mãe era sempre assim com medo por ela. A morte de seu pai fez com que sua mãe ficasse com tanto medo?

— Eu não quero viver assim por mais tempo. — Ela sussurrou. Dragos apertou as mãos sobre ela, mas ele permaneceu em silêncio. Ela se virou para ele. — Eu não posso tirar a magia de proteção. Eu não sei como. Você pode removê-los?

— Não sem feri-la. — Ele pegou o rosto dela entre as mãos. — E eu não vou fazer isso.

E se eu lhe disser o meu nome? Ela perguntou incapaz de dizer as palavras em voz alta.

Então, sim, eu poderia.

Ela olhou para o céu e disse-lhe o seu nome.

A respiração deixou seu corpo. Ele estremeceu e segurou-a firmemente, inclinando a cabeça e os ombros, enrolando-se ao redor dela.

— Você nunca vai se arrepender. — Ele murmurou. — Nunca. Eu juro isso, pela minha vida.

Ela colocou a mão no rosto dele enquanto descansava em seu peito.

Ele acariciou-lhe a mão e começou a sussurrar.

Os sussurros circularam em torno de seu corpo, acariciando-a, pedindo-lhe para relaxar, a se abrir para ele. Ela olhou para seu rosto escuro de olhar sombreado e hipnótico. Ele infiltrou-se nela como um ladrão na noite.

O dragão encheu até a parte mais profunda de seu ser, enrolando seu corpo serpentino de bronze em torno dela, sussurrando e sussurrando. A cidadela intrincada de magia dentro dela caiu. Olhos grandes dourados encheram sua visão, tão insondável quanto o mundo. Não havia uma única parte dela que ele não preenchesse.

Então, com habilidade, ele começou a se retirar. Ela olhou para o que ele mostrou a ela, como sair de dentro de si mesma através de seu *poder* quando quisesse mudar. Então, ela estava sozinha dentro de sua cabeça. Ele a embalou e sussurrou:

— Você está bem?

— Sim. — Sussurrou de volta. — Mas eu me sinto tão estranha. — Ela se sentia despojada com todos os seus sentidos bem abertos. Os minúsculos pelos em sua pele arrepiaram quando o vento soprou através da clareira e o mundo respirava magia.

Ele sorriu.

— Você está pronta?

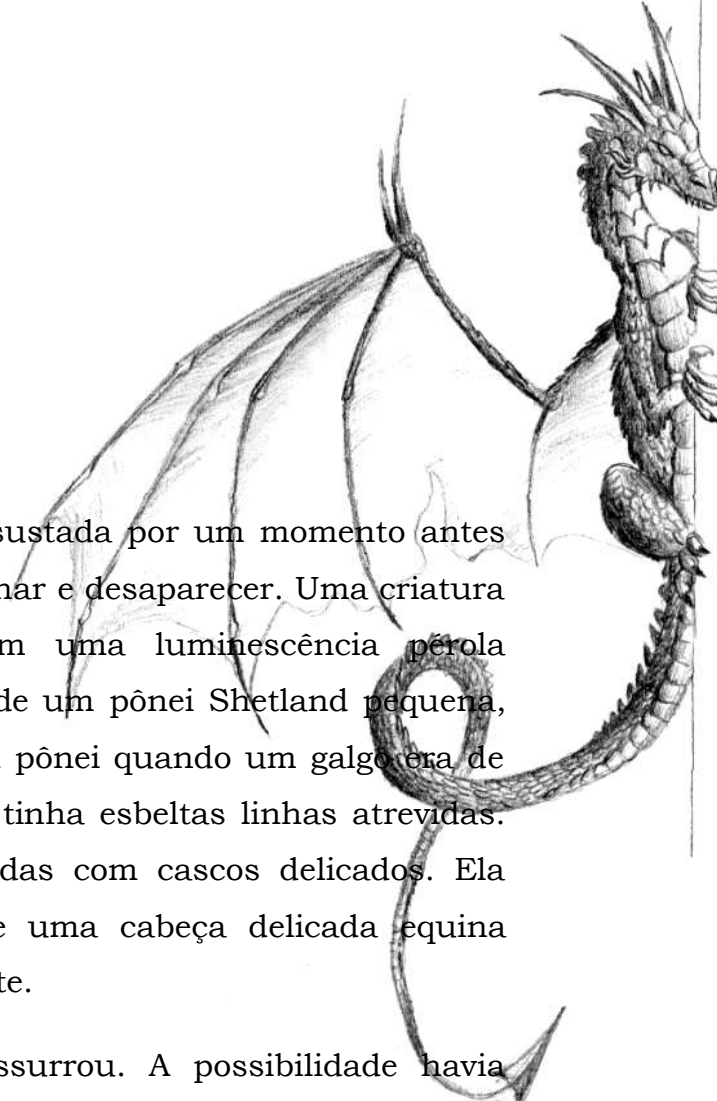
— Pronta, como nunca estive, eu acho.

Ele soltou-a e afastou-se. Ela podia sentir seu poder quando ele manteve uma ligação de luz com ela. Ela olhou ao redor do espaço aberto. Os grifos eram sentinelas imóveis.

Ela adentrou bem no fundo de seu poder. Ele veio rapidamente para ela, brotando mais abundante e mais rico do que nunca. Encheu-a com um rugente jorro de luz. Ela se esticou e estendeu tudo o que tinha para a criatura selvagem que estava presa dentro, a parte ilusória de que ela nunca foi capaz de alcançar...

E o mundo mudou...

CAPÍTULO 47



Ela olhou intensamente assustada por um momento antes de sua forma humana brilhar e desaparecer. Uma criatura requintada brilhando com uma luminescência pérola tomou seu lugar. Ela era do tamanho de um pônei Shetland pequena, mas era muito diferente de quando um pônei quando um galgo era de um São Bernardo. Seu corpo pequeno tinha esbeltas linhas atrevidas. Longas pernas delgadas foram atribuídas com cascos delicados. Ela tinha um arco de pescoço gracioso e uma cabeça delicada equina derrubado com um chifre afiado, elegante.

— Puta merda. — Dragos sussurrou. A possibilidade havia passado pela sua cabeça a partir das várias pistas que tinha sido dada a ele, mas não com qualquer seriedade. Em toda a sua vida, ele nunca tinha posto os olhos em um unicórnio. Ele tinha ouvido por muitos séculos que as criaturas raras tinham sido caçadas até a extinção, mas ele sempre tinha se inclinado a considerá-las apenas um mito.

Um chifre de unicórnio poderia dissipar qualquer veneno. Ela poderia curar com seu sangue. Ela só poderia ser capturada por meio injustos. Nenhuma gaiola poderia segurá-la. Sua vida sacrificada poderia conceder a imortalidade.

Não é de se admirar que tudo que a sua mãe lhe ensinou foi a forma de correr e se esconder.

Seus grandes escuro, violeta olhos azuis eram Pia. Eles estavam arregalados de alarme.

Predadores. Ela estava cercada por predadores. Ela empinou em duas patas, procurando uma maneira de escapar.

O homem alto e moreno começou cantando para ela. Ela bateu o pé e baixou o chifre para ele.

— Shh, minha querida, você está segura. Tenha calma. Você está segura.

Ele deu um passo na direção dela. Ela arrastou-se para trás, tropeçou em si mesma e olhou para baixo em confusão. Ela tinha tantas pernas. Ela olhou para trás. E uma cauda.

Os grandes predadores na borda da clareira ficaram cada vez mais pertos, os olhos arregalados. O homem rosnou para eles e eles congelaram, depois mudou para homens também. Ela girou em um círculo e fez um som de angústia.

Em seguida, o homem moreno sussurrou seu nome. Ela deslizou para uma parada e olhou para ele.

— Lembre-se de quem você é. — Ele falou as palavras em voz baixa, mas com poder.

Pia balançou a cabeça e bufou. Ela levantou um pé e olhou para um casco.

Hey.

Ela havia mudado. Ela era Wyr.

Dragos caiu de joelhos. Tudo nele estava em um estado de suspensão de apreensão. Depois de tudo o que tinha passado, depois que ela tinha tomado um passo tão radical e confiava nele com o nome dela, ela parecia quase em pânico novamente em apenas ficar perto dele. Foi seu lado Wyr. Tinha que ser. O animal tinha tomado o controle demais.

— Vamos, querida, — ele persuadiu. Ele segurou as mãos vazias para fora de seus lados. — Não há razão para pânico. Você se lembra de todos nós. Você gosta de nós. Deus, você é a coisa mais linda que eu já vi.

Ela arqueou o pescoço e olhou para ele de soslaio. Era a consciência em seus olhos? Ela entendeu o que ele estava dizendo?

— Dê-me um sinal, doce. — Gentil. Agora ele tinha a simples sugestão de que ela experimentou quando falou de volta para si mesmo. — Deixe-me saber que você está aí.

Ela olhou para o campo aberto ao luar e depois de volta para ele. Uma corrida parecia bastante agradável. Mas lá estava ele, com o rosto todo iluminado. Ele parecia que era seu aniversário, Natal e Ano Novo, tudo em um.

Ela deu alguns passos em direção a ele. Eles estavam de olho a olho quando ele estava de joelhos. A respiração sacudiu fora dele. Ela andou o resto do caminho e deitou a cabeça no ombro dele brilhando.

Ele acariciou seu nariz de veludo. Ela lambeu os seus dedos. Seus olhos brilharam com um brilho úmido. Ele sentou-se de pernas cruzadas e puxou-a para seu colo. Ela enrolou as pernas debaixo dela como um gato. Ele colocou os braços em volta dela e descansou sua bochecha no topo de sua cabeça. Eles ouviram o som do vento nas árvores distantes.

— Obrigado. — ele sussurrou. — Obrigado.

Ela teve problemas de mudar de volta e chegou perto de entrar em pânico novamente. Ele teve que guiá-la durante a transição. Ele segurou-a o tempo todo e conversou com ela até que ela estava de volta a sua forma humana novamente e ajoelhada no chão na frente dele.

— Por que foi tão difícil mudar de volta? — Ela engasgou, agarrada a suas mãos.

— Não vai ser sempre, — disse a ela. — Disseram-me que é como aprender a caminhar ou andar de bicicleta. Uma vez que você já domina a mudança logo se tornará uma segunda natureza. Você poderia mudar e mudar de volta para si mesmo, agora que já passou por isso uma vez, mas eu não recomendo isso imediatamente. A primeira vez, especialmente para um mestiço, pode deixá-lo torcido.

— Diga-me sobre isso. — Seu tom estava resmungando, mas seus olhos estavam brilhantes.

Ele ajudou-a a seus pés quando os grifos se aproximava. Todos os quatro homens estavam olhando para ela com admiração. Ela olhou para Graydon, que sorriu para ela.

— Se você não é um colírio para os olhos, — disse ele. — Eu pensei que você estava indo só para acabar sendo algo pequeno, rápido e estranho, como um sagui ou algo assim.

Num impulso, ela foi até ele e lançou os braços ao redor de seu pescoço.

— Obrigada por ser um bom amigo.

O grande homem se manteve muito quieto e olhou para Dragos sobre seu ombro. A expressão de Dragos ficou escura, mas depois de um momento, ele deu ao grifo um aceno curto. Graydon bateu em suas costas, seus olhos cinzentos sorrindo.

— O prazer é meu, docinho.

Dragos colocou uma mão em seu braço e puxou-a para longe. Ele disse a ela:

— Devemos voltar agora.

Ele e os grifos mudaram. Ela deu especial atenção à facilidade e habilidade com que eles mudaram. Ela queria tentar de novo por conta própria, mas ia ter que esperar até que tivesse algum descanso. Sentia-

se como se cada nervo foi exposto e super sensível. Ao mesmo tempo, as pálpebras expressavam suas próprias opiniões, fechando com algo que ela gostou ou não.

Ela dormiu no voo de volta. Ela nem sequer acordou quando Dragos mudou, o que ele fez com extremo controle e destreza. Ele segurou os dois pés da frente debaixo dela quando a mudança começou. Quando ele compactou, suas patas dianteiras deslocaram-se para debaixo de seus braços humanos joelhos e ombros, até que ele estava de pé como um homem no telhado da torre, mantendo sua forma dormiente perto de seu peito.

Os grifos já haviam mudado. Eles se reuniram ao redor, olhando-a, juntamente com Dragos. Ela ainda estava brilhando.

Rune ficou parado, seus polegares enganchados nos passadores de sua calça jeans. Ele disse em uma voz calma,

— Você percebe, não é, que se isto vazar, ela vai ser caçado pelo resto de sua vida.

— Ela já está ciente disso, assim como eu, — a face de Dragos era sombria. — Por isso, que não saia daqui. Ninguém sabe sobre isso. Entendeu?

— O que sobre Aryal, Grym e Tiago?

— Nem mesmo os outros sentinelas, não agora. Isso fica entre nós. — Ele olhou para o rosto descansando em seu ombro. — Ela teve um inferno de uma semana por uma série de razões. Eu quero dar um tempo a ela e deixá-la descansar apenas por um tempo. Então ela pode decidir quem começa a saber e quem não tem.

Ela estava meio acordada quando Dragos aliviou a roupa dela e colocou-a na cama, apenas para rolar e enterrar o rosto em um travesseiro, uma perna dobrada. Ele despiu, deslizou sob as cobertas ao lado dela e moldado seu corpo ao dela, enganchando a perna sob o dela,

um braço dobrado em torno dela. Ela entrelaçou os dedos com os dele. Ele enterrou o rosto em seu cabelo.

Ela dormiu rígida e sonhava em correr. Ela acordou com um susto quando percebeu que estava correndo em quatro pernas, e a memória do que tinha acontecido enviou um brilho de felicidade através dela. O sol da manhã tinha iluminado o quarto.

Ela olhou para Dragos, que estava deitado de lado, de frente para ela, um braço pesado envolto em torno dela. As linhas duras do seu rosto eram tranquilas no sono. As colchas tinham deslizado até a cintura, e os músculos de seu peito e braços estavam relaxados. Seus cílios eram gêmeas de cachos negros contra seus bronze, bochechas magras, seu cabelo escuro despenteado. Sua ereção matinal pressionado contra seu quadril.

Ele nunca seria um homem suave. A capacidade para a violência vivia respirava sob sua pele. Mas ele havia mostrado seus momentos de doçura extraordinária, e ela suspeita que vê-lo tão relaxado no sono subterrâneo foi um presente raro de confiança.

Eu te amo, ela quase disse. Mas ele já confessou que não sabia o que era amor. Com mãos cerradas.

Talvez ele nunca faria. Talvez isso foi o mais perto que ela poderia obter se o aceitasse como um companheiro. Se tivesse que escolher entre estar a sós com ele e ficar sozinha, sem ele, ela preferiria muito mais ter o que podia dele. Ela teria que aprender a se adaptar a qualquer relação que ele era capaz de dar. Teria que ser o suficiente.

Ela fechou os dedos ao redor de seu pênis grosso e apertou seus lábios contra os dele. Ele fez um som profundo no peito e beijou-a de volta quando empurrou seus quadris para sua mão acariciando. Então ele empurrou as pernas dela, rolou em cima dela e sua ereção estava dentro. Ambos suspiraram quando ele estava dentro.

— É isso, — ele murmurou. Ele acariciou seu ouvido. — Isso mesmo.

— Exatamente onde você pertence, — ela sussurrou. Ela enganchou uma perna ao redor dele e esfregou as costas largas.

Ele balançou a ela, flexionando seu grande corpo sobre ela, dentro dela. Era tão bom, tão bom. Ele a trouxe lento e fácil a um clímax que era tão rico que trouxe lágrimas aos olhos. Ele estava beijando, as mãos emoldurando seu rosto, quando ele gozou.

Ela sentiu que ele começava a pulsar dentro quando ele se debruçou sobre os cotovelos sobre ela, ofegante, e seu rosto estava tão transformado, tão lindo, ela tinha que sussurrar.

— Você é meu.

Ele abriu os olhos e olhou bem dentro dela, ainda trêmulo.

— Eu sou seu, — ele disse.

Ambos caíram no sono de novo com ele dentro dela, aquecendo-se ao sol da manhã. Algum tempo depois, ela se mexeu e murmurou um protesto quando ele se retirou e ergueu o peso fora dela.

— Eu tenho coisas que eu preciso fazer, — ele disse em uma voz suave. — Você vai ficar na cama e descansar.

Ela lhe deu um biquinho com sono. Ele beijou sua testa. Ela enrolou em seu local quente, abraçou seu travesseiro e cochilou.



Um dragão branco um pouco engraçado. Sua cabeça era grande demais para o seu corpo. Ele se concentrou nela, amor puro e determinado em seus belos olhos quando ele cambaleou em sua

direção. Ele não poderia ter as patas traseiras coordenadas com a sua frente. Ele caiu no chão.

Ela não podia rir. Seria ferir seus sentimentos. Ela apertou as mãos juntas para evitar ir ajudá-lo. Ela disse:

Hey doce bebê.

Mamãe, ele disse, rastejando rápido em sua direção. *Mamãe*.

Ela pulou na cama, o coração batendo como uma coisa louca. O que?

A cama deu voltas. Náusea subiu, desta vez incontrolável. Ela pulou da cama. Ela não conseguia chegar ao banheiro a tempo, mas pelo menos usou a pia do banheiro para vomitar até que ela não poderia vomitar mais. Várias vezes, quando ela pensava que estava feito, seu estômago balançou novamente até que lágrimas corriam pelo seu rosto e ela estava seca com exigente em espasmos dolorosos.

Oh, não. Oh não, não. Isso não poderia estar acontecendo, e não depois de tudo.

Uma das vantagens em ser Wyr, macho ou fêmea, era a capacidade natural de contracepção. Ela não sabia bem como e quando funcionava. Ele tinha algo a ver com a fixação de uma barreira à gravidez na mente, e de alguma forma que era ligado à capacidade de mudar de forma. Era tudo parte de controle sobre o próprio corpo.

Sendo metade humana, ela nunca tinha tido a capacidade, então tinha que confiar em técnicas anticoncepcionais humanas. Ela tinha um implante de DIU de cobre há mais de um ano. Deveria funcionar por 12 anos.

Só que agora Dragos estava em sua vida, derramando tudo dentro dela, inundando-a com seu poder e seu sêmen, outra e outra vez.

Alegando a ela qualquer maneira que podia.

Recuperando de choque, ela mal se lembrava de verificar se as cordas transparentes do DIU ainda estavam no local. Eles estavam. Mas, ela esticou os sentidos recém-expandidos para baixo em seu corpo. Lá. Uma pequena vida nova faiscava dentro.

Traição a preencheu. Aquele desgraçado.

Ela tomou banho e se vestiu. T-shirt, calça cáqui até o joelho, tênis. Trinta e cinco dólares emprestados de Rune, a permitiu comprar os sapatos. Ela saiu da sala.

Desta vez foi Bayne e Aryal que descansava na sala. Pia elaborou um visão rápida da alta e poderosa mulher vestida de couro com cabelo preto emaranhado, uma estranha beleza magro e cinza de tempestade, os olhos cheios de julgamento.

Bayne cumprimentou-a com um largo sorriso. Aryal não. A harpia deu-lhe um olhar frio de rosto anguloso.

— Onde está o Con? — Pia perguntou.

— Ele tinha outros negócios para cuidar, — Bayne disse a ela. — Aryal está preenchendo a tarde.

— Tenho um problema com isso? — Aryal perguntou, com uma sobrelha dobrando-se com insolência.

A boca de Pia comprimiu. Que porra é essa? Ela era apenas grata que ela não tinha que olhar Graydon no rosto. Ela ignorou a pergunta da harpia e empurrou o dedo na porta aberta.

— Vá em frente e veja o que está na TV. Você poderia fazer um café, por favor? Melhor fazer um pote se você quer alguma. Eu vou pegar um café da manhã. Volto.

— É isso aí, — Bayne disse com um sorriso alegre.

Agir casual. Vá pelo corredor. Passado a cozinha e sala de jantar.

Ela olhou por cima do ombro enquanto ela dobrava a esquina. Bayne e Aryal tinham desaparecido na suíte. Ela correu para o elevador e escada que dava para a área enorme da sala de estar. O elevador era operado por chave no nível de cobertura, um problema que não conseguia resolver já que não podia forçar as portas abertas. A porta da escada estava trancada.

Não há problema. Seria normal por um momento empurrar as portas abertas e facilmente passar.

Ela achatada suas mãos trêmulas no painel da porta e se inclinou sobre ela, respirando com dificuldade, quando a sensação de estar presa em uma gaiola voltou mais forte do que nunca. A vontade de correr era esmagadora. Ela lutou no pânico passado, dor e traição ao pensar sobre nas coisas com alguma aparência de racionalidade.

Mesmo se ela tentasse, ela não poderia sair da Torre. Havia um inferno de um monte de escadas até o nível da rua. Ela pode ter cinco minutos para sair do prédio, 10 no máximo, se ela trancasse a porta do banheiro e os sentinelas pensassem que ela estava tendo seu próprio tempo fazer as coisas do sexo feminino no banheiro.

E o que ela enfrentaria se conseguisse sair? O perigo de Urien e suas forças não tinham ido embora só porque ela estava tendo um dia ruim e precisava dar o fora daqui.

Seja inteligente por uma vez. Não adicione outra coisa para sua lista de estupidez.

Náusea subiu novamente. Ela fechou os olhos, cerrou os punhos e lutou seu pelo o controle.

Atrás dela, Bayne disse:

— Pia? Está tudo bem?

Ela respirou fundo, apoiou os ombros e se virou. Ela disse:

—Dragos disse que eu poderia ir a qualquer lugar. Eu preciso ir para fora.

Deus sabia o que a expressão em seu rosto revelava. Não poderia ter sido bom, para o grifo a olhar com uma cara sóbria e olhos preocupados, muito ao contrário de seu ânimo antes.

— Pode dizer-me o que você precisa? — Ele perguntou. — Eu ficaria mais do que feliz em conseguir o que você quiser.

Seu autocontrole escorregou de sua coleira. Ela entrou em colapso. Ela girou e chutou a porta, que ressoou com um braço, oco metálico. O som era um pouco quando uma bomba explodindo na sua cara. Foi meio quando se descobre que está grávida quando você não deveria estar. Sim, meio que gosto disso.

— Eu preciso ir para fora, — ela gritou. Ela empurrou contra a porta fechada com os punhos. — Eu não estou bem. — Chute. — Eu posso não falar sobre isso. Eu preciso que Dragos deixe-me em paz. — Chute. — Eu preciso que você pare de me fazer perguntas e só me leve para onde eu preciso ir. Vai fazer isso por mim ou não?

De repente Aryal estava lá. Ambos os sentinelas se moveram para ficar em cada lado dela, seus rostos girando ainda e vigilantes. Eles se moviam como soldados, corpos atlético em seus pés. O comportamento descontraído de Bayne tinha vaporizado. Ele cobriu-a em energia masculina de proteção e colocou uma mão suave em suas costas.

— É claro que vou, — ele disse. — Vamos levá-la em qualquer lugar que você precise ir.

— Bayne, — Aryal disse.

— As ordens permanecem, — ele disse a ela. Os lábios da harpia se curvaram, mas ela não disse nada.

A respiração de Pia balançou fora dela. Ela virou-se cegamente para o elevador. Bayne guiou dentro. Ele manteve uma mão firme em seu ombro enquanto Aryal ficava entre ela e as portas do elevador. Ela colocou os braços em volta de sua cintura, olhando cegamente em um ponto entre os ombros de Aryal quando o elevador despencou 80 andares de cobertura para o andar térreo.

As portas se abriram e eles saíram. Aryal permaneceu atenta, enquanto Bayne se moveu tão perto dela que roçou seu ombro no dela, enquanto seu olhar agudo percorria o grande térreo, lotado. Então eles empurraram as portas giratórias para o sol e uma movimentada rua de Nova York.

Ela fez uma pausa, uma mão pressionada a seu abdômen. Ela mal podia acreditar. Eles tinham, na verdade, mantido a sua palavra e levado-a para fora da Torre.

Silenciosamente Bayne moveu-a para frente, na direção de um Porsche SUV preto que apareceu como que por magia ociosa na calçada. Aryal olhou em volta com um olhar afiado, cabelos emaranhados soprando em seu rosto angular quando ela deslizou para o banco do motorista. Bayne abriu a porta traseira para Pia. Ela subiu, virou e impediu de correr para o banco junto com ela. Por um breve momento seu olhar encontrou o dela, e da bondade e preocupação em seus olhos furados por sua agitação interna. Em seguida, ele deu um passo para trás, fechou a porta e mudou-se para o banco do passageiro da frente.

— Ok, Pia, — Bayne disse. Olhar gélido Aryal encontraram os dela no espelho retrovisor. — Onde?

— Brooklyn. — Quando a mão de Bayne saiu para passar a informação no sistema de GPS do carro, ela disse: — Eu vou dar-lhe instruções que você precisar.

Os dois sentinelas trocaram um olhar.

— Tudo bem, — Aryal disse.

O Porsche puxou para o tráfego.

Pia encolheu em sua cadeira e olhou para fora da janela, quando eles passaram a quinquagésima nona estação de metrô Street. Dragos disse em sua cabeça:

Pia, o que você está fazendo?

Ela fechou os olhos. Tinha sido demais esperar que as sentinelas mantivessem o silêncio sobre sua saída. O que ela não daria por um pouco de privacidade agora.

Não fale comigo, ela disse para Dragos.

Você deixou a Torre. Sua voz mental era tão calma e controlada que enviou um arrepio na espinha. *Você prometeu que não faria.*

Ela rosnou:

Eu disse para não falar comigo, seu filho da puta.

A batida do coração, e, então com sua calma bastante despojado, ele exigiu:

O que aconteceu?

Cale a boca. Saia da minha cabeça.

Pia, porra. Quando ela não respondeu, ele rugiu, *que merda que eu fiz agora?*

Seu grito telepático reverberou em seu crânio. Ela colocou a mão na testa.

Não grite comigo assim. Eu não posso pensar! Dê-me um minuto.

Sentia o corpo entorpecido, o cinto de segurança, a única coisa ancorando em seu lugar quando Aryal de repente cortou o tráfego. Como Dragos poderia até mesmo pedir isso a ela? Como ele poderia não

perceber que ela saberia, agora que ela tinha feito a mudança completa para Wyr?

Sinto muito por gritar com você. Ele voltou a persuadir. Bayne e Aryal não vão dizer nada, apenas que você está chateada e eles estão levando para onde você precisa ir. Gray está preocupado com você. Nós podemos falar sobre qualquer coisa que está errado, não podemos? Pia, por favor. Você está me matando aqui.

Qualquer outra coisa que alguém possa dizer sobre ele, é ele tinha uma sabedoria perspicaz que pode deslizar para dentro de uma pessoa como um estilete. Ela enxugou os olhos e tentou processar.

Você não sabe... nada... sobre o que está acontecendo?

Eu juro que não. Sua resposta foi forte e imediata. O que aconteceu, podemos corrigi-lo.

Poderiam? Como?

Diga-me onde você está indo, ele disse. Nós vamos fazer isso juntos.

Dragos, me dê a tarde. Ela se agarrou a uma maçaneta de porta quando o Porsche bateu um trecho aberto e ganhou velocidade. Eu preciso acalmar e pensar, e eu preciso saber algumas coisas antes que eu possa falar com você.

Silêncio pulsou. Então, calmo e suave, ele disse:

Sabe que eu poderia usar o seu nome para chamar você de volta.

Ela fungou quando olhou para fora da janela. Ela disse:

Ameaças não são uma boa ideia, agora, garotão.

Segundos escorriam. Em seguida, ele disse a ela:

Você tem a tarde. Depois eu estou vindo para você.

Você está me dando uma tarde inteira do meu próprio tempo?
Nossa, obrigada. Ótimo da sua parte, disse que a parte dela que foi sarcástico com dor. Ela conseguiu mordê-lo de volta e ficar em silêncio.

Então, ele ficou em silêncio também e ela estava sozinha.

Sem ele.



Rune e Graydon ficaram no cargo de Dragos, suas mãos em seus quadris quando eles usavam idênticas carrancas.

— Pelo menos ela está protegida, — Graydon disse. — Ela tem Aryal e Bayne com ela. — Ele não parecia tranquilizado por suas próprias palavras.

Rune perguntou:

— Ela disse por que precisava ir ou o que estava errado?

— Não. — Dragos rondou os perímetros da sala. Era muito pequeno, fechado. — Ela apenas disse que precisava de tempo. Eu disse a ela que eu ia dar a ela a tarde.

Rune disse:

— Você está realmente dando a ela toda a tarde?

— Foda-se, não. Eu menti.

Ele abriu as portas francesas com tal violência que o vidro estilhaçou. Os vidros acabaram chicoteando pela sala. O ar fresco diminuído o seu sentido de confinamento, mas ele ainda vibrava com a necessidade de ação.

— A bruxa não está atendendo o telefone. — ele disse. — Encontre alguém para colocar um feitiço de rastreamento sobre isso e

fazer isso rápido. — Ele levantou o punho. Foi a com seu cabelo trançado pálido em seu pulso.

— Por isso. — Gray disse. Ele mergulhou para fora da janela e mudou no ar.

Dragos e Rune considerados mutuamente. Bayne e a harpia eram excelentes guerreiros. Eles eram um casal de seu melhor.

Mas uma tarde poderia ser um tempo muito longo, em Nova Iorque, com o Rei Fae e com sua intenção maliciosa.

Uma tarde como essa poderia ser um tempo muito longo de fato.



Pia deu instruções Aryal quando necessário, mas diferente da viagem para o Brooklyn permaneceu misericordiosamente em silêncio. Logo que chegaram a grande clínica de saúde Brooklyn Wyr que ela tinha usado pelos os últimos dois anos. A clínica foi alojada em uma singela praça, edifício de blocos de concreto em um bairro cheio de lojas de penhores e barbearias, lojas de bebidas, lojas de aluga-se e empresas que oferecem empréstimos consignado. Um abandono fugitivo girava em torno das bordas das ruas, uma sensação de algo afiado e desesperado que amontoava em locais sombreados esperando para mostrar os dentes após o anoitecer, mas a própria clínica estava aberta durante o dia, e tinha um pessoal, profissional de saúde e um elevado número de mestiços pacientes, por isso estava permanentemente ocupado.

Aryal puxou o Porsche ao meio-fio e desligou o motor. Tanto ela quanto Bayne abriram seus cintos de segurança para esquadrihar a rua.

O estômago de Pia se apertou novamente.

— Fique aqui, — ela disse.

— Desculpe, Pia, — Bayne disse. O grifo se moveu rápido. Ele estava fora do carro e em permanente guarda antes que ela pudesse abrir a porta do carro. Aryal deslizou em torno da frente do Porsche e se juntou a ele.

Ela estrangulou o impulso de gritar com eles enquanto saía. Ela olhou de um sentinela para o outro. A expressão de Aryal era de pedra, os olhos de Bayne, cuidadosamente em branco. Ela perguntou o que eles achavam de seu destino, que tipo de conversa telepática pode estar acontecendo por trás desses rostos assassino.

— Aqui é a coisa, — ela disse. Ela apontou para o edifício. — Ninguém ali sabia que estávamos chegando. Vocês não vão entrar e assustar a merda de qualquer pessoa que possa estar lá dentro, então apenas guardem as entradas e fiquem bem lá fora.

Bayne franziu os lábios enquanto pensava. Ela estreitou os olhos e disse:

— Eu poderia ter saído sem você. Eu realmente queria, Bayne. Não me faça arrepender por tentar jogar pelas suas regras.

Aryal disse de repente para ele:

— Tome a saída de trás.

Bayne fez uma careta.

— Tudo bem, — ele disse. Ele girou nos calcanhares da bota e se afastou.

Pia não esperou para ouvir mais. Ela foi para as portas da frente. Ela tinha quase alcançado-os quando Aryal agarrou pela camisa e empurrou-a contra a lateral do prédio.

— O que o inferno! — Ela gaguejou. Choque inflamado em indignação. Seus punhos vieram para bater as mãos da sentinela para longe.

Com esforço quase insolente, Aryal segurou presa no lugar com um antebraço na garganta.

— Cale-se. — exclamou Aryal. — Eu não estou te machucando. Você e eu vamos ter uma conversa.

— Vamos lá! — Pia escavado em seus calcanhares e tentou arrancar o braço da harpia longe de sua garganta. Aryal pegou seu pulso. Magro e pequenos dedos de aço em sua carne.

Aryal deu a rua uma varredura rápida com afiados olhos.

— Você tem causado mais problemas no último par de semanas que uma gangue de rua de Wyr-ratos correndo enlouquecido, — a harpia disse. — Eu quero saber o que diabos você está fazendo agora.

— Isso não é da sua conta.

— É a minha conta se coloca Dragos em perigo novamente.

Pia tentou enfiar os dedos de sua mão livre na barriga da harpia, mas Aryal evitava com um toque elegante de seus quadris.

— Eu não estou machucando ninguém. Tudo o que você precisa saber é que Dragos prometeu-me a tarde.

— E você acreditou. — Aryal uma risada latiu curto. — Boa garota ingênua.

Se ele tivesse mentido? Isso doeu. Ela virou um olhar de espanto para a harpia e sentiu-se como uma idiota. Seus olhos ardiam. Ela apertou,

— Tire suas mãos de mim.

Aryal se lançou tão depressa que quase tropeçou, perto demais entre ela e a rua, enchendo-a. A harpia usava uma jaqueta de couro que se abriu quando ela colocou as mãos nos quadris. Pia teve um vislumbre do coldre da sentinela do ombro.

— Você sabe, eu poderia acabar com esse seu rabo de cavalo de líder de torcida. — Aryal disse, dando-lhe um sorriso que poderia cortar o vidro. — Eu levaria um tempo, mas eu podia. Eu poderia acabar com os grifos perdendo suas malditas mentes por qualquer motivo e bajulação em cima de você. O que eu não consigo superar é esta: você quebrou a lei. Você põe em perigo a vida do senhor Wyr, e fazendo isso, põe em perigo todos nós, e não tem sido punida por isso. Então eu tenho que admitir, que me irrita.

— Você não tem ideia do que está falando, — Pia retrucou, quando seu intestino apertou. Esfregou os olhos ardentes. Ela se sentia presa no tempo, mas ela poderia ter feito algo diferente, para evitar o que aconteceu? Ela se sentiu fora de equilíbrio e mais estúpida e completamente perdida.

— E eu não tenho nenhuma ideia sobre você poder ou não ser companheiro de Dragos. — Aryal Disse. — Bem, docinho, isso é um problema intratável e o porque eu não posso apenas te matar.

As mãos de Pia estavam em punhos. Ela disse entre dentes:

—Não, você não pode, não é? — Ela lançou seu punho com tal velocidade que ela passou a guarda da harpia Ela bateu com ele no ombro de Aryal, tão forte que a sentinela cambaleou para trás. — Você não tem que gostar ou me aprovar. Você não tem que concordar com as decisões de Dragos. Você tem que fazer o que você disse. Será que ele dizer-lhe para me trazer de volta para a Torre?

Aryal olhou para ela e permaneceu em silêncio.

— Não, eu pensei que não. Então você tem que dar o fora. Você não começa a questionar ou me intimidar e exigir respostas como se eu

estivesse sobre seu comando, porque eu não estou e nunca vou estar. — Ela caminhou para frente até que estava de igual para igual com a sentinela, corpo tenso com o combate. — E Graydon é o único que pode me chamar de docinho, você não. Você não fez por merecer. Agora eu vou fazer o que eu vim fazer aqui. Você vai fazer o seu trabalho ou Dragos vai querer saber por que você não fez.

Surpresa queimou no olhar tempestuoso de Aryal, seguido de uma expressão pensativa.

Pia não esperou para ver mais. Ela se virou e empurrou as portas da frente da clínica.

Meia dúzia de pessoas se sentavam em torno da sala de espera. Alguns estavam assistindo All My Children em um aparelho de TV no alto de uma parede. Ela foi até a janela recepcionista. Uma enfermeira que reconheceu deu um sorriso superficial.

— Boa Tarde. O que eu posso fazer por você?

— Meu nome é Pia Giovanni. Eu preciso ver um médico ou uma enfermeira, — Pia disse, mantendo a voz calma para que outras pessoas não pudessem ouvir. Seu rosto e músculos do pescoço doíam de tensão. Ela torceu as mãos. — Dr. Medina me conhece. Sinto muito. Eu não tenho um horário marcado. Eu... — Seus olhos brilhavam. — Eu tenho medo que poderia ser uma emergência.

— Oh, querida, — disse a enfermeira com compaixão. Ela entregou Pia um lenço de papel e fez sinal para ela ir através das portas e em um recanto com uma pia, uma cadeira e uma balança. — Tudo bem, o que está acontecendo? Tem certeza de que deveria estar aqui e não na sala de emergência?

— Eu não sei. Houve tanta coisa. — Ela engoliu. — Eu sou um Wyr mestiço, por isso tenho um DIU. Você sabe, aquele com o cobre, não um com hormônios, por não ser muito humana. E eu estou nesse

novo relacionamento com um Wyr, e eu consegui mudar na última noite.

— Parabéns! — Ofereceu a enfermeira com um sorriso largo. RACHEL, seu crachá disse.

— Obrigada. — Ela tentou sorrir enquanto ela se lembrava de quando estava feliz. — Mas, de repente, eu tenho passado mal nos últimos dias. Foi muito ruim esta manhã, e eu tenho certeza que de alguma forma eu engravidei. Eu posso sentir isso agora que eu mudei. E o DIU ainda está no lugar. — Ela focou a enfermeira, sua expressão intensa. — Estou em choque. Eu não consigo pensar direito, mas eu já sei de uma coisa. Eu não quero perder este bebê

A enfermeira colocou a mão sobre o abdômen de Pia, seu olhar foi para dentro. Pia ficou imóvel. Ela sentia o formigamento da magia quando a enfermeira a escaneou.

— Oh, uau, você está certa, você está grávida, — a enfermeira disse, seus olhos se iluminando. — Uma pequena faísca doce e forte.

— Será que mudando a noite passada o feriu? — ela perguntou.

— Não! Ah, não, mudar é a coisa mais natural do mundo. Sua náusea soa um pouco diferente, no entanto. E com o DIU, você fez a coisa certa ao vir. Nós vamos levá-lo para ver uma enfermeira ou médico. Basta ir em frente e ter um assento bem ali, e eu vou puxar seus registros. Na verdade, eu vou ver se consigo pegar...

Murmurando para si mesma, a enfermeira saiu correndo. Pia caiu na cadeira e colocou a cabeça entre as mãos. Graças a Deus Dragos tinha parado de rugir em sua cabeça, porque senão ela pensou que poderia girar no ar e voar em pedaços. Ela pensou que o seu silêncio era sinistro, mas ela não se importava, desde que podia ouvir-se pensar por apenas um pouco de tempo.

Ela se sentia frágil e à beira da náusea novamente. Ela colocou a mão em seu abdômen.

Fique quieto, amendoim.

Sorte continuou a fluir seu caminho, quando o Dr. Medina estava se preparando para sair de férias e tinha acabado de ver o último dos pacientes que tinha agendados para o dia. Pia estava familiarizada com o Dr. Medina e confortada pela familiaridade. Ele era um Wyr grisalho canino com uma atitude sensata e um senso de humor que Pia encontrado calmante.

Depois de um rápido exame e um pulso de energia, o médico retirou o DIU e sorriu para ela.

— Boas notícias. Você, minha cara, está em excelente forma e não é ectópica, que é um dos maiores riscos quando a gravidez ocorre com o DIU. O bebê está exatamente onde ele deveria estar, todo agasalhado e apertado no seu útero e não em uma trompa de Falópio, ou em qualquer outro lugar. Estou feliz que você veio tão logo. Mulheres que passam mal por muito tempo correm um risco elevado de aborto ou outras complicações graves. Agora diga-me sobre essas náuseas que você tem experimentado.

Pia caiu com alívio. Ela descreveu os últimos dias.

— Eu não fui tentado a colocar a carne na minha boca, — ela disse com um tremor. — Mas está cheirava tão bem. E isso é muito errado.

O médico olhou-a mais de meio-óculos.

— Você por acaso está saindo com um predador?

— Sim? — Ela não quis dizer como uma pergunta.

— Bem, isso é problema seu. — O médico sentou-se e sorriu para ela. — Predador / herbívoro as misturas são muito mais incomum

do que as partidas homogêneas, embora eles acontecem, é claro, já que Wyr são muito mais do que apenas nossa natureza animal. Eu não vou mentir para você. Você está em uma difícil jornada, e pode parecer às vezes que seus instintos se descontrolam.

— Será que vai ser uma gravidez de alto risco? — Sua mão foi para seu abdômen novamente.

— Eu não diria isso. Não há nenhuma razão para pensa nisso agora. Pense em proteínas e cálcio. Se você não pode forçar-se a ser onívoro pela duração da gravidez, você vai precisar de estoque de bebidas de proteína. A soja é boa. Soro de leite é melhor. Junto com as vitaminas pré-natais, eu vou prescrever um amuleto anti-náusea que deve ajudar. Não vai bloquear a dor, veja bem. A dor é mensageiro muito importante. Mas deve ajudar a manter o alimento para baixo. Mantenha-o com você em todos os lugares, exceto no chuveiro. Ele perde a sua eficácia se molhar com muita frequência.

— Muito obrigada, especialmente por me ver antes de sair de férias, — ela respondeu com um sentimento sincero. O médico rabiscou em um bloco de receitas e entregou-lhe. Ela disse: — Uma última pergunta, se você não se importa.

— Claro, vá em frente, desde que isso não vai demorar muito. Eu tenho um voo para Cancún esta noite e um companheiro não vai ficar comigo, se eu perdê-la.

Ela hesitou, sem saber quais palavra usar, e amassou a borda de seu vestido de exame.

— A gravidez é um verdadeiro choque. Quer dizer, eu tinha o DIU, então eu pensei que deveria ter impedido as coisas, certo? Isso nem era um tema de conversa com o meu... parceiro. Eu estava começando a me sentir enjoada antes de eu mudar esta manhã, então eu já devia estar grávida. Por isso, tinha de ter sido o pai que... mudou as coisas?

Olhos do médico eram astutos e gentis.

— Nenhum controle de natalidade é cem por cento infalível, para qualquer Wyr ou humano. Sim, todas as coisas são iguais, o DIU é um método muito eficaz de controle de natalidade, para a maior parte. E sim, Wyr pode controlar o seu ciclo de reprodução. Para a maior parte. Mas eu também sei que Wyr perder o controle durante os primeiros dias do frenesi de acasalamento. Apenas os dois podem dizer se ele é ou não apenas um amante ou seu companheiro. Se eu fosse você, porém, eu pensaria em ir com calma sobre o seu parceiro, se ele é seu companheiro. Será que isso ajuda?

Sua garganta trabalhou. Ela teve que engolir em seco, antes que ela pudesse responder.

— Sim. Isso ajuda muito. Dr. Medina, muito obrigada.

— O prazer é meu. Eu amo os bebês. Deveria ter sido um obstetra. — O médico fechou o arquivo e ficou, mas fez uma pausa antes de sair. Ele considerava Pia curiosidade. — A propósito, você nunca me contou em que você mudou.

Pega de surpresa, ela gaguejou,

— Oh, a... um sagui.

— Estranho, — o médico murmurou, dando-lhe um olhar interrogativo. — Eu não teria saguis classificados como herbívoros. E seu companheiro?

— Ele não é... um.

O médico estreitou seus olhos sobre Pia.

—Você vai me dizer, você não vai, se tornar clinicamente relevante?

— Sim, claro, — ela disse com um sorriso tímido. — Eu prometo.

O médico apontou para ela.

— Tome suas vitaminas. Vejo você no próximo mês.

Ela mudou em suas roupas, tonta de alívio e fome. Ela poderia comer um cavalo se não fosse de alguma forma canibal. Ela se curvou e amarrou seus laços.

Grávida. Companheiro. Eu vou ter um bebê dragão.

Não, isso não chegou até o interior. Vamos dizer outra vez.

Eu vou ter um bebê dragão.

Ela se endireitou quando as estrelas negras dançavam na frente de seus olhos. Talvez ela realmente estava indo girar no ar e voar em pedaços de qualquer maneira, com ou sem ajuda de Dragos. Ela tinha tantas coisas acontecendo dentro, pensamentos aleatórios e sentimentos foram surgindo quando fogos de artifício no quarto de julho.

Pânico por possivelmente perder a gravidez havia diminuído, para ser substituído pelo pânico por estar grávida. Ela ficou aliviada não apenas que a gravidez era viável, mas, mais ainda, que todas as evidências, dizia que Dragos não tinha intencionalmente prendê-la a com ele. Parecia que ela lhe devia um pedido de desculpas grande.

Mas de todos os tempos para que isso aconteça! Ela tinha acabado de, literalmente, horas atrás, decidir ficar com Dragos. Depois, houve a guerra com Urien, que tinha apenas começado. E sabia como Dragos iria reagir quando ouvir a notícia. Ele poderia girar no ar e voar em pedaços também.

Ela pressionou a mão sobre seu abdômen.

Oh, amendoim, eu sempre tive a esperança sorrateira que pudesse ter um filho um dia, mas eu tenho que dizer, essa hora é uma droga.

Ela correu para um obstáculo inesperado quando ela começou a sair. A enfermeira que a verificou perguntou:

— Seguro é o mesmo e o pagamento?

Seguro mesmo. A partir do Elfie. E ela com 33 dólares no bolso e sem talão de cheques. Ela beliscou a ponte do nariz. Oferecendo um pedido de desculpas mental para todos os envolvidos com a promessa de pagar a conta, ela mentiu,

— Sim, obrigada.

Ela pensou sobre os 25 dólares de co-pagamento, dispensou a oferta de um recibo e tentou não olhar astutamente sobre qualquer coisa enquanto ela continuou seu diálogo interno com o amendoim.

E se ele odiar a ideia da gravidez? E se ele não quiser você? Ele tem que te querer, porque é tudo que existe para ela. Enfim, eu quero você. Eu só não sei o que eu vou fazer com você. Só mais uma coisa eu vou ter que descobrir, junto com você a forma de viver com o resto das mudanças louco-idiota acontecendo na minha vida.

Negócios concluídos, ela fez seu caminho através do lobby para a porta da clínica onde ela fez uma pausa. Ela não achava que tinha o poder de alcançar Dragos telepaticamente, mas ela decidiu dar uma chance mesmo assim.

Dragos?

Sua resposta foi imediata e, graças a Deus, calma.

Sim.

Eu terminei. Eu estou indo para casa, ela disse a ele. *Eu tenho algumas novidades e eu lhe devo um grande pedido de desculpas.*

Nós podemos falar sobre isso mais tarde, ele disse. *Onde você está? Eu vou pegar você.*

Você não sabe? Ela tinha certeza de que Bayne ou Aryal teria dito a ele até agora. Ela empurrou a porta de vidro, olhando a luz do sol brilhante. Onde estava a harpia? Ela protegeu os olhos enquanto olhava em volta. *Veja, eu fui ver meu doutor.*

Ela pisou em alguma coisa e moveu seu pé, ela olhou para baixo. Ela tinha pisado em um dardo?

Uma dor súbita espetou o pescoço. Ela passou pela dor e viu outra queda de dardos na calçada. Dormência se espalhou por seu corpo a uma velocidade inacreditável. O mundo ficou de lado e a calçada bateu nela.

Bayne. Aryal. Ela tentou gritar para eles, mas sua boca não estava funcionando.

Alguém estava gritando em outra parte de sua cabeça, mas ela não pôde se conectar com ela, ou entender o que eles estavam dizendo.

Três pessoas entraram em vista e olharam para ela. Dois eram do sexo masculino, Fae das Trevas com longos olhos inclinados, maçãs do rosto salientes, orelhas pontudas e cabelo escuro.

Um deles era uma mulher hispânica, com uma beleza imperial e olhos que conectava a ela com um estalar de Poder. A bruxa Adela, do Caldeirão.

— Oh, é você. Mais uma vez. — Boca de Adela franziu e ela suspirou. — Eu estava com medo disso.

Sua cadela estúpida, ela tentou dizer. Estou tão indo para chutar sua bunda.

Se Dragos não chegar até você primeiro...

Tudo flutuou para longe.

CAPÍTULO 48

Uma voz diabólica trovejou em sua cabeça. Ela gritava seu nome.

Use seu poder, maldição. Eu posso sentir que você está aí. Se esforce, a voz imperiosa exigia. DESPERTA LOGO DE UMA VEZ.

Tudo girava ao seu redor. Um fedor de óleo e fumaça de escapamento. Ela jazia sobre algo rígido que vibrava, sua bochecha estava pressionada contra um tapete áspero. Ela sentia-se enjoada, doente. Sua respiração estava difícil e entrecortada.

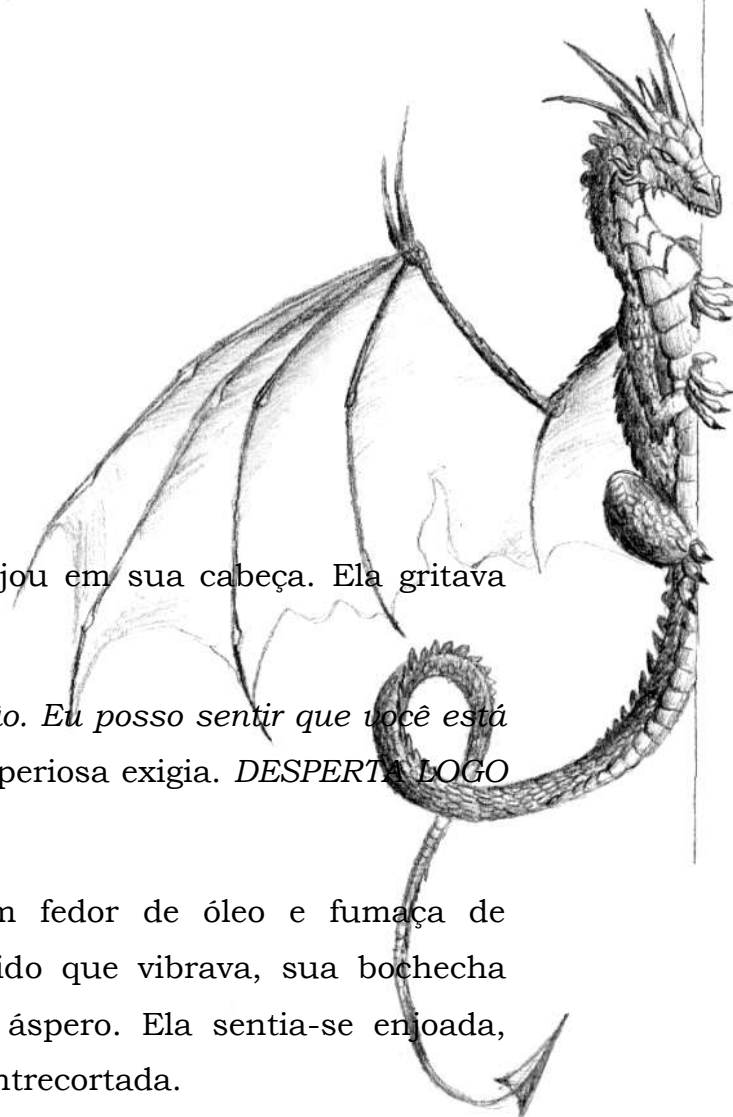
Alguém estava choramingando fracamente. Oh, era ela. *Cala a boca, estúpida.*

Ela lutou para fazer o que a voz exigia e chegar bem no fundo. Seu instrutor lhe havia dito que atingiria o seu *qui*, seu fluxo de energia, a sede de sua respiração.

Por um momento terrível esteve desorientada e sem rumo na escuridão. Logo se conectou. O *Poder* fluiu desde a base de sua coluna e inundou seu corpo. Não dissipou todos os efeitos da droga, mas ajudou por aclarar sua mente um pouco.

Estava amarrada com os braços para trás, amordaçada e no porta-malas de um carro em alta velocidade. Ela se curvou. Aparentava realmente que a chuva era um dilúvio.

Responda-me agora, Dragos ordenou.



Estou tendo uma semana infernal, ela conseguiu articular. Sua voz mental era fraca e faltava controle, mas ele ouviu.

Essa é a minha menina. O trovejar se fora, substituído pelo desesperado alívio. *Fale comigo. Você está ferida?*

Não, algum tipo de droga. Ela lutou para encontrar palavras que fizessem sentido. *Amarrada. Na mala de um carro. Estamos viajando rápido*.

Tudo bem. Mantenha a calma, disse Dragos.

Bayne e Aryal. Ela tratou de encontrar a maneira de articular seus nomes em uma pergunta.

Encontramo-los fora da clínica. Eles também foram drogados. Eles estão bem, estão melhorando. Dragos soou recomposto novamente. *Finalmente, conseguimos alguém que pode lançar um feitiço de rastreamento. Vou ser capaz de lhe seguir em um momento. Como você está amarrada? Pode se soltar?*

As náuseas ameaçavam. Ela apertou os punhos para baixo com força. Ela não poderia se dar ao luxo de vomitar com a mordaça em sua boca. Ela se dobrou para trás em um arco para que pudesse sentir com as mãos ao longo de suas pernas, mais abaixo, que estavam com formigamento e começavam a ficar dormentes.

São aquelas tiras de plástico. Sem parafuso. Eu não posso tirá-las.

Está bem, ele disse outra vez. *Não se preocupe com isso*.

Ela tinha coisas importantes para dizer a ele. O que era o que haviam se falado? Por quanto tempo ele seria capaz de falar com ela? Graydon havia dito algo acerca da sua gama telepática sendo mais de cento e sessenta quilômetros. Não tinha ideia de quanto tempo havia estado inconsciente ou o quão longe estavam um do outro.

Ela disse:

Eu tenho que lhe dizer algo, no caso de perdemos contato.

Nós não vamos perder o contato, ele falou bruscamente. Isso é tudo. Eu tenho um feitiço de rastreamento em sua trança. Eu estou a caminho.

Ela manteve a respiração profunda e regular. Parecia que a ajudava a manter seu estômago estável, embora os gases do escapamento lhe davam vontade de vomitar. Tentou pensar. Era isso que sentia na distância, magia terrestre?

Será que o feitiço rastreador surtirá efeito se atravessamos para uma Outra Terra?

Ele disse:

Eu não vou deixar vocês chegarem tão longe.

Ele não lhe disse que o feitiço ia funcionar. Ela tinha a sensação de que isso significava que não.

Ela disse:

São dois Fae das Trevas. Eles estão trabalhando com uma bruxa do Distrito Mágico.

Sua voz se tornou ameaçadora:

Descreva-a.

Ela é morena, humana, seu nome é Adela. Ela é proprietária da loja Divinus. Não consigo lembrar o sobrenome dela. Ela se esforçou para pensar.

Não se preocupe. Não importa, disse ele. Você pode descrever os Fae para mim?

Ela fez todo o possível, mas ela havia tido um breve vislumbre antes de cair inconsciente.

Sinto muito.

Ele se tornou cortês.

Nada disso importa agora. Vamos apenas concentrarmos em lhe recuperar.

Sua sensação de magia terrestre ficou mais forte.

Uh-oh. Mas eu tenho que lhe dizer algo. Eu estou grávida.

Seu rugido encheu sua cabeça.

O QUÊ?

Ela falou mais rápido.

Eu nunca tive controle sobre isso, então eu tinha um implante de DIU. Quando percebi o que estava acontecendo esta manhã, estava com tanto medo de sofrer um aborto, que a única coisa que eu conseguia pensar era que tinha que chegar ao médico rapidamente e retirar o DIU. E eu estava tão malditamente irritada com você. Acreditava que você havia feito isso de propósito.

Pia. Meu Deus.

Eu sonhei com ele esta manhã. Acredito que era real. Era um dragão branco, o menino mais lindo que jamais tenha visto. Entraram em uma ampla curva, aceleraram por um tempo breve, depois abrandaram para outra volta. Ela disse a ele com calma forçada: Estamos saindo de uma estrada e reduzindo a velocidade. Eu posso sentir a magia da terra por perto.

Rápido, ele disse. A voz dele soava mais agitada do que antes. O porta malas do carro tem um fechadura. Tenta levantá-la, e me diga o que você vê.

Se suas mãos estivessem livres ou amarradas à sua frente, ela poderia simplesmente remover o trinco da fechadura do porta malas mesmo do interior. Ela lutou para conseguir colocar seus joelhos debaixo dela e empurrar o porta malas com o ombro. O trinco cedeu justo quando se detiveram.

O que diabos? Ela abriu a porta malas mais amplamente, de modo que ela pode esgueirar-se. Caiu no pavimento com um golpe doloroso. Ela olhou para a extremidade dianteira de uma picape *Dodge Ram* vindo diretamente para ela. A caminhonete freou centímetros de sua cara. O carro em que ela tinha estado se afastou e virou à esquerda.

— Hey! — Um homem gritou da caminhonete.

Cale-se, homem estúpido, cale-se.

A porta da caminhonete bateu.

Ela se sentava quando um homem de meia idade apareceu. Ele se ajoelhou ao lado dela, o rosto cheio de surpresa e indignação.

— Que demônios? — Disse. — Oh, doce Jesus, senhora, você foi sequestrada?

Você acha?

A alguns metros de distância, as luzes de freio do carro apareceram. Ela gritou ao homem contra a mordada.

— Aguenta, querida. Vai ficar tudo bem agora. — O homem trabalhava para conseguir soltar a mordada.

Escapei em uma parada, ela disse a Dragos. Eles perceberam. Eles estão em um Lexus cinza e estão dando a volta. Eu estou vendo sinais para... Autopista 17 e... a Avenida Averill ou estrada estadual 32. Há um cartaz do parque estadual. Eu não posso ver o nome. São os mesmos dois homens, nenhuma bruxa.

Eu sei onde você está, ele disse com satisfação. *Bem feito.*

O homem lhe soltou a mordaca e a puxou sobre a cabeça justo quando o Lexus se deteve. Ela gritou para o homem,

— Corra!

Os dois Fadas saíram, parecendo irados. Eles estavam armados.

Não, não é bem feito. Eu cometi um grande erro. Oh Deus, oh Deus, oh Deus.

Dragos estava tentando falar com ela, mas ela não podia calar-se, não podia correr, não podia fazer nada além de olhar com horror quando o homem se levantou e se voltava. Um Fada levantou a arma e atirou nele.

Ela soluçou:

Creio que acabo de matar a alguém.

Em seguida, o outro Fada levantou sua arma e atirou nela. Ela baixou o olhar para a dor em seu peito. Outro dardo pegou em sua camiseta.

Tudo foi escurecendo.



O dragão rugiu de dor enquanto se precipitava para o Norte com toda a sua força e velocidade. Ele foi seguido por todos os seus sentinelas, exceto um que havia ficado para trás para lidar com a bruxa.

Ele estava muito longe, muito longe, e agora ela havia ido embora de novo.

Seus inimigos haviam levado a sua mulher. Seu filho.

Ela tinha que estar viva.

Qualquer outra coisa era inaceitável.



Um ardente *Poder* frio a despertou com brusquidão. Ela tossiu e rolou para o lado. A mordaça havia desaparecido e assim também as restrições dos tornozelos e dos pulsos. Seus braços e pernas estavam com formigamento dolorido enquanto sua circulação regressava.

Ela estava deitada no chão. Ela tocou a madeira polida. No interior então.

— Essa é nossa ladra, — disse uma culta voz masculina sobre sua cabeça. — É hora de acordar.

Desumano. Fada. Sabia quem era. Pena que sua cabeça ainda estivesse unida ao seu corpo. Ela havia tido a esperança que o encontraria de outro modo.

— Sou apagada, sou despertada. Logo sou apagada e agora sou despertada outra vez, — ela resmungou. — Decida já.

O homem se pôs a rir.

— Bem, não tem sido aborrecido, o admito, mas você tem sido uma raposa escorregadiça para lhe pegar. E ao que parece para se apegar a Cuelebre.

Sim, bem, não falemos disso. Ela olhou as elegantes botas pretas perto de sua cabeça. Pertenciam as pernas que subiam mais do que ela podia se concentrar no momento.

— Posso ter um pouco de água?

— Claro, por que não.

Ele jogou água fria em seu rosto. Ela estava muito esgotada para reagir, com exceção de ofegar.

— Muito bem, - ela disse depois de um momento. — Posso ter um pouco de água para beber agora, por favor, Sua Alteza?

Ele riu de novo.

— Você não é aborrecida e nem estúpida. Isso é muito melhor do que o seu namorado, que me aborreceu e foi estúpido. Para ser honesto, eu não sei o que você viu nele.

— Ex. Ex-namorado, — Ela disse. — Juro por Deus, eu nunca vou superá-lo.

Finalmente sentiu como se suas pernas poderiam funcionar. Ela ergueu-se e se sentou. Estava em uma grande sala que tinha um toque medieval. Havia uma grande lareira de pedra e um grupo próximo de cadeiras, uma longa mesa de madeira com bancos, arandelas iluminadas que deram a cena uma iluminação bruxuleante que ela achou estranha, e um teto alto de vigas.

Havia também guardas Fae ao longo das janelas entrelaçadas de metal. Os dois que a haviam capturado estavam posicionados nas grandes portas duplas.

Mais uma vez ela não tinha ideia de quanto tempo tinha estado inconsciente, ou onde ela estava. Pia esperava que as drogas não houvessem ferido amendoim. Sua mão deslizou em seu abdômen. Realizou uma exploração escondida. Ela suspirou de alívio quando localizou a pequena vida brilhante dentro dela.

Aí está você. Parece que é só você e eu, amendoim. Por enquanto, pelo menos.

O Rei Fada se agachou ao lado dela. Ele entregou-lhe uma taça. Ela tomou um gole cauteloso. Água fria, clara e nítida. Ela engoliu o conteúdo.

Então, ela olhou ao assassino de Keith. Algumas semanas atrás, ela não sabia que havia tantas pessoas no mundo para odiar. Urien. A bruxa Adela. Os dois Fadas das Trevas na porta que haviam matado a um ser humano inocente, sem sequer pestanejar. Sua lista de vingança cada vez ficava mais e mais longa.

As poucas Fadas que ela havia colocado os olhos em cima variavam desde aqueles com uma qualidade travessa, como Tricks, até aqueles que tinham uma estranha beleza severa, como Urien. Era uma lástima que fosse um monstro. Com a sua delgada constituição flexível, maçãs do rosto salientes, pele branca e cabelo preto azeviche, ele deveria ter sido um dos milagres da natureza.

— Este é um dos refúgios de campo, — ele disse, depois de ter percebido sua curiosidade. — Não há nenhum tribunal presente, só eu e meus homens. E agora você, é claro. — Ele fez um gesto para a taça. — Mais?

— Sim, muito obrigada. — Ela entregou a ele e se pôs em pé enquanto ele voltava a enchê-la de um jarro de prata na mesa. Também bebeu esta taça de um gole.

— Toma toda a água que quiser. O sedativo pode deixar uma pessoa com bastante sede, ou assim me disseram, — Urien disse. — Suspeitei que você acordaria com sede desde que você teve duas doses consecutivas. Isso surpreendeu bastante a meus homens, já que uma dose deveria ter sido suficiente para a viagem.

— Eu sempre tive um metabolismo acelerado, — ela disse. Encheu a taça uma vez mais e a esvaziou. A hidratação faz toda a diferença no mundo. As coisas pararam de girar no limite de sua visão e ela se sentiu mais forte. — A anestesia local de dentista? Esqueça isso.

Não atua em mim até que injetam o suficiente para anestesiá-lo um elefante.

— Entendo. — O Rei Fada caminhou para uma das cadeiras de espaldar alto perto da lareira e se sentou. Fez um gesto para a cadeira em frente a ele com um sorriso. — Por favor, junte-se a mim. Nós temos muito o que falar, você e eu.

A pior coisa que você pode fazer com um predador é demonstrar o seu medo e fugir. Ela suspeitava que lidar com o Rei Fada seria uma experiência similar. Ela tomou a cadeira que ele indicou, recostou-se e cruzou as pernas.

Urien a olhou através dos dedos entrelaçados, então ele pegou o copo de vinho na mesa junto a sua cadeira e tomou um gole.

— Que surpresa e um mistério que você tem sido, senhorita Giovanni.

— Não foi intencional, — ela disse. — Bem, talvez a parte do mistério o foi, mas se supõe que isso permaneça sem solução.

Ele deu-lhe um sorriso que não alcançou os seus olhos negros e frios.

— Eu sabia que gostaria de você no momento em que eu recebi essa moeda. Agora isso me faz rir. — Seus olhos se aguçaram. — Há algo em você....

Todos estes estúpidos velhos. Tinha todos eles conhecido, ouvido, falado, ou cheirado sua mãe na distância? *Bonita maneira de ser discreta. Muito obrigado, mamãe.*

Ela beliscou seu nariz e suspirou:

— Sim, eu pareço a Greta Garbo. Eu recebo muito disso.

— Realmente? E essa Greta Garbo, quem é?

Ela o olhou por cima de sua mão.

— Uma estrela de filme antigo.

— Eu não sigo tais modernos passatempos humanos. — Ele descartou o assunto com um movimento de seus dedos. — O seu namorado não deixava de incomodar aos meus homens, assim que, quando eu ouvi a respeito de suas afirmações absurdas sobre sua namorada, eu pensei, vamos jogar uma espécie de encanto de busca lá fora e ver o que acontece. Você sabe, só para experimentar um protótipo de uma coisinha que eu tenho estado preparando no meu tempo livre. Imagine minha surpresa quando tudo o que ele alegou se tornou realidade. Então, imagine minha surpresa quando ele não disse uma palavra sobre você. — Ele se inclinou para frente. — Nem depois que ele foi castrado, nem depois que ele foi destripado, nem depois de ter ficado cego. Não pensei que o menino tinha esse tipo de lealdade. Acreditei que ele iria entregar você nos primeiros dez minutos.

Ela cobriu a boca, lutando duramente para não demonstrar nenhuma emoção. Depois de um momento, teve o controle suficiente para dizer:

— Ele não podia dizer nada. Fiz-lhe um juramento vinculante.

Urien estalou os dedos.

— Isso explica tudo. Um mistério resolvido. Então me diga que aspecto teria o tesouro do dragão. Seria tão magnífico quanto diz a lenda? — Sua expressão se tornou gananciosa.

— Para ser honesta, eu estava demasiado assustada para olhar ao redor. — Ela fechou os olhos, lembrando-se do terror. Parecia que fazia muito tempo isso. — Eu sabia que ele ia aparecer a qualquer momento. Eu entrei, encontrei um pote de moedas na entrada, agarrei a moeda e saí correndo. Eu poderia ter pego algo mais, mas eu estava tão brava com Keith que eu não ia lhe dar a satisfação de entregar algo com

um valor real. E eu esperava que se levasse apenas uma moeda, talvez Cuelebre não poderia me matar se ele me apanhasse.

— O que é uma introdução a nosso seguinte grande mistério. — Urien disse. Ele inclinou a cabeça, estudando-a como se fosse um inseto em um microscópio. — Por que Cuelebre não lhe matou ainda?

Ela entrelaçou as mãos na frente de seu estômago.

Resista, amendoim. Se alguém tem a capacidade de detectar mentiras, é ele. Aí vem uma complicada dança.

— Você teria que perguntar a ele, — ela disse. Ela arregalou os olhos. — Porque tenho que lhe dizer que tem sido uma grande surpresa para mim.

Seus olhos se estreitaram, sem piscar. Ela sentiu que seu frio Poder fluía através de sua pele e lutou para não estremecer.

— Como você escapou dos Duendes?

Ela balançou a cabeça.

— Mais uma vez, você tem que perguntar a ele. Eu estava trancada em minha cela quando ele veio a mim. Tomar a moeda não ajudou nem um pouco. Ele estava cheio de uma raiva infernal quando me pegou, e você tem que saber que ele não é do tipo misericordioso. Ele estava determinado a ser quem me julgaria e ninguém mais. — Então, algo lhe ocorreu. — Você sabe, eu nunca pensei nisso antes, mas ele também não iria querer que eu escapasse com vida porque eu sei onde está o seu covil.

As sobrancelhas do Rei Fada se levantaram.

— É verdade.

— Não que isso importe mais, — acrescentou.

— O que você quer dizer?

Ela encolheu os ombros.

— Um dos meus guardas disse que Cuelebre decidiu mudar seu tesouro. Acho que agora que o local foi comprometido... — Ela deixou que sua voz fosse diminuindo.

Ele deu de ombros também.

— Suponho que era de se esperar. É uma pena. O tem resguardado tanto de mim. Eu teria gostado de ter roubado mais dele. Talvez eu tenha que tirar alguma coisa do novo local. — Ele acenou com a longa mão branca. — Mas isso é uma conversa para outro momento. O que eu quero saber é como você fez isso.

Seu Poder envolveu-a e a apertou com mais força, uma jiboia invisível enrolando em torno de seu corpo. Arrepios subiram ao longo de sua pele. Ela mordeu o lábio para manter os dentes sem baterem. Sua mente se acelerou, trabalhando para encontrar e eliminar eventuais lacunas em sua história antes que ela as dissesse.

— Você sabe como são os saguis, estranhos e rápidos, — ela perguntou.

— Saguis, — ele disse.

— Não lhe disseram Keith ou alguém mais que eu sou uma híbrida Wyr?

— Alguém mencionou isso, sim. — ele respondeu lentamente.

— Bem, eu sou estranha e rápida. E eu tenho um dom de conseguir atravessar as fechaduras. — Ela levantou os dedos e mexeu-os. *Dá a entender, insinua, não afirme. Cuidado agora.* — É assim que eu estava pensando em fugir... Mais cedo, de qualquer maneira. Meus guardas não sabem que posso fazer isso. Eu estava indo para enganá-los para olharem para o outro lado, então escorregar da área bloqueada onde eles me mantinham.

Ele lhe deu um sorriso encantador e a compressão gelada diminuiu um pouco.

— Impressionante. Assim que, minha querida, você não só tem humilhado Cuelebre por roubar o seu tesouro, mas você também tem a capacidade de escapar de sua torre. Eu sabia que valeria a pena perseguir você.

Que sorte para nós, amendoim.

— Isto leva-me a nosso último pequeno mistério, — Urien disse. — O que aconteceu entre você e Cuelebre naquele vale? Vocês dois pareciam realmente uma equipe. Algo aconteceu, algum tipo de descarga elétrica e ele foi capaz de mudar. Foi-nos assegurado que ele não poderia tão cedo.

Uma gota de suor frio deslizou entre seus seios. Em poucas palavras acabava de confirmar que havia um cúmplice Elfo. Ela fechou os olhos e esfregou as têmporas. Ela estava começando a sentir-se esgotada e suas mãos tremiam.

— Você sabia que os Duendes me bateram muito gravemente? — Sua voz tremeu também. — Eles estavam tratando de fazer com que Cuelebre perdesse as estribeiras, o que não sucedeu de nenhuma maneira, é claro, porque ele observou tudo com esse frio olhar de pedra em seu rosto.

Huh, não sabia que ela ainda estava chateada com isso, que era poderosamente irracional de sua parte? Não era como se Dragos tinha tido qualquer escolha. Esse cara de pau poderia ter salvo sua vida.

O Rei Fada bebeu vinho e olhava.

— Bem, nós enfrentamos a uma maldita planície desses Duendes fedorentos. Eu teria feito qualquer coisa para escapar. Em Nova Iorque, ao menos eu tinha alguma esperança de sobreviver se eu pudesse encontrar uma chance de escapar. Havia um lugar branco em

seu ombro, onde os Elfos tinham atirado com sua porcaria mágica. — Ela gesticulou para si. — Foi bem aqui. Então eu fiz uma aposta desesperada. Eu o convenci a me deixar lancetar a ferida. E, aparentemente, estava lá... tinha até as escarpas? Como você disse, senti que ganhou poder. — Ela deixou o horror da recordação aparecer em seus olhos. — Ele matou a todos que estavam na planície, exceto eu.

O silêncio encheu a sala. Ela buscou o rosto de Urien, que estava calmo e inexpressivo.

Você acha que ele engoliu, amendoim? Não posso saber. Talvez sim, talvez não. Nunca jogue poker com esse canalha.

Mas não foi o que aconteceu ainda mais estranho? Tudo tinha acontecido com ela e até mesmo ela teve dificuldade em acreditar.

Ela sentiu a mesma desorientação que sempre sentia depois que ela e Dragos se separavam por um tempo. Ela disse a si mesma ferozmente, *ele está vindo atrás de mim. Ele disse que estava. Nós somos companheiros, talvez. Provavelmente. Ou agora, de acordo com Graydon, eu sou seu tesouro. O qual não faz sentido. De qualquer forma eu estou grávida de seu filho. Pode ser que ele não nos ame, mas isso importa para ele, certo?*

— Entendo, — O Rei Fae disse o ao final. Ele terminou seu vinho e colocou o copo de lado. — Bem, você já passou por uma aventura nestes últimos dias, não é?

— Olha, — Ela disse. Sentia-se tão vazia que doía, e os cantos da sala estavam muito longe. — Eu sou uma hóspede ou uma prisioneira? Você vai me torturar por algum motivo estranho que eu não entendo, porque apenas no caso de que não seja assim, eu quero que você saiba que eu não tenho comido desde ontem e eu não me encontro muito bem nesse momento.

O Rei Fae fez uma careta e estalou a língua

— Cuelebre não se ocupou de você para nada, não é? Minha querida, por que no mundo eu teria alguma razão para torturá-la?

— Eu não sei. — Ela levantou as mãos e as deixou cair em seu colo. — Tem sido uns dias infernais durante um par de semanas, — ela disse. Não havia nenhuma razão para esconder o cansaço em sua voz exasperada pelo que ela nem tentou. — E eu não entendo metade das coisas que me tem acontecido, nem o por que os seus capangas teriam que drogar-me em vez de caminhar para mim na rua e se apresentar.

— Esse, — o Rei Fae disse, — é um ponto muito bom. Vamos apenas dizer que nós não tínhamos certeza de como você iria reagir e que não estávamos dispostos a deixá-la escapar novamente. Uma vez que, a partir de todos os relatórios, esteve surpreendentemente protetora com o Wyrn ao falar com os elfos na *Carolina do Sul*.

Ela congelou. Ela não tinha visto isso. O que poderiam terem dito a ele? Como deveria responder?

Ela disse com os lábios dormentes:

— Se esse enfrentamento houvesse se intensificado mais, dois domínios Eldres poderiam estar em guerra agora mesmo. Se isso acontecesse, um grande número de pessoas teria chegado a morrer. Claro que lhe roubei, mas eu não sou uma assassina. Se você tem um relatório desse confronto, então você sabe que eu ia levá-lo até a fronteira dos Elfos e largar, mas logo tivemos alguns Duendes em caminhões indo contra nós. E de alguma forma esse acontecimento conduziu de novo para você, não é?

Ele deu um sorriso divertido.

— Bem, veja você, um dia desses eu vou ter finalmente o êxito de matar Cuelebre. Você só ficou no caminho. Lamentavelmente, mas tudo isso é passado agora. — Ele acenou com a mão. — Acho que devemos considerá-la mais como uma empregada recrutada, em vez de uma

convidada ou prisioneira. Posso ver muitos usos para você. Tantas pessoas têm tantas coisas que eu quero.

— Eu não sabia que isso era uma entrevista de emprego, ou eu teria colocado um terno, — ela disse, a fúria a fazendo imprudente.

Wow, pisa no freio, potranca. Ele não está lhe torturando. Lembre-se, isso é uma coisa boa.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Eu gosto de você, Pia. Isto é muito simples: você vai fazer o que lhe digo. Se você fizer isso você vai ter, comparativamente falando, uma vida muito confortável. Se você não faz? Oh, eu não recomendo isso. Eu realmente não. — Ele se levantou. — A conversa acabou. Piran, Elulas, a conduzam ao seu quarto e tenham a certeza que ela não se perca. Lembre-se de revistá-la por qualquer coisa que ela poderia usar para abrir uma fechadura. Ah, e encontre-lhe algo para comer. A pobre tem círculos roxos sob seus olhos. Parece que ela está pronta para desmaiar-se.

Seus sequestradores se aproximaram. Suas pertences pessoais: *Coisa Um e Coisa Dois. Ela se levantou e foi com eles. O que mais havia para se fazer?*

Eles a deixaram usar o banheiro no piso térreo. Ela ficou aliviada ao descobrir que a casa não era muito medieval. Pelo menos tinha água corrente e um vaso sanitário. Em seguida, eles a levaram até um lance de escadas e por um longo corredor para uma sala vazia com nada nela exceto uma cama estreita, duas mantas dobradas e uma janela gradeada.

Então *Coisa Um* lhe deu um registro irritantemente exaustivo enquanto *Coisa Dois* observava. O Fada apalpou ao longo das costuras de suas roupas, passou as mãos até o interior de suas pernas e apertou sua virilha, sondou entre e por baixo de seus seios e a fez tirar os sapatos para que ele pudesse inspecioná-los.

Ela apertou os dentes e o suportou. Ela foi capaz de segurar a sua raiva somente porque era óbvio pela lacônica expressão de aborrecimento do Fae, que ela notou não tinha conotações sexuais. Não havia nenhuma maneira que ela pudesse ter infiltrado uma gazua fina e plana com ela se o tivesse tentado.

A encerraram no quarto. Ela estendeu uma manta sobre o colchão nu e se deitou sobre ela, escutando como dois fadas conversaram entre si em sua linguagem que soava ser céltico. Um conjunto de passos se afastou; com um pouco de sorte para lhe trazer algum tipo de sustento. Ela ia ter que engolir tudo o que trouxessem para que pudesse se estabilizar e se preparar para os seguintes passos, quaisquer que fossem. Só esperava que não fosse carne.

Parecia como se no exterior fora de noite, cinza e chumbo, com a promessa de chuva, deixando o aposento na penumbra. Seu olhar avançou através das paredes nuas enquanto ela descansava. *Dragos?* ela tentou. *Você está aí?*

Nada exceto um silêncio amortecido. O que significa isso? Cautelosamente, ela expandiu sua consciência. Ela não podia sentir nada, nenhuma magia terrestre, nem outros Fadas, além do pesado e frio manto do *Poder* de Urien. Seria ele capaz de suprimir a magia em seu entorno? Se era assim, esse era um mecanismo muito útil de autodefesa.

Suas sobrancelhas se levantaram quando ela olhou para si mesma. Não estava brilhando. Ele devia ser capaz de suprimir a magia, mas não desfazer os feitiços existentes. Quaisquer que sejam as especialidades, ela estava achando que ele podia sentir qualquer aumento nas imediações de poder.

Ela repassou sua história outra vez.

Ei, amendoim, me encontrei sob pressão e me amedrontei.

Mas a história não se sustentaria por muito tempo. Por um lado, ela não sabia a extensão do conhecimento de Adela sobre ela, ou sobre o quão profundamente a bruxa estava envolvida com os Faes das Trevas. Se ela sabia algo de verdade, cedo ou tarde Pia teria que assumir o que diria a Urien.

E sobre a conexão com os Elfos. Ferion sabia de sua herança real, tinha falado com o Grande Senhor e a Senhora dos Elfos e esteve presente na teleconferência. Atrevia-se a esperar que o Elfo que contatou a Urien não foi Ferion? Ele lhe tratou com tanto calor. Isso significava que ele não teria falado dela para o Rei das Fadas?

Ela tentou se lembrar do que havia dito Ferion, em voz alta, na Praia Folly e o que ele havia dito durante a conversa telepática privada. Ela não podia. Isso era preocupante. Mas, pelo menos, parecia lógico que não era Ferion a conexão élfica de Urien.

Havia muitas variáveis desconhecidas, e entre elas em particular estava o fato de que ela não tinha capacidade de detectar as mentiras. Urien poderia muito bem ter jogado ou mentido por suas próprias razões. Assim, a única coisa que ela ousou esperar era que tinha conseguido um pouco de tempo.

Passos se aproximavam. Ela sentou-se quando uma chave entrou na fechadura. *Coisa Dois* tomou um passo no interior. Pos uma bandeja no chão. Saiu e trancou a porta. Ela verificou o conteúdo da bandeja.

Metade de um pão preto recheado, maçãs e mais água. Suficiente.

Ela caiu sobre a comida. O pão talvez fosse de um dia, já que estava começando a voltar-se rançoso, mas ainda era mastigável, granuloso e delicioso. As maçãs eram uma maravilha. Tinham uma qualidade que a fez pensar que eram de uma outra terra, talvez até este

lugar. Ela comeu tudo, bebeu metade da água e sentiu uma onda de energia imediata. Muito melhor.

E agora? Havia duas maneiras de sair do aposento. Ela empurrou a bandeja contra a parede para não derrubar o restante de sua água. Foi inspecionar a janela.

Ela olhou, mal ousando acreditar em sua sorte. As barras da janela estavam do lado de fora do vidro. Eram duas grades de metal simples verticais com travessas de apoio na parte superior e inferior. Elas foram presas em ambos os lados da janela e fixadas com um cadeado e envolvida por corrente de metal em ambos lados das barras. O que parecia substituições para persianas da antiga janela. Alguém tinha preparado este espaço para sua chegada.

Ela abriu a janela o mais silenciosamente que pôde e logo se deteve para escutar. Seus dois guardas Fada continuavam a falar tranquilamente.

Urien pode ser capaz de suprimir a magia, mas sua mãe sempre disse que a magia frente a intrínseca capacidade natural era uma coisa difícil de definir, e em sua demonstração a Dragos não tinha sido capaz de senti-la fazer qualquer coisa. Ela pegou o cadeado e puxou. Ele caiu aberto.

Deslizou o cadeado e desenrolou a corrente. A ponderou, considerando-a. Era agradável e sólida, bem mais de um metro de comprimento. Ela a dobrou, envolvendo um extremo ao redor de sua mão e a fez girar para obter a sensação de seu peso.

Não era uma arma ruim para alguém com poucas opções. Ela deixou cair o cadeado na cama, bebeu o resto de sua água e abriu a grade de metal em um par de centímetros, enquanto tratava de espiar o solo ao redor da casa.

Ou Urien ou quem estava encarregado de sua segurança foi inteligente o suficiente para manter a área em torno da casa livre de

arbustos. A paisagem não era muito atraente, mas tão pouco dava a alguém um lugar para se esconder. Ela puxou de volta quando um guarda virou a esquina e caminhou por baixo. Parecia que sua sorte somente chegava até aqui.

Ela observou por um tempo, contando para estimar a passagem de tempo e manteve o controle dos guardas. O quinto guarda era o inicial, de modo que havia quatro guardas no exterior, um a cada lado, que patrulhavam em círculo. Quatro além do *Coisa Um* e *Coisa Dois*, os guardas interiores nas janelas da sala de reuniões e, que sem dúvida alguma, ela não tinha visto. Talvez Urien teria um total de 20 homens com ele, um número razoável se queria se mover rápida e silenciosamente.

Da forma em que o via, ela tinha duas opções: Poderia se trancar e esperar o momento oportuno, o que era arriscado. Ou ela poderia saltar pela janela, liquidar um guarda rapidamente e correr como se o diabo estivesse atrás dela. Extremamente arriscado.

Ela não tinha defesas ou opções, se ela ficava. Ela estaria à mercê do Rei Fae e da história que ela havia tramado tinha seu próprio tempo limite. E ela não se atrevia a estar sob qualquer escrutínio mais próximo. Ela não podia suportar a ideia do que sucederia se ele descobrisse que ela estava grávida do filho de Dragos.

Assim, na realidade, ela não tinha escolha.

Ela viu os guardas girarem novamente. Qual deles se via mais sonolento ou mais lento ou mais incompetente? Maldito seja, todos pareciam bem.

Bem, morrer simplesmente não era uma opção. Ela lutava por dois agora.

— Espera, amendoim, — ela sussurrou, apoiando o pé no parapeito da janela.

Enquanto o guarda passava, ela abriu a grade de metal e saltou. O baque surdo quando ela bateu no solo fez que o guarda levantasse a besta, inclusive enquanto se virava.

Ele era rápido.

Ela era mais rápida.

Ela girou e usou cada grama de força centrífuga que ela pôde reunir enquanto arremetia contra ele com a corrente. Ela poderia dizer, pela forma que ela o golpeou nas têmporas, que ele estava morto quando caiu ao solo.

Ela não sentia nada, nenhuma piedade, nem remorso, enquanto observava seu corpo inerte. Huh. Então é isso que um instinto assassino sente.

Tudo bem.

Ela pegou sua besta e a avaliou detalhadamente. Já estava carregada; um arco moderno simples, leve e elegante, com uma mira telescópica e uma aljava montada no braço principal que continha uma meia dúzia de flechas. Ela conhecia esta arma.

Hey.

Coração batendo forte, ela correu para a esquina da casa onde o guarda seguinte apareceria em apenas alguns segundos. Ela pressionou suas costas contra a parede, respirou fundo e esperou com a besta levantada.

Ela ficou cara-a-cara com o guarda Fae quando ele virou a esquina. Seus olhos se arregalaram. Ela atirou-lhe à queima-roupa e olhou rapidamente em torno da esquina.

Pela visão que tinha dessa parte da casa era grande, e não fazia parte de outro edifício visivelmente próximo. Talvez era um estábulo?

Onde é que eles guardariam as coisinhas libélulas, dentro de um edifício ou no exterior?

Ela se afastou, recarregou a besta e contou.

Dez mil e quatro, dez mil e três, dez mil e dois. . .

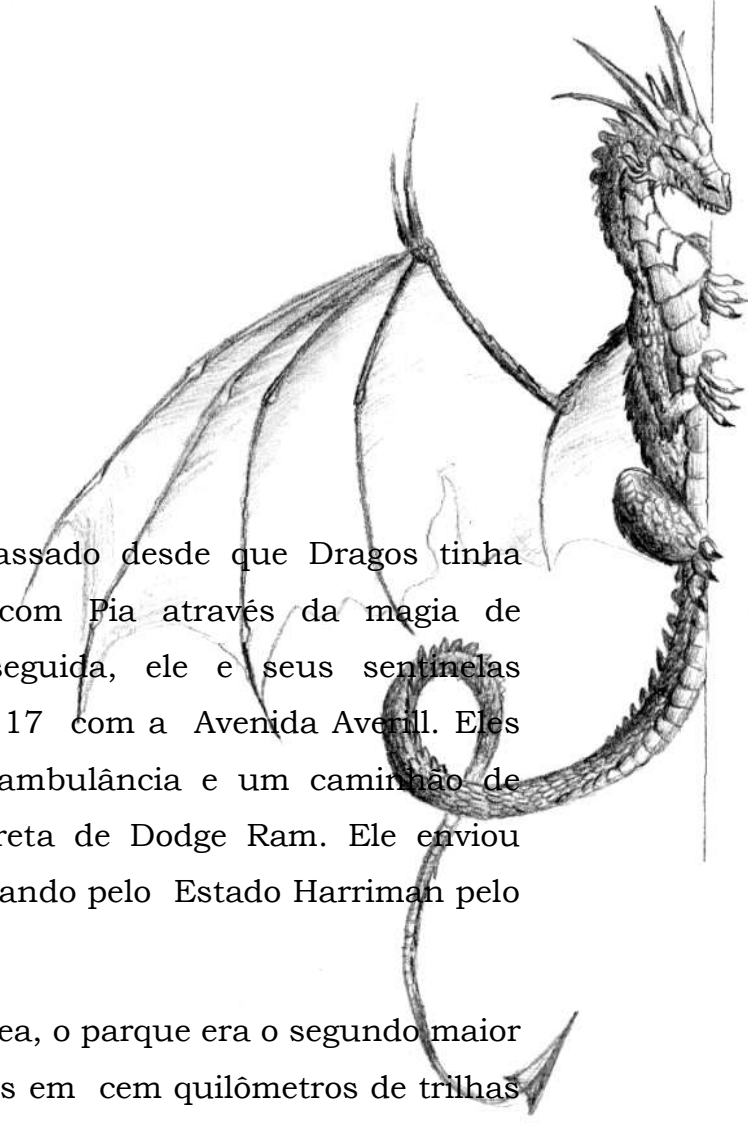
Ela não podia ouvi-lo, mas o guarda tinha que estar lá. Ela virou a esquina, atirou nele e puxou seu corpo girando a esquina, empilhando-o em cima do outro guarda. Ela recarregou e contou.

Ela não podia acreditar quando o último guarda caiu. Ela olhou para seu corpo, grata que ela ainda estava dormente. Ela havia acabado de matar quatro pessoas em minutos, tudo para poder conseguir mais vantagem que somente uns segundos.

Melhor que suas vidas valham para alguma coisa.

Ela deixou cair o arco, agarrou a besta do último guarda morto com uma carga completa de munição e correu.

CAPÍTULO 19



Meia hora tinha se passado desde que Dragos tinha perdido a conexão com Pia através da magia de rastreamento. Em seguida, ele e seus sentinelas chegaram no cruzamento da Highway 17 com a Avenida Averill. Eles descobriram carros de polícia, uma ambulância e um caminhão de incêndio em torno de uma picape preta de Dodge Ram. Ele enviou Tiago, Rune e Grym para o sudeste voando pelo Estado Harriman pelo Parque para procurar um Lexus cinza.

Em quase 47 mil hectares de área, o parque era o segundo maior em Nova York e tinha mais de 30 lagos em cem quilômetros de trilhas para caminhadas. Era também uma passagem para uma grande área de terra.

Ainda assim protegendo a sua presença da vista humana, Dragos voou como uma seta para o chão, seguido por Graydon, Bayne e Constantino. Depois da mudança, ele correu na direção dos veículos de emergência em busca de resposta, ladeado pelos grifos.

Graydon caminhou até um policial, se apresentou e perguntou:

— O que aconteceu?

— Houve um tiroteio, — a mulher disse, olhando de Dragos para os grifos com os olhos arregalados. — A vítima é um homem de meia-idade, que foi morto a tiros na rua. O casal de filhos o encontrou.

Dragos ignorou o resto. Ele passou pelo caminhão. Havia uma poça de sangue. Bayne parou para inspecionar o local. As portas da

ambulância estavam abertas. Ele olhou para dentro. Dois paramédicos estavam trabalhando sobre um homem.

— Ele está consciente? — questionou a um dos paramédicos.

— Você não pode ficar aqui agora. — o homem disse, sem olhar.

Ele entrou, agarrou o homem e atirou-o para fora da ambulância. Ele disse para o outro:

— Este homem está consciente?

Ele acenou com a cabeça, os olhos arregalados.

— Estamos trabalhando para estabilizá-lo. Temos que levá-lo para o hospital.

Dragos subiu e se agachou perto da maca. Os olhos da vítima estavam vidrados com o choque. Dragos tirou a máscara de oxigênio colocando para baixo. Ele perguntou:

— Ela estava viva quando eles a levaram?

A boca do homem trabalhava. Ele estava ofegante em respirações curtas e superficiais e sua cor não era boa.

— O que...

Dragos se aproximou.

— A mulher que foi sequestrada. Ela estava viva quando eles a levaram?

— S-sim, acho que sim... — Conseguiu dizer o homem entre suspiros. — Atiraram-na... Atirou...

A mão do paramédico veio para tomar posse da máscara de oxigênio e colocá-la de volta no lugar.

— Por favor, — ele disse para Dragos. — Ele já está preso. Você tem que ir.

Constantino ajudava o paramédico que ele havia jogado quando ele saiu da ambulância. Ele se levantou, rosto branco e mãos apertadas, quando Graydon e Bayne chegavam. Ele disse através dos lábios brancos:

— Ele acha que ela estava viva. Ele disse que atiraram nela.

— Ah, merda! — Graydon disse quando o viu empalidecer.

Constantino agarrou o braço rígido de Dragos.

— Não vá fazendo-a de morta em sua cabeça. — Ele disse. — Lembre-se, drogada e sequestrada eles não vão matá-la. Eles querem que ela viva.

— Você está certo, — ele disse com os olhos injetados de sangue. Pela primeira vez ele conseguiu articular o que ela havia dito a ele mais cedo. — Ela está grávida. Urien tem minha companheira grávida.

Os grifos o encararam com o mesmo olhar de horror e consternação.

Em seguida, Tiago disse:

- Encontramos o Lexus. Eles atravessaram aqui.

Os quatro correram para longe da cena humana e se elevaram ao ar para se juntar aos outros. Boa notícia: o Lexus não tinha vestígios de sangue. A constrição no peito diminuiu. Ele começou a respirar novamente.

Eles localizaram a passagem e cruzaram para a outra terra. Dragos esperava com toda a esperança, mas a magia de rastreamento colocada em sua trança sobrevivesse à desconexão e passagem. Eles teriam que controlar ela e seus sequestradores por terra.

Que bom que eles tinham um dos melhores rastreadores de qualquer espécie do seu lado. Tiago voou todo o terreno em arcos amplos, estudando o solo, até que ele saiu correndo em uma direção.

Rune e Graydon sondando mais longe, enquanto os outros continuaram no chão com Tiago.

Dragos se mantinha no ar, protegendo a sua presença enquanto sondando em círculos se projetando à frente da trajetória de Tiago.

Morte era outro bom amigo seu e voava em sua sombra.



Pia não tinha ideia de onde estava ou para onde ia. A história de sua vida, aparentemente. Ela tinha um objetivo: correr o mais longe de Urien e o mais rápido que podia conseguir. Ela esperava que ele não tivesse nenhuma dessas coisinhas libélula com ele. Se eles viessem pelo chão, ela tinha uma chance de lutar bem.

A paisagem rural estava forrada com árvores grossas de floresta e áreas abertas em carpete com profusões desenfreadas de flores silvestres. Ela fez uma pausa na borda de uma madeira e passou a olhar rapidamente sobre o cenário atrás dela. Sem imagem ou som de perseguição.

Ouro, púrpura, carmesim enfeitavam o campo verde esmeralda que ela tinha acabado de atravessar. Seu olhar pousou em uma flor roxa brilhante com pétalas como lírios que cuspiu um estame emplumado como um rápido chicote e pegou um inseto zumbindo na teia pegajosa, para, em seguida recolher a flor com sua presa.

Ela recuou. Não vamos considerar como uma metáfora para qualquer coisa.

Ela pendurou o arco em suas costas e mergulhou em uma área de floresta da cobertura do solo. Ela evitou qualquer coisa que parecia

um caminho. Se ela conseguisse chegar longe o suficiente, ela iria começar a pensar sobre e quando ocultar seu rastro melhor, mas agora ela não tinha tempo para considerar isso.

A chuva começou a tamborilar na copa das árvores, a queda ocasional tornando-a o suficiente para pousar sobre ela. Talvez a sorte estivesse com ela. A chuva forte ajudaria a dissipar o cheiro dela.

O Wyr recém-lançado que estava ansioso para esticar as pernas e cavar uma forte corrida, mas a mente humana de Pia não poderia deixar de estar frustrada. Daqui a seis meses, ela teria tido a oportunidade de praticar muitos dos Truques que sua mãe tentou ensiná-la sobre como ou quando ocultar o seu caminho de perseguidores. Como isso estava, ela não ousou tentar aproveitar o seu poder no caso, ela cometeria um erro e daria a sua posição.

Ela teve talvez 15 minutos de paz e sossego. Então Urien assobiou em sua cabeça,

Você cometeu em erro terrível, Pia Giovanni. O que eu fiz para o seu namorado não é nada comparado com o que eu vou fazer com você quando eu te pegar.

Arrogante, arrogante. Ameaça, ameaça.

O lunático que habita seu corpo, disse ao rei Fae, posso vencer qualquer ritmo que você definir, idiota. Pegue-me se puder.

Ok, vamos enfrentá-lo. Não foi a coisa mais inteligente que ela já tinha feito. Mas hoje estava cansada de pessoas mesquinhas.

A chuva começou a cair com mais força. Ela correu mais rápido.

Sua atenção estava reduzida para o que estava ao seu redor, observando os obstáculos, traçando seu curso à frente por entre as árvores, e trabalhando para manter o equilíbrio na terra que se tornava cada vez mais escorregadia. Logo ela estava molhada até os ossos. A floresta se tornou mais sombria e traiçoeira.

Então ela viu uma brecha nas árvores à frente. Ela conseguiu derrapar e parar antes de ela ir de cabeça caindo sobre um declive rochoso.

Ah, isso não é tão bom. À sua frente estendia-se uma extensão muito grande de prado. Não era do tamanho da planície, onde ela e Dragos tinham sido presos, mas ainda era muito grande e exposta para seu gosto.

Ela mordeu o lábio e tentou pensar. Não poderia voltar. Não deveria ir para os lados. Urien iria espalhar seus homens para lhe perseguir. Droga. Não tinha nada para fazer a não ser seguir em frente. Talvez ela pudesse chegar ao outro lado antes que fosse vista.

Ela pulou para baixo, chegou ao fundo e correu com tudo o que tinha.

Pia, Dragos disse.

Ela entrou em uma espécie de buraco para animal e caiu. Dor lhe atravessou pela perna. Ela agarrou-o e balançou.

Dragos! Droga.

Ela pensou que o ouviu dizer:

Obrigado, deuses. Em seguida, ele exigiu mais alto, Onde você está?

Bem, eu não sei ao certo. Ela retrucou. Fui drogada novamente e levada para uma das casas de férias de Urien. Então eu escapei, agora ele está me perseguindo e cai em um maldito buraco de coelho. Droga, droga, droga que Merda.

Será que você quebrou alguma coisa?

Eu não sei. Ela mordeu o lábio e com um esforço gigantesco flexionou seu tornozelo. A dor atravessou toda a perna.

Você pode correr?

Eu não sei! Ela levantou e tentou colocar seu peso sobre o tornozelo.

Descreva onde você está, ele exigiu.

Ela empurrou o cabelo dos olhos, olhou ao redor e disse-lhe o que viu. O tornozelo protestou, mas suportou seu peso. Mal. Ela começou a correr mancando, mas sua velocidade anterior foi embora.

Ei, garotão, disse ela, rangendo os dentes contra a dor. *Eu não posso te dizer quanto estou feliz que você veio ou como é bom ouvir sua voz.*

Como, você está feliz que eu vim, ele disse com uma voz plana. *O que diabos isso significa?*

O que você acha que isso significa! ela estalou. *Esqueça. Eu não posso falar agora. Isso é muito difícil.*

Ela tentou empurrar mais forte, para ganhar um pouco mais de velocidade, mas não havia mais nada a ser feito. Lascas irregulares de dor subiam-lhe a perna a cada passo. Se ela fosse um cavalo, sacrificaria a si mesma.

Ela não ia fazer isso.

Ela colocou as mãos nos quadris, prendeu a respiração e andou. A chuva era boa, agradável e fresca em seu corpo mais quente. Ela estava do outro lado do prado quando uma sensação de maldade a fez virar. Ela olhou de volta para a linha de árvore da qual ela tinha acabado de chegar.

Urien e seus homens, montados em cavalos, estavam olhando para ela.

Ela tinha conseguido passar por um fio. Inferno, ela estaria cruzando as ruas do bairro, por agora. Mancando para trás, ela levantou o dedo do meio para o Rei Fae.

Seus cavalos mergulharam para baixo da inclinação. Com uma casualidade que falava de desprezo, ele e seus homens correram em sua direção.

Ela puxou o arco de suas costas. Assim que eles se encontrassem numa faixa ela seria um alvo para eles. Ela devia se destacar contra o crepúsculo como um farol. Ela arrancou sua camiseta branca e jogou-o de lado, em seguida, virou o corpo para ser um alvo menor.

Eu sinto muito amendoim.

Ela localizou Urien pelo binóculo. O bastardo tinha um sorriso desagradável. Ele começou um galope. E a fez cair quando um golpe bateu nela.

Ela estava deitada de costas e piscou para a chuva que lhe fazia sentir tão bem, talvez por isso ela foi a única no chão que viu o dragão cair, gritando, para fora do céu.

Patas dianteiras estendidas, enormes garras, dentes arreganhados maus, Dragos arrebatou Urien da parte traseira de seu cavalo. Ele bombeou suas asas para subir no ar acima das árvores, então ele jogou a cabeça para trás e rugiu quando ele rasgou o Rei Fae em dois.

— Esse é o meu garoto mau, — ela sussurrou. Deus, ele era de tirar o fôlego.

Uma guerra começou no prado. Era como algo saído de um pesadelo. Grifos atacando os Fae enquanto os cavalos relinchavam e mergulhavam no terror. Ela pensou ter visto uma alada criatura de aparência demoníaca rasgar a garganta de um Fae. Havia um enorme

pássaro negro que causava trovões com a batida de suas asas enormes. Relâmpagos de seus olhos, mas talvez nesse ponto ela estava começando a ter alucinações.

Graydon se inclinou sobre ela.

— Oh merda, não, — ele sussurrou. Ele agarrou sua camisa rasgada e apertou-a em torno da flecha de seu peito. — Calma, querida.

Ela tocou sua mão.

— Eu estou bem, — ela tentou dizer a ele. — Tudo vai ficar bem agora.

Ela não achou que conseguiu pronunciar as palavras, porque ele limpou o seu rosto e ombro e gritou:

— Dragos!

Então Dragos caiu de joelhos ao lado dela e seu mundo voltou ao normal novamente. Seu rosto estava pálido, os olhos decididos. Ele acrescentou pressão sobre a ferida no peito e colocou a mão contra sua bochecha.

— Pia. — Ele falou como se as palavras fossem arrancadas dele. — Não se atreva a me deixar. Eu juro por Deus, eu te seguirei até o inferno se for preciso e a arrastarei de volta pelo cabelo.

Um canto de sua boca levantou. Ela colocou a mão sobre a dele em sua bochecha e disse:

— Você diz as coisas mais horríveis.

Ela estava cansada de modo que descansou os olhos por um minuto.



Depois lembrou-se de uma série de imagens como pérolas em um colar.

Ela abriu os olhos para descobrir Graydon segurando suas costas contra seu peito, um braço sobre os ombros, o outro braço preso em baixo em torno de sua cintura. Eles se sentaram em uma gaiola feita pelas garras de dois pés de dragões. Rune estava junto deles, olhando através das garras.

— Segure-a assim mesmo, — ele disse, com o rosto sombrio. — Não deixe que ela se mova.

— Eu a tenho, — Graydon disse. — Vamos.

Eles estavam agindo de modo dramático, como se fosse vida ou morte ou algo assim. Tanto por ser grandes guerreiros fortes eles eram piores do que um bando de colegiais.

Ela cochilou quando Dragos voou.

A próxima coisa que ela sentiu foi Dragos a segurando. Ela poderia ter levado um copo de vinho cheio e não derramaria uma gota quando ele correu até um lance de escadas.

— Eu não me importo! — Ele rugiu. — Obtenha qualquer médico o mais rápido que você poder. Roube um de Monroe se você tiver que fazer. Um de vocês voem para Nova Iorque e busquem o nosso curandeiro Wyr!

Ela tentou se concentrar em seu olhar embaçado. Esta é a casa de Urien de novo? Eu estou acordada, eu estou dormindo, estou acordado, eu estou dormindo. Eu estou em casa, eu estou fora. Agora estou de novo. Isso está ficando ridículo.

Então tudo desapareceu.

Então as coisas ficaram realmente estranhas.

Ela estava imersa em poder de dragão. Ele a consumia. Com cada respiração, ele trabalhou seus pulmões. Seu coração vacilou. O grande motor do seu coração assumiu o ritmo. Seu poder começou a desvanecer-se, mas ele tinha o nome dela. Ele exigiu que ela ficasse em sua carne. Ela caiu dentro dele, inexplicavelmente entrelaçada com a sua força de vida.

Ela pensou que ela ouviu a mãe dizer que ele não podia a manter para sempre.

Você pode vir a mim, se quiser.

Mas havia mais alguém com eles, uma brilhante, faísca, pequena e teimosa. Ele era apenas uma criação nova, mas ele já tinha suas próprias opiniões. Dragos segurando a sua vida no seu corpo, mas o Poder de seu filho pulsava dentro dela.

Ele estava tentando curá-la. Ela despertou.

Ah, não, doce bebê, ela sussurrou. Você é muito pequeno para isso.

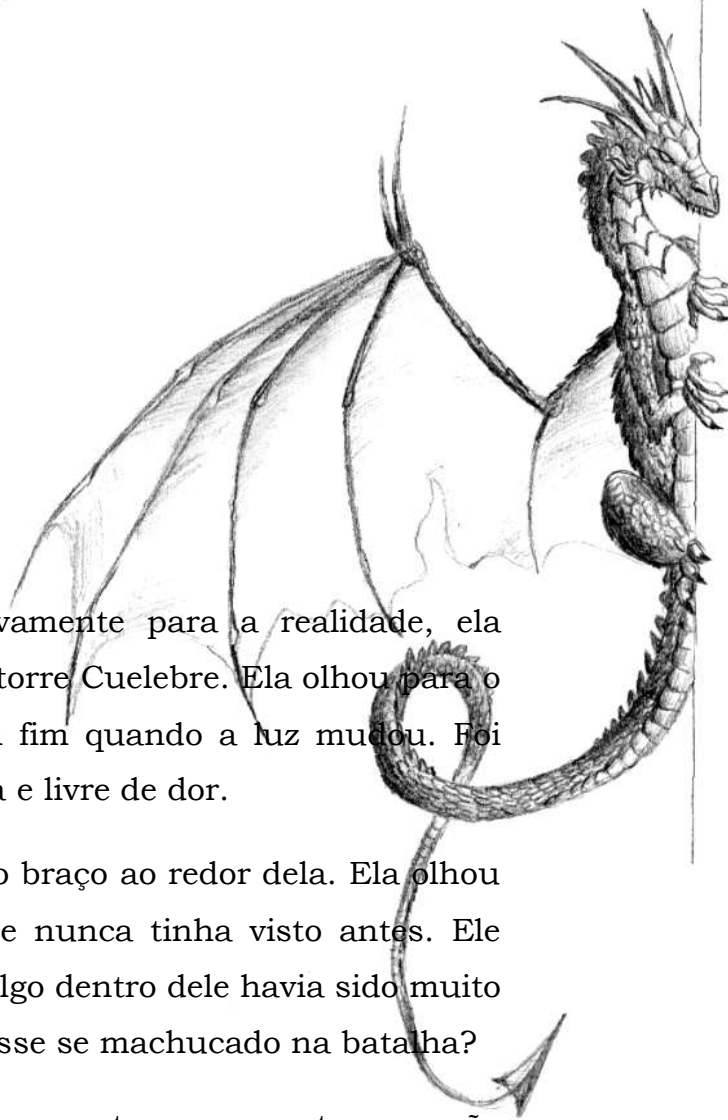
O amendoim discordou.

Um brilho quente de energia impregnava seu corpo, assim como o Poder de cura da mãe, assim como ela própria. Por um momento, tudo era transparente e certo. Então, com infinita delicadeza, o dragão colocou sua energia naquela pequena centelha de vida que brilhava muito clara, muito forte, e mudou-se para trás aninhando no lugar.

Menino precioso.

Seus dedos deslizaram uma polegada pelo lençol. Eles foram agarrado por uma mão muito maior, mais poderosa que se manteve forte na sua assim que caiu no sono.

CAPÍTULO 20



Quando ela acordou novamente para a realidade, ela estava em sua cama na torre Cuelebre. Ela olhou para o teto por um tempo sem fim quando a luz mudou. Foi tranquila. Ela estava quente, seca, limpa e livre de dor.

Dragos estava ao seu lado, com o braço ao redor dela. Ela olhou para o rosto adormecido e viu algo que nunca tinha visto antes. Ele parecia exausto e desgastado, como se algo dentro dele havia sido muito esticado. Ela franziu o cenho. Se ele tivesse se machucado na batalha?

Ela tentou levantar o braço direito para tocar seu rosto, mas não podia. Ela puxou o braço, e, de repente, Dragos pegou em seu cotovelo. Ele colocou a mão em seu braço para segurá-la.

— Querida, não faça isso.

— Minha mão está presa em alguma coisa, — ela murmurou. Ela olhou para ele com uma ansiedade sonolenta. — O que há de errado? Você parece tão triste. Você se machucou?

Ele sorriu para ela, os olhos dourados em chamas, e o olhar atormentado desapareceu.

— Eu não me machuquei, a não ser no meu coração.

— Alguém atirou no seu oração! — Ela tentou liberar sua mão.

— Amor, Pia. Olhe seu braço. — Ela virou-se e seguiu a direção de seu dedo indicador. — Você tem uma intra venosa. Você continuou

tentando retirá-lo em seu sono, portanto, teve sua mão amarrada. Nós não queremos que você se machuque.

— Oh. — Sentindo-se tola, ela diminuiu. Ela se virou para ele. — Alguém atirou no seu coração!

— Sim. — Ele beijou seu nariz. — Você fez, metaforicamente falando. — Ele beijou sua boca, seus lábios acariciando infinitamente gentil. — Você estava morrendo, sua merdinha. Seu coração parou e seus pulmões pararam de funcionar. Eu tive que assumir por um tempo. Então, o nosso filho decidiu ajudar e quase se queimou para curar você. Esse susto levou séculos da minha vida.

Ele acariciou-a, suas pálpebras fechadas. Ela respirou e, esfregou sua bochecha contra a sua e deixou sua presença acalmar as bordas irregulares no seu interior.

— Eu sinto muito, - ela sussurrou. Uma lágrima deslizou para fora de um canto do olho e encharcou seu rosto, seguida por outra. — Eu sinto muito por tudo.

— Pare com isso. — Ele segurou seu rosto e enxugou as lágrimas. — Não é culpa sua. Eu voei o seu médico de voltar de Cancún e tive uma conversa com ele. Primeiro eu descobri o que era um DIU e quando ele poderia ter colocado para evitar a gravidez. Eu entendo por que você entrou em pânico e por que você estava com medo que eu tivesse forçado a gravidez em você.

— Eu deveria te conhecer melhor.

— Como você podia? Estamos juntos há menos de uma semana e sob circunstâncias muito menos do que ideais. Mas é claro que eu não queria deixar você grávida. Você me arruinou. — Sua voz e rosto eram tristes. Ele acariciou seus cabelos. — Eu não tinha ideia que meu controle tinha deslizado a esse ponto.

Seu olhar se agarrou ao dele quando a mão livre deslizou para cobrir o abdome, em um gesto de proteção que foi rapidamente se tornando habitual. Algo hesitante e frágil em sua expressão parecia chamar sua atenção. A barra escura de suas sobrancelhas se contraindo. Ele cobriu a mão dela com a sua, entrelaçando os dedos com os dela.

— A gravidez foi um choque total. — ela disse. — A conexão com o nosso filho quando ele me curou, foi uma das coisas mais bonitas que eu já vi. Eu não posso começar a descrever a minha reação a ele. Eu nunca senti esses sentimentos antes.

— Isso é realmente uma boa maneira de descrevê-lo. — ele sussurrou. — Eu também não. Estou apavorado.

Ele a beijou, seus lábios se movendo devagar e com calma enquanto a saboreava.

— Eu não tenho ideia de como agir em torno de pequenas criaturas novas. Mas estou feliz.

— Eu também, — ela sussurrou. Seus olhos brilhavam com a umidade quando ela sorriu para ele. Em seguida, seu olhar se voltou para dentro e ficou assombrada. — Eu matei cinco pessoas.

Seus olhos se estreitaram.

— Como você sabe?

— É minha culpa que o homem no caminhão levou um tiro.

Ele bateu seus lábios.

— Esse é fácil. Ele não está morto. Estava um pouco ruim no início, mas eles dizem que ele vai sobreviver muito bem.

— Graças a Deus, — ela disse, suspirando.

— Não foram, no entanto, quatro guardas mortos em torno da casa Urien tem nos deixado muito curioso. Foi você? — Ele procurou seu rosto. Seus dedos não conseguia parar de acariciar as maçãs do rosto, queixo, sua garganta.

Ela fez uma careta e acenou com a cabeça.

Ele mostrou-lhe os dentes.

— Eu estou muito orgulhoso de você. Você pisou-o quando tinha que fazer. Você fez o que precisava ser feito.

— Sim, bem, você é um monstro sanguinário. Quem se importa com o que você pensa, — ela murmurou. Ela ficou a deriva por alguns minutos e ele deixou-a, acariciando seus cabelos. Ela despertou o suficiente para dizer: — Para ser honesta, eu estava me sentindo mal por não sentir-me mal. Exceto o cara no caminhão. Eu me senti mal por ele.

— Isso é estúpido e complicado. Você vai parar com isso agora, — ordenou.

Ela deu um fantasma de uma risadinha.

— Lá vai você de novo, dando ordens. Sua Majestade está começando a se sentir melhor. Ah, falando de majestade. — Seus olhos se arregalaram. — Urien realmente pensava que ele ia ser meu dono.

— O que foi uma das coisas que finalmente o matou. — Seus olhos plissados. — Imagine isso.

Ela dormiu por um tempo com a simples exaustão de um convalescente. Ela acordou uma vez para dizer com urgência repentina,

— Não vá a lugar nenhum.

Ele estava vestido com short e deitado em cima dos lençóis, lendo arquivos, travesseiros empilhados em suas costas. Ele colocou-se de lado e deu-lhe um olhar firme.

— Eu não vou a lugar nenhum, Pia. Em nenhum lugar. E nem você.

Seu rosto era muito amado, imóvel, como uma montanha. Ela assentiu com a cabeça e relaxou. Ele não pegou sua leitura novamente até que ela estivesse dormindo.

Quase morrer pode tirá-la de um corpo. A breve labareda de poder de cura do bebê tinha sido essencial, mas ela tinha que fazer o resto por conta própria.

Ela havia ficado inconsciente por dois dias. Dragos tinha um presente para ela, um amuleto anti-náuseas colocado em um colar de pingente de dois quilates de diamantes. No dia seguinte ela acordou, quando eles tinham certeza de que ela pudesse manter os líquidos e alimentos sólidos no estômago, o médico teve a intravenosa removida.

Ela não conseguia se concentrar em nada mais substancial do que revistas e programas de TV, e ela dormia frequentemente. Quando ela estava acordada, Dragos a estimulava a contar cada detalhe do que aconteceu.

Então ele contou a história de sua busca, até a parte final quando todas as sentinelas tinham tomado ar para procurar o prado que ela havia descrito. Com seu afiado olhar de ave de rapina, Bayne tinha pego o movimento quando Urien e seus homens tinham mergulhou para baixo na inclinação em direção a ela. Eles tinham ainda estado a poucos quilômetros de distância e tinham se arremessado para frente com toda a velocidade que possuíam.

Cada grama de energia formidável de Dragos tinha sido focada em tomar Urien antes que o Rei Fae tivesse a chance de utilizar seu considerável poder e lutar. Ele não tinha visto Pia ser atingida, mas ele tinha visto o seu arco atingir Urien na altura do ombro. Não tinha sido um tiro assassinato, mas foi o suficiente para distrair o rei Fae para

aqueles poucos segundos finais, Dragos e as sentinelas mergulharam para o ataque.

Todos a tinham visto dar à Urien o dedo do meio. As sentinelas falaram muito disso quando eles se esparramavam nos sofás com seus pés sobre os móveis, comendo pizza, bebendo cerveja após cerveja e assistindo SOAPnet¹¹.

— Eu gosto do gêmeo do mal. — Graydon disse, apontando sua garrafa na tela plana. — O outro é muito adocicado. Ninguém é tão bom.

— Porra, não. — Constantino disse confortavelmente. — Mas você tem que admitir que a atriz é gostosa. Você acha que eles são de verdade?

— Duvido. — disse Graydon. — Eles são muito perfeitos.

Constantino assentiu.

— Eu posso lidar com perfeitos.

Pia olhou para eles por cima do Cosmopolitan que ela estava folheando, mas absteve-se de comentar. Supunha que poderia ter sido pior. Pelo menos eram mais ou menos domesticados.

Ela estava enrolada em uma extremidade do sofá, debaixo de um lance de seda luz. Depois que ela começou a se sentir mais firme, tinha sido capaz de convencer Dragos para ir cuidar de um acúmulo de coisas, mas isso só significava que tinha um fluxo constante de rotação de sentinelas como visitantes. Ela não tinha um momento para si mesma desde o sequestro.

Quando ela reclamou para Graydon, ele disse a ela:

¹¹ É um canal de televisão americano que transmite novelas e dramas desde 20 de janeiro de 2000, o canal foi substituído em 2012 pelo infantil Disney Júnior.

— É apenas uma precaução. Alguns dos Fae de Urien ainda estão sendo caçados, e a conexão Élfica que estávamos caçando desapareceu. Você se saiu como um profissional. — ele acalmou.

— Sim, eu fiz. Eu chutei a bunda dele, — ela resmungou. — E de qualquer maneira, estou na cobertura da Torre. Este lugar está mais bem guardado que o Fort Knox. Ninguém está me caçando agora. Eu não estou certa de ir a qualquer lugar agora.

— Sim, mas você tem que lembrar, — o grifo disse quando ele bateu no seu nariz. — Você assustou o chefe. Ele não está acostumado a temer. Se você não deixá-lo se mexer, eu acho que ele pode explodir. Você nos assustou também, por sinal. Além disso, você é da família agora e estamos nos divertindo. É como um período de férias. — Ele piscou.

Família. Uau.

— Certo, — ela murmurou. Ela tentou não pular de alegria e fingiu ainda estar mal-humorada, mas deu-lhe um sorriso afetuoso.

Uma Tricks deprimida veio agradecer-lhe a sua parte na matança de Urien e dizer adeus. A fada estava indo embora para ser coroada rainha no Tribunal Fae das Trevas. Ela tinha a cor lavanda despojado de seu cabelo e já não usava com um movimento alegre nas extremidades. Era seu preto corvo natural. Pia ficou surpresa ao ver o quanto ela mudou de aparência do mundo das fadas e fez seu olhar mais sério.

— Por favor, Deus, venha me visitar em breve, — Tricks disse. — Não me abandone ao Tribunal Fae das Trevas. Nós vamos fazer um almoço de novo.

Ela gemeu.

— Certo, mas da próxima vez vamos fazer sem a Piesporter e conhaque.

Tricks deu um sorriso de um lado manhoso.

— Vamos ver.

Pia lhe disse:

— Eu vou sentir sua falta.

A fada jogou os braços ao redor dela.

— Eu vou sentir sua falta também.

Almoço em algum momento com a Rainha Fae das Trevas. Convites para visitar o Alto Elfico Senhor e Senhora. Quão estranho a sua vida tinha se tornado.

Num impulso, ela perguntou,

— Você encontrou alguém para assumir seu emprego RP?

— Não, — disse Tricks. — Não houve tempo. Por que, você quer isso?

Ela levantou um ombro, sentindo-se autoconsciente.

— Talvez eu vá falar com Dragos sobre isso. Você sabe, quando eu estiver pronta para isso.

— Qualquer coisa que você decidir, mantenha esse dragão envolto de seu dedo mindinho, — aconselhou a fada com uma risadinha. — É o seu karma depois de tantos séculos de ser o centro do universo de todos por aqui. Ele vai fazer-lhe um mundo bom.

Outro visitante veio uma tarde. Pia olhou para cima quando Aryal jogou seu corpo em um sofá ao lado dela. Os cabelos negros da harpia estava enredado novamente, o que parecia ser seu estado normal. Ela usava jeans baixo, um colete de couro sem mangas e as armas sentinela necessárias.

Pia estudou quando Aryal se mexeu. Beleza ímpar, a harpia era magra e não tinha nada a ver com dieta, e enquanto magro, seu corpo era certamente talhado. Pia olhou para os músculos de seu braço e ondulação do estômago, pensando em todo o trabalho duro que levou para parecer daquele jeito. Não nesta vida.

Aryal olhou *Hospital Geral* passando na tela plana e sacudiu o pé. Ela pegou um Bazar de Harper, folheou algumas páginas e jogou-a de lado. Pia pensou ter ouvido o murmúrio harpia.

— Eu não sou boa em nada desta merda.

Ela levantou as sobrancelhas e perguntou se ela deveria dizer alguma coisa.

Aryal olhou para a TV. Ela disse:

— Você pode acreditar nisso, primeiro a bruxa Adela lhe vendeu um juramento de obrigação, no dia seguinte ela colocou um feitiço de rastreamento em você para Dragos e esta semana ela foi contratada pelo Fae das Trevas para encontrar você. Você acabou por ser a galinha dos ovos de ouro para ela.

Ela balançou a cabeça.

— Isso é muito errado. Eu nunca me senti muito bem sobre ela.

A harpia continuou,

— Nós encontramos o corpo dela no rio Hudson. Sua garganta tinha sido cortada. Aparentemente, ela contratou os seus serviços muitas vezes. O relatório forense não é conclusivo, mas estamos supondo que o Fae das Trevas a matou. O tempo estimado de morte é pouco depois que foi sequestrada. Parece que o Fae estava tentando cobrir seus rastros depois de tomar você.

— Eu entendo, — ela disse, seu tom neutro. Talvez ela não se importasse que a bruxa tinha sido assassinada. O que quer que Adela

tenha feito para Pia, ela não merecia morrer por isso. No momento ela não conseguia reunir mais de uma reação.

O silêncio caiu entre elas. Então os estranhos olhos cinzentos tempestuosos de Aryal encontraram os dela.

— Bayne e eu nos sentimos como merda sobre o sequestro. Mas eu não sinto muito sobre o resto.

—Você tem direito a sua própria opinião, e estava tentando proteger Dragos da sua maneira. Eu respeito isso e não há mais nada a ser dito. — Pia pegou a ponta de seu rabo de cavalo de líder de torcida e jogou na harpia.

Um sorriso selvagem se espalhou pelo rosto do Aryal.

— Uh, escute, em algum momento quando você está sentindo isso, eu gostaria de ter uma ou duas rodadas com você na esteira. Por um tempo os grifos não podia falar sobre qualquer outra coisa.

— Claro, por que não, — disse a sentinela. — A forma como as coisas foram acontecendo, é melhor eu manter minha forma.

— Ok. — Aryal colocou as mãos sobre os joelhos e começou a empurrar seus pés.

— Só uma coisa, — Pia disse. A harpia fez uma pausa e olhou para ela. Pia a olhou com um olhar frio e estável. — Tente me empurrar contra a parede de novo e eu vou te derrubar.

O sorriso de Aryal se transformou numa carranca. Parecia que ela tinha acabado de engolir algo azedo, mas depois de um momento, ela acenou com a cabeça.

Pia devolveu o aceno de cabeça e olhou sua revista. Foi uma despesa. A harpia tomou-o como tal, lançado-se para fora do sofá e desapareceu.

Pia também teve tempo para dar uma ligada a Quentin. Ela saiu para a varanda em uma tarde ensolarada e fechou a porta para ter um pouco de privacidade. Então, ela encostou-se à parede nova e olhou para a cidade quando eles falaram.

Era uma troca. Ela tinha que preencher Quentin sobre tudo que tinha acontecido desde a sua breve estadia em sua casa de praia. Era muito para contar, incluindo que ela era agora, aparentemente, companheiro de Dragos e carrega seu filho.

Quando ela terminou, houve um silêncio longo, na outra extremidade. Ela seguiu uma das lajes e assistiu o tráfego abaixo enquanto ela esperava.

— Isso vai levar um tempo para processar, — Quentin disse em um tom de voz escrupulosamente neutro.

— Diga-me sobre isso.

— Como... É ele?

— Você sabe Rex Harrison em *My Fair Lady*?

— O professor, irritante filha da puta?

— Sim, bem, — ela fechou um olho, olhou para o horizonte e sorriu. — Dragos é muito pior.

Isso causou outro discurso que foi bem perto da linha é-melhor-ele-te-tratar-direito-ou-eu-não-me-importo-o-bastardo-que-ele-é-eu vou-matá-lo e esse tipo de coisa. Ela se inclinou, colocou a testa na parede corrimão e suportou com paciência tanto quanto poderia reunir, fazendo barulhos de vez em quando para fingir que estava realmente ouvindo.

Finalmente, ele disse:

— Eu quero ver você em pessoa. Eu quero ter certeza de que não é nenhum bastardo podre com algum tipo de sedução.

— Ele não é, — ela disse. — Mas eu vou logo para o Elfie's para uma visita real.

— É melhor. — Quentin parecia sombrio. — Tão alérgico à Torre quanto eu sou, eu vou visitar você.

— Diga a todos que eu sinto falta deles.

— Eu vou. Vejo vocês em breve. — Ele enfatizou a última.

— Sim, você vai, eu prometo. — No passado, ela era capaz de livrar-se da conversa e desligar.

Ela estava mudada. Estar começando uma nova vida era um inferno de trabalho duro.



Ela e Dragos não conversaram muito depois de terem partilhado histórias, e ela não o via muito depois que o convenceu a voltar a trabalhar. Ele logo foi imerso na estabilização de algumas empresas em Illinois, antes que ele vendesse, e ele mencionou algo sobre iniciar uma aquisição hostil de uma empresa de serviços públicos detida pelo investidor.

Ela se perguntou se a distância entre eles seria a definição de sua vida agora. Ele deslizava para a cama com ela todas as noites e envolveu-a em seus braços, e ela precisava muito do conforto de sua proximidade. Mas eles não fizeram amor, ou sexo, ou... Acasalaram.

Mudou e se tornou uma Wyr completa reforçando sua capacidade de cura. Após três dias de convalescença, ela estava subindo pelas paredes. Finalmente o Dr. Medina, que tinha vindo fazer a visita diária, a liberou para andar na esteira e outros exercícios leves.

— Sim! — Ela tinha esperado o sinal verde.

— Sem correr até eu dizer, não importa o quão bem você se sente. E eu não vou dizer isso pelo menos até a próxima semana, — avisou o médico. — Essa ferida monstruosa deu o seu sistema respiratório bastante trabalho.

— Não correr. Entendi. — Ela pegou suas roupas, de Lycra preta para exercício e esportes e uma regata, e colocou-as. — Obrigada!

— De nada. — O médico sorriu. — Eu estou indo.

Ela se sentou na beira da cama para colocar seu tênis, outro par novo quando o médico deixou a suíte. Depois que seus últimos sapatos foram arruinados em sua fuga pela floresta tropical, Dragos tinha comprado seis novos pares.

A porta se abriu. Ela olhou para cima, pronto para contar os caras que poderiam ir para a academia. Dragos caminhou dentro como de costume, ele assumiu o comando total do espaço aéreo na sala.

Ele deu-lhe um longo olhar, então fechou a porta. Ele havia vestido naquele dia um jeans preto e uma camisa de seda preta que enfatizou as linhas fortes de atletismo de seu corpo maciço e do bronze de sua pele e não fez nada para aliviar a gravidade de seu rosto.

Mesmo em sua forma humana, ele parecia capaz de rasgar o Rei Fae com as próprias mãos. Ela deveria achá-lo tão sexy como ela fez? Ela coçou a cabeça. Perguntou-se sobre si mesma, ela realmente fez.

— Oi, — ela disse. — Eu não estava esperando por você.

— Aparentemente você não espera muito de mim, — ele disse.

— Desculpe, — ela disse, surpresa.

Ele começou uma lenta caminhada em torno da grande suíte. Foi seu passeio rondando, seus longos membros musculares movendo-se sob a seda e jeans. Ela torceu para vê-lo com prazer as partes iguais e incertas.

— O médico me esclareceu sobre o exercício, — ele disse. — Então eu acho que isso significa que você está forte o suficiente para enfrentar outras coisas agora.

— Ok.

— Vá em frente e me chame de obsessivo, mas eu tenho contas para acertar com você, — ele disse. Ele estava franzindo a testa.

Isso a fez franzir a testa em resposta.

— O que há de errado? O que mais eu posso fazer? — Não, ela tivesse feito mais do que suficiente para uma semana? A este ritmo ela ia ficar catatônico para garantir que nada mais acontecesse.

Ele virou-se para encará-la, as mãos nos quadris.

— Você lembra-se de quando você entrou na toca do coelho?

Ela bufou.

— Não é provável que eu esqueça.

Seus olhos semicerrados brilhavam como moedas de ouro.

— Você lembra do que você disse?

Ela encolheu os ombros, rosto e mente em branco.

Ele andou mais, colocou as mãos em seus ombros e empurrou-a para trás. Ela caiu de costas no colchão.

— Hey!

Então, ele se arrastou na cama até que estava em suas mãos e joelhos sobre ela. Ele olhou para ela, cada centímetro do macho dominante Wyr irritado.

— Você disse e eu cito, “Eu não posso dizer como estou feliz que você veio ou como é bom ouvir a sua voz”.

— E daí? — Ela bateu nos ombros com a palma de suas mãos. Não muito certa da forma como fazia. É claro que ele não se moveu um centímetro. — Para com essa porcaria primitiva já.

— Você pode ter percebido que eu sou um cara primitivo. — Ele mostrou os dentes e olhou seu rosto. — Todos esses séculos de civilização? Apenas um verniz.

— Oh, pelo amor de Deus. — Ela ficou mole e só olhava para ele, impotente, como de costume contra a corrente de excitação que varreu sobre ela. — Você estava de mau humor sobre o que eu disse o tempo todo?

Ele inclinou a cabeça, seus olhos eram como lava quente.

—Você disse isso como se eu fosse algum tipo de visitante. Ou como se você não estivesse certo de que poderia vir quando havia sido sequestrada. Quando você tinha acabado de me dizer que estava grávida do meu filho. Eu não sei o que diabos pensa de mim já que não sou um monstro sanguinário.

— Dragos! — Seus olhos se arregalaram. Ela tocou seu rosto. — Eu estava brincando quando eu disse isso.

— Então? Eu sou um monstro sanguinário, e você é minha companheira. — Não foi um toque de suavidade naquele rosto agressivo. Ele resmungou: — E eu sou seu. O que será necessário para você aceitar isso?

— Eu aceito. Eu juro que eu aceito, — ela disse. Incrivelmente, ela o havia o ferido em mais de uma maneira. Ela acariciou sua bochecha. — Eu só não sei quando ser sua companheira. Em algum lugar entre essa horrível fortaleza Duende e quando você sacudiu sua cauda para mim na planície, eu caí de amores por você. Mas eu venho de um forte fundo humano. Amor, estar apaixonada, fazer amor, essas coisas fazem sentido para mim. Elas são parte de quem eu sou. E você já admitiu que não sabe o que é o amor. Então, eu ainda não tinha esse

quadro de referência que eu estava procurando. Mesmo que estamos juntos, eu não sei como me comportar ou o que significa.

Sua expressão tinha aliviado enquanto ela falava. Ele beijou a palma de sua mão.

— Isso significa que, mulher estúpida, estou aprendendo também. Agora você me escute. Eu nunca paro de pensar em você. Você está comigo onde quer que eu vá, mas eu sinto sua falta quando estamos separados. Eu já mostrei que vou matar por você. Também gostaria de morrer por você. Você me faz rir. Você me faz feliz. Você é o meu milagre e minha casa. Quanto mais você se contorce, eu tenho uma ereção. Eu sempre virei por você, sempre quero você, e sempre preciso de você. Entendeu?

Ela começou a brilhar.

— Soa como amor para mim.

— Eu também pensava assim. — o dragão disse. Em um movimento rápido demais para ela se controlar, ele pegou as mãos dela e colocou-os sobre a cabeça. Ela assustou-se, mas relaxou em seu agarre. Seu olhar era feroz na luz. Ele desceu até que estava cara a cara com ela. Ele sussurrou: — Então diga isso.

Ela lhe deu um sorriso suave, radiante e sussurrou:

— Eu sou sua.

— Já era um maldito tempo, — ele rosnou. Ele endireitou-se da cama e puxou-a com ele. Então, ele pegou sua parte superior da blusa, em ambas as mãos e rasgou-a. — Diga isso de novo.

Ela começou a rir. Até mesmo para seus próprios ouvidos, ela parecia bêbada. Ela pegou a camisa e tentou desfazer os botões com dedos desajeitados quando ela disse a ele de novo.

— Eu sou sua.

Ele girou até que ela não o enfrentava mais. A violência controlada em seus movimentos descartou o riso. Seus joelhos começaram a tremer. Ele rasgou o resto de suas roupas e empurrou-a em cima da cama, até que ela estava em suas mãos e joelhos, de costas para ele. Ele alargou as pernas até que ela estava totalmente exposta a ele. A sensação de vulnerabilidade era quase demais para aceitar. Ela estremeceu espasmodicamente.

Ela ouviu o menor dos sons de trás, a captura de sua respiração e um farfalhar de pano. Ela tentou olhar por cima do ombro para ver o que ele estava fazendo.

Então, ele colocou seus lábios quentes sobre ela por trás e lambeu ao longo das dobras delicadas de sua mais privada carne, hipersensibilidade. Ele fez cócegas em seu clitóris com a língua e boca contra ela,

— Diga isso de novo.

Excitação rugiu mais e através dela. Isso a tirou de suas mãos. Ela caiu para frente, virou o rosto úmido para a colcha e engasgou.

Seu colapso a tinha exposto ainda mais para ele. Ele lambeu, mordiscou e chupou, persuadindo o prazer dela com um toque suave e destro, então virou exigente e forte, agarrando-a pelos quadris e segurando-a no lugar enquanto ele festejava com uma carnalidade implacável que a mandou em um clímax. Continuou e continuou até que ela se contorcia totalmente desamparada em suas garras enquanto ela lutava para respirar o suficiente para gritar

Todo o tempo ele insistiu que ela admitisse que ela era sua. Ela deu a ele toda vez que ele exigia. Ela gemeu, soluçando, até que, finalmente, se deitou de costas, uma massa de trêmulos, nervos expostos.

Não havia nenhuma parte sua que não estava agradada ou teve prazer quando ele finalmente moveu seu corpo, posicionou seu pênis

em sua entrada, encharcada e convidativa e empurrou o seu caminho para o interior. Ela acariciou a curva forte das costas, com as mãos trêmulas, quando ele encheu-a e ela gemeu, drogada com prazer. As lágrimas derramaram pelos cantos de seus olhos.

Ele emoldurou seu rosto com as mãos grandes quando ele veio todo o caminho para dentro, até o fundo. Por fim, ele tinha deixado sua própria ferocidade longe, até que tudo que foi deixado em seu rosto grave e sombrio era ternura.

— Aprendi muitas coisas ao longo dos longos anos, — ele sussurrou enquanto se movia dentro dela. — Eu tomei tributos de soberanos e testemunhei o fim dos impérios. Mas você é o minha melhor professora.

Ela acariciou sua bochecha magra.

— Eu te amo.

Um sorriso cheio de admiração simples iluminou os olhos dourados e ferozes.

— Eu sei.

Risos ameaçaram tomar seu corpo, mas depois ele perdeu o seu sorriso e aumentou a intenção enquanto se dirigia com mais força, mais fundo dentro dela. Ela arqueou-se contra ele quando acertou o ponto certo de prazer, e seu poderoso corpo tremia quando ele se derramava dentro dela. Ela embalou-o perto quando suspirou e escondeu o rosto em seu pescoço. Depois disso, ela acariciou o cabelo quando eles se acalmaram.

Então ele despertou apenas o suficiente para mudar seu peso de cima dela. Ele estava deitado de costas e puxou-a contra seu lado.

— É bom ter isso resolvido, — disse com satisfação. Ele correu os dedos pelos cabelos e com um suave pulso do poder alisou os fios emaranhados.

— O que nós somos? Companheiros? — Ela acariciou sua boca, firme e bonita.

— Sim. — Ele beijou-lhe os dedos. — Porque nós vamos nos casar.

— Vamos? — Ela mordeu o lábio. — Essa é a sua proposta. Só assim, vamos nos casar.

— Oh. — Ele estendeu a mão ao lado da cama, enfiou a mão no bolso da camisa e, em seguida, deixou cair um anel de diamante enorme em seu peito. — Não.

Ela revirou os olhos e caiu de costas. Isso era bom demais para deixar passar.

— Bem, Dragos, uma coisa é concordar que nós somos companheiros, mas eu não sei sobre o casamento, — ela disse. — Eu leio a Cosmo. Você come pessoas. Acho que o tribunal de divórcio pode dizer a definição de irreconciliáveis.

Ele rolou para o lado. O lençol deslizou de seu peito musculoso quando ele se apoiou em um cotovelo e olhou-a debaixo de sobrancelhas abaixadas. Seu olhar era rabugento e teimoso. Deus, ela amava essa expressão. Ela poderia ver as rodas girando em sua cabeça.

Depois de um momento, ele disse:

— Por favor.

— Assim esta melhor, gostosão. — Ela assentiu com a cabeça e colocou o anel.

FIN.

UMA PRÉVIA ESPECIAL DA PRÓXIMA NOVELA DAS RAÇAS
ELDER POR THEA HARRISON

CORACAO DA TEMPESTADE

O Motel não era tão ruim. Na verdade, ele era bonito.

Claro, não era o Regente, ou o Renascimento, ou o Ritz-Carlton. Mas o atendente tinha sido alegremente desinteressado quando ela tinha verificado, os preços eram acessíveis e, mais importante, eles tinham quartos para fumantes. Ponto.

Por um lado, não havia nenhum serviço de quarto ou aquelas queridas pequenas garrafas de licor em um pequeno minibar. Por outro lado, não houve tentativas de assassinato ou uma coroação pendente. Hm. Tricks perguntou-se se eles ofereceriam um contrato de locação por 12 meses.

Ela mancou para o quarto. Tirou os novos óculos escuros de seu nariz e deu uma longa olhada cuidadosa sobre o aro na cena circundante. O brilhante sol quente da tarde torrava o asfalto do estacionamento do motel, e um vento inconstante rodava a sujeira e gases de escape em uma sopa tóxica. O motel estava perto de alguma saída interestadual, juntamente com vários restaurantes fast-food, postos de gasolina e um Walgreens. O som do tráfego era uma constante no fundo, mas não deve ser muito perturbador uma vez que ela tinha a porta fechada.

Ela não podia ver ou ouvir nada de anormal nas imediações do motel, e sua visão e audição, juntamente com sua sensibilidade para a magia, era desumanamente aguda. Ela não foi para uma inspeção mais extenuante. Um exame visual da entrada teria que ser bom o suficiente.

Depois que ela fechou a porta e colocou a tranca de segurança, a primeira coisa que fez foi tirar seus elegantes saltos de dez centímetros. Ah, obrigado, deus dos pés. Ela colocou seus óculos de sol na TV. O quarto duplo foi pintado ou era um papel de parede bege. Ele tinha colchas brilhantes estampados com um laranja insistente, uma janela coberta com cortinas pesadas que pairavam sobre uma longa e fina unidade de parede, ar condicionado, e uma mesa simples e cadeira que foram empurrados contra a parede.

Ela deixou cair suas sacolas de compras sobre a cama mais próxima, mancando até o ar condicionado e ligou-o em pleno funcionamento.

A vida tinha ido para o inferno desde que Dragos tinha matado seu tio. Oh, Urien tinha que morrer, sem dúvida. Ela estava contente que ele estivesse morto. Ela achou que de fato poderia ter acontecido em um par de décadas ou mais. Esse negócio dela se tornar a Rainha Fae das Trevas? Ela não estava no clima.

Ela jogou fora o conteúdo dos sacos de compras. Os itens crônicos de um dia longo e agitado.

Ela tinha muito a fazer, uma vez que havia matado seu primo de segundo grau Geril e seus dois comparsas. Primeiro item na sua agenda era fugir. O segundo item é conseguir coisas e continuar correndo. Ela entrou em uma farmácia 24 horas, comprou ataduras, um par de calças de moletom, óculos escuros e uma camiseta, se trocou em seu banheiro e saiu.

Óculos de sol à meia-noite. Huh. Idiota.

Esse tinha ido para sua bolsa no primeiro shopping até o amanhecer. Então, ela roubou um carro e dirigiu em círculos sem rumo enquanto tentava pensar além da tundra congelada em sua cabeça. Ela parou em um hipermercado e comprou mais coisas, deixou o carro roubado no estacionamento e tomou um táxi, pegou o táxi para o aeroporto, onde tomou outro táxi, e lá estava ela.

Seu caminho tinha sido tão aleatório, tão errático, isso acontecia quando as decisões eram induzidas pelo estresse, o que desafiava a capacidade de alguém em descobrir onde estava. O inferno, mesmo que ela não sabia onde estava, só que ela ainda estava em algum lugar na área de Chicago. Nem o passeio foi longo o suficiente para levá-la em qualquer outro lugar, o que é uma pena. Ela não queria se marcar muito profundamente na memória de qualquer taxista que pegou nas duas viagens, fazendo tão normal quanto possível. Ela sempre poderia roubar um carro novo e dirigir para fora da área, mas primeiro ela precisava de algumas horas para se recuperar, enquanto considerava que seus próximos movimentos deveriam ser. No momento ela estava inundada com impulsos contraditórios, dor e exaustão para ter certeza de algo.

Um saco de compras com um vestido amassado vermelho e a bolsa de noite correspondente que carregava um pó compacto, um batom, e suas duas facas pequenas. Ela manteve as pontas com veneno e teve uma variedade de lugares que ela poderia usar ou carregá-los, no bolso lateral de uma bolsa, amarrado a seus braços, ou debaixo de seu vestido amarrado a suas coxas.

Bom que a cor vermelha do vestido escondeu as manchas de sangue ou ela podia ter causado mais atenção na farmácia. Ela colocou a bolsa de lado. Outro saco realizou uma garrafa fechada de vodka, um saco de Cheetos, três maços de Marlboro vermelho e um isqueiro.

Diga Olá para o encontro quente de hoje à noite. Ela colocou tudo em cima da mesa de cabeceira.

A terceira bolsa tinha um kit de primeiros socorros, curativos extras, produtos de higiene pessoal e roupas íntimas. A última bolsa tinha jeans, sandálias, um par de shorts, um par de blusas e uma dúzia de carteiras.

Ela se sentou na beira da cama e inspecionou as bolhas em seus calcanhares. Deveria ter mudado para chinelos, logo que os comprou. Deveria ter comprado o chinelo na primeira loja e os óculos de sol mais tarde, mas tudo o que ela poderia pensar após o ataque era, oh deuses, não posso ser reconhecida.

Deveria, iria, poderia. Eles eram as três palavras de arrependimento. Tudo o que eles estavam dizendo era bom para gritar e bater outro sobre a cabeça.

Ela rangeu os dentes. Ela fez um curativo temporário em si mesma quando tinha se trocado no banheiro da farmácia, mas precisava limpar a ferida de faca corretamente. Em vez disso, ela pegou as carteiras. Elas não eram carteiras novas. Eram carteiras de outras pessoas. Eles eram de todas as pessoas que ela havia colidido hoje, quando torceu o bonito nariz para eles e disse *desculpe*. Ela apostava que cada um deles estava muito infeliz como ela agora mesmo.

Por que ela comprava e começava a fumar e beber, quando ela estava sob stress? Podemos dizer que era um desajustados mecanismos de enfrentamento? Se ela não tivesse cuidado, ela estaria indo para a prisão, onde as pessoas iriam chamá-la de fedida de dedos leves.

Ela beliscou seu nariz e suspirou. Ela era boa em uma exposição de cães e pônei. Ela poderia limpar bem e fingir ser respeitável o suficiente, muitas vezes por horas, até dias de cada vez. Ela tinha, afinal, sido excelente no seu trabalho como chefe de relações públicas para as Empresas Cuelebre. Foi tudo um ato. Ela havia conhecido há muito tempo, agora que ela não era nada mais do que um tipo Sackville-Baggins de hobbit.

Ela tomou banho primeiro. Foi mais difícil e mais desgastante do que ela contava. Depois ela se sentou no vaso sanitário e assobiou quando limpou o ferimento de faca com bolas de algodão. Ela cutucou-o para ver se havia qualquer fibra de tecido de seu vestido ou qualquer outro tipo de sujeira ainda na ferida. Estrelas cinzas floresceram na frente de seus olhos. Porra, isso dói. A pontada profunda, manteve um fluxo de infiltração, lento e constante de sangue carmesim.

Ela colocou líquido antibacteriano sobre ele, dobrou-se sobre o machucado e colocou no lugar o melhor que podia. Ela colocou remédio sobre as bolhas em seus calcanhares e colocou Band-Aids da Hello Kitty sobre eles. Então ela colocou sua roupa de baixo nova. Minúsculas calcinhas boxer, que pairavam baixo nos quadris. Não são bonitas?

O próximo passo não era tão fácil. Ela grunhiu quando fez seu caminho tão cuidadosamente quanto podia em um sutiã esportivo. Estruturalmente ela pode não ser muito grande, mas seu par de seios o eram. Deveria ter comprado um sutiã com fecho na frente, mas hoje não tinha sido um exemplo brilhante de pensamentos. Gemidos e sons agudos. Depois que ela conseguiu colocar o sutiã, ela aliviou em uma camiseta de alcinhas que parou sobre seu piercing no umbigo.

Então ela trançou os cabelos. Porque isso estava caindo em camadas, se lançado para todos os lados, as tranças se levantaram sobre sua cabeça como gêmeas negras. Ela fez beicinho para si mesma no espelho.

Yep. Este look era bom para mais carteiras. Não que eu vá roubar mais, porque eu vou parar agora. Eu só estou dizendo. E agora era tempo passado para esse encontro quente. Ela mancou até a cama e relaxou seu corpo, dolorida do machucado, acendeu um cigarro e ligou a TV. Ela começou a olhar através dos conteúdos das carteiras roubadas. Ei, alguns deles tinham fotos da família. Ela tirou as fotos e começou a colocá-las na cama.

Então, o que estava passando na televisão era registrado por seu cérebro cansado.

Ela olhou. Colocou o cigarro no cinzeiro. Guardou as carteiras e fotos. Pegou a garrafa de vodka, abriu-a e tomou um longo gole.

Essa foi a primeira vez que ela viu as imagens de vídeo do celular, com o ataque no beco, onde ela tinha chutado a merda para fora do corpo morto de seu primo Geril.

Não ia ser a última vez. Não por um longo tempo...



